

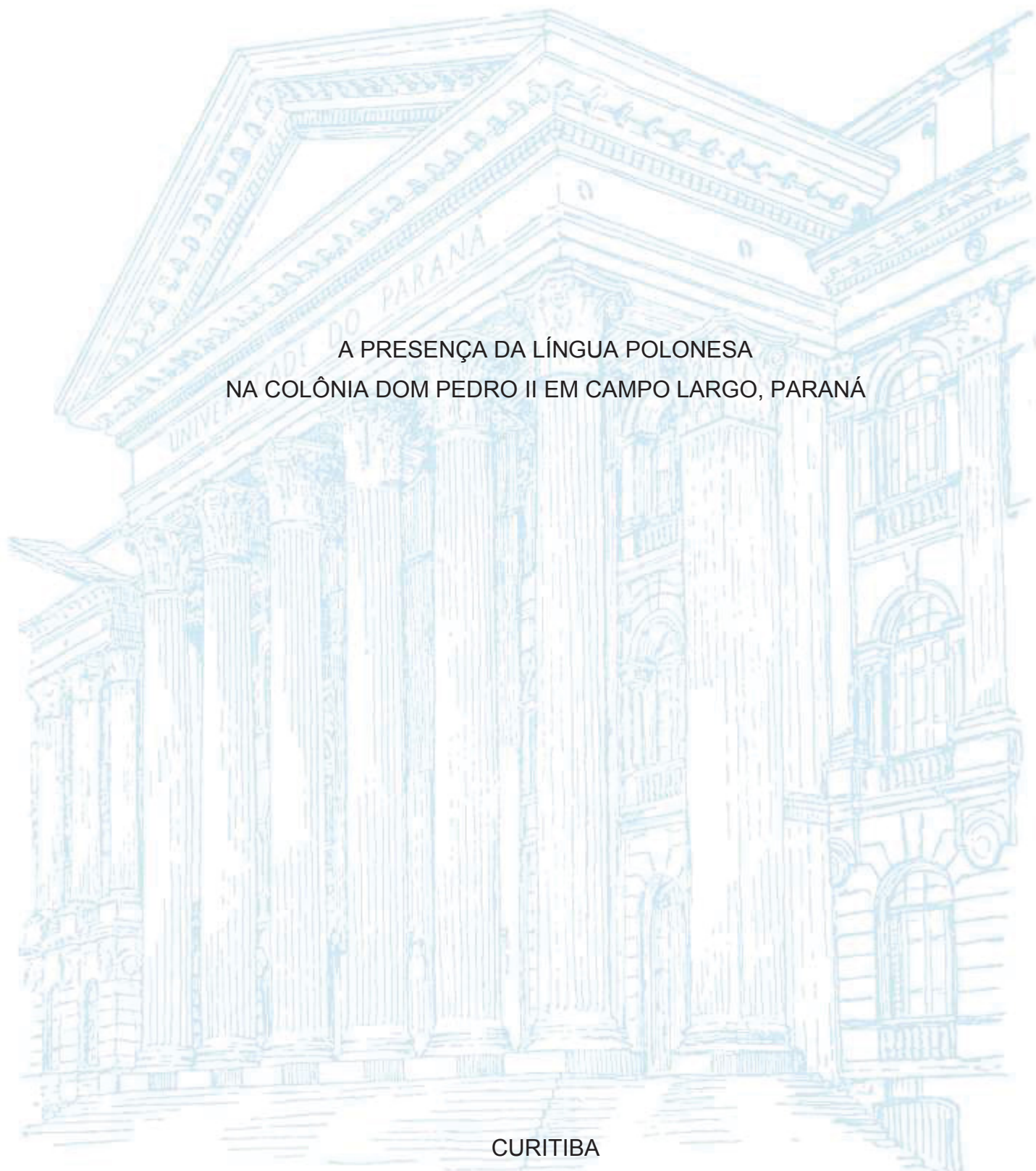
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALICJA MARIA GOCZYŁA FERREIRA

A PRESENÇA DA LÍNGUA POLONESA  
NA COLÔNIA DOM PEDRO II EM CAMPO LARGO, PARANÁ

CURITIBA

2019



ALICJA MARIA GOCZYŁA FERREIRA

A PRESENÇA DA LÍNGUA POLONESA  
NA COLÔNIA DOM PEDRO II EM CAMPO LARGO, PARANÁ

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Linguísticos, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Odete Pereira da Silva  
Menon

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Ferreira, Alicja Goczyla

A presença da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II, Campo Largo, Paraná. / Alicja Goczyla Ferreira. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Odete Pereira da Silva Menon

1. Língua polonesa – História – Campo Largo (PR). 2. Imigrantes poloneses – Falantes da língua de herança – Campo Largo (PR). 3. Bilinguismo – Poloneses - Paraná. I. Título.

CDD – 491.85



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -  
40001016016P7

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ALICJA MARIA GOCZYLA FERREIRA** intitulada: **A presença da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II em Campo Largo, Paraná**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Fevereiro de 2019.

ODETE PEREIRA DA SILVA MENON  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

EDSON DOMINGOS FAGUNDES  
Avaliador Externo (UTFPR)

JACQUELINE ORTELAN MAIA BOTASSINI  
Avaliador Externo (UEM)

LUCIANA LANHI BALTHAZAR  
Avaliador Externo (UFPR)

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Odete Pereira da Silva Menon, por me ter aceitado como sua orientanda, por assumir esse desafio de trabalhar com a língua polonesa, pela paciência, pelas correções e pelas *dicas* valiosas que ficarão comigo para os meus trabalhos futuros.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR pelo atendimento.

Às professoras da banca examinadora, Jacqueline Ortelan Botassini e Luciana Lanhi Balthazar, pelas sugestões e colocações relevantes.

Às moradoras e aos moradores da Colônia Dom Pedro II pelo acolhimento e por terem compartilhado comigo as histórias da sua vida.

A Afonso Sikora, Madalena Heupa, Mafalda Sikora, Miguel Heupa, Rosalia Kochake e Wilson Kochake pela ajuda imprescindível em contatar os moradores e convencê-los a participarem da pesquisa.

A Alexandre pelo amor, pela compreensão e paciência.

Às minhas amigas pela amizade inestimável.

Às minhas colegas e aos meus colegas da Área de Letras-Polonês da UFPR pelo apoio e pela flexibilidade.

Aos meus pais por tudo.

Muito obrigada!

### **narájow**

Uma mosca pouse no mapa  
e me pouse em Narájow,  
a aldeia donde veio  
o pai do meu pai,  
o que veio fazer a América,  
o que vai fazer o contrário,  
a Polônia na memória,  
o Atlântico na frente,  
o Vístula na veia.

Que sabe a mosca ferida  
que a distância faz na carne viva,  
quando um navio sai do porto  
jogando a última partida?

Onde andou esse mapa  
que só agora estende a palma  
para receber essa mosca,  
que nele cai, matemática?

*Paulo Leminski*

### **narajów**

Mucha wylądjuje na mapie,  
i ja z nią wyląduję w Narajowie,  
wiosce skąd pochodził  
ojciec mego ojca,  
co przybył robić w Ameryce,  
co zrobi na odwrót,  
Polska w pamięci,  
Atlantyk przede mną,  
Wisła we krwi.

Co wie mucha o ranie,  
którą odległość drąży w żywym cieple,  
kiedy statek wypływa z portu,  
stawiając wszystko na  
ostatnią kartę pożegnania?

Gdzie błakała się ta mapa,  
że dopiero teraz wyciąga dłoń,  
żeby ugościć tę muchę,  
która na nią opada matematyczna?

*Tradução: Piotr Kilanowski*

## RESUMO

A língua polonesa é uma das línguas de imigração presentes hoje no Brasil as quais chegaram a esse país como resultado da grande onda de imigrações europeias, que ocorreu principalmente a partir da metade do século XIX até a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a presença da língua polonesa e os níveis de competência nesse idioma dos moradores da Colônia Dom Pedro II, em Campo Largo no Paraná. O arcabouço teórico que serviu de base para esta pesquisa engloba as áreas de Sociolinguística, de Bilinguismo, de Competência de Bilíngues, de Contato Linguístico e de Manutenção e Substituição Linguística. A principal ferramenta metodológica da pesquisa foi a entrevista sociolinguística semiestruturada realizada com os moradores da Colônia de ascendência polonesa. A entrevista foi aplicada na língua polonesa ou na portuguesa em uma amostra de 48 informantes (24 mulheres e 24 homens), divididos em três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e acima de 55 anos), cada uma com 16 informantes. Após a transcrição das entrevistas, os dados obtidos foram submetidos à análise quantitativa e qualitativa. A autoavaliação de nível de competência na língua polonesa mostrou que 56% dos informantes falam e entendem bem ou muito bem (nível 3); 27% entendem bem ou muito bem e falam pouco ou não falam (nível 2); e 17% entendem e falam pouco ou não falam (nível 1). Trinta e um por cento dos informantes usam língua polonesa nas suas interações diárias, enquanto 36% nunca o fazem. A eleição da língua em situações comunicativas é influenciada principalmente pelo interlocutor, sendo os vizinhos ou os parentes mais idosos, os pais e os sogros os que mais incentivam o uso da língua polonesa. Não se observou a existência de diglossia na comunidade, onde todos os domínios, inclusive o da igreja e o da casa, estão ocupados predominantemente pela língua portuguesa. Constatou-se que a idade é o fator condicionador preponderante para a manutenção da língua polonesa e foi ela a única variável escolhida pelo programa GoldVarb na análise multivariável: os moradores de mais idade são significativamente mais competentes na língua polonesa do que os mais jovens. O baixo índice de informantes até 35 anos com o nível de competência mais alto (somente 13%, comparado com os 94% na faixa etária mais velha) é resultado de uma queda nos índices de transmissão da língua polonesa para as gerações mais novas. O fato de que os pais até 35 anos de idade não transmitem mais o idioma polonês para os seus filhos é um forte indício de que a língua em questão se encontra em um estágio avançado de substituição linguística. Entre os principais motivos do abandono da língua polonesa, os informantes mencionaram a inutilidade dessa língua tanto fora como dentro da comunidade, assim como os crescentes índices de exogamia e de heterogeneidade étnica da Colônia. Constatou-se também a importância das transformações civilizatórias (urbanização e industrialização) no entorno da comunidade a partir dos anos 1970. No entanto, destaca-se que o processo de substituição parece ter iniciado somente a partir da quarta geração nascida no Brasil, o que prova a manutenção da língua dos ancestrais na Colônia por quase cem anos; manutenção essa possível em virtude das condições socioeconômicas e de um certo isolamento da comunidade naquele período, mas também graças aos esforços e ao engajamento dos seus moradores.

Palavras-chave: Língua polonesa no Brasil. Dialeto polono-brasileiro. Línguas em contato.



## ABSTRACT

Polish language is one of the immigration languages present nowadays in Brazil, brought to this country as a result of an immigration wave from Europe between mid-XIX century and the beginning of the II World War. This study aims at analysing the presence of Polish language in a small rural community, Colony Dom Pedro II in Campo Largo in Paraná State, and at identifying its inhabitants' competency levels in this language. The theoretical premises of this work include research in fields of sociolinguistics, bilingualism, bilinguals' competence, language contact, as well as language maintenance and language shift. The main methodological tool employed in this research was a semi-structured sociolinguistic interview conducted among the Colony's inhabitants of Polish origin. 48 respondents (24 women and 24 men), divided in three age groups (18-35 years old, 36-55, and older than 55) were interviewed in Polish or in Portuguese. The data obtained during the interviews, after their transcription, were submitted to quantitative and qualitative analysis. The self-evaluation of the competence levels in Polish showed that 56% of the respondents speak and understand the language well or very well (level 3); 27% understand well or very well and speak little or do not speak (level 2); and 17% understand and speak little or do not speak at all (level 1). 31% use Polish language on daily basis, whereas 36% never do. The language choice in communicative situations is influenced mainly by the interlocutor. Elderly neighbours and relatives, parents and parents-in-law are the ones who encourage the use of Polish. The existence of diglossia has not been observed in the community, where all the domains, inclusively the church and the home ones, are dominated by Portuguese. It was found that age is the most important conditioning factor for the maintenance of the Polish language. It was the only variable chosen by the GoldVarb program during the multivariate analysis: the older respondents are significantly more competent in Polish than the younger. The low index of young respondents with the highest competency level (only 13%, compared to 94% among the oldest) is a result of decrease in Polish language transmission levels to younger generations. The fact that parents below 35 years old do not transmit Polish to their children is strong indication that the language under study is at an advanced stage of language shift. The main reasons for the language abandonment mentioned by the respondents were lack of utility of Polish in and outside the community, as well as increasing exogamy index and ethnic heterogeneity of Dom Pedro II. The importance of the civilizational transformations (urbanization and industrialization) in the surrounding area, especially since 1970s, is noticeable. Nevertheless, it is worth highlighting that the language shift process appears to have started in the fourth generation born in Brazil, meaning that the ancestor language had been maintained in the community for over 100 years. This maintenance was possible because of the socio-economic conditions and some isolation of the community during that period, but also due to efforts and engagement of its inhabitants.

**Keywords:** Polish language in Brazil. Polish-Brazilian dialect. Languages in contact.



## STRESZCZENIE

Język polski jest jednym z języków imigranckich obecnych w dzisiejszej Brazylii, który dotarł do tego kraju wraz z ogromną falą imigrantów z Europy, mającą miejsce głównie między połową XIX wieku i wybuchem II Wojny Światowej. Głównym celem niniejszego badania jest analiza obecności języka polskiego w małej miejscowości wiejskiej, Kolonii Dom Pedro II w Campo Largo w stanie Paraná, oraz określenie poziomów kompetencji jej mieszkańców w tym języku. Za bazę teoretyczną pracy posłużyły badania z zakresu socjolingwistyki, bilingwizmu, kompetencji osób dwujęzycznych, kontaktu językowego oraz zachowania i przesunięcia językowego. Głównym narzędziem metodologicznym badania były socjolingwistyczne wywiady półustrukturyzowane realizowane wśród mieszkańców miejscowości o polskich korzeniach. Wywiady zostały przeprowadzone na próbie składającej się z 48 respondentów (24 kobiet i 24 mężczyzn) podzielonych na trzy grupy wiekowe (18-35 lat, 36-55 i powyżej 55 lat), po polsku lub po portugalsku. Dane uzyskane podczas wywiadów zostały poddane analizie ilościowej i jakościowej. Samoocena poziomów kompetencji w języku polskim wykazała, że 56% respondentów mówi w tym języku i rozumie go dobrze lub bardzo dobrze (poziom 3); 27% rozumie dobrze lub bardzo dobrze i mówi trochę lub wcale (poziom 2); a 17% rozumie język polski i mówi w nim trochę lub nie mówi (poziom 1). 31% badanych rozmawia w języku polskim na co dzień, podczas gdy 36% nigdy z niego nie korzysta. Wybór języka w sytuacjach komunikacyjnych jest uzależniony od osoby interlokutora, przy czym sąsiedzi i krewni w podeszłym wieku, rodzice i teściowie są rozmówcami, którzy najbardziej motywują do używania języka polskiego. Nie stwierdzono istnienia dyglosji w badanej miejscowości, gdzie wszystkie dziedziny życia, włączając te związane z kościołem i z domem, są zdominowane przez język portugalski. Stwierdzono, że czynnikiem mającym największy wpływ na zachowanie języka jest wiek badanych. Była to jedyna zmienna wybrana przez program GoldVarb w wyniku analizy wieloczynnikowej: starsi mieszkańcy Kolonii są znacznie bardziej kompetentnymi użytkownikami języka polskiego niż młodsi. Niski współczynnik młodych respondentów o wysokim poziomie kompetencji (zaledwie 13% w porównaniu z 94% w najstarszej grupie wiekowej) wynika ze spadku poziomu transmisji języka polskiego. Brak przekazywania języka polskiego dzieciom wśród rodziców poniżej 35. roku życia wyraźnie wskazuje, iż badany język znajduje się w zaawansowanym stadium przesunięcia językowego. Wśród głównych powodów zaniechania mówienia w języku polskim wymienianych przez badanych znajdują się: brak użyteczności tego języka w Kolonii i poza nią, rosnąca liczba małżeństw międzyetnicznych oraz heterogeniczność etniczna miejscowości. Stwierdzono również, że zmiany cywilizacyjne (urbanizacja i industrializacja) zachodzące w okolicach Kolonii począwszy od lat 70. XX wieku odegrały ważną rolę w tym procesie. Należy jednak zauważyć, że proces przesunięcia językowego w Dom Pedro II rozpoczął się prawdopodobnie dopiero przy czwartym pokoleniu urodzonym w Brazylii, co oznacza zachowanie języka przodków przez ponad 100 lat. Stało się tak dzięki warunkom socjoekonomicznym oraz pewnej izolacji społeczności w tym okresie, lecz również dzięki wysiłkom i zaangażowaniu mieszkańców Kolonii.

Słowa kluczowe: Język polski w Brazylii. Dialekt polsko-brazylijski. Języki kontaktowe.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – LOCALIDADES COM PELO MENOS 1000 HABITANTES DE ORIGEM POLONESA NO SUL DO BRASIL NO ANO 1938 .....	33
FIGURA 2 – SEDE DA COLÔNIA DOM PEDRO II.....	47
FIGURA 3 – PLACA COMEMORATIVA DE CEM ANOS DA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DOM PEDRO II.....	48
FIGURA 4 – UMA DAS CRUZES DA COLÔNIA DOM PEDRO II. ....	52
FIGURA 5 – UM DOS OBJETOS EXPOSTOS NO MUSEU DA COLÔNIA DOM PEDRO II COM A DESCRIÇÃO EM PORTUGUÊS E EM POLONÊS .....	53
FIGURA 6 – <i>TUROŃ</i> NA COLÔNIA DOM PEDRO II.....	56
FIGURA 7 – POLONÊS FORA DA POLÔNIA. TERMINOLOGIA DE MIODUNKA (1990) E DE DUBISZ (2014). ....	115
FIGURA 8 – ESQUEMA DA COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA.....	121
FIGURA 9 – O DELINEAMENTO DOS NÍVEIS DE BILINGUISMO USADOS NA ANÁLISE .....	136

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE IMIGRANTES CHEGANDO AO BRASIL ANUALMENTE .....	27
GRÁFICO 2 – IMIGRANTES NO BRASIL POR PAÍS DE ORIGEM ENTRE OS ANOS 1884-1933 (EM MILHARES) .....	28
GRÁFICO 3 – IMIGRANTES NO PARANÁ POR NACIONALIDADE .....	29
GRÁFICO 4 – ASCENDÊNCIA DO/DA CÔNJUGE OU NAMORADO/A .....	138
GRÁFICO 5 – GRAUS DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES .....	139
GRÁFICO 6 – GRAUS DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA.....	139
GRÁFICO 7 – PROFISSÕES POR FAIXA ETÁRIA .....	140
GRÁFICO 8 – ATIVIDADE PRINCIPAL DENTRO OU FORA DA COMUNIDADE POR SEXO.....	141
GRÁFICO 9 – ATIVIDADE PRINCIPAL DENTRO OU FORA DA COMUNIDADE POR FAIXA ETÁRIA.....	142
GRÁFICO 10 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA ENTRE OS INFORMANTES .....	143
GRÁFICO 11 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA EM POLONÊS DOS INFORMANTES POR SEXO.....	144
GRÁFICO 12 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA EM POLONÊS DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA.....	145
GRÁFICO 13 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS INFORMANTES NA FAIXA ETÁRIA 18-35 ANOS POR SEXO.....	146
GRÁFICO 14 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS INFORMANTES EM POLONÊS POR ESCOLARIDADE .....	148
GRÁFICO 15 – ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA .	149
GRÁFICO 16 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS INFORMANTES NA LÍNGUA POLONESA DEPENDENDO DO LUGAR DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL: DENTRO OU FORA DA COM. ....	150
GRÁFICO 17 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA NA FAIXA ETÁRIA 18-55 ANOS CONSIDERANDO A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DENTRO OU FORA DA COMUNIDADE.....	151

GRÁFICO 18 – A LÍNGUA PRIMÁRIA HOJE DOS INFORMANTES CUJA PRIMEIRA LÍNGUA FOI A POLONESA, POR FAIXA ETÁRIA.....	161
GRÁFICO 19 – FREQUÊNCIA COM A QUAL OS INFORMANTES FALAM A LÍNGUA POLONESA.....	163
GRÁFICO 20 – FREQUÊNCIA COM A QUAL OS INFORMANTES DOS NÍVEIS 2 E 3 FALAM A LÍNGUA POLONESA.....	164
GRÁFICO 21 – FREQUÊNCIA COM A QUAL OS INFORMANTES FALAM A LÍNGUA POLONESA, POR FAIXA ETÁRIA .....	165
GRÁFICO 22 – TRANSMISSÃO DA LÍNGUA POLONESA PARA OS FILHOS .	169
GRÁFICO 23 – TRANSMISSÃO DA LÍNGUA POLONESA PARA OS FILHOS POR FAIXA ETÁRIA.....	169
GRÁFICO 24 – A CONOTAÇÃO DO TERMO “POLACO” NA OPINIÃO DOS INFORMANTES, POR FAIXA ETÁRIA .....	178
GRÁFICO 25 – IDENTIDADE DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA .....	181
GRÁFICO 26 – IDENTIDADE DOS INFORMANTES POR NÍVEIS DE COMPETÊNCIA .....	181

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE BILINGUISMO .....	64
QUADRO 2 – SITUAÇÕES DE CONTATO LINGUÍSTICO EM DETERMINADO TERRITÓRIO.....	77
QUADRO 3 – FATORES SOCIAIS REFERENTES AO GRUPO DOS FALANTES DA LÍNGUA QUE IMPULSIONAM A MANUTENÇÃO/ SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA .....	91
QUADRO 4 – FATORES SOCIAIS REFERENTES ÀS ATITUDES QUE IMPULSIONAM A MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LING. ....	92
QUADRO 5 – FATORES SOCIAIS REFERENTES AO ENTORNO QUE IMPULSIONAM A MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LING. ....	92
QUADRO 6 – A MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO EUROPEIA NO BRASIL, SEGUNDO OS RESULTADOS DE ALGUMAS PESQUISAS	106
QUADRO 7 – INTERLOCUTORES DAS CONVERSAS DOS INFORMANTES DA PESQUISA NA LÍNGUA POLONESA .....	165
QUADRO 8 – OS FATORES DE MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA CITADOS PELOS INFORMANTES .....	170
QUADRO 9 – OS MOTIVOS DE PRECONCEITO SOFRIDO PELOS MORADORES DA COLÔNIA .....	176
QUADRO 10 – SIGNIFICADOS DA PALAVRA ‘POLACO’ SEGUNDO OS INFORMANTES .....	179
QUADRO 11 – ATRIBUTOS DE UM POLACO/POLONÊS DA COLÔNIA, SEGUNDO OS INFORMANTES .....	180

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – POPULAÇÃO DA COLÔNIA DOM PEDRO II POR NACIONALIDADE NO ANO 1878 .....	49
TABELA 2 – A IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES E A DISTRIBUIÇÃO DE IDADE DENTRO DAS FAIXAS ETÁRIAS .....	122
TABELA 3 – DESCRIÇÃO DOS VALORES DE COEFICIENTE .....	143
TABELA 4 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA E POR SEXO .....	147
TABELA 5 – CORRELAÇÕES ENTRE O NÍVEL DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA E AS VARIÁVEIS SOCIAIS DOS INFORMANTES ....	152
TABELA 6 – PESO RELATIVO DAS FAIXAS ETÁRIAS NA OCORRÊNCIA DO NÍVEL 3 DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA.....	154

## LISTA DE ABREVIATURAS

CS – *code-switching*

L1 – primeira língua

L2 – segunda língua

LH – língua de herança

PB – português brasileiro



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
1.1	JUSTIFICATIVA.....	19
1.2	OBJETIVOS .....	20
1.3	REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A LÍNG. POLONESA NO BRASIL	21
<b>2</b>	<b>CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA COLÔNIA DOM PEDRO II ....</b>	<b>27</b>
2.1	IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL .....	27
2.2	SITUAÇÃO SOCIAL DOS COLONOS POLONESES NO BRASIL .....	34
2.2.1	Antes da emigração .....	34
2.2.2	No campo no Brasil.....	36
2.2.3	Instituições polonesas no Brasil: escolas, jornais, igreja.....	38
2.2.4	Polonês <i>versus</i> polaco – o preconceito .....	43
2.3	COLÔNIA DOM PEDRO II HOJE .....	46
2.4	UM BREVE HISTÓRICO DA COLÔNIA DOM PEDRO II.....	48
2.5	POLONIDADE DA COLÔNIA DOM PEDRO II .....	51
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>61</b>
3.1	BILINGUISMO .....	61
3.1.1	Indivíduo bilíngue e bilinguismo – definições.....	62
3.1.2	Classificação de tipos de bilinguismo .....	64
3.2	COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA DE INDIVÍDUOS BILÍNGUES .....	67
3.2.1	<i>Monolingual bias</i> .....	68
3.2.2	A noção de multicompetência e de falante nativo .....	69
3.2.3	Orientação espacial à competência linguística .....	71
3.3	CONTATO LINGUÍSTICO .....	75
3.3.1	As situações de contato linguístico .....	75
3.3.2	O processo de mudança linguística decorrente de contato linguístico e seus resultados.....	78
3.3.3	<i>Code-switching</i> e <i>translanguaging</i> .....	84
3.4	MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DE UMA LÍNGUA EM UMA SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO.....	88
3.4.1	Fatores sociais que podem incentivar a substituição linguística .....	90
3.4.2	Indícios de substituição linguística .....	97
3.4.3	Crenças e atitudes linguísticas, lealdade e prestígio linguístico .....	99

3.4.4	Os índices de manutenção da língua polonesa no exterior .....	105
3.5	LÍNGUAS DE HERANÇA .....	108
3.6	LÍNGUA POLONESA COMO LÍNGUA DE HERANÇA E LÍNGUA POLONESA NO EXTERIOR .....	112
3.6.1	Língua polônica – a classificação .....	113
3.6.2	As características da língua polônica .....	116
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>119</b>
4.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	119
4.2	COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA .....	120
4.3	SELEÇÃO DOS INFORMANTES .....	122
4.4	COLETA DE DADOS .....	125
4.4.1	Fase preliminar .....	125
4.4.2	Observação participante .....	125
4.4.3	Entrevista .....	126
4.5	DIMENSÕES DA ANÁLISE .....	131
4.5.1	Variável sexo .....	131
4.5.2	Variável idade .....	133
4.6	MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	134
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>137</b>
5.1	ANÁLISE QUANTITATIVA .....	137
5.1.1	Caraterísticas sociais da amostra .....	137
5.1.2	Níveis de competência na língua polonesa da amostra .....	142
5.1.3	Análise multivariável .....	153
5.2	ANÁLISE QUALITATIVA .....	154
5.2.1	As biografias linguísticas dos informantes .....	155
5.2.2	A frequência e os contextos de uso da língua polonesa na Colônia .....	163
5.2.3	Transmissão da língua e os fatores de manutenção/substituição linguística na Colônia .....	168
5.2.4	Vergonha/orgulho e o significado do termo <i>polaco</i> .....	175
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>184</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>189</b>

<b>APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>206</b>
<b>APÊNDICE II – FICHA SOCIAL.....</b>	<b>208</b>
<b>APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PORT. ..</b>	<b>209</b>
<b>APÊNDICE IV – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO POL. ....</b>	<b>212</b>
<b>APÊNDICE V – RIMAS CITADAS PELOS INFORMANTES.....</b>	<b>215</b>
<b>ANEXO I – LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE DOM PEDRO II...</b>	<b>216</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No timbre de centenas de línguas que se ouvem no vasto e diverso território do Brasil, um ouvido atencioso distinguirá sons sussurrantes de uma das línguas eslavas trazidas através do oceano nos navios carregados de novos cidadãos brasileiros na segunda metade do século XIX. Cento e quarenta e oito anos após o estabelecimento da primeira colônia dos imigrantes advindos das terras da Polônia, um Estado sob domínio estrangeiro na época, a sua língua continua presente na atual paisagem linguística e cultural do Brasil e, principalmente, dos seus estados meridionais.

Entretanto, a presença da cultura polonesa neste país se manifesta cada vez menos na língua polonesa, que se silencia aos poucos e cede lugar à língua dominante. Kulczynskyj (2005) nota, durante a sua pesquisa da língua ucraniana no Brasil, “acentuado declínio das línguas minoritárias e suas variantes faladas”, causado pela diminuição da necessidade funcional de mantê-las (2005, p. 7). As nossas observações informais realizadas na Colônia Dom Pedro II em Campo Largo (PR) trouxeram, de um lado, um deslumbre com a manutenção da língua polonesa entre alguns membros da comunidade; porém, de outro lado, uma preocupação com o visível enfraquecimento do uso da língua dos antepassados entre as gerações mais jovens.

Ambas essas reflexões motivaram o tema da pesquisa que propomos. A pesquisa procurará responder ao problema de como se dá a presença da língua polonesa e seu uso na Colônia Dom Pedro II, Campo Largo, Paraná, tomando em consideração a situação de contato linguístico entre o português brasileiro (PB) e o polonês, a qual resulta em bilinguismo de uma parte dos seus moradores. Cabe aqui definir a palavra *colônia*, que usaremos neste trabalho para nos referirmos a comunidades rurais, fundadas pelo governo brasileiro a partir da metade do século XIX, com o intuito de povoar as terras devolutas e incultas com a nova população oriunda da Europa. Moradores de recém-criados núcleos coloniais eram pequenos proprietários agrícolas, cujo principal papel era o abastecimento das grandes cidades em alimentos (MAESTRI, 1997).

Um dos ímãs que atraíram os imigrantes poloneses a um país tão distante geográfica e culturalmente do seu lar era a possibilidade de entrar em posse de uma propriedade. Por isso, os camponeses poloneses instalavam-se nas áreas afastadas das cidades, o que causou o isolamento geográfico das colônias, destituídas de vias de transporte, e a limitação dos seus contatos com a população brasileira ao mínimo absolutamente necessário. A escassez das

relações entre os imigrantes poloneses e a população nativa era motivada tanto pela dificuldade de acesso físico a outras comunidades como pela desconfiança de ambos os grupos para com os “estranhos”. Vários pesquisadores, entre eles Miodunka (2003) e Kula (1981), notam uma relativa morosidade no processo de assimilação dos colonos poloneses dentro da sociedade brasileira – um dos fatores responsáveis pela sobrevivência da língua polonesa nas colônias por décadas.

Contudo, com o passar dos anos, os contatos com a população nativa e com a sua língua se intensificavam, acarretando influências da língua dominante, o português, na fonética, gramática e no léxico da língua minoritária em questão. Exemplos dessas mudanças são: na fonética – a maior distinção, na língua polonesa no Brasil, entre as vogais meio-fechadas e meio-abertas [e]/[ɛ] e [o]/[ɔ], na sintaxe – a substituição de construções de objeto indireto formadas com dativo com as construções formadas com a preposição *dla* (*para*), no léxico – vários decalques semânticos, tais como o substantivo *balkon* (que em polonês padrão significa *sacada*) usado no sentido da palavra *balcão* (de uma loja ou de um bar) (LINDE-USIEKINIEWICZ, 1997, p. 275-282 ).

Acreditamos que, por meio de um mapeamento da presença da língua polonesa, do seu uso e das suas funções na comunidade Dom Pedro II, possamos contribuir para a compreensão da cultura e condições de vida dos moradores da Colônia e, principalmente, de seus ancestrais.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista os estudos do dialeto polono-brasileiro até agora realizados, podemos concluir que o destino da língua polonesa no Brasil, embora não esteja esquecido pelos pesquisadores de ambos os lados do Atlântico, apresenta ainda vários campos inexplorados, tanto na abordagem sociolinguística das comunidades polono-brasileiras como na área de análise linguística da sua fala. No ano 1986, Kulczynskyj advertia:

[...] pouco se faz para um estudo mais amplo da descrição da situação linguística do grupo étnico eslavo. Há uma grande urgência destas pesquisas [...]. As colônias dos descendentes de poloneses tendem a desaparecer [...]. Essas transformações podem afetar as zonas rurais que ainda concentram os maiores agrupamentos de origem étnica eslava (KULCZYNSKYJ, 1986, p. 102).

Trinta anos depois, esta constatação parece não ter perdido a validade. Gostaríamos, portanto, que esta dissertação fosse uma contribuição para um esboço de um retrato linguístico das comunidades eslavas no Brasil, que se tornaram um dos elementos constituintes da tão plural cultura brasileira. Vale ressaltar que a língua polonesa trazida pelos 115 mil poloneses

chegados ao Brasil no período 1820-1930 (KULA, 1981, p. 17) e mantida pelos seus descendentes não só estava presente nas escolas e nas igrejas das colônias, nas calçadas e nas lojas da capital paranaense nos dias de feira, mas também era impressa nas páginas de vários jornais, periódicos e livros direcionados aos leitores polono-brasileiros<sup>1</sup> (KAWKA, 1982).

A presença da língua alóctone na comunidade escolhida parece demonstrar, a nosso ver, indícios de processo de extinção, pois durante as observações informais observou-se que os falantes mais velhos são significativamente mais proficientes no uso da língua polonesa – uma das características de língua em extinção (HOLLOWAY, 1997). Acreditamos que o nosso trabalho possa constituir um registro histórico da Colônia Dom Pedro II e da sua língua, pois “os destinos de línguas são vinculados aos dos seus usuários, e se uma língua decair ou ‘morrer’ é simplesmente porque as circunstâncias de seus falantes mudaram”<sup>2</sup> (EDWARDS, 1985, p. 49 *apud* HOLLOWAY, 1997, p. 189, tradução nossa<sup>3</sup>).

Os colonos poloneses e sua variante da língua polonesa pertencem à herança cultural e linguística tanto do Brasil como da Polônia – país que possui 10,5 milhões de emigrantes ou descendentes de emigrantes ao redor do globo (SEKOWSKA, 2010). Por isso, consideramos o tema da pesquisa relevante também para os cidadãos poloneses, que pouco conhecem a história dos que deixaram suas terras rumo à costa brasileira.

## 1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar a presença e os níveis de competência na língua polonesa dos moradores da Colônia Dom Pedro II, em Campo Largo, Paraná. Este objetivo poderá ser atingido mediante os seguintes objetivos específicos:

- a) verificar a situação de bilinguismo polono-brasileiro na comunidade;
- b) identificar a competência na língua polonesa, relacionada com a idade, o fator sexo e a escolaridade dos moradores;
- c) avaliar o processo e os contextos de manutenção ou substituição do idioma polonês na comunidade;
- d) elaborar um registro histórico da Colônia Dom Pedro II e de sua língua.

---

<sup>1</sup> Segundo Kawka (1982), entre os anos 1892 e 1941 existiam no Brasil cerca de 60 jornais e periódicos poloneses. Entre escritores polono-brasileiros, o autor menciona Tadeusz Milan Grzybczyk, Witold Zongolowicz, Jozef Issakowicz, Wojciech Breowicz, Jan Hempel e outros.

<sup>2</sup> No original: “The fortunes of language are bound up with those of its users, and if language decline or ‘die’ it is simply because the circumstances of its speakers have altered.”

<sup>3</sup> A não ser que seja especificado de outro modo, todas as traduções incluídas nesta dissertação são de nossa autoria (quando os textos citados são em uma língua diferente da portuguesa).

### 1.3 REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A LÍNGUA POLONESA NO BRASIL

A língua polonesa no Brasil falada nas colônias, chamada também de dialeto polono-brasileiro<sup>4</sup>, tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, porém a escala de sua aparição na literatura especializada é incomparavelmente menor do que a de estudos sobre a variante do polonês falado nos países anglo-saxões e também sobre outras línguas de imigração no Brasil.

O primeiro estudo da língua polonesa no Brasil foi realizado já no ano 1925 pelo professor e escritor polono-brasileiro Józef Stańczewski e publicado em Curitiba em forma de um artigo intitulado “Influência da língua portuguesa na língua dos colonos poloneses no Brasil” na revista *Świat Parański* (n.º 6) (STAŃCZEWSKI, 1925). Nele, o autor comenta o processo da mescla de dialetos poloneses nas colônias cujos habitantes advêm de regiões diferentes do país dividido entre Rússia, Prússia e Império Austro-Húngaro. Discute a influência de línguas estrangeiras no dialeto polono-brasileiro, principalmente do português brasileiro e do alemão, sendo o último tanto a língua dos ocupantes na Polônia como dos vizinhos no Brasil. A maior parte do texto constitui um dicionário de aproximadamente mil empréstimos provenientes da variante brasileira da língua portuguesa presentes na fala dos colonos poloneses no Brasil.

A língua polonesa no Brasil esperou mais de 50 anos para o próximo estudo de suas características quando Mariano Kawka concluiu a sua dissertação “Os brasileirismos do dialeto polono-brasileiro” (KAWKA, 1982). Embora o seu título sugira um trabalho de cunho basicamente lexical, a dissertação é orientada sob a abordagem sociolinguística, salientando o contexto histórico, social e cultural do desenvolvimento da língua dos colonos. O autor analisa os fatores que têm contribuído para a manutenção da polonidade nas comunidades, contrapondo-os às forças “centrífugas” que levam ao enfraquecimento do dialeto polono-brasileiro. A parte final do trabalho contém observações no tocante às adaptações dos brasileirismos ao sistema da língua polonesa e, finalmente, um dicionário deles. Apesar do inquestionável valor científico do trabalho, deve-se notar que o levantamento do *corpus*, que serviu para a criação do dicionário, se baseou somente nas experiências do autor, oriundo de uma comunidade polonesa no Brasil, sem ter envolvido um trabalho de campo estruturado metodologicamente.

Uma descrição da língua polonesa no Brasil falada pelos descendentes dos imigrantes, com seus aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e léxicos, foi tema de um capítulo de livro

---

<sup>4</sup> A questão da terminologia será abordada no capítulo Fundamentação Teórica, ponto 3.6.



publicado na Polônia sob o título “Língua polonesa fora do país” (LINDE-USIEKINIEWICZ, 1997). A autora, Jadwiga Linde-Usiekiniewicz, distinguiu três variantes da língua polonesa no Brasil do final do século XX, a saber, *a língua polônica*, falada pelos descendentes dos imigrantes e submetida à análise linguística, *a dos imigrantes* e *a ensinada* por meio do ensino formal como língua estrangeira. Miodunka (2003), ao realizar a análise de tal pesquisa, imputa-lhe um foco demasiado nos fatos intralinguísticos, com omissão dos fatores externos, tão importantes na compreensão do cenário linguístico brasileiro.

As gravações feitas por Linde-Usiekiniewicz em Porto Alegre nos anos 1989-1990 serviram também de base para uma análise de unidades lexicais características do dialeto polono-brasileiro realizada por Sobczak (2004). A pesquisadora valeu-se desse material para propor uma classificação do léxico em campos semânticos e, por conseguinte, “refletir a compreensão e interpretação da realidade” dos falantes no Brasil (2004, p. 57).

Quanto aos estudos de bilinguismo polono-brasileiro, é mister tomar conhecimento de dois trabalhos do começo do século XXI. O primeiro deles, um artigo de Helena Confortin publicado no ano 2002, é resultado de uma pesquisa de bilinguismo polonês na região norte do Rio Grande do Sul. A pesquisadora brasileira não apenas averiguou os níveis de bilinguismo de seus informantes, como também considerou vários aspectos etnolinguísticos das comunidades pesquisadas (CONFORTIN, 2002).

O segundo trabalho é uma pesquisa de Władysław Miodunka (2003), o qual, além de aspectos linguísticos de bilinguismo, expõe as questões psicológicas e sociais que acompanham esse processo. O autor submeteu à análise os representantes de quatro gerações de imigrantes poloneses e seus descendentes no Brasil, o que lhe permitiu a distinção de modelos de tornar-se e de ser bilíngue.

Entre os trabalhos publicados recentemente na Polônia acerca da presença da língua polonesa no Brasil, é necessário mencionar o penúltimo número da revista de estudos latino-americanos da Universidade de Varsóvia, *Revista del CESLA* e o último número da revista de Letras-Polonês da Universidade de Silésia, *Postscriptum Polonistyczne*. A primeira delas, no seu dossiê sobre a comunidade polonesa na América Latina, incluiu dois artigos na área de linguística que abordam as pesquisas da língua polonesa no Brasil no nível fonético (COSTA, 2017) e as práticas linguísticas de descendentes de poloneses no Brasil (BIELENIN-LENCZOWSKA e STĄPOR, 2017).

*Postscriptum Polonistyczne*, por sua vez, dedicou sua última edição às relações entre Polônia, Portugal e Brasil nas áreas de literatura, cultura, língua e educação. Na revista, ao lado de textos que abordam as relações literárias polono-brasileiras, encontramos cinco artigos que

tratam: da possibilidade da cooficialização da língua polonesa nos municípios brasileiros (RAIMAN, 2018); do bilinguismo polono-português no Brasil (MIODUNKA, 2018); da consciência linguística de descendentes de imigrantes poloneses rurais (TAMBOR, 2018); do programa *Licenciar*, que possibilita o ensino de língua polonesa, entre outras línguas, nas escolas de ensino fundamental, realizado pelos alunos universitários (PIASECKA-TILL, 2018) e o nosso artigo, que aborda alguns aspectos históricos e linguísticos da presença polonesa no Brasil (FERREIRA, 2018).

Ademais, cabe ressaltar aqui o aumento do interesse da academia brasileira pela língua polonesa presente no nosso país nos últimos oito anos, nos quais ocorreram publicações de alguns artigos, dissertações e de duas teses de doutorado abordando esse assunto. Um centro importante de pesquisa de fonética do idioma polonês no Paraná é, sem dúvida, a UNICENTRO, *Campus* Irati, onde atua o Núcleo de Estudos Eslavos. Da sua atividade resultaram, entre outros, artigos sobre os aspectos fonéticos da língua polonesa (COSTA; GIELINSKI, 2014; COSTA, 2016) e da língua portuguesa (LOREGIAN-PENKAL; COSTA, 2014), usadas pelos descendentes dos imigrantes poloneses na região de Mallet (PR). Sabemos também de uma dissertação de mestrado em andamento na área de fonética, que investiga o idioma polonês em Cruz Machado (PR). Cabe ressaltar que a pesquisa realizada em Cruz Machado e a nossa dissertação são as primeiras investigações feitas no Brasil por pesquisadores falantes de polonês ligados às universidades brasileiras e com as entrevistas realizadas nessa língua.

A variação da língua portuguesa em contato com o polonês, na fala dos descendentes dos poloneses, porém no Rio Grande do Sul, foi também objeto da dissertação de mestrado (2013) e da tese de doutorado (2017) de Mileski, que no primeiro dos trabalhos investigou a elevação das vogais médias átonas finais (o tema depois pesquisado também por Loregian-Penkal e Costa, 2014), e no segundo, as vogais médias tônicas e pretônicas. Algumas características sintáticas da língua portuguesa, quando usada pelos descendentes de eslavos – poloneses e ucranianos –, foram abordadas por Souza (2017), que realizou sua pesquisa de mestrado nas comunidades de Mallet e de Prudentópolis (PR).

Além dos trabalhos nas áreas de fonética e sintaxe, cuja maioria toma como objeto de pesquisa a língua portuguesa em contato com o polonês e não a língua polonesa propriamente dita, dispomos de estudos que discutem as questões da vitalidade da língua polonesa no Brasil, das crenças e atitudes de seus falantes e da identidade de descendentes de poloneses. Em seguida, discorreremos sucintamente sobre essas dissertações e teses de doutorado.

Maciel (2010), em sua dissertação, se ocupa de aspectos do uso da língua polonesa em duas comunidades na região de Blumenau (SC), a saber, Treze de Maio Alto e Benjamin Constant, e de possíveis estratégias para a manutenção da língua pesquisada nessas comunidades. Os questionários aplicados pela pesquisadora em uma escola fundamental e as entrevistas realizadas por ela com os pais dos alunos mostraram que, apesar do alto número de crianças que sabem falar polonês (21 alunos do número total de 22 alunos na escola), somente 17% das famílias da comunidade usam essa língua atualmente em casa. Como um antídoto para o “apagamento simbólico” (MACIEL, 2010, p. 82) da língua dos ancestrais nas comunidades, essa autora propõe, entre outros recursos, a introdução de alfabetização bilíngue na escola. Sabemos que a mesma autora está atualmente elaborando sua tese de doutorado, na qual tratará da vitalidade da língua polonesa nas comunidades de Francisco Beltrão (PR) e Descanso (SC) nas zonas rural e urbana.

Também no ano 2014 foi publicada a dissertação de Scholtz, que se debruçou sobre o tema da identidade e do comportamento linguístico em duas comunidades bilíngues no Paraná: Virmond (bilinguismo polonês-português) e Candói (ucraniano-português). A autora compara as comunidades e chega à conclusão de menor grau de uso de língua de imigração em Virmond, onde somente os entrevistados mais velhos dominam a variedade. A pesquisadora ressalta a importância religiosa do ucraniano em Candói, porém constata que em ambas as comunidades as línguas dos ancestrais não são mais fatores principais de constituição da identidade dos descendentes de imigrantes.

A questão da identidade étnico-linguística de descendentes de poloneses foi abordada também por Delong (2016) em sua tese de doutorado, alicerçada na etnografia de linguagem. Após a análise de eventos de letramento identificados na comunidade de Santa Faustina (União da Vitória, PR) e da realização de entrevistas com os moradores, a autora percebeu que a religiosidade é um dos elementos identitários mais arraigados e presentes na comunidade. É interessante a conclusão quanto à mobilidade da identidade étnico-linguística dos pesquisados, a qual, segundo os resultados da pesquisa, muda de polonesa para brasileira e vice-versa em razão da língua falada e do interlocutor.

Cabe mencionar ainda duas dissertações que tratam de crenças e de atitudes linguísticas de descendentes de poloneses. A primeira delas, de Wepik (2017), compara a situação de duas comunidades, a saber, Áurea (RS) e Nova Erechim (SC). A autora levantou uma hipótese sobre o uso mais frequente da língua polonesa em Áurea, localidade caracterizada pela grande homogeneidade étnica (92% de origem polonesa), suporte institucional e título de Capital Polonesa dos Brasileiros (p. 115), visto que a maioria da população de Nova Erechim é

constituída por descendentes de italianos. Entretanto, os resultados da pesquisa indicam o mesmo percentual de uso de polonês em ambas as comunidades (36%), número inferido a partir da avaliação do uso de termos de parentesco de oito entrevistados em cada um dos pontos de pesquisa. A conclusão da pesquisa mostra um paradoxo referente às crenças linguísticas dos pesquisados, que veem a língua polonesa “de forma positiva, mesmo considerando a língua como um dialeto errado, misturado e arcaico” (WEPIK, 2017, p. 121).

A autora da segunda dissertação (HASSELSTRON, 2018) compara as crenças e atitudes linguísticas de bilíngues polono-brasileiros em Nova Erechim (SC) (valendo-se dos dados colhidos por Wepik, 2017), ítalo-brasileiros em Chapecó (SC) e teuto-brasileiros em São Carlos (SC). A pesquisa demonstra que a variedade de alemão falada em São Carlos (*hunsrückisch*/hunsriqueano), ao contrário do polonês em Nova Erechim e do *talian* (uma variedade do italiano) em Chapecó, é usada em alguns contextos sociais, além do familiar. Com isso, a pesquisadora infere a maior vitalidade da variedade alemã em comparação com as duas outras línguas pesquisadas nas comunidades em questão.

Com respeito às pesquisas de outras línguas de imigração europeia, chama atenção o grande número de pesquisas referentes às variedades de língua alemã no Brasil, principalmente o hunsriqueano, que atualmente goza de *status* de língua cooficial em dois municípios brasileiros (IPOL, 2017). As primeiras dissertações que investigaram as comunidades bilíngues teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul (ALTENHOFEN, 1990) e no Paraná (BORSTEL, 1992) inspiraram muitos trabalhos novos que abordaram essa e outras variedades de alemão no Brasil da perspectiva de sua vitalidade, identidade dos falantes, contato linguístico, transmissão intergeracional e atitudes linguísticas, entre outros aspectos. Não é objetivo da nossa dissertação mencionar todos esses trabalhos, muitos deles realizados dentro do projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA). O *site* do projeto lista dez dissertações e oito teses de doutorado que concernem às línguas de imigração europeia na região Sul do Brasil, entre elas, além do hunsriqueano, *plautdietsch*, alemão boêmio, vestfaliano, alemão standard, *talian* e pomerano.<sup>5</sup> As variedades de alemão no Brasil foram também detalhadamente abordadas, sob a perspectiva sociocultural e sociolinguística, no livro dedicado ao *Brasildeutsch*, da autoria de Borstel (2011).

A língua pomerana, que, como o *talian*, está presente como língua cooficial em maior número de municípios no Brasil (oito), é pesquisada principalmente no Espírito Santo, onde mora a maioria dos descendentes de imigrantes pomeranos. Várias pesquisas estudam as

---

<sup>5</sup> <https://www.ufrgs.br/projalma/bibliografia/>

comunidades pomeranas no Brasil sob a perspectiva etnolinguística (TRESSMAN, 2005), de manutenção e planificação linguística (HÖHMANN, 2009), sociolinguística (BREMENKAMP, 2014) e muitas outras.

A presença da língua italiana no Brasil, principalmente na sua variedade *talian* e vêneto, já tem seu lugar na área de pesquisas das línguas minoritárias no nosso país. Os pesquisadores brasileiros mapeiam os dialetos italianos e investigam a sua manutenção ou substituição (PINHEIRO, 2014; BORTOLOTTI, 2015), abordam a identidade e as atitudes linguísticas de seus falantes (SANTOS, 2001; BALTHAZAR, 2016; MATOZO, 2018), o contato linguístico com o português e o bilinguismo italiano-português (COMINOTTI, 2015; RODRIGUES, 2015), entre outros aspectos.

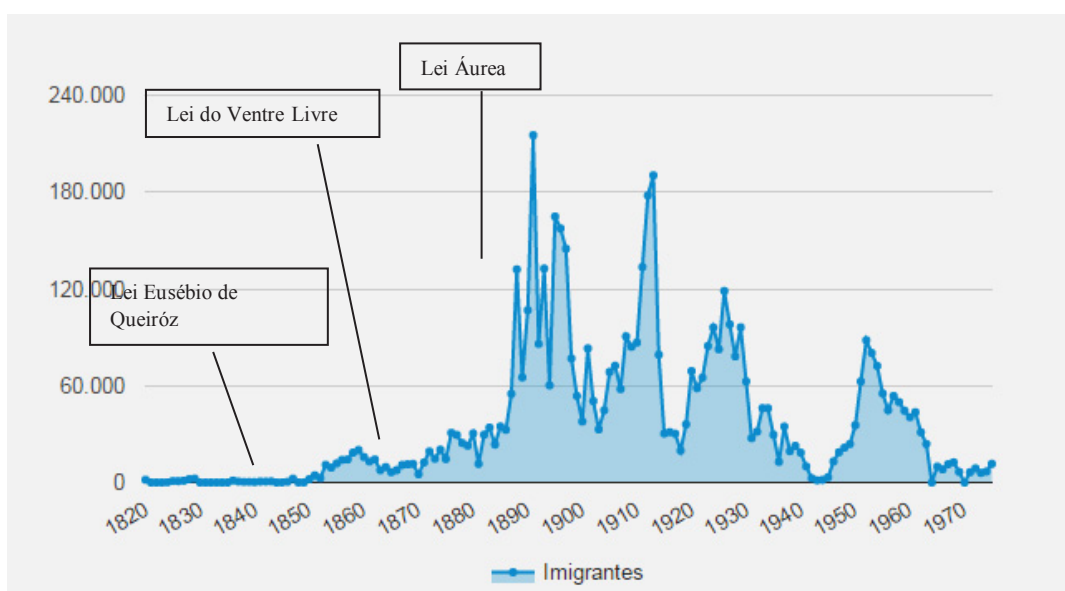
Não podemos deixar de lado mais uma língua eslava, cuja presença no Paraná constitui uma característica importante da paisagem linguística desse estado – a língua ucraniana, a qual, de modo semelhante ao polonês, carece de pesquisas recentes na área de estudos linguísticos. O início das investigações acerca dessa língua no Brasil foi marcado pela publicação de dois trabalhos importantes: a tese de doutorado de Kulczynskyj (1987), que analisa as influências do português no léxico e na morfologia da língua ucraniana falada no Brasil e o estudo etnolinguístico da comunidade de Dorizon (PR), de Wouk (1981). Ademais, a língua ucraniana falada no Brasil é protagonista do livro de Kulczynskyj (2005), no qual o autor analisa desde a comunidade dos falantes, o uso funcional da língua, suas características, até o seu ensino nas escolas coloniais. Além disso, identificamos três teses de doutorado e três dissertações acerca desse assunto. Esses trabalhos tratam da vitalidade e manutenção da língua ucraniana no Paraná (OGLIARI, 1999; MEZAVILA, 2007), do contato linguístico entre ucraniano e português (GARCIA, 2008) e das políticas linguísticas (JACUMASSO, 2009; SEMECHECHEM, 2016; PUH, 2017). Por menor que seja o número de trabalhos dedicados à língua ucraniana no Brasil, percebamos que a presença da língua polonesa (e não o português em contato com o polonês) como objeto de pesquisa em teses e dissertações no Brasil é ainda menor, com apenas um doutorado e três dissertações publicadas até agora.

## 2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA COLÔNIA DOM PEDRO II

### 2.1 IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL

Um dos destaques da história brasileira da segunda metade do século XIX foi o grande movimento migratório advindo dos países europeus, resultado da política migratória brasileira, cujo objetivo era o povoamento das enormes áreas inabitadas da região Sul mediante a criação de centros de colonização a fim de organizar núcleos de produção agrária de subsistência (KAWKA, 1982). As leis abolicionistas – que introduziam proibições de tráfico escravo proveniente da África (Lei Eusébio de Queiróz, 1850), libertavam os filhos das escravas (Lei do Ventre Livre, 1871) para finalmente, no ano 1888, com a Lei Áurea abolir definitivamente a escravidão no Brasil – influenciaram o fluxo dos imigrantes provenientes da Europa. Eram eles considerados uma solução para o problema crescente de escassez de mão de obra agrária, tanto nas fazendas de café como para o fornecimento de produtos de subsistência nos estados meridionais do país (WACHOWICZ, 1981).

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE IMIGRANTES CHEGANDO AO BRASIL ANUALMENTE



FONTE: IBGE, 2000.

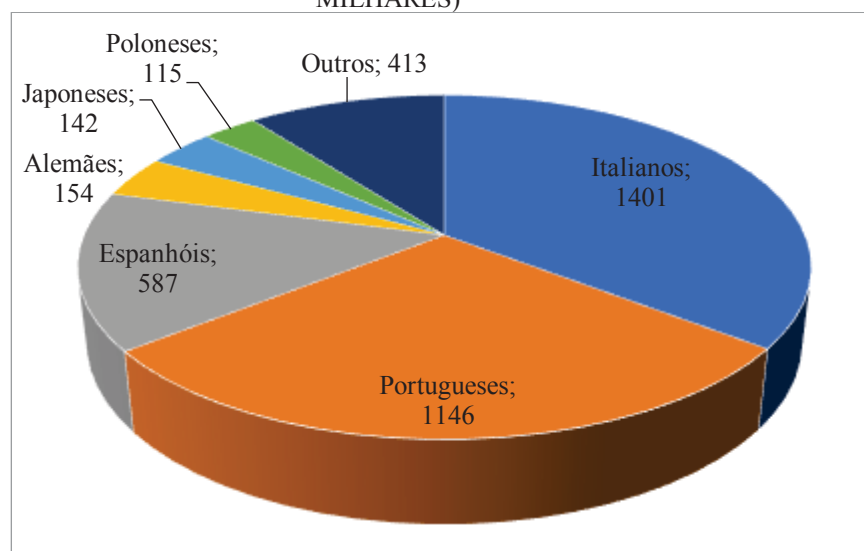
Enquanto na atual região Sudeste do país<sup>6</sup> os europeus substituiriam a mão de obra escrava nas fazendas, nos estados mais meridionais do país, o imigrante europeu era “pensado

<sup>6</sup> A Região Sudeste inclui quatro estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

principalmente como um agente de defesa do território nacional e instrumento de colonização agrícola, cujo destino final seria a assimilação [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 3).

O Brasil, que no ano 1872 contava com quase 10 milhões de habitantes, incluídos um milhão e meio de escravos e 200 mil estrangeiros não africanos (RECENSEAMENTO, 1872), receberia no período 1884-1933 mais de três milhões de novos moradores (IBGE, 2000), atraídos pelas políticas migratórias do governo brasileiro e expulsos da Europa e depois também do Império Otomano e do Japão pelas difíceis condições econômicas e políticas nos seus países de origem. O Gráfico 2 retrata a distribuição dos imigrantes por país de origem durante o auge do período do movimento migratório no Brasil.

GRÁFICO 2 – IMIGRANTES NO BRASIL POR PAÍS DE ORIGEM ENTRE OS ANOS 1884-1933 (EM MILHARES)



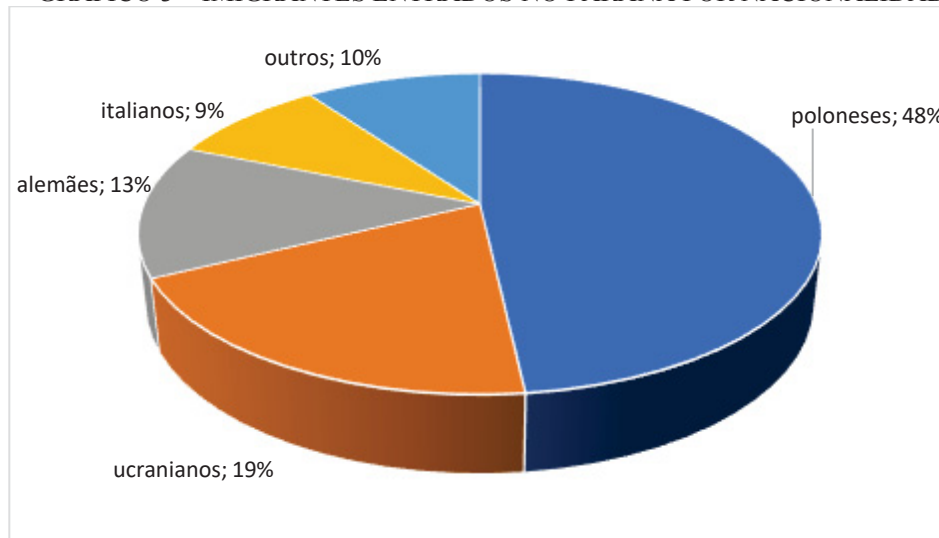
FONTES: IBGE, 2000 e KULA, 1981, p. 18.

Dos dados acima mencionados decorre a relativamente pouco expressiva presença dos representantes da nacionalidade polonesa entre os grupos migratórios (somente 3%), principalmente se comparada com os povos das línguas românicas. Entretanto, se o foco da análise for deslocado ao Paraná, as proporções mudam diametralmente. Segundo Kawka, “no final do século XIX a etnia polonesa já era de longe a mais numerosa dentre os grupos migratórios no Paraná” (1982, p. 12). Em 1872, com apenas 127 mil habitantes, o Paraná foi o estado menos populoso do Sul do Brasil. (RECENSEAMENTO, 1872). Estima-se que, até o início da Primeira Guerra Mundial, 40 mil poloneses se estabeleceram no Paraná, o que faz desse estado o que mais recebeu imigrantes desse grupo (OLIVEIRA, 2009). Frisemos também que os poloneses forneceram o maior contingente de imigrantes no nosso estado entre todos os



grupos estrangeiros que escolheram o Paraná como o seu novo lar (no total quase 99 mil pessoas), constituindo eles quase metade de todos os imigrantes, o que ilustra o Gráfico 3.

GRÁFICO 3 – IMIGRANTES ENTRADOS NO PARANÁ POR NACIONALIDADE



FONTE: MARTINS, 1941, p. 52-53 *apud* IANNI, 1987, p. 172.

A fim de compreender os fatores de expulsão que instigaram grandes massas de poloneses a abandonarem sua terra natal atentemos para as circunstâncias sociopolíticas regentes na época do outro lado do oceano. O século XIX significava para a Polônia –estado existente desde o ano 966 – e para o seu povo um tempo sombrio, com a ocupação do território polonês por três impérios: russo, prussiano e austro-húngaro e a consequente inexistência do estado polonês entre os anos 1795-1918, sob o clima de constantes repressões políticas dirigidas contra qualquer centelha de polonidade.

A camada social mais oprimida pelos ocupantes e pelos resquícios do sistema feudal eram os camponeses – desprovidos de terra, concorrendo com multidões de seus iguais pelo trabalho quase escravo na terra dos grandes proprietários rurais. O desenvolvimento industrial, distribuído de modo irregular nas terras cindidas da antiga Polônia, não era capaz de absorver grandes massas de mão de obra, resultado do alto crescimento demográfico, que entre os camponeses sem-terra era duas vezes maior do que em outros grupos sociais (KLARNER, 1975, p. 48). A inundação do mercado europeu de cereais com produtos mais baratos provenientes dos Estados Unidos deteriorou ainda mais a existência já miserável do camponês polonês. Não surpreende o fato de que a semente de esperança plantada pelos agentes de colonização, que desenhavam imagens de um país-paraíso do outro lado do mundo, encontrasse solo tão fecundo nos corações desse grupo social. Porém, é importante ressaltar que o Brasil

não foi o principal destino de uma verdadeira diáspora de emigração econômica, que atingiu as terras polonesas a partir de meados do século XIX. O número estimado de 195 mil poloneses que deixaram sua pátria até ano 1939 rumo à costa brasileira é ínfimo se comparado com 1,5 milhão dos que procuraram sua sorte nos Estados Unidos da América ou com 2 milhões dos que se estabeleceram na Alemanha (DAVIES, 2006, pos. 17635).

O início da colonização polonesa em massa no Brasil data do ano 1869, quando um grupo de famílias oriundas de Silésia (sob ocupação prussiana), munidas de passaportes prussianos, chegou à costa brasileira e foi enviado para os terrenos já ocupados pelos alemães em Brusque, SC. Graças aos esforços de um jovem agrimensor, Sebastião Edmundo Woś Saporski, considerado o pai da imigração polonesa no Brasil, que percebia as tensões entre os poloneses e alemães e temia a germanização dos seus compatriotas, essas famílias foram transferidas no ano 1871 para Pilarzinho, a primeira colônia polonesa permanente, hoje um bairro de Curitiba.

A partir daquele momento se observa um fluxo de milhares de poloneses se estabelecendo em colônias, principalmente na região meridional do Brasil. O auge da imigração ocorreu no começo dos anos 90 do século XIX, durante o período da assim chamada “febre brasileira”, quando cerca de 60 mil poloneses chegaram à costa brasileira em busca de uma vida melhor (GŁUCHOWSKI, 1971, p. 40). As notícias de um país de fartura, onde não tem de trabalhar, onde o pão cresce nas árvores, onde os diamantes estão ao alcance da mão, chegaram nesse período principalmente nas regiões polonesas sob ocupação russa, onde a emigração era ilegal (KULA, 1981). A ilegalidade da viagem não reteve milhares de camponeses que atravessavam às escondidas a fronteira russo-prussiana, de onde atingiam os portos de Hamburgo ou Bremen.

Apesar de um certo dualismo quanto às competências da União e dos estados no processo de imigração, que gerava dificuldades burocráticas (KLARNER, 1975), as condições oferecidas pelo Estado brasileiro aos colonos eram importantes fatores de atração do movimento em questão. Aos potenciais imigrantes eram garantidas as passagens marítimas gratuitas, sementes e ferramentas para a primeira semeadura e ajuda do Estado até o momento da primeira colheita. Ademais, as condições de pagamento dos lotes de terra designados aos recém-chegados eram consideradas vantajosas por seus novos e, na maioria dos casos, primeiros proprietários. Tudo isso, em conjunto com as fortes ações de propaganda conduzidas por agentes de colonização nos cantos mais miseráveis e desesperados da Europa e, nela, da Polônia, originou uma imagem crível de um país distante, porém próspero, que com os braços abertos esperava os seus novos cidadãos.

Todavia, as primeiras experiências da viagem e do encontro com a nova realidade não podiam ser mais distantes das imaginadas nos sonhos cheios de esperança:

[O emigrante], amontado no fundo do barco, deixava a costa europeia, onde, apertado até os limites do imaginável, junto com a multidão de outros viajantes, compartilhava suas desventuras. Chamavam-nos de ‘mercadoria humana’ que enchia o fundo do navio, onde uma massa de homens, mulheres e crianças, espremida nas tarimbas ou no chão, alimentava-se mediocrementemente em cochos (SZAWLESKI, 1927, p. 64 *apud* WACHOWICZ, 1971, p. 162)<sup>7</sup>.

Obviamente, essas condições eram enfrentadas não só por poloneses, mas por representantes de várias nações imigrantes. Muitos passageiros nunca viriam a ter a oportunidade de avistar o outro lado exótico do Atlântico, falecendo durante a viagem por exaustão e por doenças e sepultados nas águas do oceano. A chegada bem-sucedida à terra firme não punha fim às aflições dos colonos que, antes de pisar no seu tão almejado pedaço de terra, passavam por uma quarentena, uma longa viagem terrestre e pela espera pela distribuição de lotes, que ocorria em barracas, cujas condições deixavam muito a desejar. Alguns faleciam já no Brasil sem nunca haver conhecido seu novo lar.

O seguinte relato de um dos entrevistados na Colônia Dom Pedro II retrata as dificuldades enfrentadas pelos seus bisavós na chegada aos arredores de Curitiba no final do século XIX:

(1)<sup>8</sup> “Receberam do governo uma foice, um machado, uma enxada. Só. Tinham as terras demarcadas, só que eles ganharam o título e depois tiveram que pagar. Só que chegaram, aqui era tudo mato. Comida já acabou na viagem. Trouxeram sementes de lá de trigo, de batata, o que não estragou na viagem trouxeram. Mas até derrubar a mata, plantar isso aí, demorou. Primeiras moradias eram embaixo de árvore. Cortavam árvore, faziam os pé direito e cobriam com folhas de palmeira. De lá saíram de extrema pobreza e aqui vieram na pior pobreza, os primeiros anos foi difícil” (M3).<sup>9</sup>

As cartas, como a escrita por Jan Wietrzykowski de Caxias do Sul no ano de 1890, enviadas pelos colonos aos seus familiares do outro lado do mundo, ilustram a tamanha tristeza: “Queridos pais. Uma coisa me atormenta. Faleceram meus filhos. Marta morreu no primeiro entreposto de sarampo. Boleś e Olesia morreram em Caxias de escarlatina. [...] Também

<sup>7</sup> No original: “Opuszczał [emigrant] brzegi europejskie stłoczony na spodzie statku, gdzie razem z tłumem innych podróżnych dzielił wspólnie niedole podróży w niesamowitej ciasnocie sal międzypokładow. Nie bez racji utarło się określenie ‘towaru ludzkiego’, jakim wypełniano dno okrętu, gdzie masa mężczyzn, kobiet i dzieci gnioła się na narach wzdłuż ścian lub na siennikach na podłodze, odżywiana marnie z cebrów.”

<sup>8</sup> A numeração entre parênteses se refere às citações das falas dos informantes.

<sup>9</sup> “M3” indica um informante masculino da terceira faixa etária – os acima de 55 anos. A primeira faixa etária inclui as pessoas de 18 a 35 anos e a segunda, de 36 a 55 anos.

morreram muitas crianças dos meus conhecidos, os médicos não ajudaram” (KULA *et al.*, 1973, p. 223).

Entretanto, o tom de profunda tristeza e de desamparo não é o único que define o teor das narrativas dirigidas aos familiares dos imigrantes. Vários relatos contêm as descrições da prosperidade da vida nova, da gentileza do povo brasileiro e do clima agradável, que parecem contradizer os rumores e os medos propagados na terra natal. O seguinte fragmento da carta de autoria de Franciszek Skurczyński de Rio Negro (PR), escrita no ano de 1891, traz uma tentativa de reencontrar ou reconstruir a vida das antigas vilas através dos costumes da lavoura e da religiosidade nas terras aparentemente tão exóticas:

[...] os invernos no Brasil são assim que se o pato entrar no gelo vai quebrar. O ar é agradável para nós e saudável. [...] Cereais crescem, cevada, batata, centeio. [...] Informamos que, o que falavam aí, que no Brasil não tem igrejas e padres – não é verdade, tem! [...] fomos confessar e para o crisma [...], as cerimônias eram celebradas muito lindas e bonitas [...] e cantaram uma canção antiga polonesa [...] (KULA *et al.*, 1973, p. 209).

Não raramente as narrativas dos colonos realçam as melhorias na vida camponesa comparada com a levada na Polônia, principalmente na questão da posse de terra. Tomemos como exemplo as palavras de um camponês Konstanty Strzekalski, também do ano 1891: “Meus irmãos queridos, [...] agora eu sou senhor<sup>10</sup>, não que nem na Polônia. [...] Meu irmão querido, se você sofre pobreza lá, melhor vir para cá.” (KULA *et al.*, 1973, p. 227). É importante ressaltar que uma grande parte da correspondência publicada no século XX foi confiscada, em virtude do seu teor otimista, pela censura do império russo, sem nunca haver alcançado os seus destinatários (KLARNER, 1975). Por consequência, os relatos disponíveis aos pesquisadores constituem somente um recorte da miríade de sentimentos despachados na direção da costa oposta do oceano Atlântico.

Segundo Kula (1981), até o começo da Primeira Guerra Mundial, 115 mil poloneses estabeleceram-se no Brasil. O censo conduzido, porém não terminado, pelas organizações polônicas<sup>11</sup> no Brasil<sup>12</sup> em 1939 calculou a presença de cerca 220 mil poloneses e seus descendentes no Brasil, dos quais 90 mil no Paraná, 80 mil no Rio Grande do Sul e 23 mil no estado de Santa Catarina, constituindo 9%, 3% e 2% das populações estaduais, respectivamente. A concentração dessa etnia eslava no Paraná e no assim chamado “cinturão verde” em volta da

<sup>10</sup> A palavra “senhor” foi usada no sentido de “um grande proprietário de terra”.

<sup>11</sup> O adjetivo “polônico” é a tradução do termo “polonijny” usado na língua polonesa para caracterizar a atuação dos poloneses ou seus descendentes que residem fora da Polônia.

<sup>12</sup> As instituições envolvidas no censo eram a Associação Mundial dos Poloneses no Exterior, as organizações polônicas locais e o Consulado Geral de Curitiba.

sua capital foi retratada pelo viajante polonês Stanisław Kłobukowski, que pintou a paisagem cultural de Curitiba no começo do século XX com as seguintes palavras:

A capital do Paraná transforma-se completamente nos dias santificados e de feira. Enchem-se então todas as ruas e praças com o povo polonês, com seus trajes coloridos, com suas carroças cracovianas e com sua fala, que ressoa nas calçadas e nas lojas [...]  
(KŁOBUKOWSKI, 1909, p.79 *apud* KAWKA, 1982, p. 13).

As regiões de Araucária, Marechal Mallet (PR) e Encruzilhada (RS) eram caracterizadas pela maior concentração da população de poloneses e polono-descendentes (30%-50%) na véspera da Segunda Guerra Mundial (KULA, 1981, p. 26). A Figura 1 apresenta a distribuição geográfica das localidades com pelo menos 1.000 habitantes de origem polonesa no ano 1938.

FIGURA 1 – LOCALIDADES COM PELO MENOS 1000 HABITANTES DE ORIGEM POLONESA NO SUL DO BRASIL NO ANO 1938



FONTE: KULA, 1981, p. 26.

Depois da Segunda Guerra, o fluxo da imigração polonesa foi estimado em 30 mil pessoas. No começo dos anos 70 do século XX, em comemoração dos 100 anos da imigração polonesa no Brasil, foram conduzidas algumas estimativas quanto ao número de pessoas de

etnia polonesa no território brasileiro. Entretanto, as divergências dos resultados são tão significantes – de 400 mil (BROŽEK, 1972, p. 263 *apud* KULA, 1981) a 850 mil (ZAJĄC, 1971, p. 150) – que dificultam uma interpretação verossímil dos números.

A dificuldade de estabelecer um número confiável de polono-descendentes no Brasil teve sua origem já na chegada dos imigrantes que, desprovidos de qualquer documentação polonesa, eram frequentemente classificados como alemães, russos ou austríacos. Por outro lado, nos grupos poloneses vindos na metade dos anos 90 do século XIX se encontravam também ucranianos da Galícia Oriental<sup>13</sup> que, em alguns casos, podem ter sido confundidos com os poloneses. De modo semelhante, muitos dos imigrantes oriundos do recém reconstituído estado polonês no período entre guerras, embora munidos de passaportes poloneses, eram judeus e ucranianos.

Os historiadores que assumem a tarefa de contabilizar a população de uma etnia enfrentam o desafio de serem “árbitros de uma identidade [étnica] em situações nas quais não é possível interrogar aqueles a quem é atribuída essa identidade” (WEBER e WENCZENOVICZ, 2012, p. 161). Se incluirmos os lituanos e os pomeranos, como sugerem Weber e Wenczenovicz (2012), no complexo quadro de etnias que constituíam Estado polonês antes das partilhas no final do século XVIII, além dos grupos já mencionados (ucranianos e judeus), a tarefa de estimar o número de pessoas pertencentes à etnia polonesa no Brasil se torna ainda mais espinhosa. Partindo da premissa de que os imigrantes de origem polonesa foram um importante elemento constitutivo na formação da população dos estados meridionais do Brasil, no próximo ponto passaremos a discutir a sua situação social no seu país de adoção.

## 2.2 SITUAÇÃO SOCIAL DOS COLONOS POLONESES NO BRASIL

### 2.2.1 Antes da emigração

A compreensão da situação social dos colonos poloneses no Brasil exige uma pequena incursão nas questões de sua posição social e econômica no seu local de origem. Segundo Wachowicz (1981), 95% dos imigrantes de etnia polonesa no Brasil eram camponeses, em grande parte iletrados. Embora a estrutura social do imigrante polonês deva ter sofrido alterações após a Primeira Guerra Mundial, com o aumento da parcela das pessoas oriundas das

---

<sup>13</sup> Sob o termo “Galícia” entendemos a região Nordeste do Império Austro-Húngaro que antes do ano 1772 fazia parte da Polônia. Não se deve confundir essa região com a comunidade autônoma espanhola –Galiza (em espanhol: *Galicia*).



cidades, os camponeses permanecerão sendo o foco da nossa análise, pois foram eles os ancestrais do grupo pesquisado nesta dissertação.

Os principais fatores de expulsão das terras polonesas, tais como a pobreza extrema de camponeses desprovidos de terra inseridos em um sistema agrário ainda com resquícios de servidão e a superpopulação nas aldeias, foram expostos brevemente no ponto anterior deste texto. A condição do camponês polonês era indubitavelmente influenciada pelo acentuado regime senhorial que, abalado na Europa Ocidental havia séculos, perdurava na Polônia até a metade do século XIX.<sup>14</sup> Nas palavras de Wachowicz (1981): “A Polônia, em plena era mercantilista, era o *paraíso da nobreza* mas por isso não deixava de ser o *infernus rusticorum*” (grifos do autor, p. 10).

Um dos informantes da nossa pesquisa assim relembra os relatos do seu avô que, quando criança no começo dos anos 70 do século XIX, deixou a Galícia:

(2) “O avô contava que trabalhavam cinco dias, da segunda até a sexta, para o patrão. Viviam na terra e recebiam uma porcentagem disso. Não sei quanto, uns 10%. No sábado e domingo era livre e daí muitos trabalhavam para si. O que produziam no sábado e domingo era para eles. Como tinha essa propaganda do governo brasileiro, do Império, venderam o que tinham lá, juntaram o que deu e se mandaram pro Brasil” (M3).

Nas terras polonesas, mesmo após a abolição desse regime, o qual na prática significava o trabalho forçado e sem remuneração dos camponeses para as grandes propriedades rurais, a situação dos camponeses deixava muito a desejar. As propriedades rurais dos camponeses, que naquele momento ganharam acesso à compra de terra, eram pequenas demais para garantir seu sustento, o que levou ao processo de absorção de seus pequenos terrenos pelas grandes propriedades (WACHOWICZ, 1981). Os camponeses sem-terra se tornavam proletários rurais, os quais, embora livres, continuavam sendo explorados pelos seus antigos senhores. A fome de terra que veio a reger as decisões e os comportamentos dos imigrantes poloneses no Brasil tem, portanto, sua origem no sistema agrário do antigo território polonês e no lugar que o camponês polonês ocupava na hierarquia da sua sociedade natal.

Entre a multidão de emigrantes poloneses que atravessavam o oceano em busca de uma vida melhor, a maioria dos que chegaram ao Brasil provinha de camadas mais pobres e menos instruídas da nação, o que, segundo Kula (1981), não era o caso das primeiras levas dos

---

<sup>14</sup> O trabalho forçado e sem remuneração dos camponeses para os proprietários rurais foi abolido já depois da perda da independência da Polônia (no final do século XVIII): no Império Prussiano no ano de 1850, no Império Austro-Húngaro no ano de 1848 e no Império Russo no ano de 1861.



imigrantes poloneses, oriundos de regiões sob ocupação prussiana que estavam “no nível relativamente alto”<sup>15</sup> (p. 45). Wachowicz (1981) propõe uma diferenciação entre os indivíduos das localidades mais abertas e os das aldeias mais conservadoras e isoladas. Aqueles, já acostumados com migrações sazonais cujo destino era principalmente a Prússia, conseguiam se desvincular da velha organização social e davam preferência à emigração para Estados Unidos, onde frequentemente assumiam profissões urbanas. Esses, atraídos pela promessa de se tornarem proprietários de, para as condições polonesas, grandes terrenos e, a partir do ano 1890, pelo transporte marítimo gratuito, decidiam partir para o Brasil, onde continuariam a sua profissão de agricultor.

Por outro lado, Kula (1981) lembra que muitos dos que emigravam para os Estados Unidos também não tinham condições de pagar pelas suas passagens e faziam-no somente após ter se estabelecido no novo país. O pesquisador polonês observa também que, muitas vezes, os membros das mesmas comunidades na Polônia se dividiam entre o Brasil e os Estados Unidos, países onde imigrantes poloneses atingiam *status* sociais muito diferentes. Enquanto na América do Norte eles se tornavam moradores de grandes centros industriais e participavam ativamente da sociedade capitalista urbana de acolhida, no Brasil eles continuavam camponeses. O autor levanta uma hipótese, a qual admite não poder verificar naquele momento, que não foram as predisposições dos emigrantes, mas o ambiente e as condições encontradas no país de chegada os fatores decisivos na construção de sua posição social nas suas novas pátrias.

### 2.2.2 No campo no Brasil

Seja como for, o camponês polonês, ao se instalar no Brasil, cumpriu a intenção da política imigratória do governo brasileiro de criar uma classe de pequenos proprietários rurais. Os recém-chegados, após enfrentarem os primeiros desafios do desmatamento dos seus lotes e da aprendizagem do trabalho em novas condições climáticas e sociais, se dirigiram à agricultura de subsistência, a qual, conforme Wachowicz (1981), “nos tempos coloniais, era exercid[a] por agregados, libertos ou descendentes de índios, pelo que, para a mentalidade da época, passou a ser considerad[a] como sendo uma atividade exercida por pessoas de *status* inferior” (p. 140).

É interessante a divergência entre Wachowicz (1981) e Kula (1981) quanto ao papel do camponês polonês no desenvolvimento da agricultura brasileira. Enquanto o primeiro dos

---

<sup>15</sup> No original: “na stosunkowo wysokim poziomie”.

pesquisadores ressaltam a inovação trazida pelos poloneses na área de técnicas, instrumentos, produtos e até mentalidade agrícola, o segundo, por mais que reconheça as conquistas e os resultados do grande esforço do colono polonês, salienta também um certo primitivismo da lavoura polonesa, se comparada com os métodos usados pelos imigrantes alemães, italianos e japoneses. O autor menciona, por exemplo, o sistema de queimadas praticado pelos poloneses, que impossibilitava o uso de ferramentas, como o arado, o qual, segundo Wachowicz (1981), foi trazido para o Brasil justamente pelos poloneses. O fato de colonos poloneses adotarem na agricultura “os hábitos do caboclo” foi comentado também no ano 1910 nas páginas do jornal *Paraná Moderno* por Pierre Denis, que visitou a colônia polonesa Rio Claro, hoje nas proximidades de Mallet (PR). O autor ressaltava a impossibilidade de uso do arado nas terras após as queimadas, porém acredita que os colonos dos núcleos mais novos seguiriam os passos das “antigas colônias, perto de Curitiba, [onde] vêem-se já grandes lavouras” (DENIS, 1910, p. 4). Na sua opinião, a falta temporária do aperfeiçoamento dos métodos agrícolas entre os poloneses do Rio Claro se deve ao isolamento extremo das colônias, o qual impossibilita a comercialização da sua produção.

De volta às divergências entre Wachowicz (1981) e Kula (1981), se, por um lado, o pesquisador brasileiro enfatiza o papel da carroça polonesa na evolução de transportes no Paraná, que permitiu o desenvolvimento de um estágio intermediário no estado entre o transporte animal e o veículo autopropulsor (WACHOWICZ, 1981, p. 115), por outro, o pesquisador polonês descreve a agricultura polonesa como extensiva e pouco eficiente (KULA, 1981, p. 40). O autor percebe também que a difícil situação econômica dos que imigraram para o Brasil lhes impossibilitou a construção de qualquer tipo de indústria, tanto no campo como na cidade. A fome de terra dos colonos poloneses foi certamente um dos fatores que acarretou o maior isolamento dos imigrantes, que se submetiam ao afastamento físico da população local para conquistar um tão desejado pedaço de terra.

Em um artigo publicado no ano 1934, o diário *Correio do Paraná* corrobora a tese de Kula referente à baixa eficiência da agricultura nas colônias polonesas. O texto compara as lavouras polonesas com as dos alemães e dos italianos, sugerindo que os dois últimos grupos já vieram ao Brasil com mais preparo técnico, enquanto o polonês, embora “um ótimo e esforçado trabalhador [...] não trouxe para o Brasil os conhecimentos agrícolas necessários para progredir no novo meio”. Apesar de um certo tom negativo dos autores voltado aos poloneses,

admitem eles que “o abandono [pelos nossos governos] em que vive [o polaco] tem sido a única causa da sua aparente inferioridade” (O TRABALHO..., 1934, p. 8).<sup>16</sup>

Os imigrantes poloneses quase monopolizaram a agricultura de subsistência no Paraná, o que levou os habitantes do estado a identificarem o termo *polaco* ou *polonês* com a agricultura (WACHOWICZ, 1981). Essa percepção se confirmou durante as nossas entrevistas, quando os informantes, perguntados pela definição de um “polonês daqui”, respondiam frequentemente que o polonês de verdade trabalhava na lavoura. Conforme observa Wachowicz (1981), isso fez com que ser de origem polonesa “era admitir *ipso facto* que se pertencia a uma camada mais baixa da sociedade” (p. 141). Ademais, os representantes dessa etnia eram associados com um baixo nível de instrução, o que frequentemente os levava a sentir vergonha de sua origem. As palavras de Zdanowski, escritas em Porto Alegre do ano 1901, confirmam essa constatação:

A geração jovem vê a diferença entre o povo que fala polonês e o que usa outra língua. Vê que os primeiros são ignorantes e os segundos mais esclarecidos, sem comparação. Vendo isso, a geração jovem se afastará dos velhos e já agora se pode encontrar alguns que perguntados se são poloneses, respondem: *sou Brasileiro!* E como é possível manter polonidade aqui se não tem escola [...]; e como conseguir escola se não tem dinheiro<sup>17</sup> (ZDANOWSKI, 1901, p. 74-75, grifo do autor, mantida a grafia original na frase em itálico).

O autor do texto não deixa claro quais grupos de falantes de polonês são comparados com os mais esclarecidos falantes de outras línguas. Podemos supor que se trata de colonos cujo nível de instrução é confrontado com luso-brasileiros e com outros imigrantes, talvez moradores de cidades. Podemos supor também que a situação sofreu mudanças nas décadas seguintes, quando o sistema de escolas polonesas no Brasil ganharia força e alcance.

### 2.2.3 Instituições polonesas no Brasil: escolas, jornais, igreja

A primeira escola polonesa foi fundada já no ano de 1876 na colônia Orleans (hoje um bairro de Curitiba) por Jerônimo Durski – o pai das escolas polonesas. As assim chamadas escolas-sociedades, fundadas e mantidas pelos próprios colonos, costumavam compartilhar a

<sup>16</sup> É importante mencionar que, na época da publicação do artigo, *O Correio do Paraná* estava envolvido em uma certa crise “diplomática” entre o jornal e os representantes das instituições polônicas no Brasil, cujo motivo foram as críticas proferidas pelo jornal referentes à política colonizadora no Brasil da Liga Marítima e Colonial de Varsóvia e do governo polonês.

<sup>17</sup> No original: “Młode pokolenie, widząc różnicę pomiędzy ludem po polsku mówiącym i innej mowy używającym, widząc, że pierwsi są ciemni, drudzy bez porównania oświeceni. Widząc to młode pokolenie zechce jak najdalej od starych odejść, i teraz już niejednego [...] często można spotkać, co na pytanie: czy jest Polakiem? Odpowiadają: *sou Brasileiro!* I jakże może się tu polskość utrzymać, jeśli nie ma szkoły [...]; a zkad się weźmie szkoła jeśli pieniędzy na nią nie ma.” (mantida a grafia original).

casa com a sociedade recreativa, onde se organizavam várias comemorações e, dessa maneira, arrecadava-se fundos para um professor da escola. Contudo, o recrutamento de um profissional capaz de cumprir a função do professor trazia muitas dificuldades. Geralmente, os membros da sociedade escolhiam para o cargo uma pessoa, entre eles, que fosse considerada mais capacitada e que soubesse ler e escrever satisfatoriamente. O professor deixava de lado por algumas horas diariamente o seu trabalho na lavoura e dedicava esse tempo ao ensino, em troca de uma pequena taxa paga pelos pais das crianças ou de um pagamento *in natura*. As condições das escolas eram frequentemente precárias, e a responsabilidade da manutenção do prédio era do professor. O principal objetivo das escolas era evitar o analfabetismo; portanto, ensinava-se nelas as primeiras letras e as quatro operações aritméticas (WACHOWICZ, 1970).

Esse cenário mudou com a chegada das freiras polonesas nos primeiros anos do século XX, as quais começaram a fundar novas escolas e assumir algumas das já existentes nas colônias dos seus compatriotas e nas cidades. Assim ocorreu também na Colônia Dom Pedro II, onde a primeira escola funcionava na casa de um dos colonos mais letrados, o qual alfabetizava somente os meninos nas tardes de domingo. No ano 1908 as Irmãs da Sagrada Família, vindas da Polônia, fundaram na localidade uma escola primária que gozava de boa reputação, até hoje lembrada pelos colonos cujos avós e pais, graças ao alto nível de ensino, sabiam fazer “contas em metros cúbicos de cabeça” (M3). Os inspetores escolares paranaenses também reconheciam a competência das irmãs polonesas como educadoras e gerentes de escolas e destacavam “a ordem exemplar, desenvolvimento e alto nível moral das crianças” nas instituições gerenciadas pelas religiosas (WACHOWICZ, 1971, p. 174). Se compararmos o número das escolas étnicas polonesas no Brasil<sup>18</sup> no ano 1914 (73 escolas), com o seu número no ano 1937 (349 escolas), na véspera da nacionalização total do ensino particular estrangeiro<sup>19</sup> (WACHOWICZ, 1971, pp. 177 e 199), percebemos o papel importante do Estado polonês, que recuperou a sua independência no ano 1918 e se tornou um ator ativo na promoção da cultura polonesa no Brasil, cuja manifestação foi, por exemplo, a criação do consulado polonês em Curitiba no ano 1920.

Todavia, o Estado brasileiro viria a intervir cada vez mais na atuação das escolas privadas. As leis aprovadas gradualmente a partir do ano 1920 limitavam cada vez mais a liberdade de escolas particulares estrangeiras, introduzindo regras referentes às matérias

---

<sup>18</sup> Todas as escolas, exceto uma em São Paulo no ano 1914 e mais duas no Espírito Santo no ano 1937, se encontravam na região Sul do Brasil, sendo o Paraná a localização de aproximadamente metade de todas essas instituições (WACHOWICZ, 1971).

<sup>19</sup> Decreto-Lei n.º 406, do ano 1938.

obrigatoriamente ministradas em português e à avaliação das competências dos professores. O auge da nacionalização do ensino foi no ano de 1938, quando foi promulgado o Decreto-Lei n.º 406, que impunha o ensino de qualquer matéria somente em português, confiando a gerência das escolas exclusivamente a brasileiros natos e proibindo o ensino de idiomas estrangeiros a menores de 14 anos (BRASIL, 1938). É premente destacar que somente 4 de 349 escolas polonesas eram de nível médio. Portanto, somente nessas escolas alguns dos seus alunos talvez excedessem o limite de idade que baniu o contato perigoso com idiomas forasteiros. A mesma lei vedava a publicação de quaisquer livros, folhetos, revistas ou jornais em línguas estrangeiras, sem registro prévio no Ministério da Justiça e, adicionalmente nas zonas rurais, sem permissão do Conselho de Imigração e Colonização.

A maioria das 349 escolas da imigração polonesa cessou suas atividades de um dia para outro sem ser imediatamente substituída por escolas nacionais. Em algumas regiões, as comunidades dos colonos tiveram que esperar de 15 até 20 anos por uma escola pública, o que levou uma geração inteira a permanecer no analfabetismo (WACHOWICZ, 1970, p. 92), aprofundando ainda mais a marginalização dos descendentes poloneses dentro da sociedade brasileira. Esse acontecimento histórico marcou diretamente a posição da língua polonesa, que foi expulsa da esfera pública e reclusa à esfera privada, mantendo-se, na grande maioria dos casos, somente na oralidade.

É preciso considerar que, se por um lado, as escolas rurais polonesas salvaram algumas gerações de polono-descendentes do analfabetismo e lhes deram, em alguns casos, uma boa formação básica, por outro, impediram que os filhos dos colonos tivessem maior acesso à língua portuguesa, dificultando a sua assimilação na sociedade brasileira.

Com o desenvolvimento do sistema de escolas polonesas no Brasil, o nível de instrução do colono polonês certamente era superior ao das primeiras quatro décadas após o início da imigração, quando nasceu o preconceito do polonês pouco instruído. Mais de cem títulos de jornais e periódicos publicados em língua polonesa no Sul e Sudeste do Brasil, a partir do ano 1892 até a nacionalização da imprensa no ano 1938, prova a existência de um grupo considerável de leitores poloneses no nosso país. O jornal *Lud*, publicado no período 1920-1940, chegou a ter tiragem de 4 mil exemplares e possivelmente de 25 mil leitores nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e até na Argentina e no Uruguai (TRINDADE, 2016).

Destaquemos que, a despeito do predomínio de camponeses entre os imigrantes poloneses, principalmente nas primeiras décadas da imigração em massa, houve também a vinda de pessoas que preferiam exercer profissões urbanas e se estabeleciam nas grandes

idades. Estima-se que no final dos anos 30 do século passado a comunidade polonesa contava com 10 mil pessoas em Curitiba, de 5 a 7 mil em Porto Alegre, 3 mil em São Paulo e mil no Rio de Janeiro (KULA, 1981, p. 27). A atuação das sociedades polonesas nessas cidades até hoje comprova a presença de poloneses também no meio urbano. Por mais que os números supracitados não sejam impressionantes, é importante mencionarmos também a existência de grupos de intelectuais poloneses, imigrados para o Brasil no período entre guerras, entre os quais se destacam nomes como Wacław Radecki – considerado o pai da psicologia experimental no Brasil; Bruno Lechowski – pintor que inspirou e orientou vários artistas brasileiros; Ceslau Mariano Bieżanko – entomologista mundialmente reconhecido; Fayga Ostrower – famosa pintora contemporânea, e muitos outros.

De volta aos colonos, que são o foco da nossa análise, é interessante ressaltar o seu pertencimento ao grupo dos leitores de jornais poloneses publicados no Brasil, muitos dos quais tinham suplementos destinados à agricultura onde abordavam as questões práticas de métodos de cultivos, combate às pragas, solos, etc. (TRINDADE, 2016). Vários dos nossos informantes confirmaram a presença dos jornais poloneses nas casas dos seus pais e avós:

(3) “Meu falecido pai tinha assinatura do jornal *Lud*. Meu pai lia essa semana, e o vizinho, na semana seguinte. Aprendi muito a ler desse jornal. Também tinha os almanaques da Polônia. Eram bem grossos.”<sup>20</sup>(M3).

Dessa forma, podemos supor que o xingamento “polaco burro”, ouvido frequentemente no passado pelos representantes da etnia polonesa, não decorria da objetiva falta de instrução dos polono-brasileiros, mas talvez do seu limitado conhecimento de língua portuguesa e do preconceito contra os poloneses, descrito por Ianni (1987) e discutido no ponto 2.2.4.

Considerando o meio de origem do imigrante polonês, ocupado por governos estrangeiros fortes e atuantes, surpreende a iniciativa dos colonos de fundar as escolas para alfabetizar os seus filhos (WACHOWICZ, 1981). Certamente, os padres poloneses presentes nas colônias, os quais em vários casos por muitos anos eram as únicas pessoas letradas com as quais os colonos tiveram contato, eram grandes incentivadores da introdução de ensino nas comunidades.

---

<sup>20</sup> Fala original: “Meu falecido pai tinha assinatura do jornal *Lud*. Mój ojciec przeczytał ten tydzień, a sąsiad drugi tydzień. Ja dużo się nauczyłem czytać z tej gazety. A jak nie to kalendarze, co były z Polski. To był gruby.” Nas transcrições das falas em polonês optamos, na maioria dos casos, pela grafia padrão da língua polonesa, a qual não reflete as marcas fonéticas características da fala dos informantes.

Vale enfatizar que, ainda nas terras polonesas, a paróquia, na qual o catolicismo se fundia com as ideias de polonidade, era a única instituição com a qual os aldeões eram familiarizados e na qual se sentiam aceitos (WACHOWICZ, 1981). No Brasil, a situação não seria diferente, sendo a paróquia em muitas colônias polonesas “o único *cimento* que unia os colonos” (WACHOWICZ, 1981, p. 93, grifo do autor), tanto espiritualmente como socialmente. Warchałowski percebe, nas páginas do periódico polono-brasileiro *Świt (Aurora)* no começo do século XX, que “esse povo, em grande massa, somente aqui começou a se sentir polonês; quando veio para o Brasil se sentia apenas católico, poucas pessoas sabiam algo sobre sua nacionalidade”<sup>21</sup> (WARCHAŁOWSKI, 1906 *apud* KULA, 1981, p. 115).

Doze anos depois, Rogowski, desta vez na *Gazeta Polska w Brazylii*, discute a falta de consciência nacional dos camponeses poloneses oriundos dos territórios ocupados por três grandes impérios, vindos ao Brasil antes da Primeira Guerra. O professor e ativista educacional polonês questionava a polonidade desses imigrantes e argumentava que eles “não têm nenhuma ligação com a história da nobreza [polonesa], nem com a cultura polonesa, a qual desconheciam. Porém, se pode dizer, com absoluta certeza, que eles são católicos poloneses”<sup>22</sup> (ROGOWSKI, 1928, p. 3). Consideramos essa constatação arrogante, pois o autor parece excluir da sua definição de cultura polonesa a cultura polonesa rural e religiosa, cujas marcas na cultura mantida no Brasil pelos colonos apresentaremos no ponto 2.5. De qualquer maneira, o que foi dito acima mostra essa centralidade da igreja, da vida da paróquia e a identificação do catolicismo ativo com a polonidade, a qual parece estar presente até hoje no pensamento de muitos descendentes de colonos poloneses, o que confirmam as palavras de um dos nossos informantes:

(4) “A igreja é o centro. Se você não vai à igreja no domingo, você não faz parte da colônia” (M1).

Paradoxalmente, a fé católica dos imigrantes poloneses, embora a princípio tenha sido a mesma da religião majoritária no Brasil na época, era um dos fatores que inicialmente isolava ainda mais os poloneses dos seus novos compatriotas luso-brasileiros e era fonte de preconceitos contra os “caboclos”, como os poloneses chamavam os seus anfitriões. A suposta falta de rigor nas práticas religiosas dos brasileiros fazia com que os poloneses os considerassem

<sup>21</sup> No original: “w głównej masie lud ten dopiero tu zaczął czuć się Polakiem; gdy przybył do Brazylii, poczuwał się tylko do katolicyzmu, o narodowości swej mało co wiedział.”

<sup>22</sup> No original: “ich nic nie wiąże z historją szlachecką, ani z kulturą polską, której nie znali. Powiedzieć można natomiast z całą pewnością, że są katolikami polskimi”.



desrespeitosos e até selvagens. Nesse contexto, a igreja católica polonesa nas colônias, por mais amparadora e fortalecedora que tivesse sido para a vida dos colonos, “criava uma consciência peculiar de distinção e de tenacidade, separava e mantinha a imigração, mas a fechou em um gueto preso à terra, alheio ao que o rodeava”<sup>23</sup> (ROGOWSKI, 1928, p. 3).

#### 2.2.4 Polonês *versus* polaco – o preconceito

Os fatores descritos acima, tais como a fome de terra do colono polonês, o isolamento geográfico das colônias, a criação das escolas polonesas e o papel da igreja na vida das comunidades, eram, por um lado, facilitadores da manutenção da cultura e da língua trazidos da Europa; porém, por outro lado, dificultavam a assimilação dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. Ainda no ano 1934, o *Correio do Paraná* descreveu o grau de assimilação dos colonos poloneses com as seguintes palavras:

Dos colonos estrangeiros o mais rebelde à fusão com o elemento nacional é incontestavelmente o polaco, o que se tem mostrado menos assimilável. O polaco, desde o seu ingresso no território brasileiro, tem vivido completamente afastado e isolado de tudo que é nosso (O PROBLEMA..., 1934, p. 1).

A demora em se integrar ao país de chegada pode ter sido um dos elementos causadores do preconceito contra os poloneses, que se instalou entre outras etnias e que foi documentado por Ianni (1987) durante a sua pesquisa realizada na metade dos anos 50 do século passado em Curitiba.

O sociólogo brasileiro, cujo objetivo era pesquisar as relações entre negros e brancos em Curitiba e no Paraná, ficou surpreso pela quantidade de menções espontâneas, todas preconceituosas e orientadas negativamente aos poloneses e aos polono-descendentes. A análise pormenorizada dos dados da pesquisa trouxe a informação sobre o elevado nível de rejeição dos poloneses pelos pesquisados, se comparado com alemães e italianos, aproximado aos índices referentes aos judeus.

Talvez não seja por acaso que, em uma busca aleatória na “folha de maior circulação” em Curitiba no ano 1899, *Diário da Tarde*, no período de 3 meses, nos deparamos com três notícias curiosas referentes à rejeição dos poloneses como cônjuges. Trata-se de queixas levadas à polícia: de uma moça que não queria se casar com um “petiço polaco” (QUEIXA..., 1899); de um pai que não concordava com os planos de matrimônio do seu filho apaixonado

---

<sup>23</sup> No original: “stworzył swoistą świadomość odrębności i spoistości, – wyodrębnił i przechował – ale zamknął je [wychódźstwo] w przyziemne ghetto, tak dalece obce temu, co je otacza [...]”



por uma polonesa (CASO..., 1899); e de uma mãe cujo filho foi vítima de um suposto feitiço para se casar com uma moça polonesa (NOVA..., 1899). O teor das queixas encontradas no referido jornal parece corroborar os resultados da pesquisa de Ianni, segundo os quais 67% dos entrevistados não aceitariam um polonês para casamento, enquanto para os italianos e os alemães os índices obtidos eram, respectivamente, de 24% e 40% (OLIVEIRA, 2015, p. 807).

Instigado pela frase pronunciada por um dos informantes, “O negro do Paraná é o polaco” (IANNI, 1987, p. 181), Ianni constatou que os mesmos atributos negativos eram conferidos aos poloneses e aos negros e que ambos os grupos pareciam ocupar uma posição social parecida.

A posição cindida do polono-descendente na sociedade curitibana na metade do século XX foi descrita com as seguintes palavras:

O processo de ressocialização estaria na fase em que o *polonês* ainda não se transfigurou no *brasileiro*, já que marcas raciais e culturais atribuídas socialmente (loiro, preferência por trabalhos braçais e agrícolas, inclinação pela bebida alcoólica, religiosidade, [...], etc.) ainda o prendem a um suposto universo polonês. Entretanto, esse é o momento em que ele já não é mais plenamente polonês. No quadro da ideologia racial dominante na cidade, não é nem *polonês* nem *brasileiro*: é *polaco* (IANNI, 1987, p. 195-196, grifos do autor).

E quem seria o citado *polaco*? Palavra essa que foi usada originalmente na língua portuguesa para denominar os cidadãos da Polônia<sup>24</sup>, porém, provavelmente no final do século XIX, na região Sul do Brasil, começou a adquirir outros significados, quase sempre de teor pejorativo. O *polaco* se tornou um sinônimo de camponês, simples e de pouca instrução, arreado, “plantador de batatas”. As expressões como “polaco burro” e “polaco sem bandeira” vieram a se popularizar, fazendo com que a própria palavra *polaco* se tornasse um xingamento. Segundo o Dicionário Houaiss (2001), o gentílico *polonês* substituiu o antigo *polaco*, porque no feminino o termo *polaca* era usado para denominar uma prostituta. Wolny (2012) explica que a palavra *polaca* no Brasil fazia referência a dois grupos de pessoas diferentes: às imigrantes provenientes da Polônia e às mulheres trazidas para o Brasil pelos traficantes de escravas brancas. Seja pela semelhança física de representantes de dois grupos, ou por dificuldades de estabelecimento de identidade étnica, o uso do mesmo termo parece ter “fundido” os dois grupos na visão dos falantes, atribuindo à palavra *polaca* um forte valor negativo.

De qualquer maneira, a mudança semântica ocorrida na palavra *polaco* é um indício forte da existência de um preconceito contra o grupo por ela denominado. Ianni (1987) busca

---

<sup>24</sup> Esse uso continua no Portugal.

as origens desse preconceito em possíveis desajustamentos iniciais de algumas colônias polonesas, causados pelas diferenças climáticas e sociais no país de chegada, que fizeram com que alguns dos imigrantes não lograssem se estabelecer sem criar algum incômodo para a sociedade adotiva. As avaliações negativas desses grupos começaram a se generalizar para todos os poloneses. O sociólogo levanta também uma outra hipótese, a de que no momento da chegada dos maiores fluxos dos poloneses à região de Curitiba (nos anos 1890-1896 e 1907-1914), a sociedade já estava saturada de imigrantes, principalmente alemães e italianos. Nesse caso os imigrantes poloneses se ocupariam com as atividades econômicas não essenciais ou já exercidas por outros grupos sociais.

Se adentrarmos a questão de vários atritos e desentendimentos que acompanharam a chegada dos poloneses para o que se tornaria a primeira colônia polonesa permanente no Brasil, o Pilarzinho, ambas as hipóteses se apresentam como válidas. O grupo mais descontente com a vinda dos poloneses eram os imigrantes alemães já estabelecidos na região, que pretendiam ocupar os terrenos de Pilarzinho e de Mercês, hoje bairros de Curitiba. Os poloneses recém-chegados ao Paraná se recusaram a aceitar outros terrenos e fizeram um protesto na frente do palácio do Presidente. Segundo Wachowicz (1981), o medo dos granjeiros alemães da concorrência dos novos colonos que poderiam roubar a sua parcela no mercado curitibano de alimentos fez com que os primeiros espalhassem boatos sobre a má índole dos poloneses<sup>25</sup>. É importante destacar que os alemães eram os antigos “vizinhos” dos poloneses vindos dos terrenos sob ocupação prussiana, então, certamente ambas as etnias, a ocupada e a ocupadora, trouxeram na sua bagagem para o novo mundo as antigas mágoas e querelas. Como indica Wachowicz (1981):

as posições negativas por parte dos imigrantes alemães e ucranianos em relação aos poloneses, além do espírito competitivo aí estabelecido, encontraram profundas raízes na história desses povos na Europa. Atritos e conflitos seculares predisuseram-nos a tais manifestações no Brasil (p. 127).

Adicionemos somente que essas “posições negativas” eram, certamente, recíprocas.

Hoje em dia, tanto o uso da palavra *polaco* como o preconceito contra os polono-descendentes parecem ter mudado de forma e de intensidade. Alguns dos nossos informantes continuam considerando o termo ofensivo, outros se sentem orgulhosos ao usá-lo, enquanto os mais jovens ficam surpresos por saber que o termo poderia ter uma conotação negativa. Na cidade de Curitiba frequentemente escutamos a palavra *polaco/a* com referência a pessoas loiras

<sup>25</sup> O livro publicado na Polônia intitulado *A luta pelo Pilarzinho* conta os detalhes desse conflito inicial polono-germânico (MRÓWCZYŃSKI, Bolesław. *Bitwa o Pilarzinho*. Katowice: Wydawnictwo Śląsk, 1968).

de olhos azuis, ao passo que o seu diminutivo, *polaquinho/polaquinha*, pode ser uma denominação carinhosa de crianças de pele clara. Uma análise pormenorizada das opiniões dos nossos informantes acerca do preconceito antipolonês e as definições das palavras polaco/polonês será apresentada na análise qualitativa no ponto 5.2.4.

## 2.3 COLÔNIA DOM PEDRO II HOJE

A Colônia Dom Pedro II é uma comunidade rural pertencente ao Município de Campo Largo, no Paraná. Encontra-se entre as cidades de Curitiba e de Campo Largo, à distância de aproximadamente 17 km de ambos os centros. A praça principal da comunidade, com a igreja, colégio e museu da colônia, está quase equidistante (cerca de 4 km) da Estrada do Café (BR-277), ao sul da Colônia, e da Estrada do Cerno (PR-090), ao norte (vide ANEXO I). Os pontos de ônibus mais próximos estão localizados nessas rodovias, aos quais se pode chegar pelas estradas de terra da Colônia, na sua maioria em boas condições. A Dom Pedro II é vizinha de mais duas colônias polonesas, com as quais mantém fortes laços sociais: a Colônia Figueiredo (Campo Largo) a Oeste e a Colônia Rodrigues (Campo Magro) a Nordeste.

A Colônia Dom Pedro II tem 690 habitantes (IBGE, 2013), dos quais 70% são pessoas com ascendência polonesa (SIKORA, 2014). A maioria das famílias possui propriedades pequenas e médias, entre 8 e 25 hectares, onde plantam principalmente milho, soja, trigo e feijão. Os grãos são comercializados por intermédio de empresas locais, cooperativas e pelo sistema de *commodities*. A atividade econômica da Colônia engloba também o cultivo de verduras, agricultura orgânica, agroindústrias de farinha de milho, silos de secagem de grãos, suinocultura, floricultura, turismo rural, entre outros (SIKORA, 2014). Quase todas as famílias costumam criar bois, vacas, porcos e galinhas para consumo próprio.

A localidade conta com uma igreja paroquial da Nossa Senhora de Anunciação, construída, no lugar da antiga capela, no ano 1980, em formato de navio, “em homenagem aos imigrantes poloneses desta comunidade”, como informa a placa em frente do templo. Ao lado da igreja se encontra o Colégio Estadual Dom Pedro II, que oferece Ensino Fundamental e Médio e funciona sob a direção das Irmãs da Sagrada Família – uma ordem oriunda da Polônia. O colégio goza de uma boa reputação e atrai alunos de outras comunidades, que são a maioria dos educandos. A nuvem de poeira levantada pelos numerosos ônibus escolares que levam as crianças de volta para Campo Magro, Vila Dom Pedro e Jardim Guarani, entre outros, faz parte da paisagem da Colônia nos horários da troca de turno na escola. No pequeno centro da Colônia está situado também o Museu: Centro Cultural e Histórico Polska, fundado no ano 2000. A

Figura 2 mostra a praça central da Colônia com a igreja, ao lado dela o colégio e atrás da igreja, o museu e o salão paroquial.

FIGURA 2 – SEDE DA COLÔNIA DOM PEDRO II



FOTO: M. SIKORA.

A Colônia não possui mercearia e, por isso, os moradores costumam abastecer suas despensas com os produtos que eles não produzem nos supermercados de Campo Largo. É importante mencionarmos também o funcionamento do restaurante Nova Polska, que atrai mais de 200 pessoas de fora da Colônia todos os domingos. Com o fim de aumentar a presença da Colônia Dom Pedro II e das colônias vizinhas nas rotas turísticas da região, um grupo de moradores da comunidade fundou, no ano 2007, a Associação de Turismo Rural das Colônias Polonesas. Entre as atividades desenvolvidas pela Associação merecem destaque: a marcação dos postes da estrada, que permite a chegada à comunidade aos que desconhecem a sua topografia, as Caminhadas na Natureza realizadas nos campos e florestas dom-pedrenses e a promoção dos negócios locais na área da agricultura orgânica e agroturismo.

## 2.4 UM BREVE HISTÓRICO DA COLÔNIA DOM PEDRO II

A fundação da Colônia Dom Pedro II no ano 1876 fazia parte do plano de instalação de vários núcleos coloniais ao redor de Curitiba, idealizado pelo presidente da Província do Paraná da época, Adolpho Lamenha Lins. Depois de ter passado por uma crise de abastecimento de alimentos, a capital paranaense receberia um “cinturão verde”, composto de comunidades rurais que forneceria verduras e grãos aos curitibanos. No período de dois anos, 1875-1876, foram criados oito núcleos coloniais nas proximidades de Curitiba, a saber: Santa Cândida e Lamenha – ao Norte; Orleans, Santo Inácio, Riviere, Dom Pedro, Dom Augusto e Tomas Coelho – ao Oeste. A Dom Pedro II, cuja área de 226 hectares era a segunda menor entre as colônias, após Dom Augusto, era constituída por 24 lotes que, em média, ocupavam 9,4 hectares. O tamanho dos lotes era maior, se comparado com outras comunidades, para compensar a maior distância de Curitiba – 17 quilômetros (WACHOWICZ, 1976).

A Figura 3 mostra a placa comemorativa de 100 anos da fundação da Colônia que se encontra na entrada da comunidade, junto a uma cruz. A inscrição em polonês “Bóg im zapłać” significa “Que Deus lhes pague”.

FIGURA 3 – PLACA COMEMORATIVA DE CEM ANOS DA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DOM PEDRO II



A Colônia Dom Pedro II foi instalada ao lado da Colônia Orleans e da Colônia Riviera, próximo ao acesso à antiga estrada Mato Grosso, nas terras devolutas tituladas pelo Governo da Província do Paraná. As terras localizadas mais para o norte foram adquiridas da Família de Mariano Torres, cuja propriedade fazia divisa com Campo Magro (SIKORA, 2014). A Colônia recebeu seu nome em homenagem ao Imperador do Brasil, que no ano 1880 visitou a colônia

vizinha Orleans, destino de longas caminhadas dominicais dos dom-pedrenses, os quais até o ano 1933 não podiam usufruir de uma igreja ou de uma capela no seu núcleo.

A população instalada nos núcleos em volta de Curitiba compunha-se de imigrantes europeus, dos quais 96% eram poloneses (3.338 pessoas). Desses, mais da metade era procedente da parte prussiana do território polonês, 28% vinham da Galícia Austríaca e 16%, da Silésia Prussiana (WACHOWICZ, 1976). A terminologia usada nos documentos brasileiros que distingue os *poloneses da Prússia* dos *poloneses da Silésia Prussiana* pode gerar dúvida, pois ambos os grupos vieram do Reino da Prússia. Porém, é importante frisar que o território da Silésia, apesar de contar com uma forte presença da população polonesa, havia séculos não pertencia à zona de influência da Polônia e, desde o ano de 1740 fazia parte da Prússia. Por isso, entendemos que os *poloneses prussianos* eram oriundos dos terrenos ocupados pela Prússia no final do século XVIII, como resultado das partilhas da Polônia (mencionadas no ponto 2.1.), enquanto os *poloneses silesianos* procediam de uma região que fora política e culturalmente isolada da Polônia por muito mais tempo. Lembremos também que, na época da fundação da Colônia Dom Pedro II, a Prússia já fazia parte do Império Alemão.

A população inicial da Colônia Dom Pedro II, fundada na margem do Rio Poça Uma (hoje Passaúna), era de 69 pessoas. Porém, segundo os dados coletados por Wachowicz (1976), já no ano seguinte da sua fundação, o número de moradores caiu pela metade, para triplicar no ano 1878. A Tabela 1 apresenta a composição da população da Colônia Dom Pedro, nos anos 1877-1878.

TABELA 1 – POPULAÇÃO DA COLÔNIA DOM PEDRO II POR NACIONALIDADE NO ANO 1878

Nacionalidade	População	
	1877	1878
<b>poloneses silesianos</b>	19	-
<b>poloneses prussianos</b>	-	88
<b>poloneses galicianos</b>	-	5
<b>suíços franceses</b>	12	-
<b>ingleses</b>	7	7
<b>italianos</b>	-	3
<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>103</b>

FONTE: Adaptado: PARANÁ, Relatório Adolpho L. Lins, 1877, Curitiba, p. 86 e OFFÍCIOS, 1878, vol. 1. Arquivo Público do Estado do Paraná *apud* WACHOWICZ, 1976, p. 19.

Chamam atenção as grandes mudanças na composição da população da Colônia apenas em um ano. O desaparecimento dos suíços pode ser explicado pelo fenômeno observado por Wachowicz (1976), que consistia no abandono das colônias pela população não polonesa



nos primeiros anos após a fundação dos núcleos. Porém, o mesmo fenômeno parece ter atingido os poloneses silesianos, que também não se fixaram na Dom Pedro II. É válido mencionar que a maioria dos atuais moradores da Colônia sustenta que seus antepassados vieram da Galícia – o grupo pouco expressivo na Tabela acima. Muitos comentam as desavenças existentes, embora em menor escala, até hoje entre os galicianos e os prussianos “do outro lado do asfalto” (referem-se à BR-277):

(5) “Os prussianos na nossa escola não prestavam. Tudo era ruim para eles. Riam dos poloneses, que são diferentes, que têm nariz grande, sempre, sempre teve .... uma guerra.” (M3)<sup>26</sup>.

Podemos supor que os bisavós dos atuais moradores da Dom Pedro II, oriundos da Galícia, se estabeleceram na Colônia mais tarde, migrados de outras colônias polonesas da região. A sua vinda pode ter causado o abandono dos terrenos pelos poloneses prussianos, os quais, entre os galicianos, têm fama de não saberem plantar batatas. Sikora (2014) propõe uma outra interpretação da divergência entre os dados históricos estatísticos e as autodenominações atuais dos moradores. Na opinião dessa pesquisadora, “a identificação das procedências de alguns imigrantes por meio de documentos pode ter induzido outros habitantes da Colônia [...] a acreditar que também se originam das mesmas localidades na Polônia” (SIKORA, 2014, p. 126).

A discussão sobre a origem dos colonos tem sua importância linguística, pois a língua trazida por eles a sua nova terra diferia consideravelmente, dependendo da região de sua origem e da política linguística do ocupante daquela região. Como bem observa Stańczewski (1925, p. 7), os imigrantes procedentes “dos confins opostos da velha Pátria, como galicianos, cassúbios, silesianos e vilnianos [...] falam geralmente um dialeto polonês bastante distinto”<sup>27</sup>. A questão da língua polonesa no mundo será discutida no ponto 3.6. desta dissertação.

Segundo os dados apresentados por Wachowicz (1976), no final do século XIX, os moradores das colônias do distrito da Nova Polônia, que incluía os seis núcleos coloniais a Oeste da capital, viviam de agricultura de subsistência, de produtividade baixa, com pequenos excedentes de alguns produtos vendidos nas feiras de Curitiba. Como em outras colônias da região, também na Dom Pedro II se plantava, principalmente, centeio, milho, feijão e batatas.

<sup>26</sup> Fala original: “Prusaki w naszej szkole zawsze byli nieużyte ludzie. Lo nich wszystko zawadzało. Wyśmiali, że Polacy są drudzy, że nos ma wielki, zawsze, zawsze była taka... wojna.”

<sup>27</sup> No original: “wychodźcy, pochodzący [...] z przeciwległych krańców starej Ojczyzny, jak Galicjan[ie] i Kaszub[i], Górnoląza[cy] lub Wilnian[ie] [...] mówią przeważnie dość odrębnym narzeczem polskiem.”

A criação de animais, tais como cavalos, bois e suínos, existia para satisfazer somente o consumo familiar.

Embora em várias colônias polonesas a igreja e a escola fossem as primeiras construções erguidas pelos recém-chegados, na Colônia Dom Pedro II ambas as instituições tiveram que esperar décadas para receber um imóvel próprio. Até 1933 as rezas dos moradores eram ouvidas ao redor das cruzes nas beiras das principais estradas da Colônia e na paróquia de Santo Antônio de Orleans, a 10 km de distância da Dom Pedro II. A alfabetização e o ensino das quatro operações matemáticas, somente aos meninos, ocorria nas tardes de domingos na casa de um colono letrado, Jakub Niemiec, o qual durante 30 anos, até o ano de 1906, era a única fonte de escolarização financeira e fisicamente acessível aos filhos dos imigrantes (CASA-ESCOLA..., s.d.).

Em 1906, as irmãs polonesas franciscanas da Sagrada Família de Lviv chegaram à Colônia Orleans, onde fundaram uma escola. Dois anos depois, os dom-pedrenses lograram trazer as Irmãs a sua escola recém-construída pelos colonos em trabalho de mutirão. Segundo os moradores atuais da Colônia, até o ano 1934 as irmãs conduziam as atividades de ensino na língua polonesa. Depois, em consequência das políticas do governo brasileiro da nacionalização do ensino, a língua polonesa não tinha mais lugar na sala de aula. No ano 1939, a escola obteve registro na Secretaria do Estado da Educação e a partir do ano 1989 passou a oferecer, além do Ensino Fundamental, o Ensino Médio. Depois da Segunda Guerra Mundial, o ensino de língua polonesa na Colônia se limitava a aulas ocasionais ofertadas pelos padres da Colônia Orleans, como conta um dos nossos informantes:

(6) "Eu estudei um pouco polonês. Mas não era obrigatório.[...] O padre que vinha de Orleans, ele vinha na quinta-feira para atender Dom Pedro e daí na quinta e sexta nós tinha aula de polonês. Mas era por hobby" (M3).

## 2.5 POLONIDADE DA COLÔNIA DOM PEDRO II

A Colônia Dom Pedro II até hoje mantém várias marcas de sua polonidade, que se manifestam tanto no cotidiano dos moradores, como nos dias de festa. Já na chegada à localidade chamam atenção as cruzes na beira da estrada, presentes na frente de várias casas da comunidade, ao redor das quais os colonos costumavam rezar nas primeiras décadas da existência da Colônia. A construção dos cruzeiros tem sua origem nas aldeias polonesas, onde



até hoje, dependendo da região, a paisagem é marcada por pequenos altares e cruzes, muito similares àqueles da Dom Pedro II.

FIGURA 4 – UMA DAS CRUZES DA COLÔNIA DOM PEDRO II.



FOTO: A. FERREIRA.

Muitas das casas dos colonos, separadas entre si pelos morros cobertos de trigo, milho e soja, são casas antigas de madeira, que mantêm a disposição dos cômodos do início do século passado: uma cozinha grande, dois quartos, às vezes uma sala de visita e a sala de oração. É interessante salientar que, mesmo nas casas mais novas, de alvenaria, vários moradores mantêm um cômodo, ou uma parte dele, reservado para um pequeno altar, adornado com quadros de santos e, entre eles, a imagem da Nossa Senhora de Monte Claro (*Matka Boska Częstochowska*) – a padroeira da Polônia. O costume de decorar os cômodos com as imagens dos santos e da *Matka Boska Częstochowska* era comum entre os camponeses poloneses no século XIX e aparece com frequência na literatura polonesa, por exemplo, na obra “Wesele” (“As bodas”) de Stanisław Wyspiański (1901), na qual o autor ilustra a mentalidade polonesa com a ajuda de vários símbolos dessa nação.

As primeiras casas construídas pelos imigrantes recém-chegados constituem hoje o Museu “Centro Histórico e Cultural Polska”. Duas construções dos anos 1875-1876 feitas de troncos, sem uso de pregos, como era tradição nos territórios poloneses, contêm hoje uma exposição de patrimônio histórico material e imaterial da comunidade. Ao

lado dos antigos objetos de uso doméstico, da cozinha, instrumentos de trabalho e musicais, se encontram numerosas fotografias e livros. Os nomes de alguns objetos estão indicados tanto em português como em polonês.

FIGURA 5 – UM DOS OBJETOS EXPOSTOS NO MUSEU DA COLÔNIA DOM PEDRO II COM A DESCRIÇÃO EM PORTUGUÊS E EM POLONÊS



FOTO: A. FERREIRA

Os traços da cultura rural trazida da Polônia estão visíveis na culinária dos moradores da Colônia Dom Pedro II, que se deleitam com *syr*, um queijo branco tipo requeijão<sup>28</sup>, que serve de recheio para *pierogi*, pastéis poloneses cozidos, acompanhados de *spyrka*, toucinho frito. O nome dessa última especiaria é um regionalismo das partes meridionais da Polônia. Isso pode comprovar, portanto, a procedência do Sul do país dos antepassados dos moradores da Colônia. Entretanto, não resolve a dúvida da sua origem silesiana ou galiciana, pois a palavra existe nos dialetos de ambas as regiões. Em algumas das casas é mantida ainda a tradição de fazer pepino<sup>29</sup> ou repolho azedo (parecido com o *chucrute* dos descendentes dos alemães), embora os mais jovens já não apreciem tanto o sabor desses pratos. Chama atenção o costume de assar broa, em fornos a lenha na parte externa da casa. As mães ou avós das famílias o fazem nas sextas-feiras ou nos sábados, na quantidade suficiente para a semana toda. Hoje a tradicional farinha de centeio foi substituída pela farinha de trigo.

Como já mencionamos acima, existe na Colônia um restaurante polonês chamado Nova Polska, que funciona em uma casa de madeira antiga, renovada para esse fim com ajuda

<sup>28</sup> Atualmente esse queijo é mais conhecido no Brasil como “ricota”, porém os colonos o chamam em português de “requeijão”.

<sup>29</sup> Pepino azedo – conserva de pepino feita no Paraná na folha de parreira (na Polônia, na folha de raiz forte) com endro, alho e sal e sem adição de vinagre.

de restauradores e artistas. O restaurante foi fundado por uma moradora da Dom Pedro II e é atualmente mantido pelo seu filho. O estabelecimento, que oferece também passeios de carroça polonesa e de trator, entre outros atrativos, recebe aproximadamente 250 pessoas todo domingo. O cardápio é composto principalmente de pratos da cozinha polonesa atual, alguns pouco conhecidos pelos moradores da Colônia, como *barszcz*, a sopa de beterraba, ou *bigos* – repolho azedo refogado com cogumelos e com carne. É de notar que entre os clientes do restaurante não costumam aparecer os dom-pedrenses, que preferem celebrar seus almoços de domingo em casa com familiares.

Os donos do restaurante tiveram de adaptar as receitas dos pratos poloneses ao gosto brasileiro, por exemplo diminuindo a quantidade de pimenta. O gosto marcante da raiz forte, muito popular na cozinha polonesa atual, aqui chamada de *crem* (pol. *chrzan*), também parece ter causado o abandono desse tempero no dia a dia na Colônia. Entretanto, *crem* é plantado por muitos colonos para uma ocasião em especial – a Páscoa. Não pode faltar essa raiz na cesta com os alimentos levados para a igreja no Sábado de Aleluia, quando ocorre a Bênção dos Alimentos (*Święconka*) – costume celebrado na Paróquia da Nossa Senhora de Anunciação na Dom Pedro II, no Bosque do Papa em Curitiba e em todas as igrejas polonesas do outro lado do oceano.

E foi justamente a falta desse costume no Brasil que causou um estranhamento dos poloneses recém-chegados ao nosso país, como conta a carta escrita por um deles no ano 1891: “A Páscoa é muito curiosa, não temos ovo bento [...]. Quando conseguirmos alguma fortuna, faremos do mesmo modo como na Polônia, mas agora é muito difícil” ANAIS..., 1977, carta n.º 66). Um dos nossos informantes assim descreve a tradição da refeição matutina de Páscoa mantida até hoje na sua família:

(7) “Se levanta de manhã e se reza: Jesus ressuscitou. Aleluia, aleluia. Primeiro se come o crem. A mãe ensinou que quando se pega crem, tem que esticar a mão *direita*. Se tinha cinco [pessoas], então, o ovo [se dividia] em cinco pedaços. Primeiro para o pai, depois aos mais velhos, assim... Hoje é igual, mas se reza em brasileiro. Se benze um pedaço de carne de boi, de galinha, de porco. Não se benze muita coisa, porque depois tem mais comida e a benzida não joga em qualquer lugar, mas tem que queimar. Pros cachorros não [pode dar], porque depois quando tiver que matar um cachorro, vai ser difícil”<sup>30</sup> (M3).

<sup>30</sup> Fala original: “Jak się rano wstanie, to się zmówi: Jezus zmartwychwstał. Aleluja, Aleluja. Wprzódy chrzon się zje, każdemu chrzonu. Mama nauczyli, że jak chrzon się bierze to *prawą* rękę musi wystawić. Jak było pięć, to jajko na pięć kawałków. Wprzódy ojcu, potem starszym i tak... Dzisiaj się robi tak samo, ale modli się po brazylijsku. Święci się kawał bydlęcego mięsa, kurzego, świńskiego. Każdy se zje co chce. Się za dużo nie święci, bo potem jest większe jedzenie, to to święcone nie ciskam byle gdzie, ino spali się. Psom nie, bo potem jak trzeba zabić, to trudno zabić psa.”

Os moradores da Dom Pedro II cuidam para que o pároco não seja privado da alegria de sua própria *Święconka* e presenteiam-no com cestas cheias de guloseimas de Páscoa, comportamento semelhante ao dos primeiros imigrantes, descrito por Wachowicz (1981): “O sacerdote era tratado da mesma maneira como o era o senhorio na Polônia. Traziam-lhe pão, manteiga, requeijão, ovos, vinho, para que não passasse fome de forma alguma” (p. 94).

Ressaltemos que essa e outras tradições polonesas religiosas foram mantidas na Colônia mesmo após o início do trabalho do novo pároco, no ano 2016, que é o primeiro sem nacionalidade ou ascendência polonesa desde a fundação da paróquia. Vários informantes destacaram o papel incentivador do padre (de ascendência alemã) na manutenção de *Gorzkie Żale* (tradução literal: Lamentações Amargas), uma antiga devoção polonesa celebrada na época da quaresma. Depois dos falecimentos de algumas das moradoras mais antigas da Colônia, que sempre “puxavam” o canto, a tradição parecia ter morrido junto com elas, até a reação do padre que encorajou seus paroquianos a retomarem a celebração. Esse caso seria, portanto, um exemplo do papel da igreja na manutenção da polonidade entre os colonos, mesmo quando o pároco não compartilha as raízes do seu rebanho, porém dá valor a elas.

De volta à Páscoa, é interessante que a tradição de pintar ovos (*pisanki*<sup>31</sup>), tão comum na Polônia, é pouco praticada pelos moradores. Somente alguns deles usam o método tradicional de colorir os ovos para *Święconka* e fervê-los junto com casca de cebola e, entre eles, apenas três informantes têm costume de pintar os ovos com a cera derretida. A tradição de jogar água nas moças não casadas (ou, hoje em dia, em qualquer pessoa) na segunda-feira após a Páscoa, chamada na Polônia de *Śmigus-Dyngus*, é desconhecida entre os colonos.

Outro período importante é a época de Natal, quando as cozinhas da Colônia ficam cheias de aroma de bolachas de mel, lindamente decoradas, chamadas aqui de *bolasz*<sup>32</sup> e na Polônia, de *pierniki*. Em dezembro, as crianças da comunidade preparam na igreja a encenação do nascimento de Jesus – chamada de *Jaselka*, porém representada na língua portuguesa. Na Véspera de Natal, as famílias se juntam no salão da igreja para dividir *oplatek* – um tipo de hóstia, cuja partilha, na tradição polonesa, simboliza conciliação e amor entre os participantes da cerimônia. O dia de Natal é celebrado à moda brasileira, com um grande churrasco em família. Mais um elemento polonês presente no Natal na Dom Pedro II são as canções natalinas polonesas (*kolędy*), cantadas durante a missa, na sua maioria, pelos representantes das gerações

<sup>31</sup> Essa tradição eslava pré-cristã é conhecida pelos curitibanos (e por moradores de outras regiões do Paraná) sob o nome *pěssankas* que são produzidas, expostas e comercializadas tanto no Memorial da Imigração Polonesa no Parque do João Paulo II como no Memorial Ucrâniano no Parque Tingui.

<sup>32</sup> Palavra essa é um empréstimo da palavra portuguesa “bolacha”.

mais velhas e de meia-idade. As *kolędy* ganharam também suas versões na língua portuguesa, nas quais a melodia original é acompanhada pela tradução livre do texto da canção polonesa.

Em janeiro, o pároco costuma visitar as famílias da Colônia para benzer suas casas – mais um costume trazido da Polônia e mantido naquele país até hoje. Uma parte dos moradores da Colônia aprecia uma outra tradição, já quase esquecida no país de origem – as visitas de *Turoń*. *Turoń* – uma pessoa fantasiada de uma criatura que lembra um boi é acompanhada por pessoas de trajes folclóricos (*kolędnicy*) e visita algumas casas, onde dança aos sons de violino e sanfona, brincando e assustando seu público (Figura 6). O grupo de *kolędnicy*, com uma estrela na frente, caminha pela comunidade, cantando *kolędy* e anuncia o nascimento de Jesus. As famílias anfitriãs costumam presentear o cortejo colorido com guloseimas, refrescos ou pequenas doações designadas à igreja para diferentes ações sociais na comunidade (SIKORA, 2018).

FIGURA 6 – *TUROŃ* NA COLÔNIA DOM PEDRO II



FONTE: <http://culturartepolonesa.blogspot.com/2018/01/>

Mais uma tradição já esquecida na Polônia e mantida na Dom Pedro II é a *Pustanoc*, do polonês *Pusta Noc* – literalmente, uma “noite vazia”. Trata-se de uma vigília que ocorre na casa do falecido na noite precedente ao enterro, durante a qual os mais velhos cantam ainda as antigas canções fúnebres polonesas. Essa tradição, semelhante ao velório conhecido no Brasil, não é mais mantida na Polônia.

Não podemos nos esquecer de uma das mais alegres tradições polonesas – o casamento polonês, embora esse seja um costume em fase de extinção mais avançada na Colônia. Até o início dos anos 80 do século passado, as festas de casamento aconteciam na casa da noiva, precedidas de uma bênção recebida dos pais e organizadas por *družba* e *družbina* (padrinhos). Um ponto alto da festa, regada de cerveja caseira (*piwo chałupne*), era a *dança da mesa*, durante a qual os condes e as damas (*druhny*) dançavam em volta da mesa dos noivos com vários

convidados, os quais, após uma dança curta, depositavam um pequeno pagamento em dinheiro e podiam-se servir de vodca, cigarros ou balas. Segundo os moradores da Colônia, a última festa de casamento com a dança de mesa ocorreu na comunidade no ano 2010. Após a dança, era a hora de *czepowiny*, ou seja, do momento no qual a noiva trocava a sua grinalda por um lenço branco – um atributo de uma mulher casada, usado por ela no dia a dia. O costume de usar o lenço, já desaparecido na Polônia, também não é mais mantido na Dom Pedro II, onde somente algumas mulheres acima de 80 anos ainda cobrem as suas cabeças.

Hoje em dia, os casamentos ocorrem no salão da igreja ou nos restaurantes na cidade e raramente incluem elementos tradicionais do casamento polonês, com exceção da música. As marchas polonesas, aos sons de sanfona, violino e pandeiro, tocadas pelos conjuntos musicais, tais como os “Gaideski e Cia” ou o “Conjunto Lembranças”, esse último da Colônia Dom Pedro II, levam os colonos a dançar durante as festas de casamentos e jantares dançantes organizados na localidade. No repertório das bandas encontramos várias canções folclóricas polonesas cantadas no idioma original, conhecidas certamente pela grande parte da sociedade polonesa<sup>33</sup>. Porém, não conseguimos estabelecer a origem da melodia mais identificada com a “música polonesa” pelos colonos, chamada “Sokoły” ou “Sokoła” (“Falcões”)<sup>34</sup>. Embora a música não tenha letra, é acompanhada pelas exclamações ocasionais na língua portuguesa: “Eu sou polaco!”

Para nossa surpresa, a dança considerada pelos colonos como a mais típica dança polonesa, a Sete Passos, era desconhecida por nós e também por alguns dançarinos de folclore polonês que consultamos. Depois de uma curta pesquisa, encontramos duas danças muito semelhantes: uma de origem austríaca, chamada *Siebenschritt*; e outra, *Siódemka*, de Wielkopolska, região ocidental da Polônia que, por séculos, fora uma zona de influência germânica. É possível, então, que a dança trazida pelos imigrantes, fossem eles da região de Galícia (sob o domínio austríaco) ou da região da Prússia, tenha origens germânicas, o que não a impediu de vir a ser um dos elementos típicos da cultura polonesa no Brasil.

Os moradores da Colônia Dom Pedro II organizam todo ano duas festas grandes: A Festa da Padroeira, que ocorre em março, e A Festa da Batatinha, chamada também de Festa da Cultura Polonesa – em julho, sendo a segunda delas o evento mais importante do ano na

<sup>33</sup> Por exemplo: “Jestem muzykantem”, “Pije Kuba do Jakuba”, “W zielonym gaju”.

<sup>34</sup> Não se trata aqui da popular canção polono-ucraniana “Hej, Sokoły”, desconhecida pelos colonos e confundida inicialmente pela autora deste texto com a mencionada “Sokoły”. Encontramos a melodia sob o título “Soko taniec” (“Soko dança”) somente em um CD lançado na Polônia com as músicas folclóricas dos poloneses do Brasil e da Argentina – “Muzyka Źródle: Vol. 15. Polacy w Brazylii i w Argentynie.”



comunidade. A Festa da Batatinha<sup>35</sup> existe desde o ano 1962, quando o cultivo da batata constituía ainda uma parte importante da atividade agrícola da Colônia. Com o tempo, o plantio do tubérculo, considerado um ingrediente obrigatório na culinária polonesa diária, se tornou pouco produtivo por causa das terras íngremes da Dom Pedro II e deixou de ser um elemento característico da paisagem da Colônia. No ano 1997, a festa foi renomeada para A Festa da Batatinha e da Cultura Polonesa e começou a atrair público de fora da comunidade. Hoje em dia, os colonos recebem no salão de festas cerca de 4.000 pessoas.

Depois da missa celebrada em conjunto pelo pároco e pelos padres nascidos na comunidade, com cantos em polonês, começa o almoço. Na festa, ao lado de pratos adotados da cultura brasileira, tais como churrasco, maionese e frango assado, são servidos *pierogi*, broas, bolachas de mel e cucas<sup>36</sup> típicas da localidade. O salão, que recebe seus convidados com o grande letreiro bilíngue “Serdecznie witamy / Sejam bem-vindos”, é decorado com flores de papel, feitas pelas mulheres da Colônia, que mantêm essa antiga tradição polonesa. Temos, de um lado, bingo e rifas, tão comuns nas festas de igreja no Sul do Brasil, e de outro – exposição de carroças polonesas e apresentação do grupo folclórico infantil da Dom Pedro II – *Zabawe polskie*.

Talvez, de certo modo, as manifestações da cultura polonesa na festa reflitam bem o lugar dessa cultura na comunidade. Os seus traços se cruzam com os elementos da cultura brasileira na igreja, na culinária, na música, dança e, em menor escala, na língua. Entre as tradições descritas acima, os textos na língua polonesa, em oposição a palavras soltas, se limitam a cantos, principalmente os religiosos, como é o caso de *Gorzkie Żale*, de *Pustanoc*, de canções natalinas e dos cantos executados em polonês nas missas dominicais: *Baranku Boży* (Cordeiro de Deus) e *Serdeczna Matko* (Mãe Cordial).

A oração de terço, que tradicionalmente junta as famílias após o jantar, é rezada em português, para que todos possam participar. No entanto, por intermédio das rezas, os traços de língua polonesa ocasionalmente chegam às gerações mais jovens. Foi esse o caso de uma das informantes mais novas que, entre poucas palavras faladas na língua dos avós, conhecia a palavra que não consideramos uma parte do vocabulário básico: *tajemnica* (“o mistério”). A jovem teve contato frequente com esse vocábulo ao escutar sua avó rezar o terço e contemplar

<sup>35</sup> Batatinha é nome tradicional, na região de Curitiba, dado à batata inglesa, provavelmente para a diferenciar da batata-doce, também bastante cultivada na região.

<sup>36</sup> Cuca (ou cuque) é um tipo de bolo com a massa à base de farinha de trigo e de fermento e uma cobertura crocante (farofa feita de açúcar, gordura e farinha de trigo) ou de frutas com farofa. Foi trazida ao Sul do país pelos imigrantes alemães (o nome vem da palavra alemão *Kuchen* – o bolo), porém é conhecida também na cozinha polonesa (ciasto drożdżowe).

os seus mistérios. Nas grandes festas, como Páscoa ou Natal, a presença da língua polonesa é marcada somente nos nomes de alguns pratos típicos e das celebrações, como o *opłatek* – a palavra-chave do Natal polonês, porém já desconhecida por alguns informantes mais novos, a despeito de sua participação assídua na tradição de dividir a “hóstia” na Véspera do Natal.

A língua polonesa escrita, além de constar nos nomes dos moradores e das ruas da Colônia, aparece quase exclusivamente no ambiente bilíngue, com a tradução para o português, como é o caso das descrições dos objetos em exposição no Museu ou dos letreiros usados nas festas da comunidade. Para nossa surpresa, as letras dos dois cantos poloneses realizados na missa aos domingos são apresentadas para os fiéis em um telão na ortografia polonesa padrão, embora a grande maioria dos nossos informantes e, provavelmente, dos paroquianos não saiba ler em polonês. Um dos entrevistados, quando questionado se cantava em polonês nas missas, respondeu:

(8) “Acompanho bastante, mas muitas vezes é murmurando. Quando eles passam na tela, canto. Eu entendo, mas não sei ler, entendo no canto” (M2).

A cultura nunca é independente e não respeita as fronteiras, o que vemos no caso da dança Sete Passos, que, apesar da sua possível origem germânica, foi apropriada, aqui no Brasil, como polonesa. Um outro exemplo é a aparente fundição da cultura polonesa com a cultura caipira brasileira, principalmente na convicção de colonos mais jovens, que identificam a música polonesa com o sertanejo raiz ou consideram as vestimentas dos camponeses em geral típicas “do polaco”:

(9) “Pense no polaco. Já pensa que ele vai estar de bota, de chapéu. (...) Estilo polonês – sujo de terra. Isso me atrai muito” (M1).

A identificação da cultura polonesa com o lúdico leva também alguns dos colonos a acreditarem que as brincadeiras bastante populares nos casamentos brasileiros, a de gravata do noivo e do sapato da noiva, têm origem polonesa.

Resumindo, a cultura polonesa da Colônia é fortemente ligada à religiosidade e às tradições antigas. A polonidade e a religiosidade se superpõem de tal maneira que, amiúde, as tradições católicas em geral são consideradas tipicamente polonesas, como a celebração das novenas natalinas. Algumas das tradições são muito parecidas na Polônia e na Dom Pedro II, como *święconka* e *opłatek*; algumas já esquecidas no seu lugar de origem, como *pustanoc*; e outras mantidas, mas em forma diferente, como as receitas dos pratos típicos e a dança da mesa.



A cultura polonesa no Paraná não está restrita somente às colônias rurais e encontra seu espaço também na capital, onde quase 500 logradouros em 60 dos 75 bairros da cidade levam os nomes ora dos poloneses mundialmente conhecidos (por exemplo, Rua Madame Curie Maria Skłodowska), ora dos polono-brasileiros (Rua Edmundo Saporski) (ROCHA, 2016, p. 65). A cidade homenageia os imigrantes poloneses não somente por intermédio de monumentos e de portões nas antigas colônias polonesas que foram absorvidas pela zona urbana, como Abranches, Pilarzinho e Orleans, mas também na sua região central. O Portal Polonês na rua Matheus Leme, pela qual antigamente os colonos poloneses levavam seus produtos para vendê-los em Curitiba, é um dos marcos da imigração polonesa no Centro da cidade. O segundo é o Bosque João Paulo II, um parque com um museu ao ar livre que, além de expor as antigas casas de madeira dos colonos e os objetos usados por eles, atrai multidões para suas duas festas grandes: a de Páscoa Polonesa (com bênção de alimentos) e a de *Matka Boska Częstochowska* (Nossa Senhora de Monte Claro), organizada em agosto. A língua e a religiosidade polonesas podem ser experimentadas pelos fiéis na Igreja de Santo Estanislau no Centro da cidade, onde, aos domingos, se celebra uma missa na língua polonesa. Nas proximidades da igreja, na época de Natal, as Irmãs da Sagrada Família oferecem o símbolo do Natal polonês – o *opłatek*.

Nas festas polonesas, mas também em quase todas as feiras livres da cidade, os curitibanos se deliciam com os *pierogi*, oferecidos por duas empresas concorrentes fundadas por poloneses imigrados ao Brasil nos anos 80 do século passado, conhecidos aqui como o Miro e o Tadeu. Dois dos 38 grupos de folclore polonês no Brasil atuam em Curitiba (*Junak* e *Wisła*) e podem ser apreciados durante as festas organizadas na cidade e no Festival de Etnias que ocorre anualmente no Teatro Guaíra. A cultura contemporânea do país, cujos quatro cidadãos mais notáveis das artes e ciências foram homenageados na entrada da Biblioteca Pública em Curitiba<sup>37</sup>, se apresenta aos curitibanos durante vários eventos e palestras realizados pela Casa da Cultura Polônia-Brasil, pelo Curso de Letras-Polonês na Universidade Federal do Paraná e pelo Consulado da República da Polônia, que organiza todo ano, entre outros, o Festival de Cinema Polonês na Cinemateca de Curitiba.

---

<sup>37</sup> Trata-se de bustos: do compositor polonês Frederic Chopin; da cientista polonesa Maria Curie-Skłodowska, ganhadora de Prêmios Nobel de Física (1903) e de Química (1911); do astrônomo Nicolau Copérnico e do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura (1905).

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será apresentado o referencial teórico que embasa a nossa pesquisa e que será aplicado posteriormente na análise dos dados. Primeiramente, no ponto 3.1, discutiremos as definições e os tipos de bilinguismo, pois são os indivíduos bilíngues que usam a língua polonesa na Colônia Dom Pedro II. No ponto seguinte apresentaremos algumas abordagens acerca da competência linguística de falantes bilíngues, abordagens essas que nortearão a nossa visão da avaliação de competência dos participantes da pesquisa. Em seguida, no ponto 3.3, abordaremos o tema do contato linguístico, pois a língua polonesa falada na Colônia Dom Pedro II se desenvolveu e é usada em contexto de contato linguístico com o PB. O tema estreitamente ligado com o contato linguístico – a manutenção ou a substituição linguística – e os principais fatores que influenciam o resultado do contato linguístico serão apresentados no ponto 3.4. Traremos alguns índices de manutenção de língua polonesa também em comparação com outras línguas de imigração europeia no nosso país. No ponto seguinte será introduzido o conceito e serão delineadas as características da língua de herança para finalizarmos, no ponto 3.6, com a discussão acerca das características e da tipologia da língua polonesa no exterior e no Brasil.

#### 3.1 BILINGUISMO

Bi- e multilinguismo são fenômenos multifacetados, dinâmicos e altamente heterogêneos, que têm ocupado as mentes de pesquisadores de várias áreas, tais como psicologia, sociologia, linguística, demografia e neurologia. O foco das investigações pode incluir os aspectos individuais desse processo, que abrangem as dimensões psicológicas e *stricto sensu* linguísticas, enquanto a localização do bilinguismo no nível social trará à baila as dimensões históricas, educacionais e políticas. Entretanto, é importante ressaltar que “bilinguismo individual é sempre uma função da fala da comunidade da qual o falante participa”<sup>38</sup> (GARCÍA, 2009, p. 79), pois ambos esses universos, o individual e o social, são intrinsecamente conectados. As influências entre eles são bidirecionais, sendo possível, por exemplo, que as atitudes individuais para com uma língua específica desencadeiem um processo de mudança linguística dentro de uma comunidade (BUTLER, 2012). Dito isso, é cientes de que a distinção entre o bilinguismo individual e societal é uma idealização para os

---

<sup>38</sup> No original: “individual bilingualism is always function of the speech community in which the speaker participates.”

fins metodológicos, neste subcapítulo serão discutidas as definições de *indivíduo bilíngue* e de *bilinguismo*, como também serão listados os *tipos de bilingualismo*, sob a ótica de várias dimensões.

### 3.1.1 Indivíduo bilíngue e bilingualismo – definições

As primeiras definições de um indivíduo bilíngue começaram a surgir ainda na primeira metade do século passado, quando a ideologia de estado-nação, que via a língua (claramente delimitada e homogênea) como um reflexo “natural” de pertencimento a uma nação (AUER, 2007), dominava o pensamento ocidental. Nesse cenário o bilingualismo era visto como um desvio que acomete os indivíduos – “os portadores de contágio interlinguístico”<sup>39</sup> (HAUGEN, 1949, p. 271). Não surpreende, portanto, a definição do ano 1933 de Bloomfield, segundo a qual os indivíduos podem ser considerados bilíngues quando têm “controle de duas línguas como um falante nativo”<sup>40</sup> (BLOOMFIELD, 1933, p. 56), em outras palavras, no caso de um duplo monolingüismo. Essa visão “maximalista”, que abrange um grupo muito restrito de “bilíngues ideais”, domina ainda hoje o senso comum. Em contrapartida, a visão “minimalista”, mais próxima à realidade do mundo globalizado, designa todas as pessoas como bilíngues, pois “não existe ninguém no mundo (nenhum adulto) que não conhece pelo menos algumas palavras em línguas diferentes da sua variedade materna”<sup>41</sup> (EDWARDS, 2004/2006, p. 7). Por mais distintas que sejam essas definições, ambas se baseiam em uma noção de *competência linguística*<sup>42</sup> de um falante.

Um outro grupo de definições enfatiza o *uso linguístico* do comportamento verbal dos bilíngues. Tanto Weinreich (1974 [1953]) como Mackey (1962 *apud* GROSJEAN, 2015) aplicaram o termo “bilíngue” a todas as pessoas que usam duas línguas de modo alternado. Haugen, por sua vez, estabeleceu um *grau de uso* a partir do qual um indivíduo pode ser considerado bilíngue, a saber, quando é fluente em uma das línguas e “consegue produzir enunciados completos que têm seu significado em uma outra língua”<sup>43</sup> (1953, p. 7 *apud* BUTLER, 2012, p. 111). Grosjean (2015, p. 573), para o qual o bilíngue “usa duas ou mais

<sup>39</sup> No original: “the carriers of interlingual contagion.”

<sup>40</sup> No original: “native-like control of two languages.”

<sup>41</sup> No original: “there is no one in the world (no adult, anyway), who does not know at least a few words in languages other than the maternal variety.”

<sup>42</sup> Aqui entendemos *competência linguística* em sentido amplo como o conhecimento de uma língua em oposição ao uso de uma língua. O termo *competência linguística* será discutido no ponto 3.2.

<sup>43</sup> No original: “can produce complete meaningful utterances in the other language.”

línguas (ou dialetos) no seu dia a dia”, sustenta que a fluência nas línguas é um fator importante no estabelecimento do nível de bilinguismo e, por isso, propõe um modelo de avaliação de grau de bilinguismo em forma de uma grade bidimensional, que inclui dois fatores: *a frequência de uso* de uma dada língua e *a fluência*. O autor sugere que a grade pode ser utilizada separadamente, tanto para cada uma das quatro modalidades (ouvir – falar / ler – escrever) como para representação da história linguística de um bilíngue, indicando dessa maneira que se trata de um fenômeno dinâmico (GROSJEAN, 2015). Também Mackey (2012) passa a conceber o bilinguismo como uma combinação de competência e de uso em um “duplo contínuo das práticas que se modificam mutuamente”<sup>44</sup> (2012, p. 708). Os contínuos têm quatro dimensões: a quantidade do uso de cada língua, o número de domínios do uso, a intensidade da interação e o grau de mudança em uso de cada língua.

Percebamos que Grosjean (2015) se vale da palavra “bilíngue” no contexto de duas ou mais línguas, estendendo assim a definição aos casos de multilinguismo. Mackey (2012) propõe a aplicação do seu modelo de bilinguismo também ao multilinguismo, pois considera o último “a extensão numérica de mesmas variáveis” (p. 708) – atitude chamada por Butler de “bilingual bias” (2012, p. 120). De acordo com a pesquisadora, a suposição de que os mecanismos psicolinguísticos e o processamento de duas (*bi-*) ou mais (*multi-*) línguas se dão praticamente do mesmo modo leva vários pesquisadores a ignorarem a influência da terceira ou quarta língua na língua materna ou na segunda língua, o que deve ser evitado.

Existem vários termos concorrentes ao multilinguismo, sendo o mais popular entre eles, provavelmente, o plurilinguismo, que é usado, entre outros, pelo Conselho da Europa. O plurilinguismo é entendido pela instituição mencionada como uma competência: “uma habilidade de usar várias línguas em vários graus e com objetivos diferentes<sup>45</sup>” (GARCÍA, 2009, p. 54), o que, *grosso modo*, equivale à noção de diglossia proposta por Fishman<sup>46</sup> (1967). García (2009) enfatiza que o termo *plurilinguismo* é usado pelos pesquisadores europeus com o intuito de salientar o aspecto diferenciado das habilidades multilíngues exigidas pela vida além das fronteiras levada pelos cidadãos do mundo globalizado. Haja vista a riqueza terminológica em relação aos fenômenos discutidos, optaremos pelo uso do termo *bilinguismo*, seguindo a opção de Grosjean (2015), em referência ao uso de duas ou mais línguas, quando o

<sup>44</sup> No original: “double continuum of mutually modifying practices.”

<sup>45</sup> No original: “the ability to use several languages to varying degrees and for distinct purposes.”

<sup>46</sup> Em linhas gerais, o termo *diglossia* se refere ao uso de várias línguas ou dialetos dentro de uma sociedade (e a sua manutenção estável), na qual cada língua ou dialeto cumpre funções diferentes de outras línguas ou dialetos (FISHMAN, 1967).

objetivo for descrever uma situação não monolíngue. Nas situações nas quais a quantidade de línguas maior do que duas for relevante usaremos o termo *multilinguismo*.

### 3.1.2 Classificação de tipos de bilinguismo

As definições expostas acima não refletem a multidimensionalidade de bilinguismo, que abarca os indivíduos em situações, lugares e com as trajetórias mais variadas, tais como uma criança que tem duas línguas maternas, um índio cuja língua difere da dominante no país ou um *gamer* brasileiro que aprendeu um pouco de polonês ao interagir com a comunidade de jogos *on-line*, e muitos outros. As variadas classificações de bilinguismo tentam organizar esse universo, focando algumas das dimensões relevantes. O Quadro 1 compila as principais classificações do fenômeno discutido.

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE BILINGUISMO

continua

Dimensão	Tipos de bilinguismo e a sua descrição	
A diferença de proficiência entre as línguas. (PEAL e LAMBERT, 1962 <i>apud</i> BUTLER, 2012)	<b>Balanceado</b> – competências iguais em ambas as línguas	<b>Dominante</b> – a competência em uma das línguas é superior do que em outra
Idade da aquisição (MONTRUL, 2012)	<b>Primário</b> – aquisição de duas línguas antes de puberdade	<b>Tardio</b> – aquisição após puberdade
Sequência da aquisição (MONTRUL, 2012)	<b>Simultâneo</b> – aquisição de duas línguas a partir do nascimento	<b>Sequencial</b> – aquisição da segunda língua (L2) após a formação básica de primeira língua (L1) (3-4 anos de idade)
Ambiente da aquisição (EDWARDS, 2012)	<b>Primário</b> – competência adquirida em ambiente naturalístico	<b>Secundário</b> – aquisição por meio de instrução formal
O efeito da segunda língua (L2) na retenção da primeira (L1) (LAMBERT, 1974 <i>apud</i> BUTLER, 2012)	<b>Aditivo</b> – L2 é adicionada ao repertório linguístico do indivíduo e ambas as línguas são mantidas	<b>Subtrativo</b> – crescente perda de traços linguísticos da L1 em resultado da aquisição da L2
Habilidades funcionais (GARCÍA, 2009)	<b>Receptivo</b> – somente modalidades de compreensão oral, leitura e compreensão de sinais	<b>Produtivo</b> – somente modalidades de fala, escrita e produção de sinais
	<b>Oral</b> – somente modalidades de fala e de compreensão oral	<b>“Letrado”</b> – somente habilidades de escrita e leitura

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE BILINGUISMO

continuação e conclusão

Dimensão	Tipos de bilinguismo e a sua descrição		
Organização de semantemas vs. representações conceituais (WEINREICH, 1974)	<b>Coordenado</b> – somente uma representação conceitual para dois semantemas (em duas línguas) que a representam	<b>Composto</b> – conceitos diferentes para as palavras equivalentes em cada língua	<b>Subordinado</b> – necessidade de acessar uma representação conceitual de uma palavra em L2 por intermédio de seu equivalente na L1
Status linguístico e ambiente de aquisição (FISHMAN, 1977 <i>apud</i> GARCÍA, 2009)	<b>Elitizado</b> – opcional, desenvolvido em resultado de uma escolha do indivíduo.		<b>Popular</b> – obrigatório, por exemplo, quando as pessoas são obrigadas a aprenderem as práticas linguísticas distintas das usadas nas suas famílias.

Em relação à primeira dicotomia apresentada no Quadro 1, a de bilinguismo balanceado e de dominante, vale mencionar o conceito de *Princípio de Complementaridade*, cunhado por Grosjean (2010), segundo o qual os bilíngues costumam aprender e usar as línguas para diferentes fins, nos diferentes domínios da vida, com pessoas diferentes: “Algumas línguas abrangem muitos domínios de vida, outras menos e algumas abrangem domínios em conjunto com uma outra língua (ou línguas). São raros os bilíngues cujos domínios de vida são todos abarcados por todas as suas línguas.”<sup>47</sup> (GROSJEAN, 2015, p. 574). O autor não define claramente o termo *domínio*, usando-o como equivalente a “esferas” de vida, que abrangem *lugares* onde a língua está em uso (como o lugar de trabalho, escola ou vizinhança); *interlocutores* (como família, amigos); *atividades* (como compras, hobbies) e também *assuntos*, como religião. (GROSJEAN, 2010, p. 30-36). Em consequência do Princípio de Complementaridade, o bilinguismo “balanceado” seria um fenômeno extremamente raro, enquanto a definição da dominância de uma língua sobre outra(s) pode se tornar uma tarefa difícil, que exige contemplar uma miríade de fatores, tais como a fluência em cada uma das modalidades, a frequência do uso linguístico e a distribuição das línguas entre os domínios. O Princípio de Complementaridade pode ser observado na prática, por exemplo, entre os descendentes de imigrantes poloneses que, muitas vezes, expressam-se livremente nas suas narrativas em língua polonesa acerca da vida familiar e camponesa, porém sentem a “falta das palavras” quando abordam as questões da política ou administração pública.

<sup>47</sup> No original: “Some languages will cover many domains of life, other less, and some will cover domains along with another language (or other languages). Rare will be the bilinguals who will have all domains of life covered by all their languages.”

Notemos que as classificações acima se inter-relacionam. Por exemplo, a classificação proposta por Weinreich (1974) é usualmente ligada às condições e à sequência de aquisição das línguas. A situação de *aquisição simultânea* pode subjazer ao *bilinguismo coordenado*, enquanto a *aquisição sequencial* traria como resultado o *bilinguismo composto* (HEREDIA; BROWN, 2012). A aprendizagem da segunda língua por meio de um método indireto, que promove a tradução para a língua materna do aprendiz, resultaria em uma *configuração subordinada*. O *bilinguismo simultâneo*, que na maioria dos casos se inicia com o nascimento do indivíduo, é caracterizado pela existência de duas línguas maternas ou duas primeiras línguas (MONTRUL, 2012) ou até de “bilinguismo como primeira língua”<sup>48</sup> (SWAIN, 1972 *apud* GARCÍA, 2009, p. 64).

Observa-se também uma forte relação entre o *bilinguismo aditivo e elitizado*, de um lado, e o *subtrativo* e o *popular (folk bilingualism)*, do outro. O bilinguismo elitizado ocorre quando os indivíduos escolhem desenvolver suas habilidades bilíngues, por exemplo, ao estudar uma língua estrangeira na escola. Segundo García (2009), o bilinguismo de grupos de prestígio e de elite sempre foi aditivo, ou seja, a segunda língua é adicionada ao repertório linguístico da pessoa e ambas as línguas são mantidas. No caso do bilinguismo popular não se trata de uma escolha, mas de uma obrigatoriedade. Por exemplo, imigrantes e minorias autóctones são frequentemente obrigados a aprender e a usar somente a língua dominante do país, diferente da aprendida em casa. A situação na qual se encontram leva à “subtração” da primeira língua. Como resultado, o bilinguismo dos filhos dos imigrantes passa a ser o monolinguismo dos seus netos (GARCÍA, 2009), situações essas refletidas pela constatação de que “mundo das línguas não é somente um mundo de diferenças, mas de desigualdade”<sup>49</sup> (BLOMMAERT, 2010, p. 28).

No caso da Colônia Dom Pedro II podemos dizer que os imigrantes homens eram obrigados a se tornarem bilíngues, pois a falta do conhecimento da língua portuguesa impossibilitaria a manutenção de relações comerciais e administrativas no seu novo país. Porém, a partir dos relatos dos colonos, podemos supor que não houve a “subtração” da língua polonesa, que continuou presente na escola, em casa, no campo e na igreja. Essa situação se manteve até o começo dos anos 30 do século XX, quando a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa e a proibição de ensino de línguas estrangeiras fizeram com que o idioma dos ancestrais se limitasse aos domínios da casa e da igreja. Houve, então, o fenômeno de bilinguismo subtrativo. Talvez a situação dos moradores mais jovens hoje em dia seja a de bilinguismo elitizado ou eletivo – o termo usado por Valdés e Figueroa (1994). A língua que

<sup>48</sup> No original: “bilingualism as a first language.”

<sup>49</sup> No original: “the world of language is not just one of difference but one of inequality.”



estudam na escola é, na maioria dos casos, a mesma falada em casa. A aprendizagem de polonês, como de inglês ou de espanhol, se torna uma opção.

É importante citar mais uma classificação de bilinguismo, proposta por García (2009), a saber: *o bilinguismo recursivo*. O termo se refere à revitalização de uma língua ancestral, acompanhada de uma reconstituição das práticas linguísticas ancestrais para as novas funções. Por isso, a língua não é adicionada como todo, mas em pedaços relevantes para as práticas em questão. Esse tipo de bilinguismo pode ser observado nas comunidades de descendentes dos imigrantes, que retomam algumas cerimônias ou tradições dos seus antepassados e, com elas, as falas e os cantos que as acompanham. Um exemplo desse tipo de bilinguismo na Colônia Dom Pedro é a atuação dos grupos de canto na igreja, cujos membros, que não falam mais a língua polonesa, sabem cantar e rezar nesse idioma sem entender o significado exato das letras das músicas.

### 3.2 COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA DE INDIVÍDUOS BILÍNGUES

O autor do primeiro modelo de competência linguística foi Chomsky (1965), o qual cunhou a famosa dicotomia: competência (*competence*)/desempenho (*performance*). O primeiro dos termos se referia ao “conhecimento da língua do falante-ouvinte”, e o segundo, ao “uso da língua nas situações concretas”<sup>50</sup> (CHOMSKY, 1965, p. 4). Com o nascimento da Sociolinguística o modelo foi questionado, entre outros motivos, por causa da limitação da noção de competência ao conhecimento, e esse conhecimento ao conhecimento de gramática (HYMES, 1972). O modelo de *competência comunicativa*, proposto por Campbell e Wales (1970) e por Hymes (1972), englobava tanto a *competência gramatical* (o conhecimento implícito e explícito de normas gramaticais), como também a *competência sociolinguística*, entendida como o conhecimento e a habilidade de usar as normas de uso de uma língua em contexto social (CANAL e SWAIN, 1980). Desde então, a noção de competência comunicativa passou por várias modificações. Para a nossa discussão, consideramos importante esclarecer que ao usarmos o termo *competência linguística* fazemos referência à competência que inclui o conhecimento de normas socioculturais da comunidade em questão e a habilidade de adaptar a elas o uso linguístico, pois “existem normas de uso, sem as quais as normas gramaticais seriam inúteis”<sup>51</sup> (HYMES, 1972, p. 278).

<sup>50</sup> No original: “*competence* (the speaker-hearer’s knowledge of his language) and *performance* (the actual use of language in concrete situations).”

<sup>51</sup> No original: “There are rules of use without which the rules of grammar would be useless.”



A seguir apresentaremos as abordagens da competência linguística de pessoas bilíngues que subjazerão a nossa avaliação dessa competência dos falantes bilíngues dentro da Colônia Dom Pedro II.

### 3.2.1 *Monolingual bias*

A opinião de que os bilíngues “verdadeiros” deviam demonstrar competências linguísticas próximas às dos falantes nativos das línguas que dominam era compartilhada, na segunda metade do século XX, por vários pesquisadores, educadores e até mesmo pelos próprios bilíngues (GROSJEAN, 1989). Até hoje não é raro se deparar com essa mentalidade, principalmente entre as pessoas que têm pouco contato com línguas distintas do seu idioma nativo. Um dos maiores críticos dessa perspectiva, chamada por ele de *visão monolíngue (ou fracionada) de bilinguismo*, é o psicolinguista François Grosjean, o qual em 1989 escreveu a famosa frase: “Uma pessoa bilíngue não são duas pessoas monolíngues em uma pessoa”<sup>52</sup> (1989, p. 4). O autor enumerou várias consequências negativas do tratamento dado aos monolíngues, cujo uso linguístico é considerado como modelo para as pesquisas de bilinguismo. Entre elas vale salientar o fato de que as habilidades linguísticas dos bilíngues são quase sempre avaliadas seguindo os padrões monolíngues, ignorando dessa maneira o acima mencionado *Princípio de Complementaridade* (GROSJEAN, 2010) e a diferenciação social das funções que cada língua pode cumprir na vida de um bilíngue. O contato linguístico aparente, por exemplo, na fala de um bilíngue, chamado por Haugen de “contágio interlinguístico”<sup>53</sup> (1949, p. 271), como indicado acima, é considerado, portanto, como produto de uma linguagem descuidada e raramente, segundo Grosjean (1989), se torna objeto das investigações linguísticas.

Em oposição à *visão monolíngue de bilinguismo*, Grosjean propõe a *visão bilíngue (ou holística) de bilinguismo*, segundo a qual

uma pessoa bilíngue NÃO é uma soma completa ou incompleta de duas pessoas monolíngues; em vez disso, ela tem uma configuração linguística única e específica. A coexistência e a interação constante de duas línguas em uma pessoa bilíngue produzem uma unidade linguística – diferente, mas completa.<sup>54</sup> (GROSJEAN, 1989, p. 6, grifo do autor).

<sup>52</sup> No original: “The bilingual is not two monolinguals in one person.”

<sup>53</sup> No original: “interlingual contagion”.

<sup>54</sup> No original: “the bilingual is NOT the sum of two complete or incomplete monolinguals; rather, he or she has a unique and specific linguistic configuration. The coexistence and constant interaction of the two languages in the bilingual has produced a different but complete linguistic entity.”

O autor usa um argumento psicolinguístico de que, mesmo em um “modo monolíngue” – em uma interação com uma pessoa monolíngue – o indivíduo bilíngue nunca desativa totalmente a outra língua. Portanto, a competência comunicativa de um bilíngue não pode ser avaliada da perspectiva de somente uma língua, “ela deve ser estudada da perspectiva do repertório completo do indivíduo bilíngue, repertório esse usado no seu dia a dia.”<sup>55</sup> (1989, p. 6). É o uso linguístico de cada uma das línguas para os seus propósitos, nos seus domínios e com os seus interlocutores que faz com que o bilíngue desenvolva suas competências específicas em cada uma das línguas e também em um terceiro sistema, que é uma combinação das línguas no seu repertório.

### 3.2.2 A noção de multicompetência e de falante nativo

A perspectiva sob a qual as mentes que conhecem duas línguas diferem qualitativamente das dos falantes nativos foi adotada e ampliada por Vivan Cook (1999), o qual cunhou o termo de *multicompetência*, definido como “conhecimento linguístico total de uma pessoa que conhece mais de uma língua”<sup>56</sup> (COOK, 1999, p. 190). O autor sugere que o que é relevante é a soma do conhecimento linguístico, e não as porções separadas referentes a cada uma das línguas. Semelhante ao Grosjean, Cook rejeita a avaliação dos usuários de segunda língua (L2)<sup>57</sup> com base nos padrões do uso linguístico de falantes nativos, pois “não existe motivo para o qual o componente de segunda língua de multicompetência deva ser idêntico à primeira língua de uma pessoa monolíngue, apenas pelo fato de que a multicompetência é muito mais complexa do que o monolingüismo.”<sup>58</sup> (COOK, 1999, p. 191).

Para validar a sua tese, o autor cita uma miríade de pesquisas empíricas que comprovam a existência de diferenças qualitativas no funcionamento das mentes de indivíduos mono- e bilíngues (COOK, 2013). Essas diferenças não se limitam apenas a maneiras distintas de uso de línguas, a uma consciência linguística maior nos usuários de L2 ou a influências que o L2 exerce no L1. Trata-se também de diferenças nos processos cognitivos, tais como categorização (o exemplo da pesquisa da mudança na categorização das cores por causa da

<sup>55</sup> No original: “it must be studied instead through the bilingual’s total language repertoire as it is used in his or her everyday life.”

<sup>56</sup> No original: “total language knowledge of a person who knows more than one language.”

<sup>57</sup> Cook aplica o termo “primeira língua” (*first language* – L1) para a primeira língua adquirida na infância e o termo “segunda língua” (*second language* – L2) para a língua aprendida posteriormente.

<sup>58</sup> No original: “[t]here is no reason why the L2 component of multicompetence should be identical to the monolingual’s L1, if only because multicompetence is more complex than monolingualism.”

influência da L2, cf. COOK e BASSETTI, 2011) e até na estrutura cerebral fisicamente distinta dos falantes bilíngues (KWOK *et al.*, 2011).

O autor se vale do argumento de Labov (1969) de que não se pode esperar que as pessoas sigam as regras dos grupos aos quais não pertencem: “As pessoas que falam diferentemente de algum grupo arbitrário não falam melhor ou pior, simplesmente diferentemente”<sup>59</sup> (COOK, 1999, p. 194). Entretanto, aos olhos de vários professores e pesquisadores, o argumento citado acima parece não se aplicar aos falantes de L2, que podem ser julgados nos padrões de um outro grupo, a saber, o dos falantes nativos.

O conceito de falante nativo, que no pensamento de Grosjean corresponde ao falante monolíngue, é fortemente discutido e questionado por vários pesquisadores, tais como Cook (1999) e Firth e Wagner (1997). Cook indica que a única característica inquestionável que distingue o falante nativo é o fato de ele ser o *native speaker* da língua adquirida como cronologicamente primeira na sua vida.

É importante salientar que essa primeira língua não necessariamente precisa ser considerada a língua materna – outro conceito amplamente discutido, aplicado principalmente nos contextos relacionados com a educação e a sociopolítica. O termo “língua materna” foi criado com o objetivo político de estabelecer uma consciência de uma pátria comum – um estado-nação (KROON, 2003 *apud* GARCÍA, 2009). Vários países adotam critérios distintos para o “*mother tongue*”, definindo-o como o idioma da mãe, a língua da cabeça da família, a primeira língua adquirida que continua a ser compreendida ou a língua dominante e a mais usada (MACKEY, 1992).

Esse leque de interpretações pode gerar dúvidas. Por exemplo, se definirmos a língua materna como a primeira adquirida pela criança no contexto familiar, qual das línguas seria a materna no caso de aquisição simultânea na infância em casa? No caso de alguns moradores da Colônia Dom Pedro II que falaram as suas primeiras palavras em polonês, porém hoje essa língua é somente uma lembrança, poderíamos classificar a língua polonesa como sua língua materna? Com o intuito de evitar as possíveis ambiguidades do termo *língua materna*, no nosso trabalho nos valeremos dos termos *primeira* e *segunda língua* (L1 e L2) para definir a sequência de aquisição das línguas e dos termos *língua primária* e *secundária* para nos referirmos ao uso da língua. Adotaremos a definição de Montrul (2012), segundo a qual a língua primária é a língua mais usada, que pode ser psicolinguisticamente dominante, enquanto a língua secundária é a menos usada ou usada em contextos mais restritos. Assim, na situação da aquisição da língua

---

<sup>59</sup> No original: “People who speak differently from some arbitrary group are not speaking better or worse, just differently.”

polonesa como primeira na infância e o “esquecimento” dela na vida adulta a favor da língua portuguesa, ela será classificada como a L1 e a língua secundária do falante adulto em questão, enquanto o português será denominado de L2 e de língua primária.

Semelhante ao termo *língua materna*, o conceito de *falante nativo* como o modelo a ser imitado pelos usuários não nativos da língua é uma idealização que não corresponde à rica paisagem de práticas linguísticas do mundo atual. Firth e Wagner (1997) apontam que ambos os termos, o falante nativo e o não nativo, são expressões “guarda-chuvas”, que supõem uma homogeneidade e uma distinção clara entre os dois grupos em questão. Os falantes nativos são nitidamente posicionados em superioridade em termos de competência linguística, dominância numérica e política em comparação com os não nativos – estes últimos privados de direito de serem eles mesmos, de se expressarem à sua maneira. A tendência de favorecer a perspectiva do falante nativo, o “*native speaker bias*”, parece ignorar o fato de que o “aprendiz de L2” também é um falante nativo de alguma língua. O conceito do falante nativo-modelo não trata, portanto, somente de um falante nativo, mas de uma pessoa monolíngue que continua usando a língua adquirida na primeira infância (COOK, 1999) – o vernáculo.

Consequentemente, o objetivo designado aos “aprendizes de L2” – alcançar a competência linguística do falante nativo – é inatingível, pois o usuário de L2 não só nunca se tornará o falante nativo de L2 (pela definição do termo *native speaker*), como também não será monolíngue, exceto nos casos extremos de bilinguismo subtrativo. A situação mundial na qual mais do que a metade da população é bi- ou multilíngue, com mais de 7.000 línguas vivas (ETHNOLOGUE) distribuídas entre 195 países, corrobora a crítica dos autores ao uso do modelo do falante nativo monolíngue como uma medida de competência dos bi- e multilíngues.

### 3.2.3 Orientação espacial à competência linguística

As noções de competência comunicativa e de multicompetência pressupõem que a competência linguística seja uma propriedade de indivíduos, os quais conhecem um conjunto de línguas e dominam o seu repertório linguístico em vários graus de competência. O conhecimento e as habilidades linguísticas são vistos como algo estável e controlado, até certo ponto, pelo indivíduo, o qual pode, por exemplo, tomar uma decisão de aumentar seu conhecimento de uma língua por meio de aprendizagem. Enquanto a dinamicidade temporal do bi- ou multilinguismo dos indivíduos, as suas trajetórias linguísticas, fazem parte da análise da competência, a variação simultânea da condição multilíngue dos falantes não é considerada. Blommaert, Collins e Slembrouck (2005, p. 205) propõem uma nova perspectiva, na qual o

“conhecimento de uma língua está enraizado na situação e distribuído dinamicamente entre os indivíduos que estão engajados nas práticas [comunicativas].”<sup>60</sup> A competência já não é um potencial a ser realizado, mas um posicionamento perante as ocorrências dentro de um ambiente específico, com as suas próprias características espaçotemporais. Os autores veem o espaço como um elemento constitutivo e “agentivo” na organização dos padrões de multilinguismo, nos quais certos comportamentos linguísticos podem ser considerados mais ou menos válidos. Indivíduos distintos possuem vários repertórios e habilidades linguísticos, porém “a função e o valor desses repertórios podem mudar quando o espaço do contato linguístico muda”<sup>61</sup> (BLOMMAERT *et al.*, 2005, p. 211).

É importante frisar que o *espaço* não é identificado com o *lugar*, pois este último é um construto geográfico, ao passo que o primeiro é construído socialmente. Nas palavras de Blommaert (2010, p. 6): “Espaços sempre pertencem a alguém e são repletos de normas, expectativas, concepções do que é considerado o uso linguístico adequado e normal e o que não é”.<sup>62</sup> Um exemplo da atuação do espaço é a situação dos falantes das línguas de imigração, cujas habilidades linguísticas tendem a ser consideradas “reduzidas” no país onde a língua em questão é a língua oficial. A opinião de que a língua polonesa falada no exterior pelos descendentes de emigrantes é uma língua “quebrada” é relativamente comum em alguns círculos sociais da Polônia. Entretanto, dentro do espaço onde ocorrem as práticas sociais dos falantes das línguas de imigração, as suas práticas linguísticas, com todas as suas especificidades, são válidas e valorizadas.

A seguinte fala de um dos nossos informantes demonstra a sua noção da validade das práticas linguísticas dos moradores da Colônia no seu espaço social, porém, ao mesmo tempo, carrega indícios de uma visão monolíngue de bilinguismo, pois contém uma comparação da fala local com o modelo ideal do falante nativo:

(8) “A gente fala em polonês. A gente se entende. Pior quando vem algum gramatiqueiro. Se entende quando falam o polaco brasileiro. Mas quando veem da Polônia... A gente fala assim... simples”<sup>63</sup> (M3).

<sup>60</sup> No original: “knowledge of language is rooted in situation and dynamically distributed across individuals as they engage in practices”.

<sup>61</sup> No original: “the function and value of those repertoires and skills can change as the space of language contact changes.”

<sup>62</sup> No original: “The spaces are always someone’s space, and they are filled with norms, expectations, conceptions of what counts as proper and normal [...] language use and what does not count as such.”

<sup>63</sup> Fala original: “Człowiek godo po polsku. Wszyscy się rozumiemy. Gorzej, jak jaki gramatycyk przyjedzie. Rozumie, jak gadają polaco brasileiro. Ale jak z Polski... My tak na prosto gadamy.”

Em consequência da mobilidade material e cultural do mundo globalizado, Blommaert (2010) propõe uma mudança de perspectiva que envolve o abandono do pensamento baseado na existência de línguas “imóveis” e passa a perceber os *recursos móveis* (*mobile resources*), cuja mobilidade é resultado do fato de que os seus usuários se movem tanto no espaço como socialmente. É importante frisar que a ideia de substituir o conceito de língua ou de código, delimitado e independente, pela noção de recursos, distribuídos socialmente e organizados tanto individual como coletivamente pelos falantes (ALVAREZ-CÁCCAMO, 1998 *apud* HELLER, 2007), foi proposta já anteriormente e aceita por vários sociolinguistas. Auer (2007, p. 322) sustenta que a fala bilíngue, na qual a mesma expressão pode pertencer a dois “códigos” distintos ao mesmo tempo, fez com que os limites entre as línguas fossem ofuscados e a “língua” perdesse a sua posição de primazia na análise das práticas bi- ou multilíngues. Em concordância com a tese de Makoni e Pennycook (2007 *apud* MARTIN-JONES et al., 2012) de que a noção de línguas, como unidades separadas e discretas, é um construto social, Blommaert (2010, p. 196, grifos do autor) argumenta que o que importa não é a língua, mas: “*como se fala, quando se pode falar e com quem (...)*. Isso é questão da voz e não da língua”.<sup>64</sup>

A liberação das limitações das línguas nos permite também a percepção de novos significados dos recursos verbais, que são criados durante as interações sociais no espaço e tempo específicos e aceitos pelos falantes, os quais os tornam uma parte de suas normas compartilhadas – o fenômeno chamado de *indexicality* (SILVERSTEIN, 2003; BLOMMAERT, 2010; CANAGARAJAH, 2018). Trata-se de um processo social, pois o significado tem de ser negociado com os interlocutores e aceito por eles. É também um processo histórico, pois a aceitação de novos significados e a sua sedimentação nas normas compartilhadas da comunidade exige tempo (CANAGARAJAH, 2018). A adoção da noção de *indexicality* muda a perspectiva da avaliação das práticas linguísticas de falantes de línguas de imigração, pois as características de suas línguas, consideradas tradicionalmente como desvios do modelo a ser alcançado, poderiam ser vistas como formas e significados indexados, que adquiriram sua validade nos espaços da atuação social dos seus falantes.

Para ilustrar, citemos dois exemplos de vocábulos amplamente usados pelos moradores da Colônia Dom Pedro II, cujas origens não conseguimos identificar até agora: *filizon* (uma criatura parecida com boitatá ou lobisomem) e *skôt* (filho, menino). Não logramos encontrar palavras na língua polonesa, suas variedades regionais ou na língua portuguesa que

---

<sup>64</sup> No original: “*how you speak it, when you can speak it, and to whom [...]*. It is a matter of *voice*, not of *language*.”



pudessem servir como explicação da origem desses vocábulos que, no entanto, têm seu valor e seus significados dentro da comunidade e nas práticas sociais de seus usuários.

De volta à competência de indivíduos bi- ou multilíngues, se eles se valem de seus recursos verbais e gramaticais, e não de línguas separadas, como proposto por Blommaert (2010), a noção de proficiência ou de uma “competência completa” nas línguas é irrelevante. Para descrever a funcionalidade desses recursos, Blommaert, Collins e Slembrouck (2005) introduzem o termo de *multilinguismo truncado* ou *fragmentado* (*truncated multilingualism*), que concerne a “competências linguísticas organizadas topicamente, na base de domínios e atividades específicas” (p. 199)<sup>65</sup>. Os repertórios dos falantes são compostos de recursos especializados, porém desenvolvidos de modo parcial e desigual, pois nunca conhecemos a totalidade de uma língua, nem sequer da que entendemos por nossa língua materna.

Por exemplo, Canagarajah (2018) usa a noção de multilinguismo fragmentado para explicar a competência de acadêmicos chineses da área de ciências exatas que atuam nas universidades americanas. Os participantes da pesquisa são capazes de efetuar várias tarefas em inglês que envolvem a escrita acadêmica altamente especializada, porém enfrentam dificuldades comunicativas quando deparados com as situações da vida cotidiana. O multilinguismo fragmentado pode ser observado também no caso dos falantes da língua polonesa no Brasil, cujos recursos podem não abranger o que seria considerado “a língua plena”, pois em muitos casos se restringem a certos domínios e às habilidades orais, por exemplo. É importante ressaltar que o termo *multilinguismo truncado/fragmentado* implica a existência da totalidade de uma língua, sugerindo uma deficiência das práticas linguísticas referidas (CANAGARAJAH, 2012). Entretanto, para Blommaert (2010), os repertórios “truncados” são o melhor diagnóstico de competência multilíngue nos tempos de globalização, pois enfatizam o caráter inacabado da comunicação e os vários problemas que podem surgir no processo de mobilidade. De certo modo, esse truncamento seria uma característica das trajetórias dos indivíduos, cidadãos do mundo globalizado, pois “repertórios fragmentados estão enraizados nas biografias das pessoas e nas histórias dos lugares no quais foram compostos”<sup>66</sup> (BLOMMAERT, 2010, p. 23).

Em resumo, ao avaliar os níveis de competência dos informantes na língua polonesa neste trabalho, adotaremos a definição de *competência linguística*, que inclui tanto o

---

<sup>65</sup> No original: “linguistic competencies which are organized topically, on the basis of domains or specific activities.”

<sup>66</sup> No original: “The truncated repertoires are grounded in people’s biographies and in the wider histories of the places where they were composed.”



conhecimento de *normas gramaticais* como o conhecimento de *normas socioculturais* da comunidade Dom Pedro II e a habilidade de adaptar a elas as suas práticas linguísticas. Nossas considerações serão norteadas pela *visão bilingue (ou holística) de bilinguismo* proposta por Grosjean (1989). Reconheceremos, portanto, a singularidade da configuração linguística em uma pessoa bilíngue e rejeitaremos a adoção da fala dos assim chamados falantes nativos como um modelo para as práticas linguísticas dos moradores da Colônia. Ademais, serão centrais para as nossas reflexões as noções de *multicompetência* de Cook (1999) – que ressalta a relevância da soma de conhecimento linguístico na mente de um falante e não das porções das línguas separadas – e de *orientação espacial à competência* (BLOMMAERT *et al.*, 2005), a qual percebe o espaço construído socialmente como um elemento determinador das funções e dos valores dos repertórios linguísticos dos que atuam dentro desse espaço. Uma vez rejeitada a relevância da “competência completa” nas línguas, aceitaremos, apoiados em Blommaert (2010), a *fragmentariedade de bi- ou multilinguismo* com a parcialidade intrínseca dos recursos linguísticos que compõem o repertório de uma pessoa bi- ou multilíngue.

### 3.3 CONTATO LINGUÍSTICO

#### 3.3.1 As situações de contato linguístico

Contato linguístico é um fenômeno indissociável de qualquer tentativa de comunicação entre os povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis ou simplesmente diferentes. Ele acompanha, portanto, o homem desde os primórdios da comunicação, sendo uma constante na dinâmica das línguas. A despeito do nome do fenômeno, não são as línguas que entram em contato ou se influenciam, mas os povos que as falam. Consequentemente, o *locus* do contato linguístico são as mentes dos indivíduos, os quais usam duas ou mais línguas de maneira alternada (WEINREICH, 1974 [1953]), ou seja, indivíduos bi- ou multilíngues. Enquanto Weinreich, na sua obra seminal *Languages in Contact* (1974 [1953]), põe as perspectivas do indivíduo bilíngue no primeiro plano da análise do fenômeno referido, no nosso trabalho seguiremos a abordagem de Matras (2011), para o qual *as interações* dos falantes, os seus *objetivos e intenções comunicativas* e suas *estratégias discursivas* estão no cerne das inovações estruturais que podem levar a mudanças linguísticas decorrentes de contato linguístico.

De acordo com Couto (2009), toda mudança linguística tem a ver com o contato, seja ele *interlinguístico* (que envolve línguas propriamente ditas) ou *intra*linguístico, que

compreende o contato de dialetos ou de idioletos. O nosso objeto de estudo direciona a nossa atenção para o contato *interlinguístico*, pois a evolução da língua polonesa no Brasil vem ocorrendo há 150 anos em contato com a língua dominante do país, o PB, e, possivelmente, com algumas outras línguas minoritárias aqui presentes.

Considerando que o contato linguístico envolve, na maioria dos casos, interações face a face entre grupos de falantes de línguas diferentes (THOMASON, 2001), os deslocamentos e as migrações de indivíduos ou de grupos de indivíduos formam uma base para o contato de línguas. O Quadro 2 apresenta a distinção proposta por Couto (2009) de quatro situações em que povos e suas respectivas línguas entram em contato em determinado território. Será mantida a terminologia aplicada por esse autor, para o qual PL<sub>1</sub> se refere à língua e ao povo mais forte econômica, política e militarmente e PL<sub>2</sub> ao povo mais fraco nesse sentido e à sua língua, que se encontram num dado território (T).

QUADRO 2 – SITUAÇÕES DE CONTATO LINGUÍSTICO EM DETERMINADO TERRITÓRIO

Descrição da situação	Exemplos	Possíveis resultados
PL <sub>2</sub> se desloca para o território (T <sub>1</sub> ) de outro povo com uma comunidade relativamente estruturada e uma língua relativamente estabelecida.	Os imigrantes poloneses, alemães, italianos, entre outros, no Brasil; os imigrantes hispânicos nos Estados Unidos, entre outros.	Gradual perda da língua do PL <sub>2</sub> ; netos dos imigrantes mantendo somente um conhecimento passivo da língua dos seus avôs.
O PL <sub>1</sub> (o povo “mais forte”) se desloca para o território (T <sub>2</sub> ) do PL <sub>2</sub> .	Conquistadores: portugueses, ingleses, espanhóis, franceses e outros na África, Ásia, América, Oceania.	a) Implantação praticamente total da língua e cultura dos conquistadores. Línguas autóctones permanecem nos enclaves, com fortes influências da língua do conquistador. b) Formação de línguas crioulas <sup>67</sup> . c) Indigenização <sup>68</sup> da língua do colonizador (inglês na Índia).
Tanto o PL <sub>1</sub> como o PL <sub>2</sub> se deslocam para um terceiro território (T <sub>3</sub> ).	Cabo Verde, as ilhas do Havai, grande parte das ilhas do Caribe, etc.	a) Surgimento de um pidgin <sup>69</sup> ou de um crioulo. b) A imposição da língua do PL <sub>1</sub> sem crioulização (espanhol na Cuba).
Deslocamentos temporários ou sazonais de PL <sub>2</sub> para o T <sub>1</sub> e/ou vice-versa.	a) Situações fronteiriças b) Expedições comerciais	a) Convergência linguística (portunhol na fronteira Brasil/Uruguai). b) Surgimento de um pidgin.

FONTE: COUTO, 2009, p. 51-54.

Obviamente, os possíveis resultados de contato linguístico mencionados acima dependem de uma justaposição de vários fatores socioculturais, tais como o tamanho do grupo migratório, o tempo da permanência, a intensidade do contato e, talvez o mais influenciador, o poder econômico e político dos grupos envolvidos (THOMASON, 2001; COUTO, 2009). Não menos importantes são as atitudes voltadas a cada uma das línguas, às culturas às quais elas pertencem e ao próprio bilinguismo (WEINREICH, 1974 [1953]). Esses fatores serão discutidos de maneira mais aprofundada no ponto 3.4, que tratará dos aspectos da manutenção e da substituição linguística, fenômenos intrinsecamente ligados ao contato linguístico.

<sup>67</sup> Línguas crioulas “resultam do contato de povos de línguas mutuamente ininteligíveis que [...] passaram a conviver em um território comum, frequentemente em ilhas ou em fortes costeiros” (COUTO, 2009, p. 107). A língua surge quando o agrupamento de pessoas começa a se consolidar como uma comunidade. Na maioria dos casos, a língua dominante (econômica e politicamente) no território fornece a maior parte do vocabulário, enquanto é mantida a base gramática da língua minoritária.

<sup>68</sup> Situação na qual uma língua entra em determinado país via pessoas cultas e é dominada principalmente pela elite.

<sup>69</sup> Pidgin é um meio de comunicação que resulta do contato duradouro de povos de línguas diferentes. Em contraste com o crioulo, não tem falantes nativos, e é usado para atender a necessidades comunicativas mínimas.

Ainda no que tange ao Quadro 2, a primeira das situações de contato descritas (quando um povo se desloca a um território de outro povo com uma língua e uma comunidade estabelecidas) abarca o contexto da chegada dos poloneses às terras brasileiras na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. Notemos que a pesquisa levada a cabo na Colônia Dom Pedro II trouxe resultados que contradizem a teoria citada por Couto (2009) e Weinreich (1974 [1953]), entre outros, de que a língua dos imigrantes desapareça já na terceira (netos dos imigrantes) ou, o mais tardar, na quarta geração. Foram encontrados, na comunidade referida, netos, bisnetos e até tataranetos dos poloneses que dominam a língua polonesa na sua variante marcada pelo contato linguístico com o PB. Uma das explicações da manutenção prolongada da língua dos ancestrais nessa Colônia pode ser a sua existência durante décadas como uma *ilha linguística*, entendida como “uma comunidade linguística e de assentamento relativamente pequena e fechada, que surge em determinado ponto do território, relativamente maior, de outra língua” (COUTO, 2009, p. 165). Em uma comunidade caracterizada pelo isolamento físico e pela relativa homogeneidade, o processo de substituição linguística pode ocorrer de modo mais lento do que em comunidades urbanas, como as pesquisadas por Weinreich (1974 [1953]), onde foi constatada a assim chamada Lei das Três Gerações.

### 3.3.2 O processo de mudança linguística decorrente de contato linguístico e seus resultados

Como já mencionamos acima, a mente de um indivíduo bilíngue<sup>70</sup> é o *locus* de contato linguístico. Para o melhor entendimento do processo, retomemos a constatação de Grosjean (1989), citada no ponto 3.2.1, de que a configuração linguística de um bilíngue é única e específica, fazendo com que a desativação total de uma das línguas nunca seja possível. Por isso, nada mais natural do que o surgimento de influências da língua teoricamente desativada na fala na língua usada no dado momento.

Nessa mesma linha, Matras (2011) acredita que os indivíduos multilíngues enfrentem constantemente o desafio de controlar seu complexo repertório de formas e de estruturas linguísticas (porém não organizadas na forma de línguas separadas) e de selecionar as formas adequadas para um dado contexto. O autor distingue dois fatores principais atuantes no processo de comunicação no contexto de contato linguístico. São eles:

---

<sup>70</sup> O contato linguístico não exige um bilinguismo “fluente”, porém é necessária a ocorrência de alguma comunicação entre falantes de línguas diferentes (THOMASON, 2001).

*a lealdade com um conjunto de normas que regulam a seleção dos elementos do repertório dependente do contexto e o desejo de poder explorar o seu repertório inteiro*, independente das restrições situacionais. O equilíbrio entre esses dois fatores é determinado pela necessidade de remover os obstáculos que impedem uma comunicação eficiente<sup>71</sup> (MATRAS, 2011, p. 4, grifo nosso).

Se a lealdade prevalecer, as “interferências” oriundas da língua supostamente desativada serão mínimas. No caso contrário, a separação adequada ao contexto dos componentes do repertório pode ser comprometida e levar a inserções de palavras, de marcas fonológicas, de construções ou de marcadores discursivos de uma das línguas dominadas pelo falante (*língua doadora* ou *língua-fonte*) a outra (*língua receptora* ou *língua-alvo*<sup>72</sup>). Essas inovações na língua-alvo são tradicionalmente chamadas de *interferências* ou, para evitar a conotação negativa desta última palavra, de *transferências* (inglês – *transfers*). Quando alguma dessas transferências se espalhar e for aceita por um grupo relevante dentro da comunidade da fala, ocorre uma mudança linguística na língua-alvo (MATRAS, 2011).

Os itens novos provenientes de uma outra língua são frequentemente chamados de *empréstimos*<sup>73</sup>, porém o termo adquire significados distintos nos trabalhos de vários pesquisadores. Enquanto para Weinreich (1974 [1953]), o termo abarca somente os itens lexicais importados da língua-fonte, sendo a interferência a palavra usada no caso de transferências fonéticas e morfossintáticas, Thomason (2001) chama de *empréstimo* qualquer elemento linguístico adotado de uma outra língua quando os “emprestadores” são falantes fluentes em ambas as línguas em contato. Assim, todos os elementos provenientes do PB presentes na língua polonesa dos falantes bilíngues da Colônia Dom Pedro II seriam nomeados por Thomason de *empréstimos*. Por outro lado, as marcas da língua polonesa no português usado pelos polono-descendentes seriam consideradas por ela como *interferências decorrentes da substituição linguística*, resultantes de “aquisição imperfeita” da língua portuguesa pelos imigrantes poloneses e seus descendentes.

A despeito da existência de várias teorias quanto às restrições de transferências de elementos de estrutura gramatical decorrente de contato linguístico<sup>74</sup>, segundo Thomason

<sup>71</sup> No original: “Loyalty to a set of norms that regulate the context-bound selection of elements from the repertoire, and a wish to be able to exploit the repertoire in its entirety irrespective of situation constraints. The balance between these two factors is determined by a need to remove hurdles that stand in the way of efficient communication.”

<sup>72</sup> Do inglês, donor language/recipient language (WEINREICH, 1974 [1953]) e source language/target language (THOMASON, 2001).

<sup>73</sup> Do inglês, *borrowings* ou *loans*.

<sup>74</sup> Mencionemos aqui a suposição de Meillet (1921 *apud* THOMASON, 2001) de que as interferências gramaticais se limitam a elementos que combinam tipologicamente com a estrutura da língua-fonte e de Jakobson (1949 *apud* WEINREICH, 1974) de que a língua aceita elementos estruturais estrangeiros somente quando eles correspondem com as suas tendências internas de desenvolvimento.

(2001), pesquisas de campo realizadas nos quatro cantos do mundo trouxeram contraexemplos para todas essas propostas. De acordo com a linguista, todos os elementos de uma língua nas situações de contato (lexicais, semânticos, fonéticos, morfológicos, sintáticos, discursivos) podem ser “emprestados”, o que contribui para a imprevisibilidade dos resultados de uma determinada situação de contato linguístico. Nas palavras de Thomason (2001): “(...) prever quando uma mudança significativa decorrente de contato linguístico pode ocorrer e que tipo de mudança vai ocorrer é uma questão de probabilidades e não de possibilidades.”<sup>75</sup> (p. 61).

Thomason e Kaufman (1988) organizaram essas probabilidades em uma “escala de empréstimos” (*borrowing scale*) (p. 74-76), na qual classificaram as possíveis mudanças linguísticas em função da intensidade do contato, cujos principais parâmetros são a duração do contato e os níveis de bilinguismo dos falantes. É notável que a ocorrência das mudanças seja condicionada por um fator social, a intensidade do contato, pois, na visão dos autores, os fatores sociais suplantam os linguísticos (tais como a similaridade estrutural das línguas) na previsão dos resultados do contato entre línguas.

A escala se aplica a *mudanças que ocorrem na L1 dos indivíduos sob influência de uma outra língua*, em muitos casos a dominante no país ou na região. Assim, já nas situações de contato casual, com os níveis baixos de bilinguismo, podem ocorrer empréstimos lexicais de vocábulos não básicos. Com o aumento de intensidade do contato, surgem os empréstimos de vocábulos básicos, seguidos de empréstimos estruturais, tais como mudanças na ordem das palavras, na morfologia lexical e flexional (por exemplo, empréstimos de afixos), inserção de fonemas novos, entre outros. Embora a escala possa sofrer modificações conforme a atuação dos fatores sociais de uma determinada situação de contato, a regra “primeiro léxico, depois estrutura” parece não perder a sua validade. Nas situações de contato pouco intenso e com níveis baixos de bilinguismo, a estrutura da língua-fonte não poderia ser transferida para a L1 dos falantes por ser desconhecida por eles.

Dito isso, a ordem de transferência “léxico-estrutura” será invertida quando o foco da análise forem as *interferências decorrentes da substituição linguística* (THOMASON e KAUFMAN, 1988), ou seja, as mudanças no L2 dos falantes<sup>76</sup>. Nesse cenário, a fonologia e a sintaxe serão as primeiras a serem submetidas a modificações, com mudanças estruturais prevalecendo sobre os empréstimos lexicais. Tomaremos como exemplo algumas

<sup>75</sup> No original: “[...] predicting when significant contact-induced change can occur and what kinds will occur is a matter of probabilities, not possibilities.”

<sup>76</sup> As mudanças são introduzidas pelos falantes para os quais a língua-alvo é uma L2; porém podem perdurar nas gerações seguintes para as quais a referida língua se torna a L1.

características da língua portuguesa no Brasil na fala dos descendentes de poloneses. No nível fonético-fonológico percebe-se a não elevação das vogais médias átonas finais nas palavras como “pov[ɔ]” em vez de “pov[ʊ]” e “fom[ɛ]” em vez de “fom[ɪ]” – característica constatada por Mileski (2013) e Loregian-Penkal e Costa (2014) e observada também na fala dos ítalo-descendentes (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011). Um traço marcante tanto na fala de descendentes de poloneses como de alemães e de italianos é a realização do [r] fraco (tepe) no lugar de [r] forte ou fricativa velar /x/ e vice-versa (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011): ca[r]o em vez de ca[r]o ou ca[x]o para “carro”; [r]ato em vez de [r]ato ou [x]ato para “rato”. No caso dos polono-descendentes, trata-se da transferência de características fonológicas da língua polonesa, na qual não ocorre a elevação das vogais médias e na qual os pares [ɛ]/[e], [ɔ]/[o] e [r]/[r] são alofones.

No nível sintático, vale mencionar o trabalho de Souza (2017), no qual a autora constatou uma influência eslava (polonesa e ucraniana) atuando como motivadora na variação das preposições *para* e *em* como complemento preposicional do verbo “ir de movimento”, sendo que a primeira delas é usada, pelos descendentes eslavos, sobretudo diante de complementos concretos, e a segunda, diante de complementos abstratos, o que reflete *grosso modo* o uso das preposições *do* e *na* nas línguas de imigração em questão.

Ainda no que tange aos empréstimos que surgem na L1 dos falantes ou nos casos de bilinguismo “fluente”, como é a situação da língua polonesa falada na Colônia Dom Pedro II, chamemos a atenção para os empréstimos lexicais. Segundo Weinreich (1974 [1953]) “o vocabulário de uma língua (...) é, sem dúvida, o domínio de empréstimos por excelência”<sup>77</sup> (p. 56). Matras (2011) distingue três principais motivos para a ocorrência dos empréstimos: o preenchimento de *lacunas*, o prestígio da língua-fonte e a pressão cognitiva experimentada pelo falante bilíngue.

Segundo a hipótese das *lacunas*, os falantes percebem as diferenças entre os meios de expressão das línguas que dominam e replicam na língua-alvo as estruturas supostamente mais ricas e expressivas da língua-fonte. Obviamente, as *lacunas* não devem ser consideradas como deficiências da língua-alvo, mas como tentativas de os falantes aproveitarem todo o seu inventário linguístico em vários contextos de interação.

Um caso específico desse tipo de empréstimos são os *empréstimos culturais*, que designam coisas, pessoas, lugares e conceitos novos, os quais, no caso dos povos imigrantes, ocorrem em seu novo *habitat* (WEINREICH, 1974 [1953]). Na língua polonesa falada na

---

<sup>77</sup> No original: “The vocabulary of a language [...] is beyond question the domain of borrowing *par excellence*.”



Colônia encontramos vários empréstimos culturais que, na sua maioria, se referem à natureza, aos alimentos e às condições de vida. Mencionaremos apenas alguns: *pajor* (paiol), *barakon* (barracão), *szakier* (chácara), *fojsa* (foice), *pinior* (pinheiro), *pesek* (pêssego), *laranża* (laranja), *bobra* (abóbora), *milija* (milho), *fiżon* (feijão), *kabukier* (caboclo) e muitos outros.

Nos empréstimos citados se percebe a existência de adaptações fonéticas e morfológicas, as quais permitem a integração dos vocábulos novos ao sistema gramatical da língua polonesa. Com base nesses poucos exemplos observamos já uma regularidade na adaptação das palavras terminadas em *-ão*, que nas suas versões polonesas adquirem a terminação *-on* e se tornam, portanto, substantivos masculinos.<sup>78</sup> A adaptação da palavra *paiol* para *pajor* [‘paioɾ] permite a sua declinação seguindo as normas da flexão polonesa, como se vê no exemplo pronunciado por um dos nossos informantes da faixa etária mais velha:

(9) Potańcowalim tam w pajorze. (M3)

Dançamos lá em paiol-LOC.

“Dançamos lá no paiol”.

A hipótese de *prestígio* supõe que os falantes imitam elementos da fala do grupo considerado socioeconomicamente dominante com o intuito de elevar seu próprio *status social* (MATRAS, 2011). Assim, por exemplo, vários empréstimos lexicais da língua inglesa adentraram os ambientes empresariais no Brasil, e em muitos países ao redor do mundo, trazendo consigo o prestígio representado pela cultura empresarial estado-unidense. Por isso, dentro de várias empresas no Brasil as atividades, tais como cumprir um *deadline* (prazo), preencher um *spreadsheet* (planilha), fechar um *budget* (orçamento) ou atender a um *call* (telefonema) fazem parte do dia a dia dos funcionários.

O terceiro motivo listado por Matras (2011), o da *pressão cognitiva*, acompanha as tentativas de controle do mecanismo de processamento linguístico, o qual possibilita a seleção das estruturas apropriadas para um dado contexto e a inibição das consideradas não apropriadas para isso. De acordo com o teórico, um bilíngue é submetido a uma pressão cognitiva para simplificar o procedimento de seleção entre os subconjuntos do seu repertório linguístico. A simplificação é possível por intermédio da redução do grau de separação dos subconjuntos, o que permite um tipo de convergência entre as duas línguas.

A título de exemplo serão apresentadas em seguida algumas citações extraídas das entrevistas realizadas na Colônia que ilustram casos de transferências para a língua polonesa

<sup>78</sup> Na língua polonesa, na maioria dos casos, os substantivos terminados em uma consoante são masculinos, os terminados em *-a* são femininos e os terminados em *-e*, *-ę*, *-o* ou *-um*, neutros.

usada na comunidade. Como já foi visto no (9), os substantivos emprestados são submetidos a adaptações fonéticas e morfológicas que os integram na estrutura da língua polonesa. O mesmo ocorre também com os verbos em um processo muito produtivo e idêntico ao mecanismo presente na língua polonesa padrão. Vários neologismos estão adentrando a língua polonesa falada atualmente na Polônia, por meio da adição do sufixo *-ować* aos verbos emprestados da língua inglesa, como *lajkować* (de *to like* – “dar um *like*”) ou *mejlować* (*to e-mail* – “mandar um *e-mail*”). O mesmo mecanismo foi observado na fala polonesa dos colonos que frequentemente se valem de verbos tais como: *namorować*, *awizować*, *asumować*, e muitos outros. Na seguinte frase (M3):

(10) Oni s-trokowa-li. (M3)

Eles PERF-trocar-PAST 3.PL MASC

“Eles trocaram.”

o verbo “trocar” não só ganhou um sufixo que permite a sua conjugação na língua polonesa, mas também adquiriu um prefixo que, nesse caso, indica a perfectividade do verbo usado<sup>79</sup>.

A próxima sentença contém dois exemplos de mudança semântica, nos quais ocorre a extensão do uso da palavra na língua-alvo em conformidade com o modelo da língua-fonte (F3):

(11) Nie mam z kim rozmawiać po polsku. *Musi* *akompaniować* dzieci.

“Não tenho com quem falar em polonês. *Tem que* *acompanhar* os filhos.”

Na língua polonesa padrão o verbo *akompaniować* significa “seguir o canto, a melodia, a dança com o instrumento”. Contudo, na sentença acima ele é usado no sentido de “fazer companhia a, fazer a mesma coisa que o outro”. Podemos dizer que o verbo em polonês copiou a polissemia do seu suposto equivalente no PB (o verbo *acompanhar*) e, ao mesmo tempo, generalizou e metaforizou o seu significado. Weinreich (1974 [1953]) ressalta que o ajuste de conteúdo de signos com um nível considerável de homofonia, como é o caso de *akompaniować* e de *acompanhar*, é um caso de difícil classificação entre os dois mecanismos: o empréstimo lexical ou a extensão semântica. Se os primeiros colonos conheciam o verbo *akompaniować* em polonês já antes da sua vinda ao Brasil e somente depois, em função do contato com o PB,

<sup>79</sup> Na língua polonesa não existem tempos verbais perfeitos e imperfeitos. Essa função cumprem os verbos perfectivos e imperfectivos. Alguns dos verbos imperfectivos se tornam perfectivos ao adquirirem um determinado prefixo.

estenderam o seu significado, trata-se de uma extensão semântica. No entanto, não se deve descartar a possibilidade de que a palavra *akompaniować* se tornou uma parte do seu vocabulário após a chegada no país novo, onde houve o empréstimo lexical do verbo *acompanhar* e a sua adaptação morfológica.

Ainda na frase (11) observamos uma mudança semântica sem homofonia do verbo *musieć*, o qual, embora compartilhe com o verbo *ter que* o traço de necessidade, não é usado no polonês padrão para indicar impessoalidade. O *musi* nessa forma significaria, no polonês padrão, “ele/ela tem que” e não “é preciso/a gente tem que”. Esse segundo significado, o indeterminado, foi adquirido pelo verbo polonês na língua da Colônia por meio de uma mudança semântica.

O último exemplo ilustra uma transferência chamada por Sękowska (2010) de réplica fraseológica estrutural parcial:

(12) My się uczyły po brazylijsku. *Nie dało certo*. Siostra wirowała tudo po brazylijsku. (F3)

“Nós estudávamos em brasileiro. Não dava certo. A irmã mudava tudo para o brasileiro”.

Na expressão “*nie dało certo*”, muito comum na fala dos colonos, observamos uma reprodução do modelo do PB, porém com o léxico parcialmente polonês.

### 3.3.3 *Code-switching* e *translanguaging*

Uma análise pormenorizada da fala dos moradores da Colônia Dom Pedro II não é o objetivo desse trabalho. Contudo, um fenômeno a mais observado nas práticas linguísticas dos informantes durante as entrevistas merece um destaque. Trata-se de *code-switching* (doravante CS), definido por Myers-Scotton (1998) como um mecanismo que “produz discursos os quais, no mesmo turno conversacional ou nos turnos consecutivos, incluem morfemas de duas ou mais variedades de repertório linguístico”<sup>80</sup> (p. 149) de falantes bilíngues fluentes.<sup>81</sup>

A seguinte constatação de Weinreich (1974 [1953]), referente à alternância de línguas por um falante, reflete a visão acerca desse fenômeno nos primórdios das pesquisas da fala

<sup>80</sup> No original: “produce [...] discourses which, in the same conversational turn or in consecutive turns, include morphemes from two or more of the varieties in their linguistic repertoire.”

<sup>81</sup> Alguns linguistas se valem da distinção entre a alternância de códigos *dentro* de uma sentença, chamada de *code-switching*, e uma alternância *entre* as sentenças – *code-mixing*. No nosso trabalho o termo *code-switching* será usado para ambos os fenômenos.

bilíngue: “O bilíngue ideal alterna as línguas de acordo com as mudanças de situação de fala (interlocutores, tópicos, etc.), mas *não nas situações inalteradas* e, certamente, *não dentro da mesma frase*.”<sup>82</sup> (p. 73, grifo nosso). Para o teórico, esse é o CS “como deve ser”<sup>83</sup> (p. 73). Uma aderência insuficiente a uma só língua em uma situação constante de conversação é considerada como um desvio da norma. Por mais que Weinreich aceite a presença de alternância na fala de bilíngues em certas situações, assevera a necessidade de controle do processo.

Hoje em dia, com o rol de pesquisas muito mais rico acerca de CS, é fato aceito, ao menos entre os linguistas, que os bilíngues, nas interações com outros bilíngues, podem explorar os recursos de todas as línguas compartilhadas com o interlocutor para preencher as “lacunas” ou para cumprir as suas estratégias discursivas. O CS, ao contrário da opinião ainda popular entre os leigos, pode ser um sinal de competência bilíngue, e não de incompetência (THOMASON, 2001). Várias pesquisas (cf. MYERS-SCOTTON, 1998; POPLACK, 2004) demonstraram que o CS exige do falante uma manipulação habilidosa de duas ou mais línguas, e que as estruturas bilíngues produzidas como resultado da fala alternada são “felizes para ambas as gramáticas simultaneamente”<sup>84</sup> (POPLACK, 2004, p. 592).

Como afirma Myers-Scotton (1998), durante o CS o falante seleciona o modo bilíngue por ele servir às suas intenções. No entanto, o ato de selecionar pode ser inconsciente, e a alternância de códigos pode passar despercebida pelo próprio falante. Naturalmente, o CS pode ser uma estratégia discursiva que permite a manutenção da conversa em uma situação quando ao bilíngue “faltam as palavras” em uma das línguas, o que não muda o fato de que o CS exige um nível considerável de competência em ambas as línguas para poder ser realizado. É importante ressaltar que a alta incidência de CS durante as entrevistas na Colônia Dom Pedro II era esperada, pois os informantes sabiam que a entrevistadora também era bilíngue, o que certamente incentivou os entrevistados a explorarem todo o seu repertório linguístico.

Embora o CS e o empréstimo lexical sejam dois mecanismos diferentes decorrentes de contato linguístico, eles fazem parte do mesmo contínuo, e a sua distinção pode gerar dificuldades em alguns casos. O primeiro dos fenômenos ocorre somente na fala de pessoas bilíngues, ao passo que os empréstimos lexicais são usados também pelos falantes monolíngues, por estarem já incorporados na língua-alvo. Segue abaixo um exemplo da fala de uma

---

<sup>82</sup> No original: “The ideal bilingual switches from one language to the other according to appropriate changes in the speech situation (interlocutors, topics, etc.), but not in an unchanged speech situation, and certainly now within a single sentence.”

<sup>83</sup> No original: “as required”.

<sup>84</sup> No original: “producing bilingual structures that are felicitous for the grammars of both languages simultaneously”.

informante da faixa etária mais velha que pode ser interpretada, a nosso ver, tanto como o CS como como um empréstimo lexical:

(13) Jak Pani dzwoniła dzisiaj, to ja te [bolasze] robiła. *Reszejowała*. (*Recheowała?*)

“Quando você ligou hoje, eu estava fazendo [as bolachas]. Recheando.”

À primeira vista poderíamos classificar a palavra *reszejować* (ou *recheować*, sem adaptação à ortografia polonesa da parte oriunda do PB) como um empréstimo lexical, adaptado ao sistema polonês por meio da sufixação *-ować*, processo já mencionado acima como um dos mais produtivos na adaptação dos verbos estrangeiros à língua polonesa. No entanto, por não termos escutado essa palavra em nenhuma outra entrevista, não podemos excluir a possibilidade de que ela fora inserida espontaneamente e adaptada *ad hoc* com a ajuda do sufixo. Nesse cenário, estaríamos lidando com um exemplo de CS. Já que na comunidade referida não existe nenhum falante monolíngue de polonês, todos eles entenderiam a sentença e poderiam começar a usar o verbo *reszejować* nas suas interações na língua polonesa, tornando-o, dessa maneira, com o passar do tempo, um empréstimo lexical paradigmaticizado, como uma parte do vocabulário da língua polonesa da Colônia.

O termo CS, e a interpretação da fala de bilíngues que dele decorre, não é incontroverso. Vários linguistas (BLOMMAERT, 2003; AUER, 2007; GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2012) percebem a presença de *monolingual bias* (já discutido no ponto 3.2.1) nas análises das práticas linguísticas da perspectiva do CS. O uso do termo supõe a existência e a autonomia de duas (ou mais) línguas que estão em contato, línguas de monolíngues, como descritas pelos livros tradicionais de gramática (GARCÍA, 2009).

Auer (2007), com base nos resultados de suas pesquisas em comunidades bilíngues, constatou que os casos de alternâncias nítidas entre as línguas nada mais são do que somente um dos fenômenos observados na fala bilíngue. Segundo o pesquisador: “os enunciados podem pertencer a ambos os ‘códigos’ em jogo e, portanto, ser ambivalentes. Mais precisamente, os ‘códigos’ podem convergir a tal ponto que, para os falantes e os ouvintes da fala bilíngue, a delimitação clara entre eles seja impossível”<sup>85</sup> (p. 322). A título de exemplo citaremos dois

<sup>85</sup> No original: “Utterances may belong to both ‘codes’ in play and therefore be ambivalent. More precisely, the ‘codes’ may converge to such a degree that for the speakers and recipients of bilingual talk, no clear delimitation is possible.”

trechos de falas de duas informantes da faixa etária mais velha. No primeiro deles, a delimitação entre o polonês e o português parece ser relativamente clara:

- (14) “*Eu assim muito na gramática* nie umie. Później, jak się poszło do szkoły, *tinha que virar em português*. To było *difícil*. Pamiętam jak dziś. Bo teraz, *vamos dizer, mudou*. To już się zmieniło. Ale, *na minha época, ano cinquenta e quatro*, tylko polskie dzieci były.” (F3)

“Eu assim muito na gramática não sei. Depois, quando fomos para a escola, tinha que virar em português. Era difícil. Lembro como se fosse hoje. Porque agora, vamos dizer, mudou. Isso já mudou. Mas, na minha época, ano, cinquenta e quatro, só tinha crianças polonesas.”

Os trechos marcados em itálico pertencem ao português, e os restantes, ao polonês. É válido destacarmos que essa fala foi pronunciada em um contexto e com uma interlocutora que propiciaram o uso de ambas as línguas. Por isso, a alternância de códigos não dificultou a interação entre as participantes da conversa e parece tê-la tornado mais natural para a informante.

Na seguinte frase, já citada anteriormente, de uma outra informante da Colônia, a distinção entre as línguas já não é uma tarefa trivial:

- (15) “My się uczyły po brazylijsku. Nie dało certo. Siostra wirowała *tudo* po brazylijsku.” (F3)

“Nós estudávamos em brasileiro. Não deu certo. A irmã mudava tudo para o brasileiro”.

Embora a palavra *certo* tenha vindo indubitavelmente do PB, ela foi usada em uma expressão que replica a estrutura da língua portuguesa “não dar certo”, porém valendo-se parcialmente do léxico polonês. Consequentemente, a frase “nie dało certo” não pode ser classificada facilmente como uma parte de alguma das duas línguas em contato. Uma situação parecida ocorre com esse verbo *wirować*<sup>86</sup>, que pode ser tanto uma inserção *ad hoc* com adaptação como um empréstimo lexical. É interessante que esse lexema híbrido seja seguido por uma inserção da língua portuguesa, a palavra *tudo*, como se essa hibridez tivesse sido um “gatilho” para a alternância de código.<sup>87</sup>

<sup>86</sup> Verbo esse existe no polonês padrão com o significado “centrifugar”.

<sup>87</sup> A informante conhece o equivalente polonês da palavra “tudo” (“wszystko”), pois ele aparece frequentemente em outros momentos da sua fala.

À vista do último trecho citado da fala da informante, é possível concordar com a proposta de Auer (2007) quanto à existência de uma convergência de códigos na fala bilíngue. Essa impossibilidade de distinguir as línguas nos leva de volta à ideia de que o bi- ou multilinguismo não é uma relação aditiva de línguas, vistas como entidades separadas, mas uma interação dos recursos semióticos do repertório dos indivíduos. Seguindo esse raciocínio, García (2009) propõe o termo *translanguaging*, cujo objetivo é a mudança na percepção das práticas e das estratégias comunicativas dos falantes bilíngues. A noção de *translanguaging* coloca no cerne de interesse do pesquisador não as alternâncias entre as línguas, como é o caso do termo *code-switching*, mas as construções e o uso de práticas discursivas originais e complexas que não podem ser atribuídas a nenhuma língua, no sentido tradicional da palavra. São essas práticas discursivas que constituem o repertório linguístico dos falantes e, à luz de *translanguaging*, são vistas como maneiras naturais de as pessoas se comunicarem, livrando-as da marca de raridade e de desvio da norma.

Naturalmente, a abordagem à fala bilíngue baseada na noção de *translanguaging* também tem sido alvo de críticas de linguistas. Por exemplo, MacSwain (2017) chama a atenção para o perigo de negarmos a existência de CS e, com ele, as conquistas dos acadêmicos em confirmar a competência única e específica dos falantes bilíngues. Segundo o autor, graças às pesquisas de CS, que comprovaram a sistematicidade gramatical da fala bilíngue, as visões pejorativas do uso sincrético de línguas, comuns até então no mundo acadêmico, foram revisadas.

Os termos cunhados por teóricos são como lentes que permitem formações de visões diferentes do mesmo objeto de estudo. Para a nossa pesquisa consideramos a noção de *translanguaging* útil e relevante, pois nos possibilita a percepção das práticas linguísticas dos moradores da Colônia como uma junção de vozes que tem seu significado e sua validade nessa comunidade e no espaço por ela ocupado.

### 3.4 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DE UMA LÍNGUA EM UMA SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO

Um dos possíveis resultados do contato linguístico é uma situação na qual uma comunidade abandona uma língua a favor de outra – um fenômeno chamado de *substituição linguística* (*language shift*). Na acepção de Fasold (1984), a ocorrência desse fenômeno se origina de uma decisão coletiva dos membros da comunidade em “escolher uma nova língua



onde a antiga costumava ser usada.<sup>88</sup>” (p. 213). Uma versão desse fenômeno é a *morte de língua*, termo referente à língua que deixa de ser usada, por não ter mais falantes (COUTO, 2009). Alguns teóricos aplicam esse termo exclusivamente às línguas que perdem seus últimos falantes no mundo e desaparecem da face da terra, ao passo que outros consideram como morte de uma língua também substituição de uma língua dentro de *uma* das comunidades onde a variedade estava ou está em uso. Embora os mecanismos da substituição linguística e da morte de língua se assemelhem, entendemos que, no caso da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II, trata-se de manutenção/substituição linguística e não da morte de língua, pois as variedades da língua polonesa, independentemente da situação linguística na Colônia, continuam em uso na Polônia, em muitos países no mundo e em várias comunidades no Brasil. O outro extremo da situação de contato linguístico é a *manutenção linguística (language maintenance)*, quando uma comunidade decide coletivamente continuar usando a(s) língua(s) que tem usado tradicionalmente (FASOLD, 1984).

Chama atenção na definição citada acima o fator de “decisão” dos membros de uma comunidade, o qual sugere uma voluntariedade da manutenção ou substituição linguística. Couto (2009) refuta essa visão e ressalta que os grupos minoritários, pois são eles que na grande maioria dos casos mudam de língua, são obrigados a fazê-lo por motivos econômicos. Brenzinger (1998), por sua vez, argumenta que, quase sempre, nas situações de abandono de uma língua, observam-se os traços de voluntariedade e de coerção atuando concomitantemente. Nas palavras do autor: “Novos sistemas de valores adentram as comunidades e as pressões sociais, econômicas e ideológicas invadem a base da lealdade linguística dentro da comunidade de fala”<sup>89</sup> (p. 188). Com o intuito de verificar a nossa hipótese – de que a língua polonesa presente na Colônia Dom Pedro II estaria sujeita ao processo de substituição linguística – analisaremos a seguir, embora de forma não exaustiva, algumas posições teóricas acerca das pressões sociais, econômicas e ideológicas mencionadas por Brenzinger (1998).

Em que pese a crítica do fundador da área de manutenção/substituição linguística, Joshua Fishman (2012), de que o lado negativo do processo (a substituição) tenha ganhado mais atenção dos pesquisadores, os fatores que impulsionam o abandono de uma língua serão o foco da nossa análise. Por mais que reconheçamos a conquista da manutenção da língua polonesa na Colônia por muitas gerações, percebemos a peculiaridade do momento atual, no qual a situação linguística da comunidade parece estar submetida a muitas transformações.

<sup>88</sup> No original: “chosen a new language where the old one used to be used”.

<sup>89</sup> No original: “New value systems penetrate into communities, and social, economic, and ideological pressures have encroaching effects on the basis of language loyalty within the speech community itself.”

### 3.4.1 Fatores sociais que podem incentivar a substituição linguística

Antes de mais nada se faz necessário afirmar, citando Weinreich (1974 [1953], que “a previsão da morte [ou da substituição] de uma língua é um negócio arriscado”<sup>90</sup> (p. 108). As mesmas condições socioeconômicas e políticas podem levar um grupo a manter a sua língua tradicional, e outro a abandoná-la (FASOLD, 1984). No entanto, com o intuito de tentar prever a ocorrência de substituição linguística, podemos pensar em quatro posições de um grupo em uma situação de contato linguístico:

1. um grupo dominante autóctone ou estabelecido há muito tempo em um território;
2. um grupo migrante dominante;
3. um grupo autóctone subordinado;
4. um grupo migrante subordinado (LIEBERSON *et al.*, 1975).

Segundo Lieberman *et al.* (1975), o grupo 1, provavelmente, não vai substituir a sua língua por uma língua minoritária, enquanto o grupo 2 eventualmente pode fazê-lo. O grupo 4, que é o caso dos imigrantes poloneses no Brasil, certamente abandonará a sua língua e em um tempo relativamente curto, ao passo que o grupo 3 também o fará, porém em um tempo maior. Naturalmente, essa classificação é uma grande simplificação das relações sociais que regem as situações de contato linguístico.

A relação dos fatores listados abaixo nos Quadros 3, 4 e 5, que apresenta os condicionamentos sociais mais citados pelos pesquisadores da área de manutenção/substituição linguística, deve servir mais como uma indicação de probabilidades e não de certezas. Visto que a manutenção e a substituição linguística são situações extremas do mesmo contínuo, os mesmos fatores, dependendo do seu valor, podem impulsionar tanto as atitudes conservadoras como as de mudança. O Quadro 3 apresenta o primeiro grupo dos fatores – os referentes aos falantes da língua que pode estar submetida a um processo de manutenção ou de substituição.

---

<sup>90</sup> No original: “Prediction of the death of language is hazardous business.”

QUADRO 3 – FATORES SOCIAIS REFERENTES AO GRUPO DOS FALANTES DA LÍNGUA QUE IMPULSIONAM A MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

eixo		
manutenção<		> substituição
<b>Fatores referentes ao grupo dos falantes da língua</b>		
relativamente grande	<b>Tamanho do grupo</b> (WEINREICH, 1974; FASOLD, 1984; THOMASON, 2001; COUTO, 2009)	relativamente pequeno
superior	<b>Posição dentro da hierarquia socioeconômica</b> (WEINREICH, 1974; COUTO, 2009)	inferior
curto	<b>Tempo de permanência</b> (WEINREICH, 1974; COUTO, 2009; MONTRUL, 2012)	longo
rural	<b>Tipo de comunidade</b> (WEINREICH, 1974; FASOLD, 1984)	urbana
pequena	<b>Intensidade do contato com outros grupos</b> (THOMASON e KAUFMAN, 1988; COUTO, 2009)	grande
diferente do grupo dominante	<b>Religião</b> (WEINREICH 1974; THOMASON, 2001; DÜCK, 2005; WEHRMANN, 2016)	igual como a do grupo dominante
pequena	<b>Tendência à exogamia</b> (WEINREICH 1974; THOMASON, 2001; DÜCK, 2005; WEHRMANN, 2016)	grande
sim	<b>A presença da língua minoritária nas práticas religiosas</b> (WEINREICH, 1974, FASOLD, 1984; DÜCK, 2005; DELONG, 2016)	não
a chegada constante de novos imigrantes	<b>Continuidade do processo de imigração (no caso das línguas de imigração)</b> (THOMASON, 2001)	não há novos imigrantes
grande	<b>Homogeneidade étnica da comunidade</b> (FASOLD, 1984)	pequena
sim	<b>O modelo de vida casa-família-comunidade – intergeracional e concentrado geograficamente</b> (FISHMAN, 2012)	não

As atitudes dos falantes com relação à sua língua e à sua cultura, listadas no Quadro 4 abaixo, também ocupam um lugar importante entre os fatores de manutenção/substituição linguística mencionados com frequência por pesquisadores da área.

QUADRO 4 – FATORES SOCIAIS REFERENTES ÀS ATITUDES QUE IMPULSIONAM A MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

eixo		
manutenção<		> substituição
Fatores referentes às atitudes do grupo com relação à sua língua e à sua cultura		
grande	<b>Resistência à assimilação cultural e lealdade étnica</b> (BRENZINGER, 1998; COUTO, 2009)	pequena
sim	<b>Língua como o símbolo de etnicidade e de identidade do grupo</b> (FASOLD, 1984; THOMASON, 2001)	não
forte	<b>Lealdade linguística<sup>91</sup></b> (HESBACHER e FISHMAN, 1965; WEINREICH, 1974; BRENZINGER, 1998; THOMASON, 2001)	fraca

Por último, o Quadro seguinte enumera os fatores referentes ao entorno da comunidade e ao contexto maior, no qual está inserida a língua em questão e seus falantes.

QUADRO 5 – FATORES SOCIAIS REFERENTES AO ENTORNO QUE IMPULSIONAM A MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

continua

eixo		
manutenção<		> substituição
Fatores referentes ao entorno		
pequena	<b>Urbanização e industrialização</b> (WEINREICH, 1974; THOMASON, 2001; MATRAS, 2011)	grande
difícil	<b>Acesso às novas tecnologias de comunicação</b> (BRENZINGER, 1998, TAMBOR, 2018)	fácil
superior	<b>Status social do grupo minoritário</b> (WEINREICH, 1974; COUTO, 2009)	inferior

<sup>91</sup> Os conceitos de lealdade e de prestígio linguísticos serão apresentados no ponto 3.4.3.

QUADRO 5 – FATORES SOCIAIS REFERENTES AO ENTORNO QUE IMPULSIONAM A MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

continuação e conclusão

eixo		
manutenção<		> substituição
Fatores referentes ao entorno		
superior	<b>Prestígio linguístico da língua minoritária</b>  (WEINREICH, 1974; FASOLD, 1984; BRENZINGER, 1998)	inferior
sim	<b>A presença da língua minoritária no ensino formal</b>  (FASOLD, 1984; MATRAS, 2011; FISHMAN, 2012)	não
sim	<b>Apoio institucional para a língua minoritária</b>  (FASOLD, 1984; THOMASON, 2001; MATRAS, 2011; FISHMAN, 2012)	não

Como se vê, os fatores listados acima podem se inter-relacionar. Assim, por exemplo, as comunidades rurais tendem a uma menor intensidade de contato com a população majoritária com um menor número de casamentos interétnicos (fatores do Quadro 3) nas condições de menor urbanização do seu entorno (Quadro 5), demonstrando, provavelmente, uma maior resistência à assimilação cultural (Quadro 4). A relação estreita entre o *status* socioeconômico dos grupos que formam uma sociedade e o *status* de línguas por eles faladas é discutida no ponto 3.4.3 desse trabalho. A dessemelhança religiosa do grupo minoritário com relação ao grupo majoritário pode levar à manutenção do costume de endogamia e, conseqüentemente, da homogeneidade étnica (fatores do Quadro 3).

A presença da língua minoritária nas práticas religiosas de imigrantes de confissões diferentes da católica no Brasil foi discutida, entre outros, nos trabalhos de Dück (2005) e de Wehrmann (2016). Em ambos os casos, o de comunidade menonita e o de luterana, respectivamente, a religião teve um papel determinante nos altos índices de manutenção do alemão padrão nas localidades. A influência da religião católica dos imigrantes poloneses no Brasil pode ser considerada ambígua. Por um lado, foi ela, e continua sendo, o cerne da cultura polonesa nas colônias. Por outro, apesar das diferenças nos ritos percebidas pelos primeiros imigrantes, com o tempo os padres poloneses foram integrados e subordinados à hierarquia católica brasileira, fazendo com que eles tivessem a obrigação de servir também a população falante de língua portuguesa. Dessa maneira, a igreja deixava de ser um reduto exclusivo da língua polonesa nas colônias. No entanto, como constata Delong (2016), a presença, mesmo

que limitada, da língua polonesa em eventos na igreja, como a reza do terço, contribui de modo significativo para a vitalidade dessa língua na comunidade pesquisada (Santa Faustina – PR).

O fator “tempo de permanência” (Quadro 3) diz respeito à Lei de Três Gerações, constatada pela primeira vez por Weinreich (1974 [1953]) entre os imigrantes urbanos nos Estados Unidos e depois confirmada por outros pesquisadores, por exemplo, Montrul (2012). Enquanto a geração dos filhos dos imigrantes tende a ser bilíngue e usar a língua de imigração, pelo menos nos contatos com os seus pais; os netos, na maioria dos casos, não dominam mais a língua dos avós. Weinreich (1974 [1953]), no entanto, distinguiu as comunidades urbanas das rurais: no caso destas últimas, durante duas ou três gerações, se observa uma substituição parcial: a nova língua é usada na esfera pública, enquanto a “antiga” é usada ainda na esfera privada.

De volta ao Quadro 3, merece nossa atenção o ponto referente ao modelo de vida “casa-família-comunidade”, intergeracional e concentrado geograficamente, que está correlacionado com a intensidade de contato com outros grupos, com o tipo de comunidade e com atitudes para com a manutenção da cultura. Para Fishman (2012) essa é a condição *sine qua non* para a manutenção ou a revitalização linguística, pois constitui uma base para a transmissão da língua materna, sem a qual uma língua não perdura. É interessante que, para esse teórico, os esforços que visam à revitalização de uma língua por intermédio da introdução da obrigatoriedade de sua presença na escola, na esfera de trabalho ou nas mídias são inúteis sem a existência prévia da transmissão da língua dentro de casa. Esse ambiente familiar intergeracional serve como um porto seguro que protege a língua no dia a dia das influências das instituições, as quais, mesmo se no momento apoiam a língua minoritária, continuam controladas pelo grupo majoritário. É relevante observarmos a existência desse ambiente familiar intergeracional e concentrado geograficamente na Colônia Dom Pedro II, no qual a transmissão da língua ocorria durante três, às vezes até quatro gerações. Contudo, esse modelo de vida não garante a transmissão, a qual parece ter enfraquecido nessa comunidade na passagem para a quinta geração nascida no Brasil.

Percebemos então que, no caso da comunidade pesquisada, as Três Gerações mencionadas anteriormente, que, segundo Weinreich (1974 [1953]), demarcam o tempo do abandono da língua de imigração, tornaram-se cinco gerações – fato esse decorrente do caráter rural e isolado, tanto geográfica como socialmente, da Dom Pedro II, o qual prolongou por décadas a manutenção da língua dos ancestrais nas condições típicas de uma ilha linguística (cf. ponto 3.3.1).

Ainda seguindo o raciocínio de Fishman (2012), a introdução de uma língua minoritária nas instituições controladas pelo grupo dominante, tais como escola, repartições públicas, mídia, etc., é um passo que supera a diglossia, fazendo com que a língua minoritária entre nas esferas tradicionalmente ocupadas pela língua dominante. Lembremos que a *diglossia*, no sentido mais amplo do termo, como proposto por Fishman (1967), se refere à distribuição de duas ou mais línguas que têm funções diferentes dentro de uma sociedade. Na maioria dos casos, essa separação se organiza em termos de uma língua A(lta), que goza de prestígio, e outra – B(aixa). A superação da diglossia referida acima, de acordo com Fishman (2012), é possível somente se a língua minoritária em questão já tenha atingido o estágio de diglossia, por exemplo, cumprindo suas funções específicas na comunicação entre os familiares. Em outras palavras, se a língua minoritária não é transmitida como língua materna e não ocupa, de modo exclusivo, a esfera privada e informal nas interações de seus falantes, introduzi-la na esfera pública não garantirá a sua manutenção e, muito menos, a revitalização.

Em uma situação de bilinguismo, o qual é condição necessária para a substituição linguística, a língua minoritária tem maiores chances de sobrevivência nas condições de diglossia (FISHMAN, 1967). Como um dos exemplos desse tipo de comunidades, Fishman (1967) menciona o Paraguai, onde a maioria da população falava tanto espanhol como guarani, sendo a primeira das línguas reservada para os domínios de prestígio, como escola, religião, governo e cultura mais alta, e a segunda, para os domínios da esfera privada. Para o teórico, bilinguismo sem diglossia não é estável. Nas palavras do autor: “Sem as normas e os valores separados, porém complementares, que possam estabelecer e manter uma separação funcional das variedades linguísticas, a língua ou a variedade que tem sorte de ser associada ao movimento predominante das forças sociais tende a deslocar a(s) outra(s)”<sup>92</sup> (p. 36).

Das nossas observações realizadas na Colônia Dom Pedro II concluímos que a comunidade já passou pela fase de diglossia, primeiramente com níveis de bilinguismo muito baixos e, em período posterior, por um tempo curto, com o bilinguismo. A língua polonesa ocupava todas as esferas da vida interna da Colônia: casa, igreja, trabalho no campo e a escola. O PB era conhecido e usado por esses, na maioria homens, que mantinham contatos comerciais com a população falante de português. Depois da introdução do ensino em português nos anos 1930, o bilinguismo na Colônia se tornou comum também entre as mulheres. A separação dos domínios entre as línguas continuou ainda com a presença polonesa exclusiva na igreja e em

---

<sup>92</sup> No original: “Without separate though complementary norms and values to establish and maintain functional separation of the speech varieties, that language or variety which is fortunate enough to be associated with the predominant drift of social forces tends to displace the other(s).”



casa. Hoje em dia, o uso da língua polonesa, quando mantido, parece ser determinado não pelo domínio ou pelo tema da interação, mas pelo interlocutor, com o qual ainda é possível conversar em polonês. A seguinte fala de uma das nossas informantes (F3), bisneta dos imigrantes, ilustra essa mudança:

(16)

F3: Avó e avô só falavam em polonês. A minha avó não sabia falar em brasileiro. Tanto que não ensinou a minha mãe porque não sabia. Minha mãe não sabia falar brasileiro. E ficava braba quando falavam. O pai aprendeu brasileiro, a mãe, não. Ele trabalhava numa mina de outro, já teve contato com as pessoas. Eu aprendi, tipo na igreja, rezar em polonês, se confessar em polonês, tudo em polonês; depois que fui mudando mais para o brasileiro. Eu, de começo, [falava na escola] um pouco em polonês, mas mais em brasileiro. O meu marido, que já morreu, não gostava de falar em polonês. Ele achava que tudo tinha que ser mais moderno. Como ele era empresário, tinha empresa...

E(entrevistadora): A senhora fala ainda polonês no dia a dia?

F3: Agora não tenho com quem. Com a minha mãe, tudo em polonês. Até o último dia da vida dela. Agora ela morreu, né? Mas a minha nora ... falamos às vezes. Os filhos não entendem.<sup>93</sup>

Observamos que ainda na segunda geração nascida na Colônia (os pais da informante), o conhecimento da língua portuguesa não era necessário para quem trabalhava dentro da comunidade. O uso do PB se limitava às atividades comerciais e profissionais exercidas fora da Colônia. A geração da informante foi a primeira que aprendeu português na escola, enquanto a igreja manteve o seu papel de reduto da língua dos ancestrais. É interessante que já a primeira geração amplamente bilíngue começou a introduzir o PB também na esfera privada. O exemplo disso é a atitude do marido da informante. A sua atuação profissional na língua portuguesa fez com que o empresário quisesse que a língua mais “moderna” substituísse a língua antiga também em casa – espaço, hoje em dia, ocupado predominantemente pela língua portuguesa.

A situação em qual os domínios até então ocupados por uma língua começam a ser dominados por outra é um dos primeiros indícios de uma substituição linguística em andamento

---

<sup>93</sup> Fala original: “Dziadek i babka - wszystko po polsku. Babka nie umiała gadać po brazylijsku. Tanto que moja mamę nie nauczyła, bo nie umiała. Minha mãe não sabia falar brasileiro. I zła została, jakby godoć po brazylijsku. Tata się nauczył po brazylijsku, a mama nie. On robił numa mina de ouro, já teve contato com as pessoas. Eu aprendi, tipo na igreja, rezar em polonês, se confessar em polonês, tudo em polonês, depois que fui mudando mais para o brasileiro. Já do começo [na escola] troszkę po polsku, ale bardziej po brazylijsku. A mój marido, co już nie żyje, on nie lubiał bardzo godoć po polsku. On achava que to musiało być mais moderno. Como ele era empresário, tinha empresa...

- Rozmawia Pani jeszcze po polsku na co dzień?

- Teraz nie mam z kim. Z mamą wszystko po polsku. Do ostatniego dnia, co ona żyła. Teraz mama umarła, nie? Ale moja nora... rozmawiamy choć kiedy. Syny nie rozumia.

(FASOLD, 1984). Fasold (1984) descreve um dos possíveis cenários que levam a esse tipo de mudança<sup>94</sup>. Várias comunidades pequenas, que por décadas coexistiam ao lado dos grupos e de línguas de maior prestígio social, começam a experimentar, em resultado de mudanças econômicas ou de urbanização dos seus entornos, a aproximação com esses grupos. A aproximação aumenta a possibilidade e a vontade de identificação com o grupo de maior prestígio sociocultural. A ascensão social relacionada com essa identificação é possível, por exemplo, por meio de acesso aos empregos exercidos fora da comunidade. Cada vez mais, mais membros da comunidade começam a usar a língua majoritária e, ao mesmo tempo, o uso da língua A(lta) se espalha para os antigos domínios da língua B(aixa). Passaremos agora para a exposição de outros sinais de substituição linguística observáveis no uso linguístico e na língua a ser substituída.

### 3.4.2 Indícios de substituição linguística

Como já foi assinalado acima, a substituição linguística não ocorre em comunidades monolíngues. Entretanto, faz-se necessário destacar que o bilinguismo não condena a língua minoritária ao abandono, pois a manutenção linguística pode ser uma característica de comunidades bi- ou multilíngues diglósicas (FASOLD, 1984). Um dos primeiros sinais de uma possível substituição linguística é o “vazamento” da diglossia – uma invasão por uma língua em áreas até então dominadas por outra. De acordo com Matras (2011), esse processo decorre de dois tipos de mudança. A urbanização e as transformações civilizatórias levam à *extensão do repertório de atividades* executadas por indivíduos, as quais incluem novos contextos de comunicação (tais como vida profissional ou tecnologia), negociados exclusivamente na língua dominante. O segundo tipo de mudança é, a já mencionada, *infiltração da língua dominante* nos domínios tradicionalmente ocupados pela língua a ser substituída.

De modo semelhante, para Coulmas (1992 *apud* BRENZINGER, 1998), o grande problema das línguas com destino incerto não é somente a diminuição da gama de suas funções, mas a falta de seu uso e de sua adaptação às funções novas, as quais desde o começo são associadas com uma outra língua. Em outras palavras, a língua “antiga” não acompanha as mudanças que ocorrem na vida e, conseqüentemente, nos contextos comunicativos de seus falantes.

---

<sup>94</sup> O autor apresenta dois casos específicos: o da língua húngara na região de Oberwart na Áustria e o da língua gaélica na região East Sutherland na Escócia, na Grã-Bretanha.

Além do já comentado “vazamento” da diglossia e da não adaptação da língua aos novos contextos, os pesquisadores da área distinguem os seguintes sinais da substituição linguística em andamento referentes ao uso linguístico e as atitudes dos falantes:

1. a perda de alguns registros do uso da língua, na maioria dos casos os formais<sup>95</sup> (CRAIG, 1998);
2. a diminuição dos falantes da língua nos índices da população total da comunidade (BRENZINGER, 1998);
3. o uso da língua por poucos falantes em poucas funções – língua em processo de obsolescência (HILL, 2001 *apud* COUTO, 2009);
4. a dissolução da distinção entre “nós” (os de dentro) e “eles” (os de fora, falantes de uma outra língua) na visão dos membros da comunidade (FASOLD, 1984);
5. a diminuição do prestígio da língua a ser substituída em comparação com suas outras variedades e com a língua que venha a substituí-la. (FASOLD, 1984);
6. a falta de transmissão da língua pelos pais aos filhos (somente a língua dominante é transmitida) (FASOLD, 1984; FISHMAN, 2012);
7. a falta de domínio da língua entre as crianças – língua moribunda (BRENZINGER, 1998; HILL, 2001 *apud* COUTO, 2009);
8. a manutenção da língua somente entre os membros idosos da comunidade – língua agonizante (HILL, 2001 *apud* COUTO, 2009; FISHMAN, 2012);
9. a manutenção da língua somente nas funções emblemáticas religiosas e sociais em forma de frases e palavras opacas para os membros da comunidade (THOMASON, 2001).

Vale ressaltar que mesmo a ocorrência das situações descritas nos últimos pontos dessa relação pode não levar à total substituição da língua. Segundo Fishman (2012), a revitalização de uma língua é possível até nas situações em que a língua perdeu seus falantes nativos ao ponto de precisar ser ensinada como segunda língua antes de que qualquer extensão de suas funções comunicativas seja possível.

Mais uma questão exige algum esclarecimento. As mudanças linguísticas decorrentes de contato linguístico, abordadas nos pontos 3.3.2 e 3.3.3, embora observáveis também no processo de substituição linguística, não indicam que a língua submetida às mudanças esteja ameaçada de substituição. Um processo exclusivo da morte ou da substituição de uma língua é chamado por alguns linguistas (THOMASON, 2001; COUTO, 2009) de *atrição* (*attrition*), a

---

<sup>95</sup> A perda pode ocorrer também nos registros informais com a manutenção dos formais, como aconteceu com o latim.

qual se refere a uma perda de material linguístico que *não é substituído* pelo material novo, por exemplo “emprestado” da língua dominante (THOMASON, 2001). Thomason (2001) adverte sobre o perigo de tirar conclusões precipitadas com base em mudanças observadas em uma língua, pois a distinção entre a atrição e as mudanças que não levam à substituição não é uma tarefa trivial. Por exemplo, embora “tradicionalmente, os linguistas têm considerado a perda lexical como o principal signo de decadência de uma língua” (COUTO, 2009, p. 88), os empréstimos lexicais, mesmo em abundância, são comuns em várias situações de contato, também aquelas nas quais a língua-alvo continua mantendo níveis altos de vitalidade.

Bremenkamp (2014), ao concluir sua pesquisa da presença da língua pomerana em uma comunidade no Espírito Santo, constata a impossibilidade de explicar a manutenção da língua pesquisada somente com a ajuda dos fatores sociais “objetivos”. A autora percebe que uma das maiores forças incentivadoras da vitalidade linguística são as atitudes dos próprios falantes que “com obstinação, (...) pregam a manutenção de sua língua às futuras gerações. Essa consciência e a luta em prol da língua é crucial para a manutenção da mesma.” (p. 272). Os conceitos como atitudes, prestígio ou lealdade linguísticos já foram sinalizados na nossa exposição acerca do processo de manutenção/substituição linguística. No próximo ponto nos debruçaremos sobre esse assunto de maneira mais aprofundada.

### 3.4.3 Crenças e atitudes linguísticas, lealdade e prestígio linguístico

Como já foi mencionado no ponto anterior, crenças e atitudes linguísticas dos falantes de uma língua constituem um dos fatores a ser considerado na pesquisa do processo de manutenção/substituição linguística dentro de uma comunidade. Já no ano 1970, Agheyisi e Fishman constataram a relevância dos estudos de atitudes para “os tópicos de Sociolinguística tais como eleição de uma língua em sociedades multilíngues, alocação diferencial de códigos, diferenças dialetais e inteligibilidade mútua”<sup>96</sup> (1970, p. 137), entre outros. A título de exemplo mencionemos as clássicas pesquisas: a de Hesbacher e Fishman (1965), cujo objeto é a lealdade linguística, que é uma das atitudes linguísticas, nas comunidades de imigrantes poloneses e judeus nos Estados Unidos; e a de Labov (2008 [1972]), na qual o autor conclui que uma atitude positiva dos falantes em relação à sua localidade, Martha’s Vineyard, foi a motivação da mudança sonora observada pelo pesquisador.

---

<sup>96</sup> No original: “such sociolinguistic topics as language choice in multilingual societies, differential allocation of codes, dialect differences and mutual intelligibility.”

Como apontam Agheyisi e Fishman (1970), as atitudes, objeto de Sociopsicologia, podem ser abordadas da perspectiva *mentalista* ou *comportamentalista*. A primeira abordagem vê atitude como um “estado mental e neural de prontidão para resposta”<sup>97</sup> (p. 138), enquanto a segunda entende-a como um comportamento, uma resposta visível a um estímulo. Visto que a maioria dos sociolinguistas adota a abordagem mentalista (VANDERMEEREN, 2005), vamos fazê-lo também neste trabalho, definindo a atitude em geral como “um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para algumas condições ou para alguns fatos sociolinguísticos concretos; [...] uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento, ou a ação individual”<sup>98</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182-183 *apud* BALTHAZAR, 2016, p. 28).

Sociolinguistas, pesquisadores de atitudes linguísticas, elaboraram uma miríade de definições de seu objeto de estudos (cf.; BOTASSINI, 2013; BALTHAZAR, 2016, entre outros), porém, *grosso modo*, eles percebem atitudes linguísticas como “predisposições a responder a (falantes de) línguas específicas/estilos de fala e a situações linguísticas com um certo tipo de comportamento (linguístico)”<sup>99</sup> (VANDERMEEREN, 2005, p. 1.319). É importante destacar que, por se tratar de “predisposições”, as atitudes não são diretamente mensuráveis. Entretanto, podem ser inferidas por intermédio das reações das pessoas a certos estímulos.

Não há consenso entre os teóricos do assunto também quanto à estrutura interna de atitudes e a relação entre essas últimas e as crenças. Tradicionalmente, distinguem-se três componentes de atitudes: *o cognitivo*, que se refere às crenças, aos pensamentos e aos conhecimentos que se tem em relação a um objeto social; *o afetivo*, que inclui as emoções, os sentimentos e as avaliações pró ou contra um objeto social; e *o conativo*<sup>100</sup> ou *o comportamental*, que diz respeito à conduta, à reação ou à tendência à reação diante de um objeto social (BOTASSINI, 2013).

Por mais que atitudes linguísticas não tivessem sido o foco da nossa pesquisa, elas vieram à tona de modo espontâneo durante as entrevistas, quando os informantes expressavam as suas crenças, os seus sentimentos e descreviam seus (possíveis) comportamentos em relação às línguas que permeiam o seu dia a dia. Citaremos em seguida alguns exemplos de atitudes expressas pelos informantes da Colônia D. Pedro II:

<sup>97</sup> No original: “mental and neural state of readiness to respond.”

<sup>98</sup> Tradução de Balthazar (2016).

<sup>99</sup> No original: “predispositions to respond to (speakers of) specific languages/speech styles and language situations with a certain type of (language) behaviour.”

<sup>100</sup> De conação, na Psicologia, tendência consciente para atuar, agir (BOTASSINI, 2013).

– o componente cognitivo:

(17) “Tem dois tipo de polonês – o *galicki* e o *pruski*. Até ontem meu namorado falou: ‘mas a língua que você sabe falar é de cem anos atrás, já se inovou’” (F1);

– o componente afetivo:

(18) “[Aqui] não falam hoje que nem os poloneses que vêm da Europa. Eles falam *bonito*. E a gente assim ... *por cima*”<sup>101</sup> (F3);

– o componente comportamental:

(19) “Nunca vou exigir que meu filho aprenda falar polonês ou inglês. Eles vão aprender falar a língua que eles realmente tiverem interesse, que for necessária” (M2).

Os componentes apresentados acima podem se inter-relacionar, como vemos no exemplo (17). O conhecimento (componente cognitivo) referente à chegada da língua polonesa ao Brasil a mais de cem anos atrás faz com que o namorado da informante avalie (componente afetivo) a língua por ela usada como antiga e não atualizada.

Obviamente, as nossas atitudes não existem em um vácuo, sem normas sociais. Vandermeeren (2005), apoiada em Eiser (1986), acredita que as atitudes não devem ser vistas separadamente das normas sociais, estas últimas entendidas como as percepções do indivíduo quanto às expectativas do outro e a sua motivação de cumprir com essas expectativas. Seguindo esse raciocínio, a pesquisadora postula a introdução de mais um componente no conceito de atitude linguística, a saber, *o avaliativo-normativo*<sup>102</sup>, que enfatiza a centralidade das normas sociais para as atitudes linguísticas. O ponto é que as atitudes linguísticas dos falantes refletem as normas dos grupos de pessoas com as quais eles se relacionam mais proximamente. Portanto, a eleição de uma língua, o que para Vandermeeren (2005) é um componente conativo de uma atitude linguística, pode ser determinada pela força relativa entre os componentes avaliativo-normativos e os conativos.

Por exemplo: a norma social que indica que o uso de língua polonesa na presença das pessoas que não a conhecem é inadequado fez com que algumas famílias da Colônia tenham abandonado a língua polonesa em casa, apesar da facilidade e da praticidade que a dita língua lhes oferecia na época (componente conativo). A inclusão de novos membros, não polono-descendentes, nas famílias e a necessidade da adequação à norma social foram frequentemente mencionados pelos informantes como as motivações para a diminuição drástica do uso da

<sup>101</sup> Fala original: “Nie gadają dziś jak te Poloki, co przyjadą z Europy. One ładnie gadają. A my tu tak gadamy por cima.”

<sup>102</sup> No original: “evaluative-normative”.

língua polonesa no ambiente domiciliar. Nesses casos, a força do componente avaliativo-normativo se mostrou maior do que a dos componentes afetivos (a ligação emocional com a língua) e conativos (a facilidade e o hábito de usar a língua polonesa).

Na seguinte fala de uma das informantes observamos uma situação contrária, na qual a norma social não impediu o uso da língua polonesa:

(20) “Vamos com a minha irmã para a cidade e falamos em polonês. Eles começam a rir, que eles [falam] em brasileiro e nós em polonês. No mercado falamos, ficam olhando para a gente”<sup>103</sup> (F2).

O motivo da eleição da língua polonesa na situação descrita em (20), apesar da existência de uma norma social que reprova essa escolha linguística, pode ser a oportunidade de os falantes se valerem de uma “língua secreta”, não compreendida pelas pessoas não pertencentes à comunidade polono-descendente.

A atitude positiva para com a língua polonesa expressa na fala citada acima, proferida na língua polonesa, é um exemplo de lealdade linguística, a qual, de acordo com Brenzinger (1998), é a atitude linguística mais importante com relação à sobrevivência das línguas minoritárias. Ao estudar línguas em contato, Weinreich (1974 [1953]), percebeu o quão fértil para o surgimento da lealdade linguística é o território de encontro de línguas, pois é justamente em uma situação de contato linguístico que os falantes podem sentir uma ameaça real ou imaginária à sua língua. Weinreich (1974 [1953]), entende a lealdade linguística como um “estado mental no qual a língua, como uma entidade intacta e em oposição a outras línguas, assume uma alta posição na escala de valores, uma posição que precisa ser ‘defendida’”<sup>104</sup> (p. 99, grifo do autor). A lealdade a uma língua pode se manifestar, por exemplo, pelo esforço de usá-la em vários contextos, pela “defesa” da língua das interferências de outras línguas ou pela transmissão para as próximas gerações. O enunciado (19), que indica a falta de vontade de “exigir” dos filhos que aprendam polonês, pode ser, por sua vez, interpretado como um indício de deslealdade, da parte do pai dos filhos, para com a língua dos ancestrais.

Embora a lealdade linguística seja um fator importante na manutenção de uma língua minoritária, a sua existência não garante a sobrevivência da língua. Nas palavras de Hesbacher e Fishman (1965): “Enquanto as fontes da lealdade podem jazer no passado, a persistência

<sup>103</sup> Fala original: “Pójdziemy do miasta z siostrą haj, rozmawiamy po polsku. To oni zaczął się z nas śmiać, że oni po brazylijsku, a my po polsku. Na merkado rozmawiamy, tak się patrzą na człowieka.”

<sup>104</sup> No original: “the state of mind in which the language, as an intact entity, and in contrast to other languages, assumes a high position in a scale of values, a position in need of being ‘defended’.”



necessária para a manutenção da língua materna precisa funcionar no presente”<sup>105</sup> (p. 155). Em geral, a relação atitude-comportamento é complexa e talvez possa ser resumida, de modo bastante simplificado, pela frase de um dos nossos informantes:

(21) “Polonês é bonito, mas aqui se fala em português”<sup>106</sup> (M3).

Se por um lado existe uma conexão direta entre as atitudes e o comportamento linguístico, por outro lado, uma atitude específica pode levar a várias manifestações que podem parecer inconsistentes. Tudo isso motivado pelo impacto de variáveis contextuais mutáveis e de normas sociais (VANDERMEEREN, 2005). Entre as variáveis, é preciso considerar também as variáveis da pesquisa, durante a qual as declarações sobre as atitudes linguísticas são obtidas. Como assevera Vandermeeren (2005), até as formulações usadas nos questionários, a ordem das perguntas, a identidade do pesquisador ou a língua do questionário podem influenciar a manifestação das atitudes. Em suma, apesar de certa previsibilidade das consequências das atitudes no comportamento dos indivíduos, outros aspectos relevantes, tais como tendências de comportamento, fatores sociais, ideológicos e psicológicos devem ser considerados na tentativa de prever o comportamento linguístico dos falantes de uma língua.

Independentemente do poder das crenças e das atitudes de “predizer” comportamentos linguísticos, é indispensável mencionarmos o seu significado social. Como observa Balthazar (2016), a língua, especialmente a fala, de um grupo de pessoas é “um dos símbolos externos mais perceptíveis de um grupo, isso porque, quando falamos, somos facilmente reconhecidos – ou não – como membros pertencentes a um grupo” (p. 18). Cada grupo é submetido a uma avaliação da sociedade, que lhe concede um certo reconhecimento pela sua posição socioeconômica e/ou cultural – um *status* social. Se um grupo, em cuja fala aparece um fenômeno linguístico específico, goza de um *status* social alto, o prestígio do grupo será atribuído também à sua forma de falar, aos seus costumes e a outras marcas que o distinguem de outros grupos (LOPÉZ MORALES, 2004 *apud* BALTHAZAR, 2016).

Como afirma Grosjean (1982), as atitudes para com uma língua são frequentemente confundidas com as atitudes para com seus usuários. Por exemplo, na maioria das situações de contato linguístico, uma das línguas, a falada pelo grupo detentor de mais poder, é também a *língua de prestígio*. Nas palavras de Grosjean (1982): “A língua de prestígio é frequentemente considerada mais bonita, mais expressiva, mais lógica e mais capaz de expressar pensamentos

<sup>105</sup> No original: “[...] while the sources of loyalty may lie in the past, the persistence necessary for mother tongue maintenance must function in the present.”

<sup>106</sup> Fala original: “polski ładny, ale tu się po portugalsku gada.”

abstratos. A outra língua é vista como agramatical, concreta e grosseira”<sup>107</sup> (p. 121). Assim, são os grupos dominantes, de maior prestígio social, que regulam as atitudes de valorização ou de rejeição voltadas às variedades de língua e, conseqüentemente, aos grupos falantes dessas variedades (SILVA; AGUILERA, 2014).

As atitudes negativas para com uma língua ou para com um fenômeno linguístico podem levar ao surgimento de um *preconceito linguístico*, que é

uma atitude negativa frente a determinado grupo linguístico sem razão aparente. Normalmente está voltado a grupos linguísticos que detêm pouco ou nenhum prestígio social, a minorias linguísticas, a grupos linguísticos que representam falares diferentes do falar daquele que avalia preconceituosamente o outro (BOTASSINI, 2013, p. 62).

Os falantes que sofrem preconceito linguístico podem incorporar a crença da inferioridade de seu próprio dialeto e desenvolver uma *insegurança linguística*, o que pode desencadear um sentimento de deslealdade para com o seu próprio falar (SILVA; AGUILERA, 2014).

Como aponta Grosjean (1982), as atitudes linguísticas negativas voltadas a uma língua são capazes de causar a perda da língua materna ou da língua de herança. Isso ocorre quando os pais, com medo de seus filhos passarem pela mesma estigmatização social sofrida por eles, deixam de transmitir a sua língua materna para a próxima geração e ajudam os filhos a aprenderem somente a língua que pode lhes dar ascensão social. Uma das moradoras da Colônia Dom Pedro II assim justificou a falta da transmissão da língua polonesa à sua filha:

(22) “Porque eu tinha muita dificuldade na escola, daí eu sempre falava – vamos falar em brasileiro para ela aprender.”<sup>108</sup> (F2).

Traços linguísticos específicos para um grupo de falantes podem se impor como marcas ou rótulos desse grupo e assumir características de *estigmas*. Um traço fonético estigmatizado em algumas regiões do Brasil, por exemplo em Londrina, é a manutenção da vogal média átona final [e] (a não elevação da vogal), que é considerada como uma marca da fala “caipira”.<sup>109</sup> Portanto, nessa cidade, todo o falante cuja fala demonstra esse fenômeno é

<sup>107</sup> No original: “The prestige language is often considered more beautiful, more expressive, more logical, and better able to express abstract thoughts, and the other language is felt to be ungrammatical, concrete and coarse.”

<sup>108</sup> Fala original: “Za to że ja tinha muita dificuldade w szkole, daí ja zawdy gadała, będziemy gadać po brazylijsku, żeby się nauczyła.”

<sup>109</sup> É importante ressaltar que o mesmo fenômeno é uma das características do falar curitibano, uma marca da identidade curitibana, como aponta Menon (2015). Na capital paranaense, a não elevação da vogal média átona final não é estigmatizada por ser presente na fala da maioria de curitibanos.

visto como simples, humilde e de *status* social baixo (SILVA; AGUILERA, 2014). Ressaltemos que a não elevação do [e] átono final é uma das características da fala dos polono-descendentes, como observado por Loregian-Penkal e Costa (2014) na região de Mallet (PR). Um outro estigma fonético carregado pelos descendentes de poloneses e mencionado frequentemente por nossos informantes é a pronúncia do tepe no lugar da fricativa posterior ou da vibrante múltipla /r/ nas palavras como “rato” ou “carro”.

Como assinalamos anteriormente, uma mesma atitude pode se manifestar de maneiras variadas. Assim, de acordo com Grosjean (1982), uma estigmatização de uma língua minoritária não precisa necessariamente desencadear o abandono progressivo dessa língua. As condições aparentemente adversas à manutenção de uma língua, como sua estigmatização aos olhos dos grupos dominantes, podem também levar ao fortalecimento da lealdade linguística e da solidariedade de seus falantes.

#### 3.4.4 Os índices de manutenção da língua polonesa no exterior

No caso da manutenção da língua polonesa pelos imigrantes poloneses no Brasil, dispomos de uma pesquisa realizada nos anos 1990 por Miodunka (2003), durante a qual 226 moradores de colônias, cidades pequenas e grandes responderam a um questionário que concernia, entre outros, ao seu conhecimento de língua polonesa. Os resultados diferem consideravelmente das observações de Weinreich e de Montrul, pois na terceira geração nascida no Brasil (bisnetos dos imigrantes) 41% dos pesquisados autoavaliaram sua habilidade de fala como boa, 65% entendiam bem, 19% e 8% liam e escreviam bem, respectivamente, na língua dos ancestrais (MIODUNKA, 2003, p. 156).

O autor compara esses resultados com os da pesquisa levada a cabo na Austrália (HARRIS e SMOLICZ, 1984 *apud* MIODUNKA, 2003) entre os representantes da primeira geração nascida na nova pátria, para os quais os números referentes às habilidades orais eram comparáveis com os da terceira geração no Brasil. Miodunka (2003, p. 156) conclui, então, que “a comunidade polônica no Brasil é duas gerações melhor da australiana em termos de manutenção da língua polonesa falada”<sup>110</sup>. No entanto, o autor admite que os “bons resultados” vêm principalmente dos moradores das colônias, conhecidos por seu conservadorismo. As nossas observações iniciais na Colônia Dom Pedro II corroboram os resultados obtidos por Miodunka, pois nessa localidade muitos dos representantes da terceira e alguns da quarta

<sup>110</sup> No original: “Polonia brazylijska jest o dwa pokolenia lepsza od Polonii australijskiej, jeśli chodzi o zachowanie polszczyzny mówionej.”

geração nascida no Brasil (bisnetos e tataranetos dos imigrantes) se comunicam na língua polonesa. A pesquisa de Maciel (2010, p. 43), levada a cabo na comunidade Treze de Maio na região de Blumenau (SC), também sugere uma alta manutenção da língua polonesa na localidade, pois dos 22 alunos da escola local de ensino fundamental 21 declararam que falavam polonês. Por outro lado, somente três dessas crianças usavam o polonês em casa, o que pode indicar o enfraquecimento do uso dessa língua na comunidade.

Entre os motivos da longevidade da língua polonesa nas colônias no Brasil Kawka (1982) lista o nacionalismo polonês, o isolamento geográfico das colônias, a influência da igreja católica e a atuação das escolas e das sociedades culturais polonesas. Entretanto, se compararmos as porcentagens da manutenção da língua polonesa no Brasil da pesquisa de Miodunka (2003) com os resultados das pesquisas concernentes a outras línguas de imigração europeia no nosso país, os números no tocante à língua polonesa deixam de ser tão impressionantes. O Quadro 6 apresenta resultados de algumas dessas investigações realizadas, na sua maioria, nas comunidades rurais. É importante ressaltar que as diferenças entre as metodologias das pesquisas citadas abaixo e o fato de que a pesquisa de Miodunka abrangia tanto a zona rural como a urbana não permitem a comparação direta dos números, mas possibilitam a visualização do estado da manutenção das línguas em questão no Brasil.

QUADRO 6 – A MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO EUROPEIA NO BRASIL SEGUNDO OS RESULTADOS DE ALGUMAS PESQUISAS

continua

Autor(a) e ano da pesquisa	Língua de imigração	Comunidade e ano de sua fundação	Competência dos pesquisados na fala
<b>Comunidades de origem alemã</b>			
Altenhofen, 1990	<i>Hunsrückisch</i>	Harmonia (RS), 1856	84% dos alunos da 1ª à 4ª série são bilíngues (alemão-português) (p. 162).
Dück, 2005	<i>Plautdietsch</i> e alemão <i>standard</i>	Witmarsum (PR), 1930	<i>Plautdietsch</i> : faixa etária até 18 anos: 25% falam bem e 75%, médio; 19-35 anos: 50% falam bem e 50%, médio; 36-55 anos: 100% falam bem.  <i>Alemão standard</i> : até 18 anos: 50% falam bem e 50%, médio; 19-53 anos: 25% falam bem e 75%, médio (p. 128).
Seiffert, 2009	alemão ( <i>standard</i> e <i>Bayerisch</i> )	São Bento do Sul (SC), 1873	Entre os alunos do Ens. Fundamental – 17% usam a língua em casa e 13% demonstram alguma competência (p. 100).

QUADRO 6 – A MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO EUROPEIA NO BRASIL SEGUNDO OS RESULTADOS DE ALGUMAS PESQUISAS

continuação e conclusão

Autor(a) e ano da pesquisa	Língua de imigração	Comunidade e ano de sua fundação	Competência dos pesquisados na fala
<b>Comunidades de origem alemã</b>			
Bremenkamp, 2014	pomerano	Santa Maria de Jatibá (ES), colônia Sta. Leopoldina, 1856	Faixa 31-55 anos: 40% sabem tudo em pomerano, > 55 anos, 80% (p. 172)
<b>Comunidades de origem italiana</b>			
Cominotti, 2015	vêneto	São Bento de Urânia (ES), 1888	Falam: 8-14 anos – 23% , 15-30 anos – 25%, 31-50 anos – 59%, >50 anos – 90% (p. 109).
Rodrigues, 2015	talian	Santa Teresa (ES), 1875 (zona rural e urbana)	Falam: 8-30 anos – 0%, 31-60 anos – 20%, > 60 anos – 73% (p. 136).
<b>Comunidades de origem ucraniana</b>			
Horbatiuk, 1983 ( <i>apud</i> Kulczynskyj, 2005)	ucraniano	Mallet (PR), 1896	Falam: 94% (p. 28).
Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1986	ucraniano	21 localidades no Paraná	Falam: 87% dos adultos ( <i>apud</i> Kulczynskyj, 2005, p. 28).
Kulczynskyj, 1987 ( <i>apud</i> Kulczynskyj, 2005)	ucraniano	Mallet e Paulo Frontin	Preferem falar ucraniano; faixa 35-54 anos – 47% na zona rural e 28% na zona urbana; faixa > 55 – 52% zona rural e 45% zona urbana (p. 25).

Nos dados acima percebemos a alta manutenção das línguas de imigração nas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas do século XX. Nas pesquisas mais recentes, chamam atenção os índices de competência na comunidade Witmarsum, onde todos os pesquisados demonstraram domínio bom ou médio das suas línguas de herança. Percebamos, porém, que se trata aqui de uma colonização mais nova, se comparada com outras comunidades do Quadro, e de uma comunidade menonita com “tendência conservadora em relação à cultura e língua alemã” (DÜCK, 2005 p. 15). Nas comunidades de Espírito Santo, tanto de língua pomerana como de dialetos italianos, os altos índices de manutenção de língua de herança entre os moradores de mais idade contrastam com os índices mais baixos dos mais jovens, o que pode ser interpretado como um indicador de substituição linguística.

Na nossa discussão acerca das competências de falantes de língua polonesa no Brasil em comparação com outras línguas de imigração, focamos, até agora, as habilidades orais, principalmente a fala. Se jogarmos luz sobre a questão de leitura e de escrita, a situação da língua polonesa no Brasil e de outras línguas de imigração se mostra diferente. Na pesquisa de

Miodunka (2003, p. 155) citada acima se destaca a diferença entre a competência autodeclarada dos pesquisados na compreensão auditiva e na fala (77% e 64%, respectivamente) comparada com a competência na leitura (36%) e na escrita (21%). Apesar da diferença, o autor enfatiza a sua surpresa com os resultados das habilidades de leitura e de escrita, haja vista a proibição do ensino das línguas étnicas instituída no Brasil no 1938. Observa-se que os respondentes dos questionários nessa pesquisa eram moradores tanto de zonas rurais como de zonas urbanas. Podemos talvez supor que os índices de leitura e de escrita eram mais altos no segundo grupo, no qual se encontravam pessoas que estudavam a língua polonesa na época da pesquisa. As observações na Colônia Dom Pedro II indicam a existência quase exclusivamente de código polônico oral na comunidade, com exceção de alguns poucos moradores que aprenderam a ler sozinhos em polonês.

A discrepância entre a competência oral e a da leitura e da escrita é ainda mais evidente no caso das comunidades italianas pesquisadas por Rodrigues (2015) e Cominotti (2015). No primeiro caso, somente 8% dos pesquisados declararam que leem e escrevem (1% bem e 7% pouco). A segunda pesquisa demonstrou a falta dessas habilidades na população pesquisada. Novamente, a comunidade menonita de Witmarsum diverge das localidades restantes presentes no Quadro 6, com os índices de 92% de pesquisados com a leitura boa e média e de 83% na escrita do alemão *standard* (DÜCK, 2005). Percebemos aqui uma forte influência da religião na manutenção da leitura e da escrita, pois essas habilidades são ensinadas nas escolas dominicais com o intuito de possibilitar a leitura da Bíblia e a participação plena nos cultos.

Para melhor compreensão da posição e do funcionamento da língua polonesa no Brasil, passaremos agora para a discussão do conceito de língua de herança e das características da língua polonesa como língua de herança fora do seu país de origem.

### 3.5 LÍNGUAS DE HERANÇA

O termo *língua de herança* (*heritage language*), usado com referência às “línguas dos alunos de grupos minoritários faladas em casa”<sup>111</sup> (CUMMINS, 1983, p. 1), surgiu nos anos 80 do século XX no Canadá, na literatura acerca de políticas linguísticas em um país cada vez mais multicultural e multilinguístico. Na última década do século passado ganhou notoriedade também nos Estados Unidos e estendeu a sua presença às áreas de sociolinguística (ZENTELLA, 1997); ensino de línguas (VALDÉS, 1995, 2000) e de linguística formal

---

<sup>111</sup> No original: “minority students’ home languages”.

(SILVA-CORVALÁN, 1994; POLINSKY, 1997). Tanto no Brasil como na Polônia, o termo é usado há pouco menos de uma década. No entanto, o campo de estudo do Português como Língua de Herança (PLH) conta com obras que abordam os temas de identidade dos falantes de PLH (SOUZA, 2010), de fatores que influenciam a transmissão do PLH (MORONI, 2018), a didática para ensino em sala de aula de PLH (MELO-PFEIFER, 2016; GOMES, 2015), entre outros. Para se referir às línguas alóctones no Brasil, usa-se, na maioria dos casos, o termo *línguas de imigração* (SEIFFERT, 2009; MARTINY, 2017), *línguas de imigrantes* (ALTENHOFEN, 2000; MACIEL, 2010) ou, no sentido mais amplo, *línguas minoritárias* (BORSTEL, 1992, COMINOTTI, 2015).

Na Polônia o termo *língua de herança* (*język odziedziczony*) foi introduzido pelas pesquisadoras Lipińska e Seretny (2012) em relação ao idioma polonês usado pelos emigrantes e seus descendentes além das fronteiras daquele país. Dubisz (2014) limita o uso do termo *língua polonesa como língua de herança* somente a duas gerações: a dos adultos que deixaram a pátria (a geração emigratória) e a dos seus filhos (a primeira geração polônica). Contudo, tanto Montrul (2012), Valdés (2014) como Lipińska e Seretny (2016) estendem o uso do termo para todas as gerações que cresceram tendo contato com a língua dos seus antepassados no contexto de uma outra língua dominante no país. Por isso, no presente trabalho usaremos o termo *língua de herança* (LH) nesse sentido mais amplo.

Ao definir as línguas de herança, Fishman (2001) as caracterizou como as línguas de “relevância familiar especial”<sup>112</sup> (p. 81) para os falantes e distinguiu três grupos existentes nos Estados Unidos: as línguas nativas, as línguas dos colonizadores (por exemplo, holandês) e as línguas dos imigrantes. Lipińska e Seretny (2016) sugerem a adição de mais um grupo, a saber: as línguas nativas nos territórios que mudaram a sua nacionalidade, por exemplo, em resultado de guerras. Nesse caso, o termo incluiria a língua polonesa na Ucrânia e na Bielorrússia e a língua alemã na região oeste da Polônia. Faz-se necessário ressaltar que os quatro grupos de línguas mencionados acima concernem a comunidades de falantes que diferem entre si histórica e socialmente. Nesse trabalho, ao falarmos de LH, nos referiremos às línguas de imigrantes no país de acolhimento e, especialmente, à língua polonesa falada pelos emigrantes e seus descendentes além das fronteiras polonesas.

Um *falante de LH* é definido como um *indivíduo bilíngue* que foi exposto a uma língua de imigração ou a uma língua minoritária desde sua infância. Ao mesmo tempo, é um usuário proficiente de uma língua majoritária da comunidade de fala entendida de maneira mais ampla

---

<sup>112</sup> No original: “particular family relevance”.



(MONTRUL, 2012). O nível de bilinguismo de um falante de LH pode diferir consideravelmente dependendo da definição aplicada, desde o uso fluente da língua minoritária, alguma proficiência receptiva ou produtiva ou até nenhum conhecimento linguístico do membro da cultura minoritária (WILEY, 2001). No entanto, em regra, o termo falante de LH é usado para se referir a pessoas bilíngues, sendo o bilinguismo entendido como um contínuo de competências, independentemente de seu nível, em mais de uma língua (VALDÉS, 2014). Os moradores da Colônia Dom Pedro II, que tenham alguma competência em língua polonesa, são considerados, então, *falantes de polonês como língua de herança*.

A aquisição de ambas as línguas – a de herança e a dominante no país – pode ocorrer de modo simultâneo na primeira infância ou, o que aconteceu em muitos casos na Colônia Dom Pedro II, a LH é a primeira língua da criança, enquanto o contato com a língua majoritária se inicia somente com a entrada no sistema formal de educação. Em ambos os cenários, a língua majoritária, quase sempre, acaba tornando-se a língua dominante de um falante de língua de herança adulto (CABO; ROTHMAN, 2012, p. 450).

Segundo Lipińska e Seretny (2013), uma LH demonstra características tanto da língua materna como da língua estrangeira. Conforme as autoras, os objetivos e a maneira de aquisição da língua materna e da LH são parecidos, pois ambos os idiomas são conhecidos na infância, na interação com as pessoas próximas. Ademais, ambas as línguas são “portadoras de pertencimento a um grupo étnico e constituem um valor cultural para seus usuários”<sup>113</sup> (LIPÍŃSKA; SERETNY, 2013, p. 4). Na opinião dessas autoras, a LH se assemelha a uma língua estrangeira, por causa das “competências linguísticas [dos usuários] incompletas ou não desenvolvidas completamente”<sup>114</sup> (2013, p. 4). Montrul (2012, p. 185), que também reconhece essa ambivalência da LH, posiciona os falantes de LH no meio de um “contínuo de natividade”<sup>115</sup>, com os falantes nativos em um dos extremos e os bilíngues tardios em outro.

Lipińska e Seretny (2013), ao comparar a competência de falantes nativos com a de falantes de LH, constatam que a maior diferença entre dois grupos consiste na falta do conhecimento da variedade padrão de dada língua pelos falantes de LH. As autoras consideram também o conhecimento sociocultural de falantes de LH fragmentado e limitado ao conhecimento de costumes relacionados com a vida familiar, religiosa e comunitária. No entanto, se analisarmos a situação de falantes da língua polonesa como LH na Colônia Dom

<sup>113</sup> No original: “[obie postaci polszczyzny są] nośnikiem przynależności do grupy etnicznej stanowiąc dla użytkownika swoistą wartość kulturową.”

<sup>114</sup> No original: “niepełne lub nie w pełni rozwinięte kompetencje językowe”.

<sup>115</sup> No original: “continuum of nativeness”.

Pedro II, notaremos que os seus ancestrais, que certamente eram falantes nativos da língua que trouxeram para cá, desconheciam, na sua maioria, a variedade padrão da língua polonesa. Os seus descendentes não podiam, então, herdar algo que era relativamente estranho para os próprios imigrantes. Ademais, os moradores atuais da Colônia tiveram acesso à educação formal somente na língua portuguesa. Considerando esses fatos, a exigência de conhecimento da língua padrão nesse caso específico não parece adequada ao contexto social e histórico dos falantes.

De modo semelhante, o conhecimento sociocultural dos moradores da Colônia referente à polonidade diverge diametralmente do conhecimento sociocultural de falantes nativos na Polônia e, a nosso ver, não é necessariamente fragmentado, mas diferente, pois abrange domínios frequentemente pouco conhecidos por uma parte da sociedade polonesa atual, como o folclore polonês, a agricultura e o dia a dia das comunidades polonesas no exterior.

Mais um exemplo de comparação de competência de falantes de LH com a de *native speakers*, portanto, de visão fragmentada de bilinguismo, usando a terminologia apresentada no ponto 3.2.1, é o uso do termo *aquisição incompleta*. Termo esse, usado por pesquisadoras como Montrul (2012), Polinsky (2006) ou Silva-Corvalán (1994), descreve a situação na qual a criança, um usuário de LH, não teve oportunidade de atingir a maestria de algumas formas linguísticas adequadas a sua idade, porque o *input* e as oportunidades de uso de língua estavam abaixo do mínimo necessário (MONTRUL, 2012). Uma situação oposta é a aquisição de sucesso, que depende do recebimento da quantidade mínima de *input* necessária para desencadear o desenvolvimento pleno (adequado à idade do falante) das habilidades linguísticas. Segundo Polinsky (2006, p. 194), “a língua que é submetida [...] à aquisição incompleta é chamada de ‘reduzida’ e contrasta com a língua plena – língua caracterizada pelo conhecimento convencionalizado pleno”<sup>116</sup>.

Como sugerem Cabo e Rothman (2012), o uso do termo *aquisição incompleta* faz sentido somente se assumirmos que a comparação entre os falantes bilíngues de uma língua de herança e os monolíngues é uma comparação inerentemente justificável. Lembremos, porém, que, conforme sustenta Montrul (2012), os falantes de LH não são considerados falantes nativos. O uso do termo é, portanto, um exemplo de aplicação de modelos de um grupo na avaliação da competência de um grupo distinto. Novamente, um monolíngue, com a sua

---

<sup>116</sup> No original: “a language that undergoes [...] incomplete acquisition is called ‘reduced’ and contrasts with the full language, i.e. the language characterized by full conventionalized knowledge.”

aquisição completa, torna-se um exemplo inalcançável para o falante bilíngue, cujo processo de aquisição, sob essa perspectiva, é inconcluso.

O uso do termo e as suas implicações ideológicas e metodológicas têm seus críticos e seus adeptos. Aos críticos pertencem, por exemplo, Cabo e Rothman (2012), os quais contestam o uso do atributo de incompletude, que sugere deficiência, pois um dos motivos das diferenças de competência de falantes de LH é o *input* recebido por eles. A língua com a qual os falantes de LH entram em contato não só foi influenciada até certo ponto pelo contato linguístico, mas também pelo contexto sociocultural no qual está situada, que difere significativamente do contexto na qual a “língua plena”, valendo-se da terminologia de Polinsky (2006), é usada. Cabo e Rothman (2012), argumentam, então, que a dicotomia da aquisição completa ou incompleta não se aplica à situação em questão e sugerem que a competência de falantes LH é completa, porém diferente.

É interessante que ambos os grupos, os adeptos e os críticos do termo, citam resultados de pesquisas para apoiar os seus argumentos: os que comprovam a falta de aquisição de formas linguísticas apesar da sua presença no *input* (MONTRUL; BHATT; BHATIA, 2012) e os que confirmam a hipótese da aquisição completa nos falantes de LH (PIRES; ROTHMAN, 2009).

Seja como for, considerando as realidades distintas da aquisição, do uso linguístico e de vida dos moradores da Colônia e dos falantes nativos na Polônia, nesta pesquisa adotaremos a postura de Cabo e Rothman (2012), segundo a qual:

As diferenças de resultados nos falantes bilíngues de LH não precisam ser vistos como *déficit* de qualquer tipo. Em vez disso, podemos e devemos aceitar essas diferenças documentadas como resultados únicos de realidades diferentes. As realidades mono- e bilíngues são distintas e, por isso, a expectativa é de que falantes de LH demonstrem trajetórias e pontos de chegada distintos.<sup>117</sup> (CABO; ROTHMAN, 2012, p. 453-454).

### 3.6 LÍNGUA POLONESA COMO LÍNGUA DE HERANÇA E LÍNGUA POLONESA NO EXTERIOR

O fato de o termo *língua de herança* surgir apenas recentemente na literatura acadêmica polonesa não significa que a língua da diáspora polonesa no mundo, presente em 125 países, não tenha sido objeto de estudo da academia polonesa. Em virtude da grande concentração de imigrantes poloneses nos países de língua inglesa, vários pesquisadores se

---

<sup>117</sup> No original: “HS [heritage speaker] bilingual outcome differences do not have to be viewed as deficits of any kind. Rather, we can and should embrace documented HS differences for what they are, unique outcomes of different realities. The monolingual and bilingual realities are distinctive, and so the default expectation should be that HSs would demonstrate discrete paths and ultimate attainments.”

debruçaram sobre a língua polonesa nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na Austrália e no Canadá: sua estrutura (DOROSZEWSKI, 1938; SZLIFERSZTAJN, 1981; DUBISZ, 1997a), seu léxico (SZYDŁOWSKA-CEGŁOWA, 1990; GRUCHMANOWA, 1979), a identidade dos falantes e o papel da língua polonesa na vida deles (WIERZBICKA, 1990; MIODUNKA, 1990; SMOLICZ e SECOMBE, 1990; DUTKA, 2006), o bilinguismo polono-inglês (DEBSKI, 2009; BŁASIAK, 2011), para listar somente alguns tópicos. Pesquisadores abordaram também a presença da língua polonesa em alguns outros países de acolhimento de imigrantes poloneses: na Alemanha (MICHALEWSKA, 1991; WARCHOŁ-SCHLOTTMANN, 1997), na França (MASIEWICZ, 1981; WRÓBLEWSKA-PAWLAK, 2004), na Suécia (LASKOWSKI, 2009), e na Áustria (CIESZYŃSKA, 2006), entre outros. É digno de nota o campo de estudos da língua polonesa nos territórios que pertenciam à Polônia antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, cujas obras relatam a situação da minoria polonesa e sua língua, por exemplo, na Lituânia (KARAS, 2001; GEBEN, 2003) e na Ucrânia (RIEGER *et al.*, 2002; DZIEGIEL, 2003).

### 3.6.1 Língua polônica – a classificação

Como observa Dubisz (1997b), uma das características da língua polonesa no estrangeiro é o fato de ela não ter *status* de código oficial do país e, portanto, não ser o único e o principal código das comunidades polonocêntricas fora da Polônia. Em consequência disso, os domínios de uso do idioma são limitados e não abrangem, por exemplo hoje em dia no Brasil, a esfera de administração pública ou de mercado de trabalho. A língua polonesa fora da Polônia é usada, na maioria dos casos, pelos indivíduos que conhecem a língua dominante do país e expressam uma realidade diferente da polonesa, o que causa as modificações na língua polonesa e a adoção nela de elementos da língua oficial do país de acolhimento (MIODUNKA, 1990).

A variedade da língua polonesa que surge em resultado desse contato linguístico é chamada por Miodunka (1990) de *língua polônica* (*język polonijny*). Esse termo foi criado em analogia com a distinção existente na língua polonesa entre a palavra *Polacy*, que denomina os poloneses que moram na Polônia e a palavra *Polonia*, que se refere ao conjunto de pessoas de ascendência polonesa que residem no exterior. Seguindo essa distinção, o primeiro grupo fala a língua polonesa (*język polski*), e o segundo, a língua polônica (*język polonijny*). No entanto, esse termo “guarda-chuva” não nomeia os elementos estrangeiros que influenciam a língua polonesa. Por isso, Miodunka (1990) propõe o uso do termo *dialeto* em conjunto com a indicação das línguas envolvidas na sua criação ou a localização geográfica do seu uso. No caso do objeto do estudo deste trabalho se trata, então, de *dialeto polono-brasileiro*.

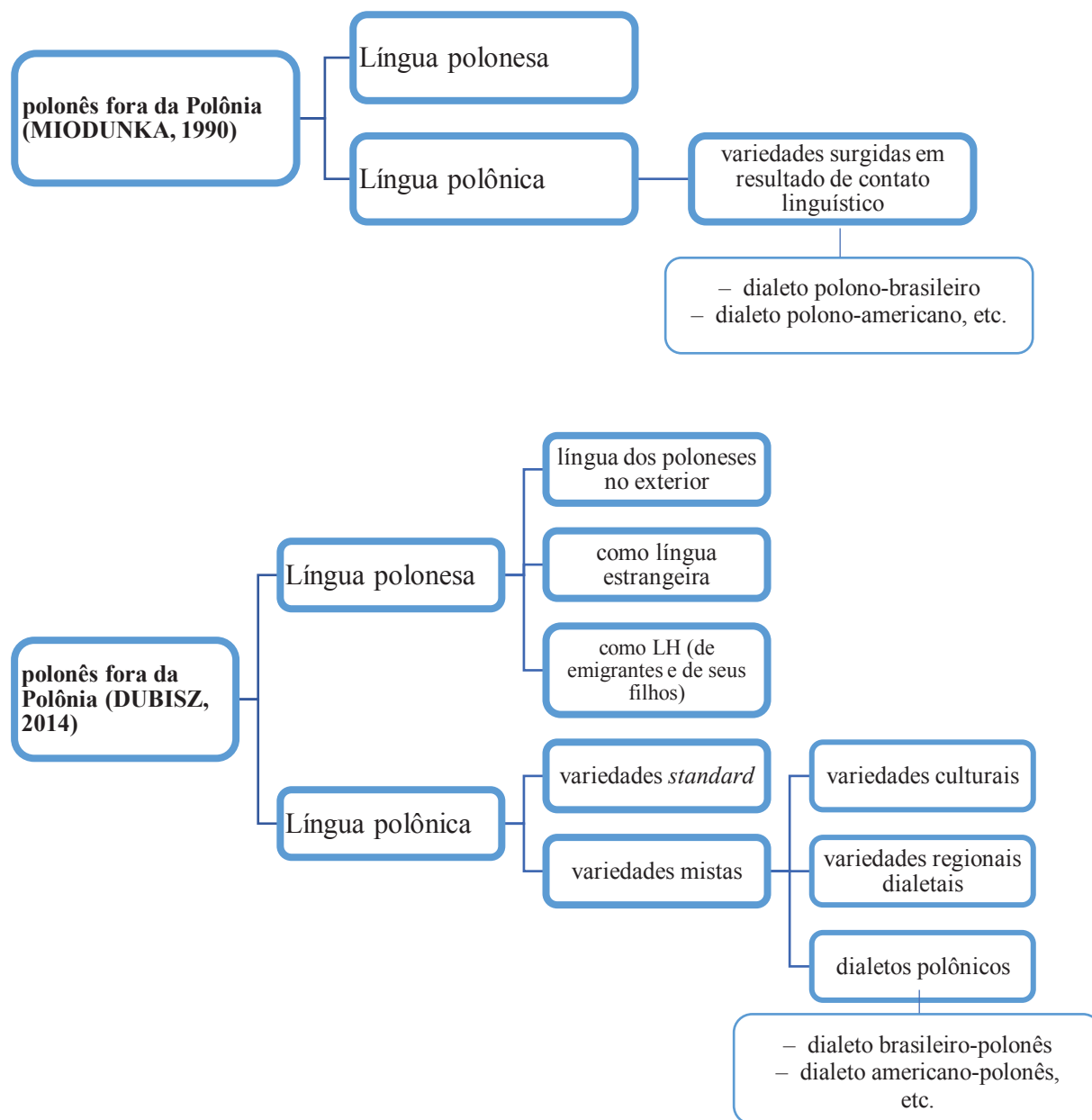
Dubisz (2014) propõe uma classificação diferente de variedades do idioma polonês fora das fronteiras da Polônia. O autor faz uma distinção entre a *língua polonesa fora do país* e a *língua polônica*. A primeira delas é composta de três variedades: a língua falada por poloneses que residem no estrangeiro; a língua dos estrangeiros que aprendem polonês como segunda língua e a língua dos emigrantes e seus filhos (a língua de herança na acepção de Dubisz). A *língua polônica*, ao contrário da definição proposta por Miodunka (1990), inclui as variedades *standard* da língua polonesa, que seguem as normas de língua padrão na Polônia. Dubisz (2014) admite que o uso dessas variedades é muito limitado. O segundo grupo das variedades da língua polônica são as *variedades mistas*, que demonstram vários níveis de influência da língua dominante do país em questão. A nosso ver, esse grupo corresponde à noção de língua polônica proposta por Miodunka (1990).

O primeiro conjunto das variedades mistas compõem as *variedades culturais*, mais próximas às normas que regem a língua polonesa na Polônia, cujo uso costuma se limitar às camadas da sociedade com maior nível de escolarização. Um exemplo das variedades culturais da língua polônica no Brasil são os textos literários e jornalísticos publicados na imprensa brasileira de língua polonesa, existente nos anos 1892-1999. O segundo grupo é constituído pelas *variedades dialetais regionais*, também próximas ao idioma polonês na Polônia, mas às suas variedades regionais não *standard*, levadas pelos camponeses para suas novas pátrias. Foram essas variedades trazidas pelos imigrantes que se estabeleceram ao redor de Curitiba nos anos 70 do século retrasado. Finalmente, o terceiro grupo engloba as variedades mais usadas hoje em dia pelos descendentes dos imigrantes – os *dialetos polônicos*, definidos por Dubisz (2014, p. 88) como “uma *mistura* de elementos de língua polonesa (em seus diferentes variantes), da língua do país de residência e das línguas de outros grupos étnicos com os quais as comunidades polônicas entram em contatos diretos”<sup>118</sup>. A Figura 7 ilustra as classificações de língua polonesa fora da Polônia propostas por Miodunka (1990) e por Dubisz (2014).

---

<sup>118</sup> No original: “*melanz* elementów języka polskiego (w różnych jego wariantach), języka kraju osiedlenia oraz języków innych grup etnicznych, z którymi polonijne zbiorowości wchodzą w bezpośredni kontakt.”

FIGURA 7 – POLONÊS FORA DA POLÔNIA. TERMINOLOGIA DE MIODUNKA (1990) E DE DUBISZ (2014)



No presente trabalho falaremos de língua polônica e de dialeto polono-brasileiro, como entendidos por Miodunka (1990) e de língua polonesa como LH na definição de Lipińska e Seretny (2016). Percebamos que o termo *língua polônica*, na definição de Miodunka (1990), é um pouco mais abrangente do que o termo *língua polonesa como LH*, na acepção de Lipińska e Seretny (2016), pois a primeira pode se referir à língua tanto da geração de emigrantes adultos, como das gerações de seus descendentes. O segundo termo abarca somente as gerações já nascidas no país onde polonês é uma língua minoritária ou a geração dos que emigraram como crianças (a geração zero).

Porém, para Lipińska e Seretny (2013, p. 6), a *língua polônica*, entendida como a variedade mista, é uma “*língua de herança não cultivada*”<sup>119</sup>. No entanto, faz-se necessário frisar que as autoras se referem principalmente à língua da geração zero e da primeira geração polônica. No caso dos descendentes dos imigrantes poloneses no Brasil, o mero fato da existência ainda hoje da língua polônica, trazida há um século e meio do outro lado do oceano, é uma prova de cultivo e de apego à língua dos ancestrais. Por isso, no nosso trabalho não consideraremos a língua polônica a “não cultivada” ou a “estragada” variedade da língua polonesa, como, segundo Miodunka (2003), ela é vista em alguns círculos sociais e linguísticos na Polônia. Em vez disso, adotaremos a visão de Dubisz (1997b), conforme a qual:

Para os membros das comunidades polonocêntricas, seu código étnico (independente da sua forma linguística) é um elemento gerador de cultura que permite a participação em cultura nacional e, ao mesmo tempo, é um resultado de um atrito entre dois sistemas culturais concorrentes [...]. Porém, independentemente dessas condições, para os membros daquelas comunidades, seu código étnico é um sinônimo da língua polonesa e, por isso, nesse contexto, pode ser visto na função de *língua* e, consequentemente, na função de um *sistema linguístico* (DUBISZ, 1997b, p. 21-22, grifo do autor).<sup>120</sup>

### 3.6.2 As características da língua polônica

A língua polônica é, obviamente, muito heterogênea, e, segundo Dubisz (1997b), quando comparada com a língua polonesa na Polônia, é submetida à maior diversidade de fatores extralinguísticos que nela exercem influência. Trata-se de uma língua de caráter diaspórico, falada nas comunidades linguísticas dispersas geograficamente e fundadas em épocas diferentes. Quanto à diversidade cronológica da língua polonesa no exterior, Szydłowska-Ceglowska (1990) constata que a língua das ondas mais antigas da emigração polonesa é, em grande medida, arcaica e difere consideravelmente da língua dos que deixaram a Polônia no período entreguerras (1918-1939) e após a Segunda Guerra.

Essa autora enfatiza também a diferenciação geográfica dos emigrantes poloneses oriundos de diferentes regiões da Polônia – questão já sinalizada no ponto 2.4. Lembremos que os imigrantes vindos ao Brasil na época da fundação da Colônia Dom Pedro II, nos anos 70 do

<sup>119</sup> No original: “niepielęgowany język odziedziczony”.

<sup>120</sup> No original: “Wobec członków polonocentrycznych zbiorowości ich kod etniczny (bez względu na kształt językowy) odgrywa rolę kulturotwórczą, umożliwia uczestniczenie w kulturze narodowej, a zarazem jest wynikiem ścierania się dwu konkurencyjnych systemów kulturowych [...]. Niezależnie jednak od tych uwarunkowań, dla członków tych zbiorowości, ich kod etniczny jest synonimem polszczyzny i dlatego w tym kontekście można go ujmować w funkcji *języka*, i – co z tym związane – w funkcji *systemu językowego*.”



século XIX, trouxeram consigo a língua e a cultura polonesas, cultivadas por eles durante quase 100 anos sem nenhum apoio institucional do inexistente Estado polonês. Por isso, entre os fatores que influenciaram a língua dos representantes da “velha emigração”, é mister mencionar as diferenças regionais, a influência das línguas dos ocupantes (alemão ou russo), a baixa qualidade de educação nos terrenos de origem e o baixo nível de consciência nacional dos imigrantes. Em consequência desses fatores, na língua usada hoje em dia pelos descendentes dos imigrantes poloneses nos arredores de Curitiba se observa, além das influências de PB, vários arcaísmos, regionalismos e as influências de língua alemã. É importante destacarmos também que, em resultado das políticas dos impérios ocupantes, de germanização e de russificação, uma grande parte dos imigrantes, ao chegar ao Brasil, já era bilíngue e iniciava o processo de se tornar trilingue.

A presença de germanismos na fala trazida pelos imigrantes no final do século XIX dificulta a definição da origem das influências da língua alemã observadas no dialeto polono-brasileiro, podendo elas ter sido resultado de contato linguístico ainda na Europa ou já no Brasil. Por exemplo, Stańczewski (1925) lista as palavras polono-brasileiras tais como *szyf* (do alemão *Schiff* – navio) e *glaska* (*Glas* – copo) no grupo dos germanismos oriundos da Europa, enquanto as palavras *tyger* (*Tiger* – tigre) e *tyfa* (*Tiefe* – vale) são interpretadas como resultado de contato com os imigrantes alemães no Brasil. Infelizmente, o autor não menciona a metodologia aplicada na criação da sua classificação.

Segundo Dubisz (1997b), as comunidades polônicas no mundo são também heterogêneas internamente no que diz respeito ao *status* social, profissional e intelectual de seus membros. Essa posição social é refletida na variedade de língua polonesa trazida e mantida pelos indivíduos. Como mencionamos acima, os camponeses vindos ao Brasil no final do século XIX eram falantes de variedades regionais não padrão, que certamente diferiam de variedades do pequeno, mas existente, grupo de intelectuais poloneses que chegaram às margens desse país no mesmo período.<sup>121</sup>

Essa heterogeneidade concerne também à diferença entre as gerações de imigrantes e de seus descendentes. Essas primeiras são chamadas na literatura polonesa de *gerações emigratórias* e as segundas, de *gerações polônicas*. Essa diferenciação serve, conforme Dubisz (1997b), para distinguir as duas variantes da língua – a *emigratória* e a *polônica*. Em resultado de sua pesquisa de línguas eslavas na América do Norte, Grabowski (1988 *apud* SEKOWSKA,

<sup>121</sup> Entre os primeiros intelectuais e ativistas polônicos no Brasil estavam, por exemplo, Sebastião Woś Saporski chamado de “o pai da imigração polonesa no Brasil”, Herônimo Durski – “o pai das escolas polonesas no Brasil” e Jan Hempel – jornalista e escritor.

2010) constatou a existência de grandes diferenças no nível fonético, fonológico e sintático entre as variedades da geração dos emigrantes e da dos seus filhos, já nascidos na América. Conforme a autora, a variedade da primeira geração nascida fora do território eslavo, se mantida, se estabiliza e pode continuar sem grandes mudanças por várias gerações.

Em resumo, considerando o contexto histórico e social da comunidade Dom Pedro II, dos seus fundadores e seus descendentes, espera-se que a língua polônica falada hoje em dia na Colônia contenha:

- arcaísmos – por se tratar da “velha emigração”;
- germanismos – pela origem dos imigrantes dos territórios sob ocupação austríaca;
- regionalismos – pela origem camponesa dos fundadores da Colônia;
- fortes influências do PB – pela sua presença no Brasil nos últimos quase 150 anos.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia da nossa pesquisa, a qual é uma pesquisa exploratória de campo, foi baseada em arcabouço teórico da Sociolinguística e da Etnografia. Na busca da resposta à pergunta clássica da Sociolinguística posta por Fishman, “quem fala qual língua para quem e quando”<sup>122</sup> (1972 *apud* SEALY, 2007, p. 642), valemo-nos tanto das ferramentas próprias da primeira das ciências, tais como entrevista sociolinguística, como também dos métodos etnográficos que visam descrever e entender a cultura da comunidade estudada da perspectiva dupla – a do pesquisador e a dos pesquisados (WALTERS, 1979).

Essa combinação de métodos de coleta de dados, que objetivam abranger tanto a língua como a cultura de uma comunidade, tem sua origem nas observações dos antropólogos do século XIX que perceberam que “o pesquisador da língua deve ser um pesquisador das pessoas que falam essa língua”<sup>123</sup> (POWEL, 1880 *apud* SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 5). Partindo da premissa de que o conhecimento da língua é necessariamente social e cultural, seguimos a proposta de Blommaert, o qual sustenta que “a etnografia nos permitirá desvendar os detalhes de como variedades de língua [...] funcionam para as pessoas, o que elas realizam (ou como falham) na prática [...]”<sup>124</sup> (2003, p. 615) e esse é um dos objetivos da presente pesquisa. Também Gumperz (1970) nota que, mesmo após a gravação do material linguístico, a avaliação do seu significado social pode gerar dificuldades sem o conhecimento etnográfico da comunidade estudada.

A Sociolinguística e a Etnografia compartilham uma preocupação referente ao papel e à influência da presença do pesquisador nos resultados da pesquisa. O termo “paradoxo do observador”, cunhado por Labov (2008 [1972]), descreve o grande dilema do sociolinguista que busca descobrir como as pessoas da comunidade pesquisada falam quando não estão sendo observadas, porém a observação é a única ferramenta que permite a coleta desse tipo de dados. O trabalho etnográfico, por sua vez, exige um envolvimento ativo do pesquisador nas ações sociais pesquisadas, o que permite a geração de *insights* que não poderiam ser obtidos de nenhuma outra maneira. Contudo, esse mesmo envolvimento muda inevitavelmente as práticas

<sup>122</sup> No original: “who speaks what language to whom and when.”

<sup>123</sup> No original: “The student of language should be a student of the people who speak the language.”

<sup>124</sup> No original: “Ethnography will allow us to unravel the details of how language varieties [...] work for people, what they accomplish (or fail to) in practice [...]”.

linguísticas pesquisadas, quer pelo engajamento direto do cientista, quer pela simples presença de um gravador (TUSTING; MAYBIN, 2007). Labov acredita na possibilidade da superação do paradoxo do observador por meio de procedimentos específicos durante a entrevista que permitam o aparecimento do tão almejado vernáculo na fala dos entrevistados (LABOV, 2008 [1972]), ao passo que a Etnografia reconhece a impossibilidade de separar a pesquisa do seu pesquisador. É ele quem é parte dela e quem a molda mediante a sua prática interpretativa (TUSTING; MAYBIN, 2007). Essa preocupação com a influência do pesquisador foi presente na realização da nossa pesquisa, pois acreditamos que a identidade polonesa da pesquisadora teve algumas consequências no trabalho de campo, descritas abaixo, no ponto 4.3.

Conforme Rampton (2007), o método etnográfico pode desafiar a estandardização típica da pesquisa linguística e introduzir algumas parcialidades e incertezas nos resultados obtidos. No entanto, o autor sugere que a Etnografia pode ser um fator “humanizante” na pesquisa linguística, uma vez que, por intermédio de suas ricas descrições de como os falantes adaptam o seu uso linguístico a diferentes objetivos e contextos, evita que a pesquisa seja reducionista e pouco aprofundada.

#### 4.2 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

A comunidade pesquisada, a Colônia Dom Pedro II em Campo Largo, é composta de 690 habitantes (IBGE, 2013), dos quais 70% são descendentes dos imigrantes poloneses (SIKORA, 2014). Em razão do objeto da pesquisa – a presença da língua polonesa na comunidade – decidiu-se aplicar os seguintes critérios de inclusão de informantes:

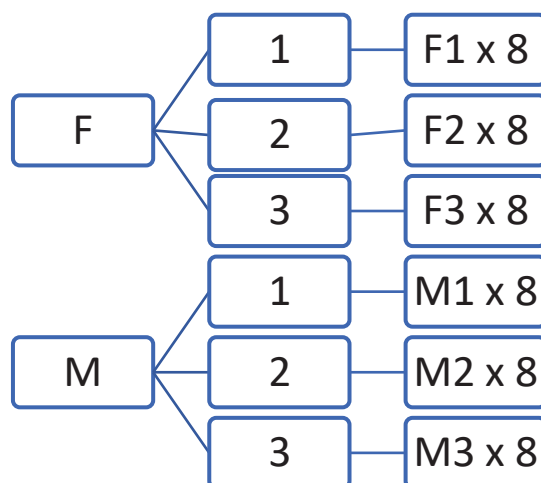
- a) Moradores da Colônia Dom Pedro II;
- b) Nascidos na Colônia;
- c) Sem estadia fora da Colônia por mais de 5 anos;
- d) Descendentes de imigrantes poloneses, pelo menos de um lado;
- e) Pessoas adultas.

Segundo Wouk, os informantes, além de serem “pessoas do lugar, [...] que conhecem bem as formas de cultura da comunidade” (1981, p. 133), se casados, devem ter cônjuges oriundos da mesma comunidade. O pesquisador sustenta que, caso contrário, haverá perigo de cruzamento de formas regionais diferentes. No nosso caso, não consideramos a exogamia como um critério de exclusão, levantada a hipótese de que ela pode ser uma variável que influencia a manutenção ou a substituição da língua polonesa na Colônia.

A população pesquisada é composta de descendentes de imigrantes poloneses que constituem 70% de todos os moradores da Colônia. Trata-se, portanto, de cerca 480 pessoas. Decidimos estabelecer o tamanho da amostra para 10% desse número o que, a nosso ver, permite a inferência dos resultados da amostra para a população. Com intuito de criar uma amostra representativa que englobe todos os estratos da população pesquisada, optamos pelo método de amostragem aleatório estratificado, no qual, segundo Oliveira e Silva, “divide-se a população em ‘células’ (‘casas’, ‘estratos’) compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada casa, a uma seleção aleatória” (2004, p. 121). Para a estratificação foram escolhidas duas variáveis sociais: o sexo e a idade, esta última composta de três níveis: de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos, 56 anos e mais. Cada casa da amostra contém oito informantes – número suficiente, dada a recomendação de Labov de número mínimo de cinco falantes em cada célula (2008 [1972]).

O esquema abaixo permite a visualização da amostra dividida em células. Os fatores foram codificados de seguinte modo: 2 sexos – F e M; 3 faixas etárias – 1, 2 e 3 (da mais jovem à mais velha).

FIGURA 8 – ESQUEMA DA COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA



Cada informante foi identificado com um número, a fim de manter a sua identidade em sigilo. A Tabela 2 ilustra a identificação e a distribuição de idade dos informantes dentro das faixas etárias.

TABELA 2 – A IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES E A DISTRIBUIÇÃO DE IDADE DENTRO DAS FAIXAS ETÁRIAS

N.º	Sexo	F. etária	Idade	N.º	Sexo	F. etária	Idade	N.º	Sexo	F. etária	Idade
1	F	1	19	17	F	2	39	33	F	3	59
2	F	1	20	18	F	2	39	34	F	3	69
3	F	1	22	19	F	2	44	35	F	3	70
4	F	1	26	20	F	2	45	36	F	3	74
5	F	1	33	21	F	2	47	37	F	3	75
6	F	1	34	22	F	2	50	38	F	3	80
7	F	1	35	23	F	2	52	39	F	3	80
8	F	1	35	24	F	2	54	40	F	3	81
9	M	1	19	25	M	2	38	41	M	3	56
10	M	1	20	26	M	2	38	42	M	3	59
11	M	1	23	27	M	2	39	43	M	3	62
12	M	1	28	28	M	2	39	44	M	3	65
13	M	1	29	29	M	2	45	45	M	3	66
14	M	1	29	30	M	2	46	46	M	3	77
15	M	1	30	31	M	2	52	47	M	3	80
16	M	1	35	32	M	2	53	48	M	3	86

Nas falas dos informantes citadas ao longo do texto indicamos o sexo do informante, **M** ou **F**, e a faixa etária a qual pertence, **1**, **2** ou **3**. Assim, por exemplo, a marcação **M1** significa um homem entre 18 e 35 anos e a marcação **F3** – uma mulher acima de 55 anos.

É importante salientar que, apesar de algumas dificuldades de preencher todas as células com o mesmo número de indivíduos, logramos manter uma distância de idade entre as faixas etárias dentro do mesmo sexo. No caso das mulheres, a diferença de idade entre a informante mais velha do grupo mais jovem e a mais jovem do grupo seguinte é de 4 anos, e a diferença de idade entre o grupo médio e o mais velho, de 5 anos. Para os homens essas diferenças são de 3 anos.

#### 4.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Como afirma Labov (2008): “Os passos elementares de localizar e contatar informantes e levá-los a falar livremente numa entrevista gravada são problemas difíceis para os estudantes. É um erro ignorar essas questões [...]” (p. 242). O processo de seleção dos informantes da nossa pesquisa foi conduzido com a inestimável ajuda das pessoas oriundas da Colônia Dom Pedro II, hoje moradoras de Curitiba, conhecidas anteriormente pela pesquisadora. Uma vez dada a explicação acerca do objeto e dos objetivos da pesquisa, as

pessoas entravam em contato com os primeiros informantes potenciais e buscavam a sua aceitação em participar do estudo. Em caso da recepção positiva, a pesquisadora contatava os voluntários por telefone ou por *WhatsApp*, na maioria dos casos em português, e marcava a data e a hora da entrevista, que de costume ocorria na casa do entrevistado.

Um outro modo de se aproximar dos moradores da Colônia foi a participação na missa dominical, durante a qual o pároco apresentou a pesquisadora à comunidade, com o pedido aos voluntários de permanecerem na igreja após a missa. Embora o convite do pároco tenha surtido efeito somente em seis membros da comunidade, gerou confiança perante a pesquisadora. Vários informantes entrevistados posteriormente e contatados por outros meios lembravam da polonesa apresentada pelo padre na missa.

Os primeiros entrevistados pertenciam à terceira faixa etária e eram considerados pelos ex-moradores da Colônia, que os indicaram, “as pessoas que sabem muita coisa sobre a Dom Pedro”. Ao concordarem em participar das entrevistas, as pessoas sabiam que se tratava de uma simples conversa sobre a vida na Colônia, que faria parte de uma pesquisa para uma universidade. Provavelmente todas elas souberam sobre a nacionalidade polonesa da pesquisadora, a qual, no caso dessa faixa etária, parece ter sido um importante fator incentivador para os voluntários. Vale ressaltar que a pesquisadora não ocultava informações referentes à pesquisa dos informantes e respondia sempre às perguntas acerca dela. A sucinta e simples apresentação da pesquisa no primeiro contato, recomendada, entre outros, por Oliveira e Silva (2004) e Wouk (1981), tinha como objetivo deixar os entrevistados à vontade e evitar o constrangimento. Todos os informantes assinaram e receberam sua cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná (APÊNDICE I).

A terceira fonte de contatos para a pesquisa foram os próprios informantes, que, uma vez entrevistados, buscavam os próximos voluntários entre seus familiares e amigos. No total, 20 pessoas entrevistadas foram recomendadas pelos ex-moradores da Colônia conhecidos pela pesquisadora, 22 pelos próprios entrevistados, e 6 reagiram ao convite do pároco.

Faz-se necessário mencionar um certo viés da amostra – inerente à pesquisa com voluntários. Tratando-se de uma comunidade de origem polonesa, os convidados certamente inferiam que a pesquisa “da vida na Colônia” envolveria os assuntos relacionados com a polonidade do lugar e de seus moradores. Como mencionado acima, a nacionalidade da pesquisadora abriu muitas portas. Contudo, deve ter fechado outras. Os que aceitaram o convite eram, na sua maioria, pessoas que demonstravam atitudes positivas para com a sua ascendência e as tradições trazidas pelos seus ancestrais. A hipótese do seu engajamento acima da média na



vida da Colônia se confirmou durante a Festa da Padroeira, quando observamos que a maioria dos informantes da pesquisa estava envolvida na organização da comemoração.

Portanto, acreditamos necessário fazer uma reflexão sobre as atitudes dos que se recusaram a compartilhar as suas observações conosco. As primeiras rejeições deram-se na faixa etária de 36 a 55 anos entre os convidados masculinos. Foram novamente os homens que geraram a maior dificuldade para podermos completar a faixa etária mais jovem, embora, neste grupo, as mulheres também tenham se mostrado resistentes.

Acreditamos que a perspectiva de entrevista com o pesquisador, uma mulher, pode ter causado um certo desconforto para alguns homens mais conservadores da comunidade, onde em muitas famílias ainda prevalecem relações patriarcais. Algumas entrevistadas, ao fracassarem em convencer seus maridos ou filhos a participarem do estudo, justificavam esse fato com a sua índole fechada e desconfiada com os estranhos. Por exemplo, um dos informantes abaixo de 35 anos comentou que a sua desenvoltura e autoconfiança se deviam aos seus estudos e seu trabalho fora da Colônia. O jovem acrescentou ainda que 5 anos antes não teria coragem de conversar com uma pessoa desconhecida como o fez durante a entrevista.

Entre os homens jovens que se recusaram a conversar conosco podemos distinguir dois grupos: de um lado os jovens agricultores, provavelmente com poucos contatos fora da Colônia, de outro, os que moram na Colônia, porém passam nela pouco tempo, em virtude dos estudos e do trabalho na cidade. A nossa hipótese, que infelizmente não poderá ser verificada nesta pesquisa, é a de que enquanto a resistência do segundo grupo é oriunda da pouca conexão com os valores tradicionais poloneses, a do primeiro grupo, que declinou do convite, seria justamente por sua forte ligação a esses valores, que incluem certa desconfiança para com os estranhos e um certo conservadorismo.

Por fim, cabe mencionar que o número total das conversas ultrapassou o número da amostra, pois, algumas vezes, somente no decorrer da entrevista vinha à tona a incompatibilidade do morador com o perfil exigido pela pesquisa. Neste caso, a gravação foi, posteriormente, descartada da amostra. Apesar disso, esses encontros se tornaram mais uma fonte rica das informações etnográficas sobre a vida da comunidade.

## 4.4 COLETA DE DADOS

### 4.4.1 Fase preliminar

Como já sinalizamos na primeira parte deste capítulo, adotamos uma abordagem segundo a qual “é necessário penetrar-se na comunidade para observar como esta usa a língua” (OLIVEIRA E SILVA, 2004, p. 115). Dito isso, os primeiros passos que nos aproximaram da comunidade durante esta pesquisa foram dados fora dela. Conduzimos várias conversas sobre as características da Colônia e seu povo com os ex-moradores da comunidade mencionados acima, entre eles um padre, hoje morador de Curitiba. Essas primeiras espreitadas na cultura e nas histórias da Colônia nos possibilitaram o ajuste do formulário da entrevista à realidade da localidade em estudo, pois, como aconselham etnógrafos, “tanto as perguntas como as respostas devem ser descobertas na cultura do povo a ser pesquisado”<sup>125</sup> (ROBERTS; FORMAN, 1972, p. 185). Saville-Troike afirma que “os pesquisadores, desde o começo, devem conhecer a estrutura geral, instituições e valores que guiam o comportamento cultural da comunidade e serem capazes de se comportar adequadamente, tanto linguisticamente como culturalmente”<sup>126</sup> (2003, p. 92).

Uma inestimável fonte desse tipo de informação foi a recente dissertação de mestrado de uma pesquisadora oriunda da Colônia Dom Pedro II, Mafalda Ales Sikora, a qual conduziu uma investigação das políticas imigratórias no Brasil nos séculos XIX e XX, que incluía um estudo de caso da Colônia com uma pesquisa de campo (SIKORA, 2014). Esta primeira fase de familiarização com a Colônia abrangia também a participação da Caminhada das Colônias Polonesas que ocorreu na comunidade pesquisada e nos permitiu conhecer melhor a topografia do local e os produtos artesanais produzidos pelos moradores. Nessa ocasião foi feito também o contato com a nossa primeira entrevistada.

### 4.4.2 Observação participante

Como foi dito na seção 4.1, a abordagem metodológica da presente pesquisa se vale, além dos métodos desenvolvidos no âmbito de Sociolinguística, dos instrumentos da

---

<sup>125</sup> No original: “[...] both the queries and their responses are to be discovered in the culture of the people being studied.”

<sup>126</sup> No original: “[...] at the outset researchers must know the general framework, institutions, and values which guide cultural behavior in the community and be able to behave appropriately, both linguistically and culturally [...]”

Etnografia. De acordo com o que afirma Saville-Troike, “‘fazer etnografia’ [...] envolve principalmente pesquisa de campo, que inclui observação, fazer perguntas, participação em atividades em grupo e os testes da validade das percepções do pesquisador diante das intuições dos nativos”<sup>127</sup> (2003, p. 3). A autora declara ainda que a observação participante é o método mais comum de coleta de dados etnográficos em qualquer domínio cultural.

Embora no caso da nossa pesquisa esse instrumento não seja o cerne da coleta de dados, ele foi uma ferramenta utilizada após quase todas as entrevistas. Uma vez desligado o gravador, os anfitriões costumavam convidar a pesquisadora para um lanche da tarde, que reunia também outros membros da família. Esses momentos, descontraídos, agradáveis para o ânimo e o estômago, nos permitiam observar as interações entre os familiares, conhecer na prática alguns dos seus costumes alimentares e seus problemas do dia a dia, que não vinham à tona tão facilmente na frente do gravador. A participação da pesquisadora na missa dominical, seguida, como de costume, de alvoroço pós-missa na frente da igreja, cheio de histórias alegres, proporcionou uma oportunidade preciosa de observar o uso das línguas presentes na comunidade em ambientes formal e informal. Uma experiência rica em observações da cultura local foi também a participação da Festa da Padroeira, que trouxe uma possibilidade de conversas com os moradores em uma situação não formal e o contato com a fala não monitorada dos membros da comunidade na língua polonesa.

Uma das recomendações de Labov (2008 [1972]) é a aplicação de observações espontâneas informais do uso público da língua na vida diária, por exemplo, nas ruas, nos bares ou lojas. Infelizmente, em virtude do tamanho da comunidade, na qual já não existe uma venda ou um bar, esse tipo de observação não participante não foi exequível, exceto as situações da missa e da festa, descritas acima. Os detalhes de todas as observações conduzidas na Colônia eram registrados no “diário de bordo” da pesquisa com o propósito de se tornarem uma das fontes da análise qualitativa do presente estudo.

#### 4.4.3 Entrevista

Na pesquisa sociolinguística, “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”. (LABOV, 2008

---

<sup>127</sup> No original: “‘Doing ethnography’ [...] involves first and foremost field work, including observing, asking questions, participating in group activities, and testing the validity of one’s perceptions against the intuitions of natives.”

[1972], p. 63). Por meio dessa ferramenta, os pesquisadores almejam observar o “vernáculo” – “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Dito isso, é mister afirmar que a situação de entrevista se caracteriza por um grau de formalidade elevado e, conseqüentemente, gera a fala monitorada, certamente mais formal do que o vernáculo.

Labov (2008 [1972], p. 111-121) enumera cinco situações dentro do contexto da entrevista sociolinguística que permitem o surgimento da fala casual. São eles:

- a) a fala fora da entrevista formal, por exemplo, a conversa antes do início da entrevista propriamente dita;
- b) a fala com uma terceira pessoa, por exemplo, quando o entrevistado interrompe a entrevista para conversar rapidamente com seus familiares;
- c) a fala que não responde diretamente à pergunta, por exemplo, as digressões do informante da pesquisa;
- d) contos e rimas infantis;
- e) a fala sobre os assuntos que recriam as emoções fortes experimentadas no passado pelo falante.

O autor acredita que, uma vez ocasionados esses contextos, a atenção do falante possa ser desviada do ato de fala, o que permite o surgimento do vernáculo e a superação do paradoxo do observador. Durante as nossas entrevistas descobrimos que um simples procedimento de anunciar o final próximo da entrevista, porém continuar a conversa por mais alguns minutos, causava uma mudança imediata e visível no nível de monitoramento da fala e a tornava mais casual.

Como adverte Oliveira e Silva (2004), a entrevista – a interação entre o pesquisador e o entrevistado – não deve se assemelhar a um questionário, mas a uma conversa, a mais informal possível. Contudo, a fim de homogeneizar os dados obtidos de vários informantes para a posterior comparação, é necessária a elaboração de um questionário-guia de entrevista que abarcará os tópicos de conversação (TARALLO, 1986). Conforme afirma Wouk (1981), as perguntas devem ser relevantes para os moradores da localidade rural em estudo e podem abranger assuntos no tocante à agricultura, natureza, vida cotidiana, família, vida religiosa, costumes, entre outros. Entretanto, o pesquisador admite que, mesmo preparado com antecedência, a aplicabilidade do questionário-guia será verificada apenas durante a pesquisa de campo, o que pode exigir uma introdução de mudanças. Tanto sociolinguistas, como etnólogos, que também lançam mão da entrevista como instrumento precioso de coleta de dados, aconselham evitar perguntas que tenham alternativas de respostas predefinidas, como

“sim” ou “não” (OLIVEIRA E SILVA, 2004; SAVILLE-TROIKE, 2003). Saville-Troike esclarece: “A essência de uma entrevista etnográfica é que ela é aberta e carrega consigo possivelmente poucas pré-concepções [...]”<sup>128</sup> (2003, p. 100).

A entrevista individual gravada foi o principal instrumento de coleta de dados na presente pesquisa. Lembremos que o nosso objetivo era averiguar a presença do bilinguismo polono-brasileiro na Colônia Dom Pedro II, avaliar a existência de processo de manutenção ou substituição do idioma polonês e mapeá-lo dentro da comunidade. Embora não se trate aqui de uma pesquisa sociolinguística variacionista, para a qual Labov idealizou os preceitos da entrevista sociolinguística, julgamos essa ferramenta a mais adequada para os nossos propósitos. A forma da entrevista permitiu não somente a obtenção da informação do uso da língua polonesa na comunidade, mas também proporcionou uma oportunidade de contato com a língua em si, como usada pelos moradores, pois as entrevistas eram conduzidas ora em polonês, ora em português, dependendo da preferência do entrevistado.

Depois da fase preliminar da coleta de dados, descrita no ponto 4.4.1, foi elaborado o questionário-guia, precedido da ficha social, cujo preenchimento, segundo Oliveira e Silva (2004), constitui a primeira parte da entrevista sociolinguística. O principal objetivo desse questionário social seria traçar o perfil social do entrevistado e ajudá-lo a se acostumar com a presença do gravador e do pesquisador. A nossa ficha social (APÊNDICE II), além dos dados básicos como idade, escolaridade ou profissão, contém também informação sobre o nível de competência do informante na língua polonesa, o qual autoavaliava a sua competência nas quatro habilidades – compreensão oral, fala, leitura e escrita – na língua polonesa. É necessário frisar que, com o intuito de diminuir a percepção da formalidade da situação da entrevista, decidimos distribuir as perguntas da ficha social na própria entrevista. As respostas eram anotadas pela pesquisadora logo após o encontro para facilitar a identificação posterior dos dados sociais de cada informante.

O questionário semiestruturado (APÊNDICE III e IV), na sua primeira versão, consistia em 25 perguntas, ou pequenos grupos de perguntas, que abrangiam sete áreas de interesse, a seguir: 1) a história da vinda da família para o Brasil; 2) a vida na Colônia antigamente e hoje; 3) a biografia linguística do entrevistado e a sua identidade; 4) costumes, festividades, canções; 5) o uso linguístico nos contextos emotivos; 6) o uso da língua polonesa hoje e a sua passagem para as próximas gerações; 7) os problemas atuais da vida da comunidade. Como recomendado pela professora orientadora e também por Oliveira e Silva

---

<sup>128</sup> No original: “The essence of the ethnographic interview is that it is open ended, and carries as few preconceptions with it as possible [...]”

(2004) e Wouk (1981), antes do início da coleta propriamente dita, conduziu-se testes de entrevistas com as pessoas nascidas na Colônia e que não fariam parte da pesquisa por não cumprirem todos os pré-requisitos. O objetivo dos testes era a verificação da duração da entrevista, da relevância dos temas abordados e da aplicabilidade do roteiro da conversa na prática. Como previsto, as conversas-testes tiveram as durações aproximadas de 60 minutos.

Desde início, compreendia-se a necessidade de ajustes no questionário, principalmente em virtude da faixa etária e do sexo do entrevistado. Estabeleceu-se, portanto, que os grupos das perguntas referentes às questões linguísticas (grupos 3 e 6) teriam de estar presentes em todas as entrevistas, ao passo que outros temas poderiam ser omitidos em caso de sua irrelevância para o informante. Naturalmente, o objetivo era abordar todos os temas, visto a sua função de gerar dados etnográficos e de deixar os entrevistados mais à vontade durante a conversa. Entretanto, buscamos permanecer “abertos a novas ideias, informações e padrões que podem emergir durante a entrevista”<sup>129</sup>, como descreve o dever do pesquisador-etnógrafo Saville-Troike (2003, p. 100).

Cabe aqui salientar que um dos primeiros ajustes a ser introduzido na entrevista foi a ordem das questões abordadas. Percebemos que as perguntas pela história da vinda da família ao Brasil, em vez de proporcionar um assunto rico para a narrativa, causavam um certo constrangimento pelo desconhecimento dessa história por vários entrevistados. As pessoas sentiam necessidade de se desculpar por não conhecerem os destinos dos seus antepassados e sugeriam que talvez não fossem “bons” candidatos para a pesquisa. Percebida essa tendência, revertermos a ordem das questões e iniciamos as conversas pelos temas relacionados com a vida atual dos entrevistados na Colônia, o que nos levava naturalmente a abordar a infância e, com ela, a biografia linguística do entrevistado.

Aconselhada pela professora orientadora, a pesquisadora decorou todas as perguntas desde a primeira entrevista e mudava a sua ordem conforme os assuntos que surgiam naturalmente durante as interações. Compreende-se que esse procedimento auxiliou na criação de uma atmosfera mais descontraída perante o gravador, que, uma vez consentido pelo entrevistado, era posto em cima da mesa e certamente causava constrangimento e forte monitoramento da fala, principalmente nas primeiras partes da entrevista.

Um outro ajuste introduzido refere-se à pergunta 18, que questiona as situações de risco de vida experimentadas pelo informante ou alguém do seu arredor. A introdução dessa pergunta se deve à recomendação de Labov (2008 [1972]), segundo o qual: “As narrativas

---

<sup>129</sup> No original: “The ethnographer must be open to new ideas, information, and patterns which may emerge in the course of interviewing.”

produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e que se aproxima do vernáculo” (p. 245). Durante as primeiras entrevistas, ao fazer a pergunta sobre as experiências de risco de vida aos entrevistados, a pesquisadora percebeu seu próprio desconforto e certa inquietação moral. Esses sentimentos eram causados pelo fato de a pergunta trazer à tona os acontecimentos tão dolorosos para os moradores da comunidade, onde houve vários casos de mortes infantis por causa da meningite, mortes de familiares jovens em acidentes de carro e por doenças graves. Se esses assuntos surgissem naturalmente no decorrer da conversa, eles eram, obviamente, incluídos na pesquisa, e os trechos eram analisados sob a perspectiva de menor monitoramento da fala. Entretanto, a pergunta nessa forma foi retirada e substituída posteriormente pela questão relacionada com os recentes assaltos que atormentavam uma parte da comunidade.

Entre as perguntas que abordam a identidade dos entrevistados, a pergunta 13 questiona diretamente a sua autoidentificação como brasileiros ou poloneses/polacos.<sup>130</sup> Aproximadamente na metade das entrevistas conduzidas, sentimos necessidade de incluir um questionamento sobre o significado de “ser polonês/polaco da Colônia”, pois intuímos que cada um carregava consigo uma outra definição desse termo, que certamente diferia da definição preconcebida pela pesquisadora.

Cabe aqui ainda mencionar o uso de línguas durante a situação da entrevista. Como dito anteriormente, o contato por telefone ou *WhatsApp* era feito na sua maioria em português, em alguns poucos casos o morador voluntariamente começava a se dirigir à pesquisadora na língua polonesa. Já a saudação na hora da chegada da pesquisadora na casa dos entrevistados indicava a língua preferida pelo informante neste primeiro contato face a face. Se o nosso anfitrião assim concordasse, as perguntas da entrevista eram feitas em polonês, porém os entrevistados eram cientes de que poderiam responder da maneira que mais lhes convinha. No caso de dificuldades de entendimento das perguntas, elas eram parafraseadas em polonês ou refeitas na língua portuguesa. O nosso objetivo era a percepção das práticas linguísticas dos moradores bilíngues da perspectiva dos falantes, as quais para García (2009) são um exemplo de *translanguaging*. Como já discutido no capítulo Fundamentação Teórica (ponto 3.3.3), essa autora entende *translanguaging* como “*múltiplas práticas discursivas nas quais os bilíngues se engajam para fazer sentido dos seus mundos bilíngues*”<sup>131</sup> (GARCIA, 2009, p. 45, grifo da

<sup>130</sup> A questão da terminologia “polonês/polaco” foi abordada na pergunta 11 do questionário. Ela foi discutida também no ponto 2.2.4 desta dissertação.

<sup>131</sup> No original: “[...] *translanguaging are multiple discursive practices in which bilinguals engage in order to make sense of their bilingual worlds.*”



autora). Ainda segundo ela, as comunidades bilíngues, para construir significados, necessariamente precisam se valer de *translanguaging*, cujo resultado é uma mistura harmônica dos elementos de várias línguas. Para proporcionar o surgimento desse fenômeno na fala dos entrevistados, mantivemos a postura de abertura e de apreço para com a expressão linguística dos falantes, que inúmeras vezes enfatizavam a sua suposta incapacidade de falar polonês “na gramática”.

## 4.5 DIMENSÕES DA ANÁLISE

### 4.5.1 Variável sexo

A aplicação da dimensão diagenérica na construção das células da amostra visa garantir a representatividade do grupo pesquisado para com a população em estudo. Entretanto, é mister salientar que o fator sexo influencia a fala, o que pode ser percebido tanto por meio de observações superficiais como também foi registrado pelos sociolinguistas.

Como nota Paiva (2003),

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar [...] que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino (p. 33).

Processos de variação linguística em nível fonológico, semântico, morfossintático, entre outros, tendem a demonstrar uma regularidade, na qual as mulheres, na maioria dos casos, preferem as variantes mais prestigiadas socialmente. Labov (2008 [1972]) atribui esse padrão à função social de educar os filhos, tradicionalmente exercida pelas mulheres – processo que inclui o ensino da língua materna da criança.

Entretanto, a relação entre o sexo do falante e o uso das formas mais prestigiadas torna-se mais complexa, quando justaposta aos resultados das pesquisas que comprovam a liderança das mulheres nos processos da mudança linguística<sup>132</sup>. Por um lado, falantes do sexo feminino demonstram maior sensibilidade ao padrão social atribuído pela comunidade a certas variantes linguísticas, mas por outro seriam elas as promotoras das formas inovadoras. A pesquisa da fala de Nova Iorque conduzida por Labov constatou que a preferência pelas formas padrão ou não padrão na fala feminina apresenta uma variação estilística: “as mulheres usam as formas mais

<sup>132</sup> Por exemplo, o estudo de Gauchat citado por Labov (2008 [1972]), p. 345.

avanzadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada” (LABOV, 2008 [1972], p. 346). Não devemos, portanto, generalizar a existência da liderança feminina na mudança linguística, contentando-nos com a conclusão de que “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística” (LABOV, 2008 [1972], p. 348). É importante observar que as pesquisas mencionadas acima referem-se à variação e à mudança linguística dentro de *um* sistema, e não tratam especificamente da manutenção ou substituição de uma língua em situação de contato linguístico.

Vale relatar um caso, embora de um contexto cultural distante, de resistência à substituição da língua no qual o papel das mulheres é de grande importância. Em uma comunidade minoritária de falantes da língua Tonga na África do Sul, falantes femininas resistiram às fortes pressões socioeconômicas e mantiveram a sua língua, pois na cultura dominante, Zulu, as mulheres ocupam uma posição socialmente inferior do que na cultura Tonga. Essas diferenças são refletidas na estrutura gramatical da língua Tonga, o que levou as mulheres a defenderem a sua língua-mãe (THOMASON, 2001).

As variáveis sociais não devem ser analisadas isoladamente, mas cruzadas com outros fatores, por exemplo, com o estilo de fala, como o fez Labov (2008 [1972]) na sua pesquisa da fala de Nova Iorque mencionada acima. A pesquisa de Oliveira e Silva & Paiva (1996) demonstrou que variáveis, como mercado ocupacional, mídia e grau de escolarização atuam de modos diferentes na fala de homens e mulheres na sociedade brasileira. De um lado, os homens, educados na nossa sociedade para o sucesso profissional, tendem a alterar os seus padrões de fala, aumentando a presença de variantes de prestígio de forma mais evidente do que as mulheres, já na faixa etária de 15 a 25 anos, que coincide com sua entrada ao mercado de trabalho. De outro lado, a mídia (principalmente a televisão) e o processo de escolarização influenciam mais as mulheres do que os homens e levam-nas à incorporação de formas linguísticas de prestígio social.

Naturalmente, as explicações referentes ao efeito da variável sexo na fala dependem dos padrões de interação social e dos papéis feminino e masculino na sociedade ou comunidade em questão. Essas condições sociais mudam; portanto, a diferenciação de fala entre homens e mulheres pode variar, dependendo da idade dos falantes.

As constatações apresentadas acima geram uma série de perguntas quanto a sua aplicação na situação de manutenção/substituição de língua polonesa na Colônia Dom Pedro II. Seria a tendência feminina à adoção das formas de prestígio um fator que fizesse com que as mães não ensinassem a língua polonesa a seus filhos? Ou, talvez, o seu papel de dona de casa

e agricultora, que raramente se afastava da comunidade, causasse a maior manutenção da língua de ancestrais entre as mulheres? Essas correlações mudariam dependendo da faixa etária dos pesquisados? Essa pergunta nos leva à próxima variável a ser analisada – a idade.

#### 4.5.2 Variável idade

A dimensão diageracional é frequentemente usada pelos sociolinguistas a fim de verificar a ocorrência de mudança linguística em progresso. Como afirmaram Weinreich, Labov e Herzog em 1968, “todas as mudanças submetidas ao exame empírico cuidadoso até agora têm mostrado distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população” (2016 [1968], p. 122). Em outras palavras, em caso de uma possível mudança linguística em progresso, as variantes inovadoras costumam ser ausentes ou raras na fala das gerações mais velhas e aumentam a sua frequência entre os mais jovens. Os três autores percebem que, nessa situação, é possível observar a mudança linguística enquanto ela ocorre – a teoria chamada de *hipótese de tempo aparente*. Entretanto, a variabilidade da língua de um indivíduo no decorrer da sua vida pode desafiar essa hipótese, e as diferenças observadas na fala de várias gerações não precisam levar necessariamente a uma mudança linguística, pois “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2016 [1968], p. 125).

No âmbito de línguas em contato e de processos de manutenção/substituição de uma língua as diferenças intergeracionais também são consideradas indicadoras de mudança. Segundo Holloway (1997), uma situação na qual os membros idosos de uma comunidade demonstram uma proficiência significativamente maior no uso de uma língua do que os jovens caracteriza língua em extinção. A escala que indica o nível de ameaça de extinção das línguas (*Graded Intergenerational Disruption Scale*), proposta por Fishman (1991) é baseada, em boa parte, no uso da língua pelas várias gerações. Por exemplo, o penúltimo estágio da escala descreve a situação na qual os falantes da língua passaram já da idade reprodutora, enquanto o último estágio, que precede a extinção, caracteriza-se pela presença somente de falantes idosos na comunidade. Semelhantemente ao processo de mudança linguística, a extinção de uma língua, apesar de indícios observados, como as diferenças etárias, pode não se realizar, por exemplo, em resultado de ações institucionais de revitalização da língua.

No presente estudo foram aplicadas três faixas etárias com o intuito de refletir as fases de vida dos informantes da pesquisa:

- a) De 18 a 35 anos – a fase de estudos e de formação da vida adulta.

- b) De 36 a 55 anos – a fase de atividade profissional mais estável, madura.
- c) 56 anos e acima – a fase de menor atividade profissional ou de aposentadoria.

Durante a pesquisa averiguamos que as faixas etárias propostas correspondem em um grau considerável a três gerações, sendo os mais velhos, na sua maioria, bisnetos dos fundadores poloneses da Colônia, e os entrevistados de faixa média e os mais jovens, representantes da quarta e da quinta geração nascida no Brasil, respectivamente.

#### 4.6 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos em resultado da pesquisa de campo serão analisados tanto quantitativa como qualitativamente. Conforme constata Saville-Troike (2003), essa junção de métodos supostamente excludentes é vantajosa mesmo na pesquisa etnográfica, pois “os procedimentos quantitativos podem [...] servir para determinar a confiabilidade da observação qualitativa, que é propícia a ser casual e descontrolada, e para testar a validade das generalizações [...]”<sup>133</sup> (2003, p. 95). Apesar da preconização pela Sociolinguística Variacionista dos métodos quantitativos, a clássica pesquisa de Labov na Ilha Martha’s Vineyard vale-se tanto da análise quantitativa como da qualitativa (LABOV, 2008 [1972]). Como bem observa Cardoso (2003), Labov aplicou o método quantitativo para entender o fenômeno fonético em estudo, porém a interpretação e a conclusão quanto à variável que mais afetava a mudança linguística se deram graças à imersão do pesquisador na comunidade e à compreensão da mentalidade e atitudes de seus moradores.

A análise quantitativa buscará a resposta para a pergunta: Como se dá a presença da língua polonesa entre os moradores da Colônia Dom Pedro II? Para descobrir qual parte da comunidade usa a língua polonesa e qual é o perfil social dessas pessoas, foi escolhido, como uma variável dependente, o nível de competência na língua polonesa (1, 2 ou 3), observado em conjunto com as variáveis sociais independentes, tais como faixa etária, sexo, escolaridade e atuação profissional dentro ou fora da Colônia. A aplicação de testes estatísticos permitirá a verificação da hipótese de que essas variáveis são fatores que influenciam o domínio da língua dos ancestrais na população em estudo.

A definição do nível de competência em uma língua no caso de uma pessoa bilíngue não é uma tarefa trivial. Existem múltiplos testes e *softwares* que, por meio de análises de língua

---

<sup>133</sup> No original: “Quantitative procedures may [...] serve to determine the reliability of qualitative observation, which is apt to be casual and uncontrolled, and to further test the validity of generalizations [...]”.

falada e/ou escrita, possibilitam uma medição de habilidades receptivas e produtivas de bilíngues (TREFFERS-DALLER, 2010). Principalmente os linguistas da área de Linguística Cognitiva sustentam que são capazes de avaliar objetivamente a proficiência linguística e determinar a dominância de uma língua nos falantes bilíngues com a ajuda de testes de riqueza lexical, de fluência ou de conhecimento gramatical (DALLER, 2010). No entanto, os testes subjetivos, de autoavaliação, que consistem dos assim chamados “*can-do-statements*”, são aplicados com frequência na área de Aquisição de L2. Como observa Suzuki, “muitos pesquisadores examinaram a correlação entre resultados de autoavaliações e de medidas baseadas em critérios [...]. Os resultados desses estudos geralmente apoiam a validade de autoavaliação como ferramenta de medição de níveis de proficiência em L2” (2015, p. 64). Mencionamos apenas uma dessas pesquisas, na qual Kondo-Brown (2005) observou a alta correlação entre os resultados de testes objetivos e de autoavaliação de proficiência linguística, aplicados nos grupos de falantes de japonês como língua de herança e de falantes de japonês como segunda língua.

Acreditamos que na nossa pesquisa os testes objetivos não são aplicáveis por pelo menos dois motivos. As avaliações desse tipo exigem o estabelecimento de uma “língua-base”, um sistema que serviria de parâmetro para as comparações. A escolha da língua polonesa padrão para essa função nos levaria ao “*monolingual bias*”, discutido anteriormente no capítulo Fundamentação Teórica (ponto 3.2.1). Obviamente, a língua presente na Colônia não é e nem poderia ser a mesma língua falada pelos poloneses do outro lado do oceano. O segundo motivo seria a dificuldade prática de introduzir testes formais na situação de entrevista, durante a qual um dos objetivos era a diminuição da formalidade da situação para obtenção da fala menos monitorada.

Em virtude da especificidade da comunidade pesquisada e do tipo de pesquisa conduzida, aplicamos a autoavaliação para estabelecer os níveis de competência<sup>134</sup> na língua polonesa dos entrevistados. As pessoas mesmas julgavam sua proficiência em quatro habilidades na escala de quatro pontos. Um exemplo da pergunta feita pela pesquisadora era: “Aqui na comunidade, com os vizinhos, família, você acha que você consegue conversar, falar em polonês muito bem, bem, um pouco? E para entender, você entende tudo que as pessoas falam em polonês?”. É importante frisar que a forma da pergunta era ajustada à competência linguística do pesquisado percebida pela entrevistadora. A partir dessa autoavaliação,

---

<sup>134</sup> O termo *competência* usado doravante engloba tanto a *competência gramatical* quanto a *competência sociolinguística*, como definidas o ponto 3.2.

estabelecemos três níveis de competência na língua polonesa na Colônia, o que ilustra a Figura 9. Haja vista a muito baixa incidência de habilidade de leitura e escrita entre os informantes da pesquisa, o índice é inferido somente a partir das habilidades orais.

FIGURA 9 – O DELINEAMENTO DOS NÍVEIS DE BILINGUISMO USADOS NA ANÁLISE (OS CAMPOS MAIS ESCUROS INDICAM O NÍVEL DE HABILIDADE IDENTIFICADO)

<b>Nível 3:</b>				
fala	<b>muito bem</b>	<b>bem</b>	um pouco	não fala
entende	<b>muito bem</b>	<b>bem</b>	um pouco	não entende
<b>Nível 2:</b>				
fala	um pouco	bem	<b>um pouco</b>	<b>não fala</b>
entende	<b>muito bem</b>	<b>bem</b>	um pouco	não entende
<b>Nível 1:</b>				
fala	um pouco	bem	<b>um pouco</b>	<b>não fala</b>
entende	um pouco	bem	<b>um pouco</b>	<b>não entende</b>

Concordamos com Naro que “o progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas” (2004, p. 25). Por conseguinte, além da análise lógica dos dados numéricos, pretendemos lançar mão de métodos qualitativos de análise, na busca da compreensão da inter-relação das variáveis, mas também na esperança de encontrar padrões, regularidades e explicações que possam dar novo significado aos dados colhidos. Tentaremos entender, da perspectiva dos próprios entrevistados, o porquê da distribuição da língua polonesa observada na localidade e verificar a presença do processo de manutenção ou substituição da língua em questão na Colônia. Por intermédio da análise aprofundada dos textos das entrevistas e das observações feitas no âmbito da comunidade em estudo, visamos compreender também a inter-relação entre o uso da língua polonesa e as tradições e os costumes mantidos no local.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Neste subcapítulo serão apresentados dados numéricos referentes às variáveis sociais do grupo pesquisado, dos níveis de competência na língua polonesa autodeclarados pelos entrevistados e as possíveis relações entre esses dois grupos de variáveis (sociais e de competência).

#### 5.1.1 Caraterísticas sociais da amostra

Primeiramente, serão analisadas as caraterísticas sociais dos entrevistados, cujo grupo (48 pessoas) constitui cerca de 10% da população total de descendentes de poloneses na comunidade. Apesar da falta de validade estatística dos dados obtidos da amostra<sup>135</sup>, acredita-se que eles refletem algumas tendências e mudanças sociais em andamento na Colônia.

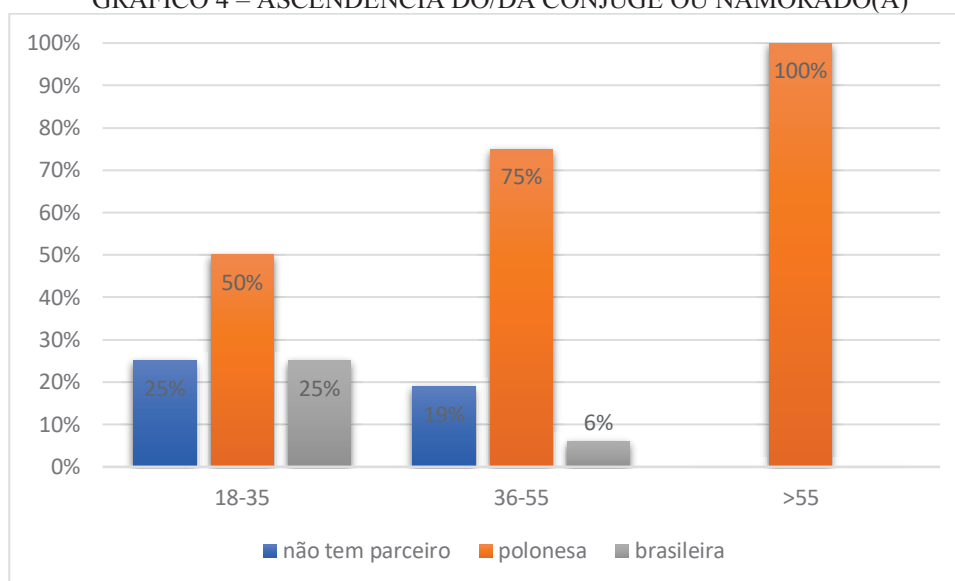
Como mencionamos no capítulo anterior, a amostra é composta da mesma quantidade de mulheres e homens, divididos em três faixas etárias. Somente três pessoas (6% da amostra) têm a ascendência polonesa apenas de um dos lados. No caso desses entrevistados (dois abaixo de 35 anos, um acima de 55), as mães são polono-descendentes, e os pais de origem luso-brasileira ou italiana. É interessante que duas dessas pessoas façam parte dos informantes que têm cônjuges ou namorados(as) de etnia não polonesa, ou seja, de ascendência brasileira. No total, 5 de todos os informantes mantêm um relacionamento romântico com uma pessoa de uma etnia diferente da polonesa. O Gráfico 4 apresenta a distribuição da ascendência dos cônjuges e namorados/as por faixa etária.

---

<sup>135</sup> Se aplicado o cálculo do tamanho da amostra recomendado por Gil (2008), considerando o tamanho da população de 480 pessoas e a verificação do fenômeno (pessoas que pelo menos entendem o polonês) no nível de 85%, o número de entrevistados teria que ser de pelo menos 261 pessoas (nível de confiança de 95%, erro de +/- 3%).



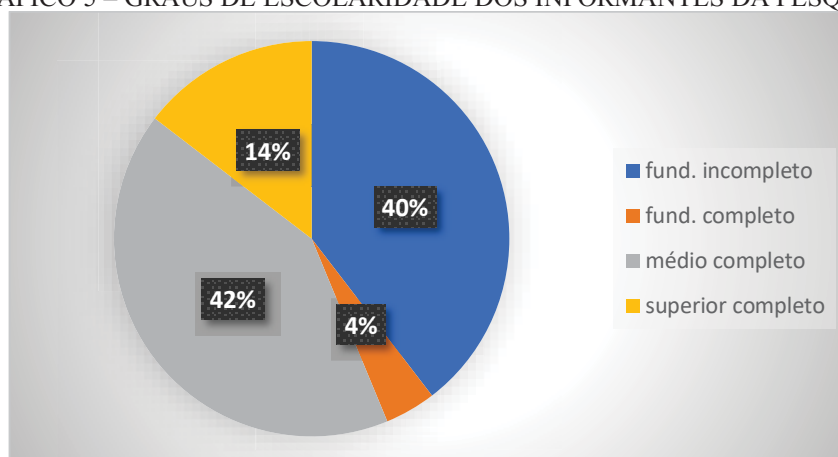
GRÁFICO 4 – ASCENDÊNCIA DO/DA CÔNJUGE OU NAMORADO(A)



Embora os índices de relacionamentos *interétnicos* nas faixas etárias mais jovem e média continuem abaixo dos índices referentes aos relacionamentos com os polono-descendentes, percebemos uma diferença nítida nesse aspecto na geração mais jovem, que parece estar muito mais aberta para casar ou namorar com as pessoas de outras etnias. Por outro lado, mesmo nessa faixa dois terços dos relacionamentos incluem ambos os parceiros polono-descendentes, o que nos leva a supor que exista ainda na Colônia uma forte preferência, talvez não explícita, pelos casamentos *intraétnicos*, tema que será explorado na parte da análise qualitativa.

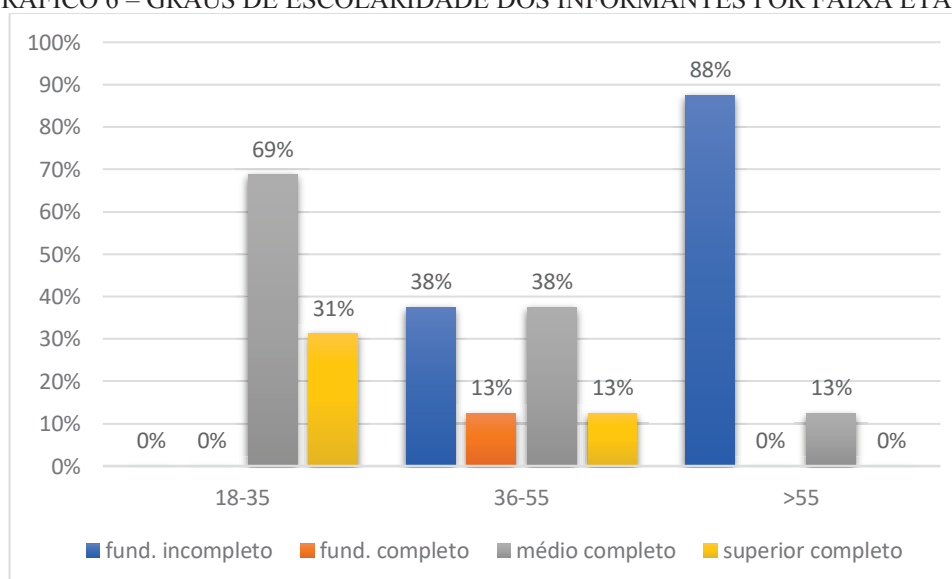
Os próximos gráficos ilustram os graus de escolaridade dos pesquisados no total e os graus de escolaridade dependendo da faixa etária. Por causa de um número considerável de informantes de pesquisa que completaram somente quatro ou até menos anos de escola, além das categorias de ensinos completos, distinguimos uma categoria de ensino fundamental incompleto.

GRÁFICO 5 – GRAUS DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES DA PESQUISA



Como podemos observar no Gráfico 5, a maior parte dos entrevistados completou pelo menos o ensino médio, porém existe um grupo de tamanho relevante que não terminou o ensino fundamental. A maioria das pessoas pertencentes a esse grupo cursou apenas quatro anos de escola.

GRÁFICO 6 – GRAUS DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA

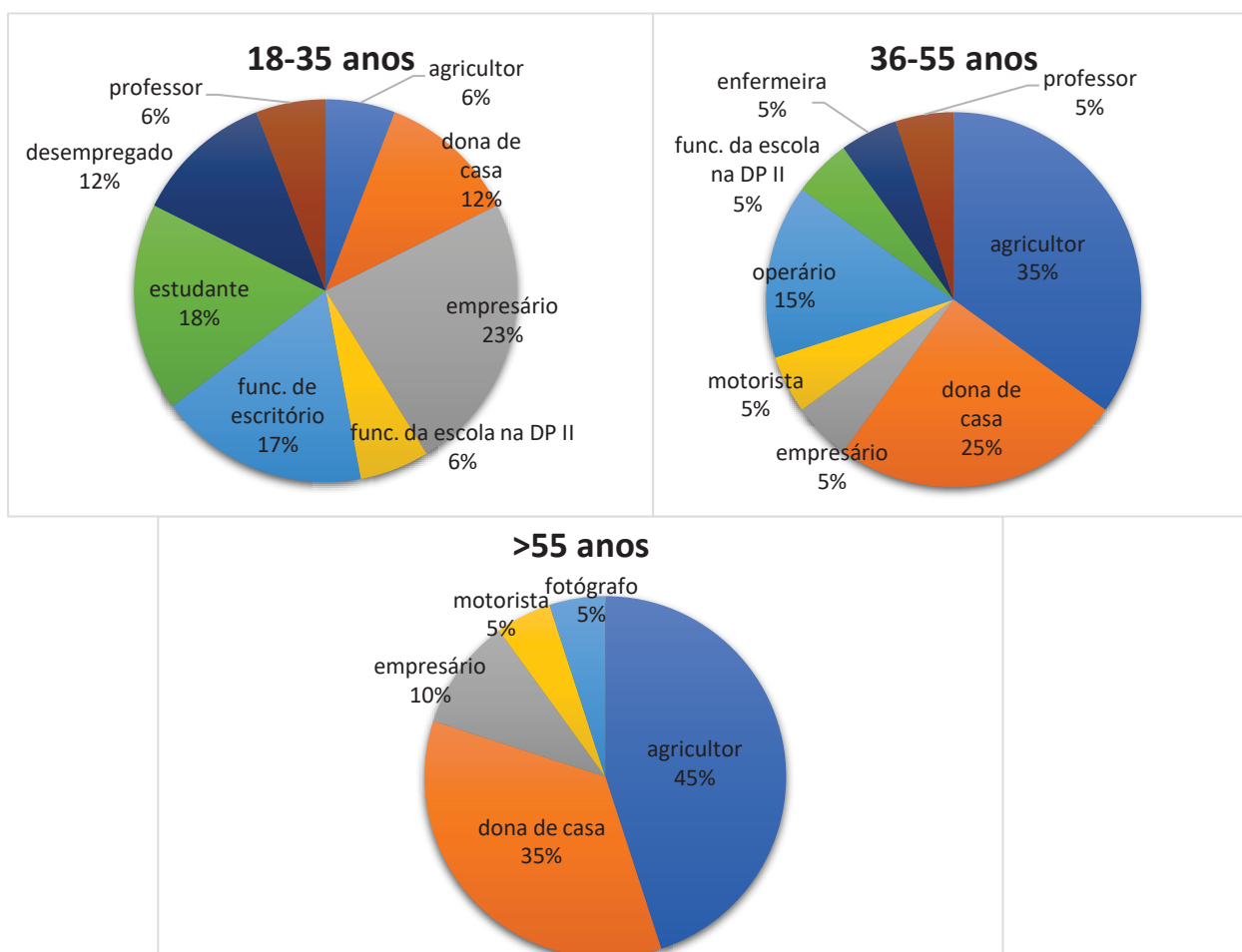


O Gráfico 6 permite uma visualização de uma provável mudança do perfil de formação dos moradores da Colônia, pois indica uma diferença evidente entre as faixas etárias. Os mais velhos explicam o seu baixo grau de escolaridade pela falta de acesso aos níveis mais avançados de estudo na Colônia no tempo deles e pela situação econômica que fazia com que seus pais precisassem de mãos para trabalhar no campo. Os acima de 55 anos que concluíram o ensino médio (todos abaixo de 60 anos) o fizeram em Campo Magro, o que exigia de suas famílias um

grande esforço econômico. Já entre os mais jovens, todos se formaram no ensino médio, disponível na Colônia desde o ano 1989. Mais de 30% possuem formação superior e, além disso, 25% dos jovens estão frequentando faculdades em Curitiba e em Campo Largo.

A mudança de perfil socioeconômico entre as gerações está visível também na distribuição das profissões em função da faixa etária dos informantes, o que apresenta o Gráfico 7.

GRÁFICO 7 – PROFISSÕES POR FAIXA ETÁRIA



No que concerne ao Gráfico 7, é importante ressaltar que, em alguns casos, a pessoa indicou mais de uma ocupação, o que, por exemplo, acontecia frequentemente com as mulheres que se consideravam tanto agricultoras como donas de casa. A categoria de funcionários da escola da Colônia não inclui os professores, que estão em uma categoria separada. Esta engloba os professores empregados tanto dentro como fora da comunidade.

Na comparação entre as faixas etárias, chama atenção a predominância, entre os entrevistados mais velhos, de profissões tradicionais da comunidade, de agricultor e de dona de

casa e o seu gradual desaparecimento entre os mais jovens. Salientemos que a pouca presença de agricultores na faixa etária mais jovem (6%) se deve não somente ao menor número de representantes dessa profissão entre os moradores mais jovens da Colônia, mas também à resistência, mencionada no capítulo anterior, principalmente de homens mais jovens, de participarem da pesquisa. O grupo que se mostrou menos aberto à participação foi justamente o de jovens agricultores. Isso não muda o fato de que vários entrevistados comentaram a vontade das gerações mais jovens de ficar no campo, porém exercendo as atividades econômicas fora dele. A proximidade geográfica da Colônia dos centros urbanos permite aos jovens usufruir de infraestrutura econômica e escolar urbana sem precisar desistir do sossego da Colônia.

A diminuição do número de pessoas que efetivamente se ocupam com trabalho no campo se deve também, segundo os pesquisados, ao desenvolvimento tecnológico na agricultura que, por meio de introdução de maquinário, permite maior eficiência com menor número de trabalhadores. Por outro lado, de acordo com os informantes, a relativamente baixa lucratividade de agronegócio faz com que várias pessoas na Colônia decidam alugar suas terras aos seus vizinhos, mantendo a produção somente para o consumo próprio.

Entre os informantes da pesquisa 77% exercem sua atividade econômica principal dentro da Colônia. Considerando a proximidade geográfica da Colônia dos centros urbanos, esse número parece relativamente alto. Os gráficos abaixo ilustram a distribuição desse aspecto por sexo e por faixa etária.

GRÁFICO 8 – ATIVIDADE PRINCIPAL DENTRO OU FORA DA COMUNIDADE POR SEXO

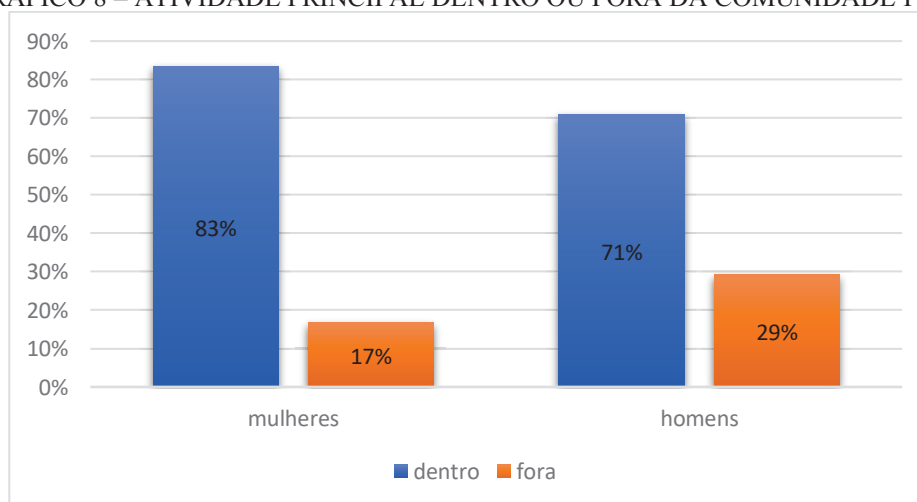
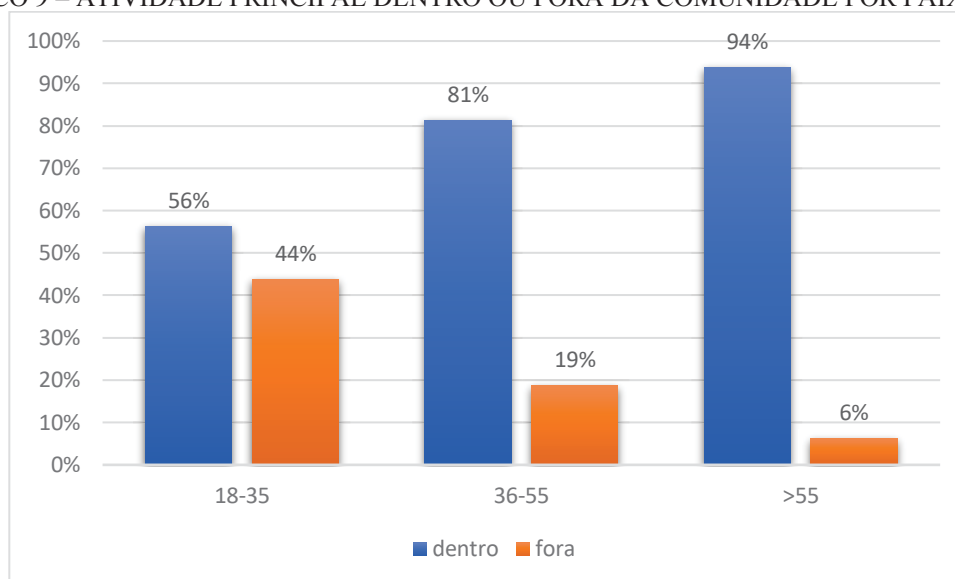


GRÁFICO 9 – ATIVIDADE PRINCIPAL DENTRO OU FORA DA COMUNIDADE POR FAIXA ETÁRIA

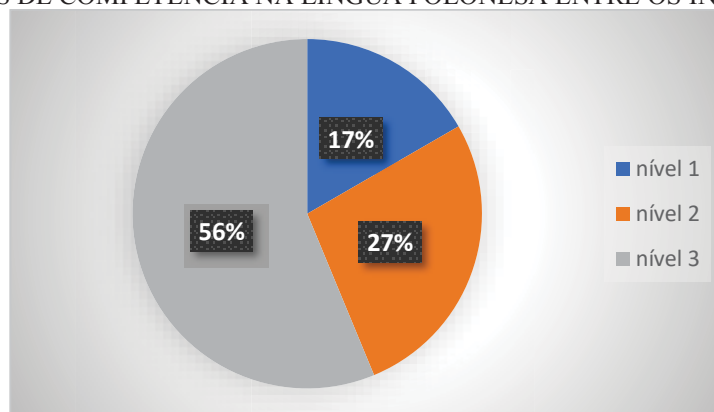


Como esperado, as mulheres tendem a exercer suas atividades dentro da Colônia mais frequentemente do que os homens. Entretanto, a idade é um fator que influencia a localização da atividade principal em um grau muito maior do que o sexo. Como observado no Gráfico 9, quase metade dos jovens entrevistados sai da comunidade todos os dias para trabalhar e estudar. Chama atenção a diferença dos índices desse grupo, não somente em comparação com o grupo mais velho, mas também com a faixa etária média, na qual somente 19% dos pesquisados atua economicamente fora da comunidade.

#### 5.1.2 Níveis de competência na língua polonesa da amostra

Como foi indicado no capítulo anterior, os entrevistados autoavaliaram suas habilidades na língua polonesa falada na Colônia – o dialeto polônico da Dom Pedro II. Com base nas habilidades autodeclaradas, criamos três categorias de níveis de competência na língua polonesa, a saber: o nível 3 (as pessoas que falam e entendem bem e muito bem), o nível 2 (falam um pouco ou não falam, entendem bem e muito bem) e o nível 1 (falam um pouco ou não falam, entendem um pouco). Não foi encontrado nenhum entrevistado que não tivesse nenhuma competência na língua polonesa da Colônia. A maioria dos entrevistados foi classificada como falantes com uma competência na língua polonesa no nível mais alto – o nível três, o que apresenta o Gráfico 10.

GRÁFICO 10 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA ENTRE OS INFORMANTES



A seguir analisaremos a distribuição dos níveis de competência dependendo das variáveis sociais apresentadas no ponto 5.1.1. Para determinar a existência de uma relação entre as variáveis sociais e os níveis de competência, vamos nos valer de medidas de correlação, calculadas com a ajuda do programa Excel. Como observa Gil (2008), a força da relação entre duas variáveis é indicada pelo valor do coeficiente, o qual pode variar entre -1,0 (relação perfeita negativa) e 1,0 (relação perfeita positiva). Cientes da existência de várias interpretações da magnitude do coeficiente de correlação, aplicaremos as descrições dos valores propostas por Levin e Fox (2004), apresentadas na Tabela 3.

TABELA 3 – DESCRIÇÃO DOS VALORES DE COEFICIENTE

Valor de coeficiente	Descrição
+/- 1,0	Correlação perfeita positiva ou negativa
+/- 0,6 – 0,99	Correlação forte positiva ou negativa
+/- 0,3 – 0,59	Correlação moderada positiva ou negativa
+/- 0,1 – 0,29	Correlação fraca positiva ou negativa
+/-0,0 – 0,09	Nenhuma correlação

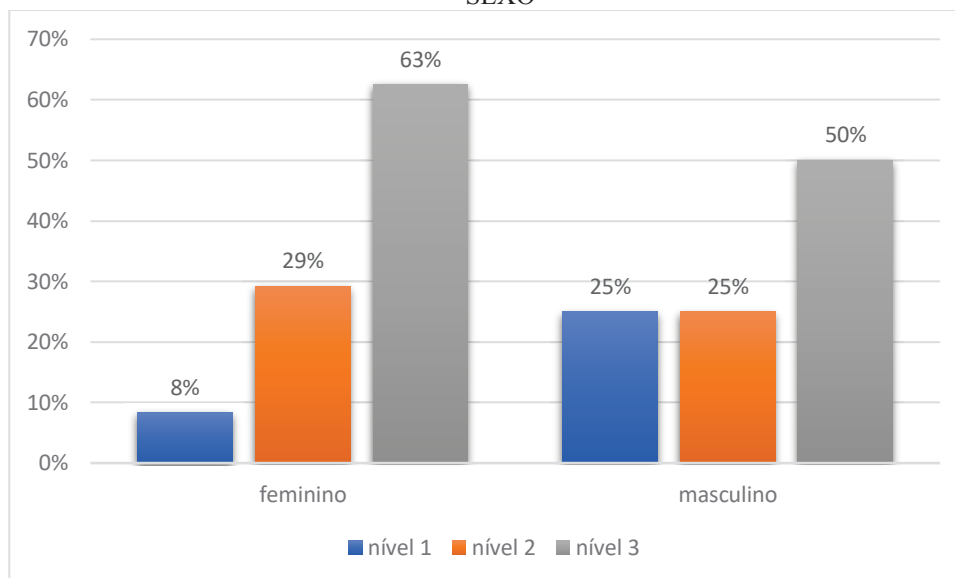
FONTE: LEVIN e FOX, 2004, p. 334.

Faz-se necessário observar que testes de correlação permitem averiguar uma relação somente entre dois fatores. A análise multivariável, que possibilita ponderação de vários grupos de fatores atuando ao mesmo tempo, será realizada no ponto 5.1.3 dessa dissertação com a ajuda do programa GoldVarb.

Como observamos no próximo Gráfico, as mulheres pesquisadas demonstram uma competência levemente maior do que os homens, pois a frequência do nível 3 nesse grupo foi maior do que entre os informantes masculinos. Ademais, constatamos uma diferença

considerável (de 17%) entre as ocorrências da competência mais baixa, que apareceu com maior frequência entre os homens.

GRÁFICO 11 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA EM POLONÊS DOS INFORMANTES DA PESQUISA POR SEXO



Visto que a variável sexo é nominal (e não pode ser ordenada, nem submetida a cálculos) utilizamos, seguindo a recomendação de Gil (2008), o coeficiente Q de Yule<sup>136</sup> para verificar a existência de uma correlação entre o sexo e a competência. Esse cálculo se aplica somente a tabelas quádruplas (de duas variáveis dicotômicas), por isso a competência foi dividida aqui em duas categorias: a dos que falam *bem e muito bem* (nível 3) e a dos que têm o domínio menor da língua (níveis 2 e 1). O valor do coeficiente Q é baixo (0,25) e indica uma correlação fraca entre o sexo dos informantes e a sua competência na língua de herança.

Esse dado parece negar a conclusão inferida a partir do Gráfico 11 que indica uma maior competência na língua polonesa entre as mulheres. Por isso, aplicamos o teste estatístico de significância – Teste t<sup>137</sup>, que permite “verificar a existência de diferenças reais entre as populações representadas pelas amostras” (GIL, 2008, p. 168). No nosso caso, a hipótese nula afirma que não há diferença entre as populações de mulheres e de homens na Colônia Dom Pedro II em relação à competência na língua de herança. Sendo o valor obtido de t (1,33) menor do t crítico bicaudal (2,01), não é possível rejeitar a hipótese nula com o nível de significância

<sup>136</sup>  $Q = \frac{AxD - BxC}{AxD + BxC}$ , onde A, B, C, D são as frequências da tabela cruzada (GIL, 2008, p. 166).

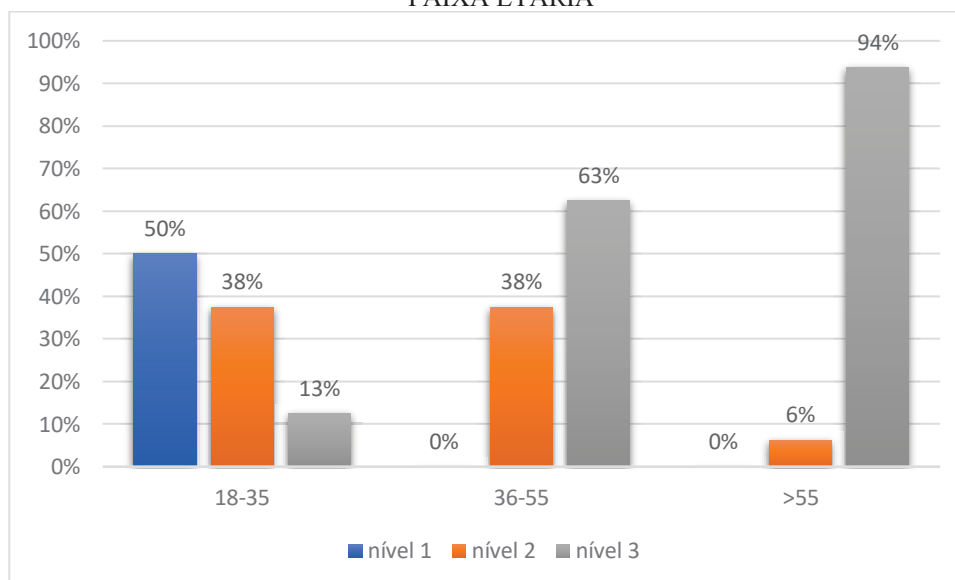
<sup>137</sup> O cálculo foi realizado com ajuda do programa Excel, função Análise de dados – Teste t: duas amostras presumindo variâncias equivalentes.



de 0,05<sup>138</sup>. Em outras palavras, embora exista uma diferença no nível de competência entre os informantes homens e mulheres, que parece ser relevante no Gráfico 11, **não é estatisticamente significativa para o conjunto da população** da Colônia.

Em oposição ao fator *sexo*, a variável *faixa etária* se mostrou fortemente correlacionada com a competência dos entrevistados na língua polonesa. Como aqui ambas as variáveis são ordinais, calculamos, como sugerem Levin e Fox (2004), o coeficiente gama (G) de Goodman e Kruskal<sup>139</sup>. O seu valor de 0,92 indica a existência de uma correlação muito forte positiva entre as variáveis. O Teste t também confirmou que a diferença entre as três faixas etárias é estatisticamente significativa<sup>140</sup>. Quanto mais alta a faixa etária, há uma tendência de ser mais competente na língua polonesa, o que ilustra o Gráfico 12 a seguir.

GRÁFICO 12 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA EM POLONÊS DOS INFORMANTES DA PESQUISA POR FAIXA ETÁRIA



Os dados apresentados acima corroboram a hipótese levantada no ponto 1.1 dessa dissertação, a de que os informantes mais velhos são substancialmente mais proficientes no uso da língua polonesa do que os jovens. Enquanto quase todos os informantes acima de 55 anos falam bem e entendem a sua língua de herança – o que demonstraram inclusive durante as

<sup>138</sup> O nível de significância 0,05 significa que a probabilidade da rejeição da hipótese nula quando ela é certa é de 5%.

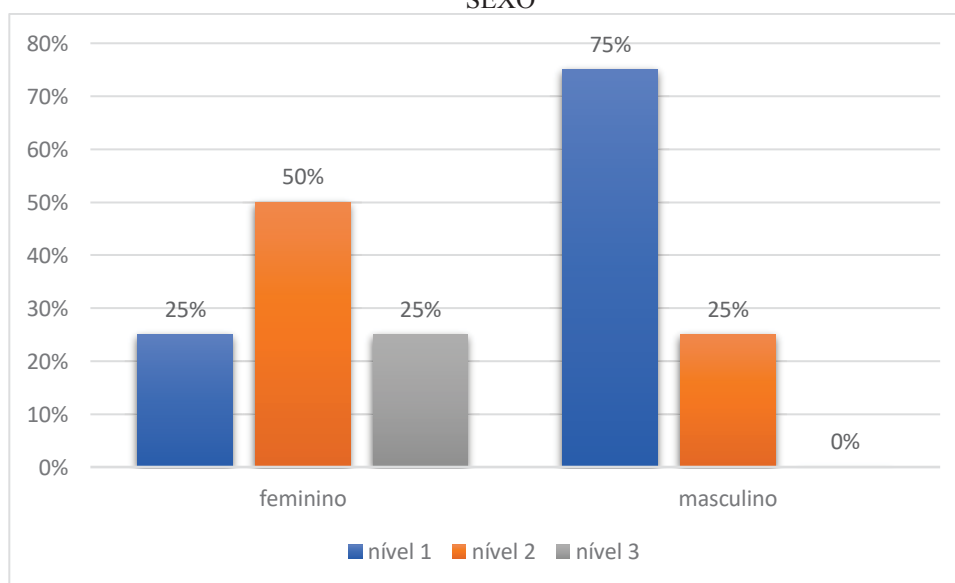
<sup>139</sup>  $G = \frac{N_a - N_i}{N_a + N_i}$ , onde  $N_a$  = número de concordâncias (o número de pares de indivíduos que foram colocados em postos na mesma ordem em ambas as variáveis);  $N_i$  = número de inversões (o número de pares de indivíduos que foram colocados em postos em ordem reversa em ambas as variáveis) (LEVIN e FOX, 2005, p. 394).

<sup>140</sup> |Stat t para faixas etárias 1 e 2 = -4,57| > t crítico bi-caudal = 2,04; |Stat t para faixas etárias 2 e 3 = -2,24| > t crítico bi-caudal = 2,04.

entrevistas realizadas inteiramente nessa língua – a porcentagem de falantes entre os mais jovens não chega a 15%. Metade deles compreende somente algumas poucas palavras na língua polonesa – nível de competência ausente na faixa etária vizinha (36-55 anos). Percebemos, portanto, uma drástica queda na competência em língua polonesa entre os mais jovens. É válido lembrar que a maioria dos entrevistados acima de 55 anos é composta de bisnetos e, mais raramente, netos dos imigrantes. Observamos, então, uma situação de manutenção do uso da língua durante três (ou duas) gerações polônicas. Por isso, é de nosso interesse averiguar a causa da mudança que parece ter tido início na quarta geração polônica e a sua confirmação na quinta geração. Essa questão será abordada na parte de análise qualitativa no ponto 5.2.

Embora uma baixa correlação entre o sexo e a competência na língua polonesa tenha sido constatada acima, essa relação muda, se analisada dentro da faixa etária mais jovem, o que ilustra o Gráfico 13.

GRÁFICO 13 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS PESQUISADOS NA FAIXA ETÁRIA 18-35 ANOS POR SEXO



Vemos aqui uma diferença nítida na manutenção da língua polonesa, sendo que as mulheres se mostram mais competentes. A correlação entre dois fatores (sexo e competência) dentro desse grupo é forte (coeficiente Q de Yule = 0,8), e a diferença entre dois grupos é estatisticamente significativa.<sup>141</sup> Ressaltemos que essa diferença ocorre somente no grupo dos mais jovens, pois entre os mais velhos somente um homem demonstra competência no nível 2, enquanto na faixa etária média a distribuição de níveis de competência entre homens e mulheres

<sup>141</sup> |Stat t = 2,39| > t crítico bicaudal = 2,14.

é igual (38% – nível 2 e 62% – nível 3). Acreditamos que essa discrepância entre os homens e as mulheres jovens pode ser causada pelo maior contato que as meninas tradicionalmente têm com as mães, as quais ensinam as suas filhas as tarefas domésticas, por exemplo. Buscaremos verificar essa suposição durante a análise qualitativa dos dados.

A Tabela 4 permite a visualização dos níveis de competência dependendo de duas variáveis sociais discutidas até agora: faixa etária e sexo.

TABELA 4 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS PESQUISADOS POR FAIXA ETÁRIA E POR SEXO

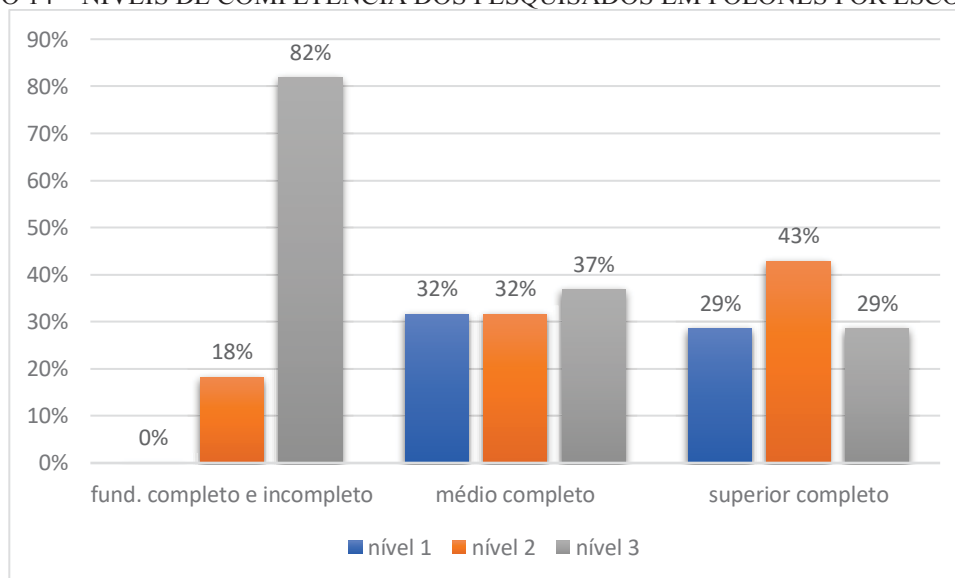
faixa etária	níveis de comp.	sexo %	
		fem.	masc.
18-35	1	25%	75%
	2	50%	25%
	3	25%	0%
36-55	1	0%	0%
	2	38%	38%
	3	62%	62%
>55	1	0%	0%
	2	0%	12%
	3	100%	88%

Ao analisar os dados, percebemos uma maior resistência das mulheres à substituição linguística, tanto no grupo mais jovem como no mais velho. Chama atenção a mudança brusca nos níveis de competência entre a faixa etária média e a mais jovem. Porém, no caso das informantes mais jovens da pesquisa se observa um aumento das pessoas que dominam a sua língua de herança no nível 2, enquanto no grupo dos homens tanto o nível 3 como o nível 2 sofrem uma queda drástica na passagem da geração de 36-55 anos para a geração de 18-35 anos. Os 62% das mulheres da faixa média que falam bem polonês garantiram a transmissão da língua minoritária em questão, pelo menos no nível de compreensão, para 75% das mulheres mais jovens (25% no nível 3 e 50% no nível 2). Entretanto, o mesmo resultado não foi obtido na transmissão do idioma para os homens mais jovens, dos quais 75% conseguem pronunciar somente algumas palavras na língua dos ancestrais. Os homens entre 18 e 35 anos que demonstram o nível mais baixo de competência na língua de herança não diferem, em termos de escolaridade ou de atuação profissional dentro ou fora da comunidade, do grupo com o nível de competência 2 da mesma faixa etária. Observando a tendência nítida de diminuição da competência com o passar das gerações, somos levados a crer que a próxima geração

demonstrará os níveis de competência ainda mais baixos, provavelmente somente no nível 1 e 2.

Um outro fator correlacionado com a competência em língua de herança é a escolaridade dos entrevistados. O coeficiente dessa correlação ( $\text{gama} = -0,67$ ) indica uma correlação negativa forte, o que significa que quanto maior grau de escolaridade, menor a competência na língua polonesa. O Gráfico 14 apresenta os dados referentes à competência em função da escolaridade dos entrevistados. Já que o grupo dos informantes com o ensino fundamental completo conta somente com duas pessoas, ambas com o nível de competência 2, para a melhor visualização dos dados, no Gráfico abaixo criamos uma nova categoria – ensino fundamental completo ou incompleto.

GRÁFICO 14 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS PESQUISADOS EM POLONÊS POR ESCOLARIDADE



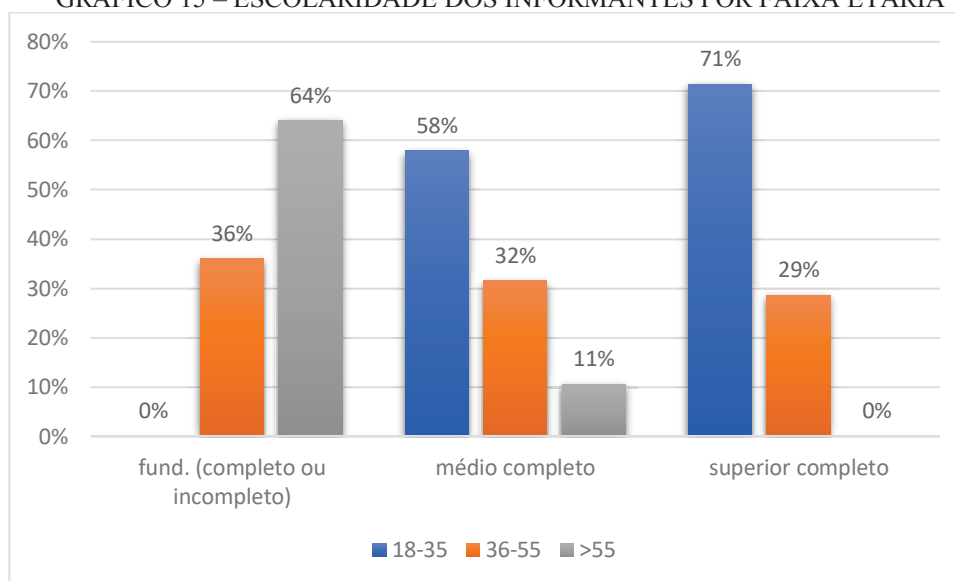
A análise dos dados do Gráfico 14 sugere que a competência na língua polonesa da Colônia dos informantes que cursaram somente o ensino fundamental difere consideravelmente dos níveis de competência dos formados no ensino médio ou no ensino superior. Por outro lado, percebemos uma semelhança na distribuição dos níveis de competência entre esses dois últimos grupos mencionados. O teste de significância confirma essa observação e indica a diferença estatisticamente significativa entre *os com escolaridade no nível fundamental* (completo ou incompleto) e *os dois grupos restantes* com relação à competência na língua de herança<sup>142</sup>. As populações dos formados em faculdades e universidades e dos que concluíram somente o ensino

<sup>142</sup> Ensino fundamental (completo ou incompleto) vs. ensino médio:  $|\text{Stat } t = -3,79| > t \text{ crítico bi-caudal} = 2,02$ ; ensino fund. (compl. ou incompleto) vs. ensino superior:  $|\text{Stat } t = -3,63| > t \text{ crítico bi-caudal} = 2,05$ .

médio não demonstram diferenças estatisticamente significativas no quesito de competência linguística na língua polonesa<sup>143</sup>. Vale ressaltar que as pessoas com o ensino superior constituem somente 14% da amostra, o que faz com que a aparentemente maior porcentagem dos informantes com o nível 2 de competência nesse grupo, se comparado com os com o ensino médio, não é estatisticamente significativa.

É importante lembrarmos que, no grupo pesquisado, o grau de escolaridade está fortemente associado à idade dos pesquisados (os mais jovens tendem a ter o grau de escolaridade mais alto), o que ilustra o Gráfico 15.

GRÁFICO 15 – ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA



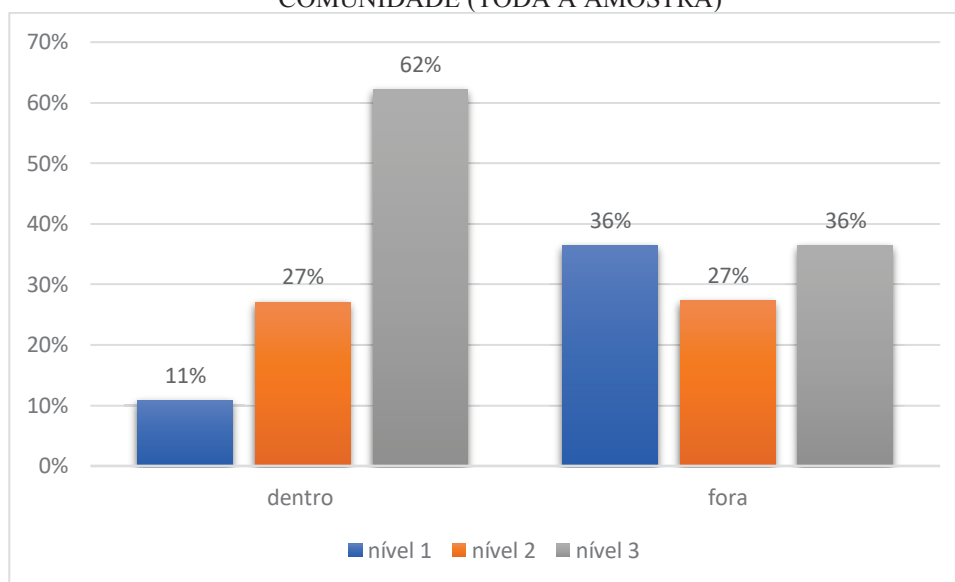
A análise de correlações não permite a determinação das relações causa-efeito entre os fatores. No entanto, podemos supor que o maior acesso à educação entre os pesquisados mais jovens fortaleceu o uso da variedade de prestígio, que no nosso caso é o PB, e levou à “subtração” da competência na língua de herança. Ademais, um maior grau de escolaridade permitiu que as pessoas buscassem sua fonte de sustento também fora do ambiente da Colônia, aumentando, dessa maneira, os contatos com a população falante do PB que não fala a língua polonesa.

A suposição de que os contatos profissionais e econômicos fora da comunidade possam influenciar o nível de competência na língua polonesa nos levou a analisar a relação entre esses dois fatores. Observamos que, várias vezes, os entrevistados indicavam a escassez de contato com seus familiares e vizinhos em virtude de sua atuação fora da Colônia como um

<sup>143</sup> |Stat t = -0,14| < t crítico bi-caudal = 2,06.

dos motivos de não manutenção da língua polonesa. O Gráfico 16 ilustra a distribuição dos níveis de competência no grupo dos pesquisados que trabalham dentro da comunidade e no grupo dos que atuam fora dela.

GRÁFICO 16 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA DOS PESQUISADOS NA LÍNGUA POLONESA DEPENDENDO DO LUGAR DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL: DENTRO OU FORA DA COMUNIDADE (TODA A AMOSTRA)



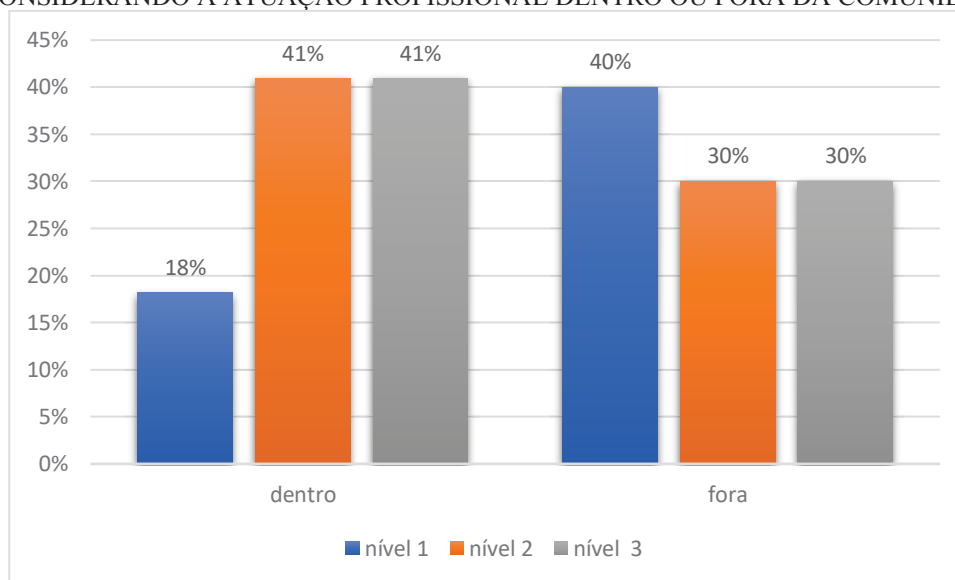
Percebemos uma nítida diferença entre os dois grupos, o que confirma o valor do coeficiente que indica a existência de uma correlação forte ( $Q = 0,65$ ) entre dois fatores. Em outras palavras, há uma forte tendência na população da Colônia de que as pessoas que mantêm a sua atividade econômica principal dentro da comunidade demonstrem uma competência maior na língua de herança.<sup>144</sup> Essa correlação se torna um pouco mais forte ( $Q = 0,73$ ) se analisada dentro do grupo de mulheres, no qual o trabalho ou estudo fora da Colônia está mais fortemente relacionado com o seu domínio de língua polonesa, do que entre os homens ( $Q = 0,56$ ).

Partindo da premissa de que a homogeneidade do grupo mais velho (todos exceto uma pessoa atuando dentro da Colônia e todos exceto uma pessoa com o nível 3 de competência) pudesse enviesar o cálculo de correlações, refizemos as análises excluindo esse grupo. Como esperado, o valor do coeficiente no teste que considera somente as duas faixas etárias mais jovens é um pouco mais baixo ( $Q = 0,5$ ), portanto, o fator “atuação dentro/fora da comunidade” nessas faixas etárias está moderadamente relacionado com o nível de competência na língua de herança. Apesar da existência da correlação no grupo dos informantes, o teste de significância

<sup>144</sup> Diferença estatisticamente significativa:  $|\text{Stat } t = 2,019| > t \text{ crítico bi-caudal} = 2,013$ .

indicou que a diferença entre os grupos que atuam dentro e fora da comunidade com relação à sua competência não é estatisticamente significativa, o que revela a pouca relevância desse fator na população como todo. Novamente, essa correlação no grupo das mulheres se mostrou mais forte do que no grupo dos homens, sendo o coeficiente no grupo das mulheres de 0,57 e no grupo dos homens de 0,4. O Gráfico 17 apresenta os níveis de competência nas duas faixas etárias mais jovens considerando o local de trabalho ou estudo dos informantes.

GRÁFICO 17 – NÍVEIS DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA NA FAIXA ETÁRIA 18-55 ANOS CONSIDERANDO A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DENTRO OU FORA DA COMUNIDADE



A análise do Gráfico 17 chama atenção para a alta incidência do nível de competência mais baixa (nível 1) entre os que atuam fora da comunidade em comparação com os que não costumam sair da Colônia frequentemente. Ao mesmo tempo, nesse último grupo, 41% dos informantes falam e entendem bem a língua polonesa – 11 pontos percentuais a mais do que no grupo que trabalha ou estuda fora. Tanto a distribuição dos níveis de competência apresentada no Gráfico acima como o coeficiente de correlação ( $Q = 0,5$ ) apontam a existência de uma associação entre o local da atividade principal e a competência na língua de herança. Embora o teste de significância indique pouca relevância desse fator, ressaltamos que o tamanho da amostra do grupo que atua fora (somente 10 pessoas comparadas com 22 que mantêm a atividade principal dentro da comunidade) pode ter nos levado a cometer o erro de manter a hipótese nula quando deveríamos rejeitá-la.

Em outras palavras, existe uma possibilidade de que o cálculo feito com os dados de um número maior de informantes indicasse uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos que atuam dentro ou fora da comunidade. Como na nossa pesquisa não poderemos



mais aumentar o tamanho da amostra, a investigação da influência desse fator no nível de competência linguística será mais uma tarefa que buscaremos realizar na análise qualitativa dos dados.

Entre os fatores cuja relação com os níveis de competência julgávamos relevantes se encontram também a residência junto com os pais, a ascendência polonesa de dois lados e a ascendência do/da cônjuge ou namorado/a. Segundo os cálculos realizados, o primeiro dos fatores tem uma relação muito fraca com o domínio da língua polonesa ( $Q = 0,14$ ). A nossa hipótese, de que os que moram na mesma casa que os pais teriam maior domínio da língua polonesa, não se confirmou. Quanto à ascendência dos pesquisados e de seus pares, consideramos o número das pessoas com a ascendência polonesa só de um lado (três pessoas – 6% da amostra) e dos que casaram ou namoram os “brasileiros” (cinco pessoas), insuficiente para obtenção de dados numéricos relevantes.

Para concluir esse subcapítulo, segue abaixo a Tabela 5 com o resumo das correlações observadas entre os níveis de competência na língua de herança e alguns fatores sociais do grupo dos entrevistados.

**TABELA 5 – CORRELAÇÕES ENTRE O NÍVEL DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA E AS VARIÁVEIS SOCIAIS DOS ENTREVISTADOS**

<b>Variável social</b>	<b>Correlação com o nível de competência</b>
Faixa etária	$G = 0,92$ – positiva muito forte (quanto maior a idade, maior a competência)
Atuação principal dentro ou fora da comunidade	$Q = 0,69$ – forte (as pessoas cuja atividade principal ocorre dentro tendem a demonstrar maior competência)
Atuação principal dentro ou fora da comunidade na faixa etária 18-55 anos	$Q = 0,5$ – moderada (as pessoas cuja atividade principal ocorre dentro tendem a demonstrar maior competência) Entre mulheres – $Q = 0,57$ Entre homens – $Q = 0,4$
Grau de escolaridade	$G = -0,67$ – negativa forte (quanto maior a escolaridade, menor a competência)
Sexo	$Q = 0,25$ – baixa
Sexo na faixa etária 18-35 anos	$Q = 0,8$ – forte (as mulheres tendem a demonstrar maior competência)

### 5.1.3 Análise multivariável

Até agora analisamos a possível influência de variáveis sociais (variáveis independentes) nos níveis de competência na língua de herança falada na comunidade pesquisada (a variável dependente). Entretanto, os coeficientes de correlação aplicados acima indicam a força dessas relações separadamente para cada um dos fatores contemplados. Não devemos esquecer que nenhuma das variáveis, como idade, sexo ou escolaridade, ocorre isoladamente. Todas elas se dão concomitantemente e podem, inclusive, influenciar umas às outras. Por isso, lançamos mão de mais uma ferramenta estatística, a análise multivariável, que permite avaliar a contribuição relativa individual (peso relativo) de cada fator da variação observada em situação de atuação simultânea de todos os fatores (WALKER, 2010).

Para a realização da análise multivariável nos valem os programas GoldVarb, desenvolvido especialmente para a análise de variação linguística. A sua função de análise *up and down* binominal permite a determinação da significância estatística de cada um dos fatores considerados na pesquisa. Por se tratar de uma análise binominal, era necessária a redução da quantidade dos níveis de competência para dois, o que foi obtido pela junção dos níveis 1 e 2. Assim, o nível mais alto de competência, o 3, foi considerado o valor de aplicação da regra, e os níveis 1 e 2, amalgamados, a não aplicação.

Como já mencionamos, o GoldVarb estima a contribuição relativa (peso relativo) de cada variável independente na ocorrência do valor de aplicação. O programa busca uma configuração dos fatores que explica de maneira mais próxima a distribuição observada da variável dependente (WALKER, 2010). Os pesos relativos variam de 0 a 1, sendo que os abaixo de 0.5 desfavorecem a ocorrência do valor de aplicação, ao passo que os acima de 0.5 favorecem, no nosso caso, o mais alto nível de competência na língua polonesa.

As seguintes variáveis dependentes foram consideradas na nossa análise: sexo, faixa etária, escolaridade, atuação dentro/fora da Colônia, estado civil, com filhos/sem filhos, permanência fora da Colônia por mais de um ano, residência junto com os pais. A análise binominal *up and down* dos dados da nossa pesquisa trouxe um resultado talvez surpreendente, pois somente um fator foi escolhido como significativo para a variação da competência na língua polonesa entre os colonos pesquisados – a *faixa etária*. A Tabela a seguir apresenta os pesos relativos obtidos na análise em conjunto com a distribuição das faixas etárias nos respectivos níveis de competência:

TABELA 6 – PESO RELATIVO DAS FAIXAS ETÁRIAS NA OCORRÊNCIA DO NÍVEL 3 DE COMPETÊNCIA NA LÍNGUA POLONESA

Faixa etária	Nível 3 de competência		
	Nº de casos	%	Peso relativo
18-35	2/16	13%	0.086
36-55	10/16	63%	0.522
>55	15/16	94%	0.907

Os dados acima indicam a existência de uma tendência fortíssima de ocorrer, na faixa etária mais velha, o nível de competência mais alto e uma propensão nítida dos mais jovens para não demonstrarem esse tipo de competência. A faixa etária média se mostrou neutra nesse aspecto. O fato de que somente um fator, a faixa etária, foi escolhido como estatisticamente significativo na variação dos níveis de competência aponta, no contexto atual dessa Colônia, uma certa inevitabilidade da substituição da língua dos ancestrais pelo PB.

Se o resultado sugere que o fator faixa etária isoladamente consegue “explicar” a variação dos níveis de competência, entende-se que os fatores que poderiam ser considerados atenuantes na manutenção da língua polonesa, como o sexo feminino ou a atuação dentro da Colônia, não exercem a influência suficiente para impedir a substituição nas gerações mais jovens. Naturalmente, “ser jovem” na comunidade hoje em dia significa ter acesso ao mundo externo à Colônia muito mais cedo do que era o caso da geração dos pais dos jovens – mundo externo que oferece oportunidades atrativas de formação e de emprego, as quais não exigem conhecimento da língua de herança e, portanto, contribuem para o seu abandono.

## 5.2 ANÁLISE QUALITATIVA

A análise quantitativa apresentada nos pontos anteriores desse capítulo permitiu a verificação da situação de bilinguismo polono-brasileiro na comunidade e a identificação dos níveis de competência dos informantes na língua polonesa em relação às suas variáveis sociais – dois objetivos específicos desse trabalho (objetivos a) e b) do ponto 1.2). O objetivo d) – a elaboração do registro histórico da Colônia Dom Pedro II – foi realizado no capítulo 2. Por isso, a seguinte análise qualitativa visa ao cumprimento de mais um objetivo expresso na parte inicial dessa dissertação, a saber, a avaliação do processo e dos contextos da manutenção e substituição linguística do idioma polonês na comunidade. Pretendemos entender o processo observado, que parece ser o de *substituição linguística*, e chegar às raízes das transformações na presença da língua de herança na Colônia Dom Pedro II. A análise levada a cabo objetiva também uma interpretação mais aprofundada dos dados apresentados na análise quantitativa.

Como observa Botassini (2013), embora as descrições, comparações, comentários e opiniões dos informantes constituam o foco da análise qualitativa, a apresentação de indicações numéricas ou porcentagens pode ajudar a interpretar os dados. Por esse motivo, a análise a seguir conterà tanto os depoimentos dos informantes, as nossas interpretações, como alguns resultados numéricos.

### 5.2.1 As biografias linguísticas dos informantes

Um estudo aprofundado das respostas às perguntas 7, 8 e 9, referentes ao contexto linguístico durante a infância dos informantes, ou seja, a língua usada em casa pelos avós e pelos pais, a língua aprendida em casa e a ensinada na escola, nos permitiu, com a ajuda da biografia linguística dos entrevistados, fazer uma pequena viagem no tempo e entender a história da língua polonesa na comunidade nos últimos 80 anos. Naturalmente, cada biografia é única, e os trajetos linguísticos apresentados são meras generalizações das tendências observadas nas respostas dos informantes.

A faixa etária mais velha dos informantes é constituída por pessoas nascidas entre o começo dos anos 30 e o começo dos anos 60 do século passado. Trata-se, portanto, de um período longo, porém, relativamente homogêneo quanto à situação linguística dos moradores. Quase todos eles, exceto uma pessoa cujo pai não é polono-descendente, nasceram nas casas onde imperava a língua polonesa. Seus avós, que pertenciam à primeira geração polônica (nasceram no Brasil ou vieram para cá como crianças), dominavam a língua portuguesa no nível básico e a usavam somente durante as suas viagens comerciais semanais para a capital, viagens essas realizadas por homens da casa. Embora na época da infância dos avós e dos pais houvesse uma escola rural étnica na Colônia, o acesso à educação, na língua polonesa, não era igual para os homens e para as mulheres, o que ilustra a seguinte fala:

- (23) “Minha mãe não sabia nada em brasileiro. Tudo em polonês. Escrever não sabia nada. Quando iam para escola, os professores eram só os camponeses. Não ensinavam as meninas, só os meninos. Porque iam pro quartel, tinham que estudar. E as mulheres, meninas, iam trabalhar na roça, não precisa estudar”<sup>145</sup> (M3).

---

<sup>145</sup> A fala original: “Bo moja mama nie umieli nic po brazylijsku. wszystko po polsku. Pisać nie umieli. nic. Wtedy co oni mieli chodzić do szkoły, to ino profesory były, chłopcy. To dziewczków nie uczyli, ino same skoty. Zatem poszli do kwartela, to musi się nauczyć. A baby, dziewczki to potem będą robić na polu, to nie trza nauki.”

Os pais dos nascidos a partir dos anos 1950 já costumavam saber falar em português, pois essa língua entrou no ambiente escolar da Colônia no início dos anos 1930. No entanto, a língua da escola não adentrou os domínios ocupados exclusivamente pela língua de herança – o da casa, o de contatos locais entre os moradores e o da igreja. Podemos concluir, então, que até o começo dos anos 1960 na Colônia existia *diglossia com baixos níveis de bilinguismo* – situação propícia à manutenção da língua de herança. Nos relatos que dizem respeito a essa época, a igreja, ao lado de casa, é frequentemente mencionada como a fonte da aprendizagem da língua polonesa, inclusive a sua leitura, dominada, embora no nível básico, por 80% dos informantes da faixa mais velha e 13% da faixa média. A necessidade de rezar as longas ladainhas fez com que as crianças aprendessem a decifrar as letras com “muitos rabinhos”<sup>146</sup> (M3) e algumas delas até faziam leituras curtas no jornal *Lud*, publicado em polonês em Curitiba, assinado e compartilhado na comunidade.

Segundo os relatos dos entrevistados, a escola da Colônia, mais ou menos até o final dos anos 1970, recebia alunos quase exclusivamente da etnia polonesa. Quase todos que iniciaram seus estudos nela até o começo dos anos 1970 descrevem o processo de ensino como altamente bilíngue, o que percebemos na fala de duas informantes: a primeira delas (24) aluna na metade dos anos 1940 e a segunda (25), quase 30 anos depois, no começo dos anos 1970:

(24) “Quando eu ia pra escola, se lia em brasileiro e se falava em polonês. Nem uma [língua], nem outra.”<sup>147</sup> (F3).

(25) “Quando fui para escola, não sabia [falar] em brasileiro. Não foi muito difícil. (...) As irmãs falavam polonês e ensinavam em brasileiro. Só tinha crianças polonesas”<sup>148</sup> (F2).

Essas descrições parecem se aproximar do significado original do termo *translanguaging*, emprestado e modificado posteriormente por García (2009), apresentado na acepção dessa autora no ponto 3.3.3. Williams (1994 *apud* GARCÍA, 2009), que cunhou o termo, o usava para se referir às práticas pedagógicas, durante as quais ocorre a troca de “modos linguísticos” entre as atividades receptivas e produtivas. No caso das aulas na Colônia Dom Pedro II, a leitura (uma atividade receptiva) era feita em português, enquanto a fala (uma atividade produtiva) em polonês. Esse modo bilíngue que, por um lado, é julgado pelos informantes como uma falta de ensino de qualidade em qualquer uma das línguas, por outro

<sup>146</sup> Fala original: “mają dużo tych ogonków.”

<sup>147</sup> Fala original: “Jak ja chodziła do szkoły, po brazylijsku czytała, a po polsku gadał. To ani tak, ani tak.”

<sup>148</sup> Fala original: “Ja poszła do szkoły, to ja nie umiała po brazylijsku. Nie barz ciężko. [Siostry] gadały po polsku, uczyły po brazylijsku. Ino same polskie dzieci.”

lado parece tê-los ajudado a se adaptar à nova língua, pois quase todos da faixa etária mais velha (exceto uma pessoa) iniciaram seus estudos sem terem adquirido a língua portuguesa anteriormente. Por isso, podemos classificar todas essas pessoas como *bilíngues sequenciais com a língua polonesa como primeira língua*.

As seguintes falas ilustram a avaliação do processo de se tornar bilíngue em uma escola que se valia de ambas as línguas no começo dos anos 1960 (a fala 26) e dos anos 1980 (a fala 27):

(26) “Foi difícil. Aprendemos a ler [em português] e logo, por causa disso, a língua enrolou. Todas as crianças falavam polonês e tinham que aprender [o português]”<sup>149</sup> (M3).

(27) “A professora era assim que entendia brasileiro e polonês. Foi difícil (...). Ela ajudava, quando ela falava brasileiro e a gente não entendia, daí ela falava em polonês. Depois tinha que ensinar em brasileiro”<sup>150</sup> (F2).

A faixa etária média não demonstra tanta homogeneidade como a mais velha. Enquanto a língua polonesa continuou a primeira língua adquirida na infância pela maioria dessas pessoas (69%), o português era introduzido dentro de casa pelos pais quase simultaneamente com o polonês, pois alguns deles se sentiram traumatizados pelas suas próprias experiências de dificuldades na escola. Duas informantes assim relembram as atitudes de seus pais:

(28) “A mãe sempre dizia: ‘não estude polonês, porque você vai ficar mal. Vai falar com a língua enrolada’”<sup>151</sup> (F2).

(29) “Só quando era bem pequeninha, eles [os pais] falavam em polonês e não exigiam que a gente falasse polonês. Eles sabiam que a gente ia ter dificuldade na escola.” (F2)

Na citação (28) chama atenção a atitude de deslealdade linguística presente na fala da mãe que se sentia obrigada a proteger a filha das dificuldades que ela mesma enfrentara na sua

<sup>149</sup> Fala original: “Było trudno. Nauczyło się czytać i zaraz od tego czytania wykręcił się język. Wszystkie dzieci mówiły po polsku i musiały się nauczyć.”

<sup>150</sup> Fala original: “Profesora była tako, co rozumiała po polsku i po brazylijsku. Było trudno [...]. Pomagała, jak ona gadała po brazylijsku, jak człowiek nie rozumiał, to ona powiedziała potem po polsku. Potem musiała uczyć po brazylijsku.”

<sup>151</sup> Fala original: “Mama zawsze gadała: ‘nie ucz się polsku, porque będzie Ci źle. Vai falar com a língua enrolada.’”

infância. Percebamos que o perigo da “língua enrolada” como resultado de se tornar bilíngue foi mencionado em duas das falas citadas acima (26 e 28). Aparentemente, os autores das falas se referiam ao fenômeno de *pressão cognitiva*, discutida no ponto 3.3.2, típica do funcionamento das mentes bilíngues, que enfrentam o desafio de separar os seus repertórios linguísticos de maneira adequada ao contexto da interação (MATRAS, 2011).

De volta à situação linguística durante a infância dos informantes da faixa etária média, leiamos a seguinte explicação (30) para a falta da transmissão da língua polonesa para os filhos de uma informante mais idosa:

- (30) “Quando falava com os filhos, era misturado. Quando os filhos foram para escola, tínhamos que conversar com eles em brasileiro. Devagar deixamos essa língua polonesa e tínhamos que conversar em brasileiro. Hoje em dia tem que ser mais em português. Tem que dançar conforme a música”<sup>152</sup> (F3).

As falas (28), (29) e (30) nos levam a supor que o período de diglossia com bilinguismo (uma situação de bilinguismo estável, segundo Fishman, 1967), se existia, durou por pouco tempo na comunidade pesquisada. A terceira geração polônica (que corresponde a uma boa parte da nossa faixa etária mais velha) foi a primeira geração bilíngue dos moradores da Colônia. E foram eles que “romperam” a diglossia introduzindo o português nas suas casas para preparar os seus filhos para a vida escolar na língua portuguesa.

A fala (30) comprova que já nos anos 1970, quando os filhos da informante entravam no sistema de ensino formal, a preocupação com a sua inserção no meio dominado pela língua portuguesa era presente nas casas dos moradores da Colônia. Na faixa etária média o índice de pessoas que não falavam a língua portuguesa ao ingressar na escola era de 25% – nitidamente menor do que os 94% da faixa mais velha. Chama atenção o fato de que as pessoas da faixa média que não dominavam o português eram na sua maioria (75%) meninas – o que comprova a nossa suspeita de que as mulheres manteriam mais a língua polonesa. Nessa faixa houve ainda 19% de pessoas (meninos) que, embora soubessem falar ambas as línguas, passaram pelos problemas de adaptação à língua portuguesa na escola. No caso desses meninos, a língua polonesa era a única usada pelos pais em casa, sendo os irmãos mais velhos a sua fonte de conhecimento da língua portuguesa. Na faixa etária média, 38% dos informantes são *bilíngues sequenciais*. Aqui encontramos dificuldades em definir o tipo de bilinguismo (sequencial ou

<sup>152</sup> Fala original: “Z dziećmi jak mówiła – pomieszane było. Jak dzieci poszły do szkoły, trzeba było rozmawiać po brazylijsku z nimi. Pomału się ostawiło tę mowę polską i musiało się po brazylijsku rozmawiać. [...] Hoje em dia tem que ser mais em português. Musi tańcować tak, jak grają.”



simultâneo) da maioria dos informantes, pois eles não se lembram do momento da aquisição de cada uma das línguas. A falta da lembrança nos leva a crer que se trata de *bilinguismo simultâneo*.

A partir do final dos anos 1970, houve uma grande mudança na composição étnica dos alunos da escola da Colônia, a qual, segundo as narrativas dos informantes, teve um forte impacto na presença da língua polonesa na comunidade. A escola cresceu ao ponto de crianças polono-descendentes se tornarem a minoria na sala de aula, compartilhada agora com coleguinhas de origem brasileira e italiana. Os relatos de “tiração de sarro dos polacos batateiros” na escola aparecem nas falas de quase todas as pessoas que começaram os estudos nessa época ou posteriormente. Um dos principais motivos desse “*bullying*”, como os moradores chamam hoje esse comportamento, era o “sotaque” polonês, o qual marcava a fala das crianças polono-descendentes na língua portuguesa. Independentemente do fato de que as crianças da Colônia “soubessem se defender” e respondessem aos ataques também com palavras ofensivas, a vergonha de ser de origem polonesa começou a se instalar na mente das crianças da comunidade, e a língua parecia ser a principal causa do preconceito sofrido.

Como já foi visto no ponto 3.4.3, trata-se aqui de *preconceito linguístico*, o qual reflete um preconceito existente entre os pais das crianças voltado contra o grupo de baixo *status* social – os descendentes de poloneses. A urbanização da região da Colônia, ligada, entre outros, com a inauguração da BR-277 no ano 1969, a criação de pequenas comunidades próximas a ela e a industrialização da região, fez com que os contatos com a população de outras origens étnicas se intensificassem, trazendo à tona os medos das diferenças, as hierarquias sociais e os preconceitos nelas embutidos.

Deixemos claro que os preconceitos eram mútuos. Vários informantes admitiram que as crianças da origem polonesa teriam sofrido mais “*bullying*” simplesmente por terem sido uma minoria dentro da escola. Por décadas os colonos mantiveram contatos esporádicos, para não dizer mínimos, com representantes de outras etnias. Uma informante nascida no começo dos anos 1960 assim comenta (31) a atitude de seus pais referente ao namorar pessoas de outras origens, provavelmente já no começo dos anos 1980:

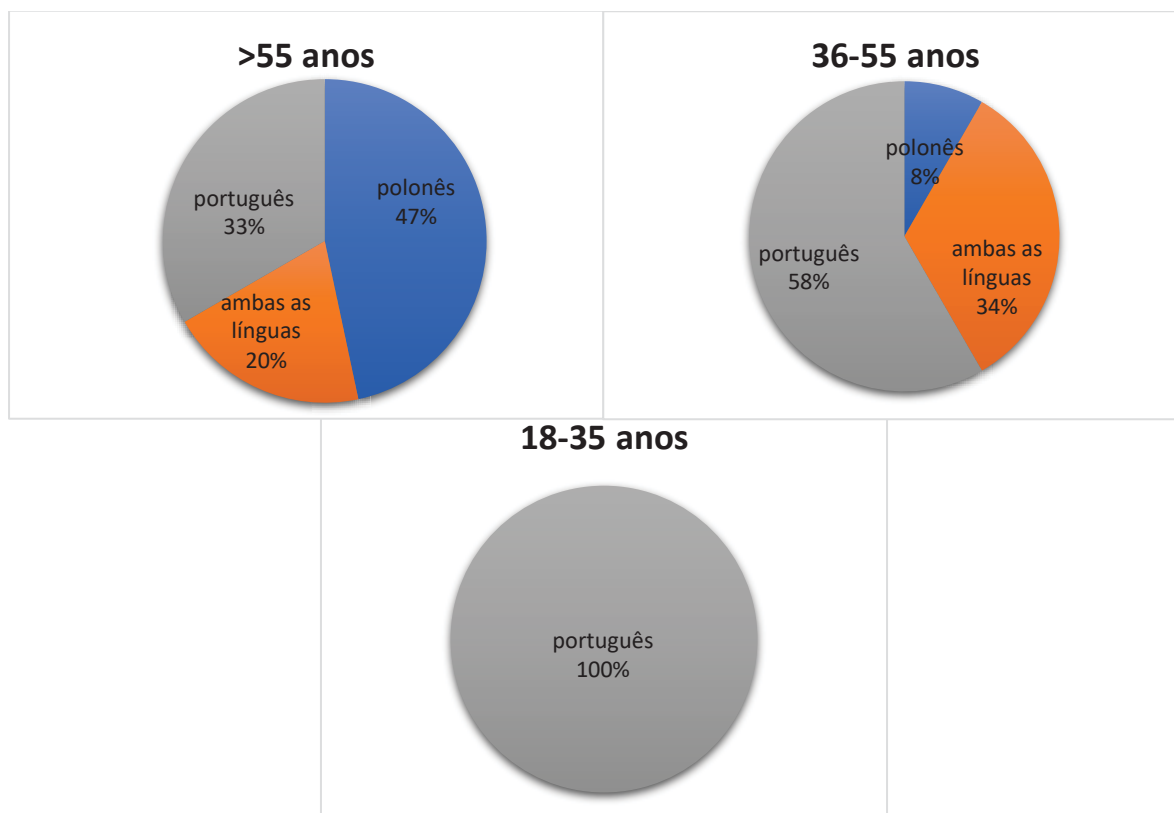
- (31) “Na verdade, já depois aqui moravam pessoas [diferentes], mas nossos pais não queriam contato. Achavam que isso não era bom para nós. Não deixavam namorar. Tinha que ser só daqui. (...) Eles estavam com medo que os outros não eram bons. Só a gente era bom. Mas para mim, pessoas tudo igual”<sup>153</sup> (F3).

Com o tempo a comunidade começou a se abrir mais e permitir a entrada dos “de fora”, não somente na sua escola, mas também nas suas famílias. Os informantes da faixa mais jovem já estavam acostumados aos contatos com os não descendentes desde pequenos. Entrando na escola, todos já falavam português e somente para 25% deles (todas meninas) a língua polonesa era a primeira língua aprendida na infância. Duas mulheres relatam alguns problemas na escola relacionados com a dificuldade de lidar com a língua portuguesa. O fato de que vários informantes jovens, quando perguntados se tinham colegas na escola que não falavam português, mencionavam o nome de uma mesma pessoa, comprova a grande mudança que se realizou no decorrer das três gerações. Para 75% dos jovens a língua portuguesa era a primeira língua, acompanhada de pedaços de língua polonesa, a qual alguns deles aprenderam a entender, mas nunca aprenderam a falar. O seu bilinguismo bastante fragmentado permitiu que alguns dos pais usassem a língua de herança como uma “língua secreta”, que não deixava os assuntos não destinados para as crianças chegarem aos seus ouvidos (uso semelhante ao comentado na fala (20) no ponto 3.4.3).

Observamos como a língua polonesa perdeu, aos poucos, seu *status* de primeira língua nas três faixas etárias, começando pelas pessoas mais idosas, com 94% dos que aprenderam a língua dos ancestrais antes da língua dominante no país, 69% na faixa etária média e 25% entre os mais jovens. É interessante compararmos essa informação com a referente à língua que os informantes consideram sua língua dominante, a mais “forte”, mais fácil hoje – a língua primária, segundo a terminologia apresentada no ponto 3.2.2. Como esperado, todas pessoas cuja primeira língua era o PB, mantiveram essa língua como dominante na sua vida adulta. O Gráfico 18 ilustra a distribuição das línguas primárias (dominantes, “mais fortes”) entre os informantes cuja primeira língua foi a polonesa nas três faixas etárias. Percebemos que o grau de manutenção da dominância da língua polonesa no repertório linguístico dos falantes diminuía com o passar das gerações para chegar ao nível 0 na geração mais nova.

<sup>153</sup> Fala original: “Na verdade już potem, co mieszkali ludzie tu, tu były ludzie. Ale nasi ojcie nie chcieli kontaktu. Achowali, że to nie jest dobrze dla nas. [...] Não deixavam namorar, tinha que ser só daqui. Oni się bali, że to tamte nie są dobre, ino my były dobre. Ale dla mnie, pessoas tudo igual.”

GRÁFICO 18 – A LÍNGUA PRIMÁRIA HOJE DOS INFORMANTES CUJA PRIMEIRA LÍNGUA FOI A POLONESA, POR FAIXA ETÁRIA



A maioria dos nossos informantes teve dificuldade em indicar um momento ou um período na sua vida, quando a língua polonesa perdeu a sua posição de língua “preferida”. Muitos, tanto na faixa média como na mais jovem, ligam a presença da língua de herança nas suas vidas com as vidas dos seus avós que costumam residir junto com os seus filhos e netos. Em vários casos, a partida dos avós significava também o abandono da língua de herança entre os restantes membros da família, os quais antes usavam a língua polonesa principalmente pelo respeito aos anciões da casa.

O contato com os avós nos parece um fator determinante na manutenção da língua polonesa entre as mulheres da faixa etária mais jovem com os níveis de competência 3 e 2. Lembremos que, a aparente maior manutenção da língua polonesa entre as mulheres mais jovens, quando comparada com a dos homens jovens, gerou nossas dúvidas (no ponto 5.1.2 da análise quantitativa) com relação ao motivo dessa diferença. Esse contato das netas com os avós corresponderia ao modelo de vida intergeracional, comentado no ponto 3.4.1 que, segundo Fishman (2012), propicia a transmissão da língua minoritária. É importante ressaltar que se

trata aqui de um contato muito intenso, de amizade muito próxima e de cuidados prestados pelas netas aos avós doentes. Nas palavras de uma informante jovem:

- (32) “Até quando avó tava viva, eu falava. Tudo errado, mas ela me entendia. Eu me obrigava um pouco, porque às vezes ela estava bem fraca e conseguia falar só em polonês. (...) Aprendi mais na marra, sabia bastante coisas e, quando ela ficou debilitada, eu aprendi mais. Agora não lembro mais” (F1).

Em algumas casas esse momento de silenciamento da língua polonesa foi a morte de um dos pais com o qual o outro cônjuge ainda falava polonês, embora já se dirigisse aos filhos em português. Dois informantes da faixa etária média eram capazes de indicar a própria idade na qual a língua polonesa definitivamente cedeu espaço para o português. No caso de ambas as pessoas, essa idade era de 11 ou 12 anos, quando cada vez mais se identificavam com seu entorno dominado pela língua portuguesa e com seus amigos da escola.

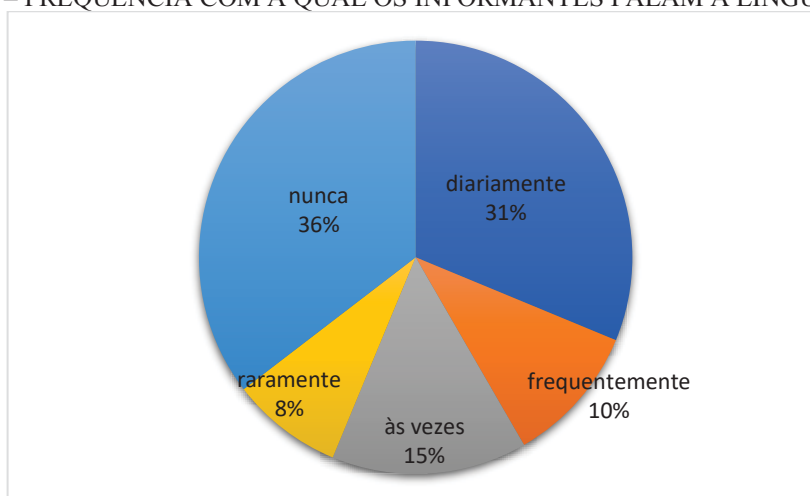
Resumindo, a nossa curta viagem no tempo da Colônia permitiu a identificação de um momento histórico a partir do qual a comunidade, querendo ou não, começou a se abrir para os contatos com pessoas de outras origens e para novas oportunidades. O início dos anos 1970 mostra indícios de ter sido um momento decisivo na vida da Dom Pedro II. A crescente urbanização da região, com a construção da BR-277 e das comunidades próximas a ela, trouxe à Escola Dom Pedro II novos alunos e com eles novas culturas, novas amizades e novos conflitos, na base de preconceitos mútuos. Por outro lado, a construção da estrada incentivou o surgimento de fábricas nas suas margens, as quais futuramente empregariam alguns dos nossos informantes das faixas etárias média e da mais jovem. As melhorias na infraestrutura de transporte trouxeram consigo também o maior acesso às áreas urbanas até então consideradas afastadas, como Campo Largo e Curitiba.

Há mais um fator que precisa ser levado em conta – a conexão da comunidade com a rede elétrica que ocorreu, para a maioria das casas, na metade dos anos 1970. Acreditamos que esse acontecimento enfraqueceu ainda mais a presença da língua polonesa nas casas dos moradores, que agora podiam escutar o rádio e assistir à televisão na língua dominante do país. Concluimos, então, que a mudança nas relações linguísticas dentro da comunidade, que teve o seu início na faixa etária média, ocorreu principalmente como resultado das transformações civilizatórias descritas acima. Em consequência dessas transformações, os representantes da faixa etária mais jovem nasceram em uma comunidade ainda mais próxima aos centros urbanos e muito menos fechada para as influências de fora do que os seus pais e, definitivamente, do que os seus avós.

### 5.2.2 A frequência e os contextos de uso da língua polonesa na Colônia

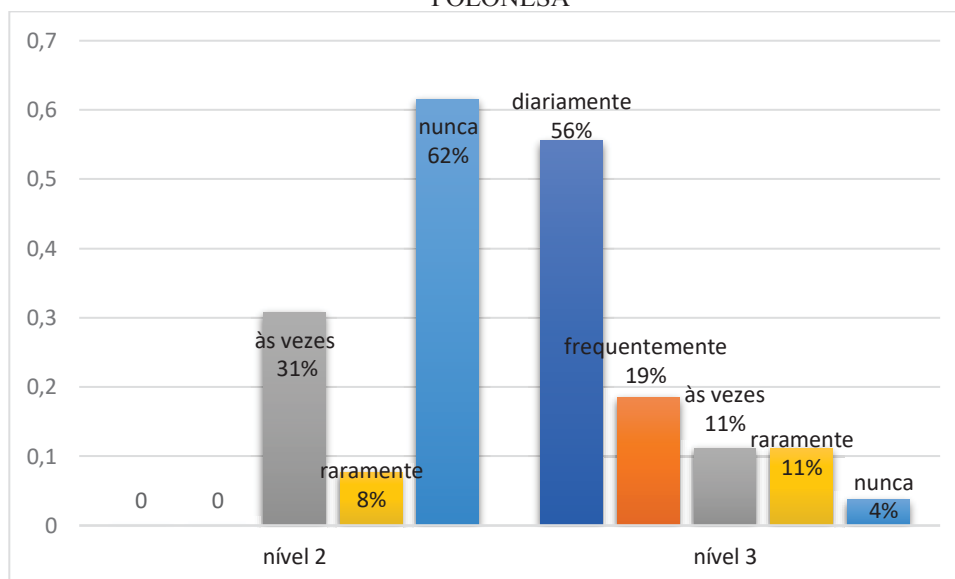
A análise das respostas às perguntas de 19 a 22 permitiu entender como se dá o uso diário da língua polonesa na Colônia. A categorização das respostas possibilitou a obtenção de alguns dados numéricos referentes à frequência do uso da língua de herança entre os informantes. O Gráfico 19 nos mostra que um terço dos pesquisados ainda fala a língua dos ancestrais no seu dia a dia, porém uma parcela de tamanho parecido nunca o faz.

GRÁFICO 19 – FREQUÊNCIA COM A QUAL OS INFORMANTES FALAM A LÍNGUA POLONESA



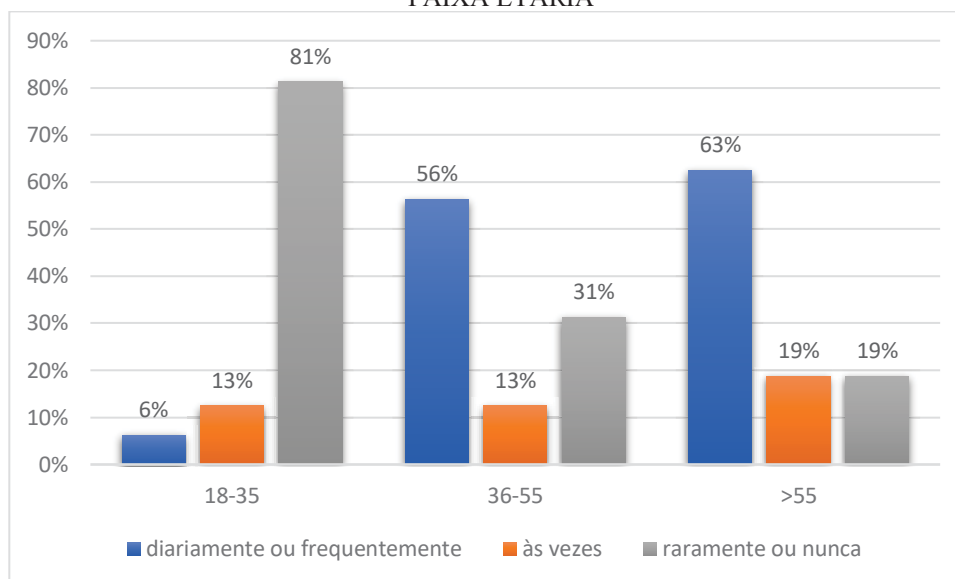
Naturalmente, os que demonstram o nível de competência 1 (falam ou entendem pouco ou nada) dificilmente fariam a língua polonesa no seu dia a dia, embora 63% deles costume escutá-la nas suas casas ou na Colônia, pelo menos frequentemente. No Gráfico 20 podemos comparar a frequência do uso da língua de herança entre os informantes com os níveis de competência 2 e 3.

GRÁFICO 20 – FREQUÊNCIA COM A QUAL OS INFORMANTES DOS NÍVEIS 2 E 3 FALAM A LÍNGUA POLONESA



O uso linguístico dos dois grupos difere nitidamente, sendo os com o nível de competência 3 os únicos dos três grupos que falam o polonês no seu dia a dia. A frequência do uso nesse grupo – 75% falando diariamente ou frequentemente – considerando a proximidade da Colônia dos centros urbanos e o período da chegada dos imigrantes (há 150 anos), nos parece relativamente alta. O problema consiste no fato de que, como já demonstramos na análise quantitativa, o nível 3 de competência é muito escasso na faixa etária mais jovem. O Gráfico 21 ilustra as diferenças de frequência de fala na língua polonesa entre as faixas etárias. Com intuito de facilitar a visualização do Gráfico, as duas categorias que indicam a maior frequência (“diariamente” e “frequentemente”) e as duas de menor frequência (“raramente” e “nunca”) foram reduzidas.

GRÁFICO 21 – FREQUÊNCIA COM A QUAL OS INFORMANTES FALAM A LÍNGUA POLONESA, POR FAIXA ETÁRIA



Novamente, como na análise quantitativa por níveis de competência (Gráfico 12), observa-se uma diferença categórica entre os mais jovens e as outras duas faixas etárias.

A escolha pela língua polonesa no momento da interação é quase sempre baseada no interlocutor, com o qual ainda é possível ou se deve conversar na língua de herança. O Quadro 7, abaixo, apresenta os grupos de interlocutores mais frequentemente mencionados pelos informantes, que falam a língua polonesa pelo menos raramente.

QUADRO 7 – INTERLOCUTORES DAS CONVERSAS DOS INFORMANTES DA PESQUISA NA LÍNGUA POLONESA

Grupos de interlocutores	% das menções
Vizinhos mais idosos	76%
Parentes mais idosos (que moram em outra residência)	59%
Pais ou sogros	59%
Cônjuges	45%
Filhos	31%
Colegas de trabalho	21%
Avós	7%



É necessário destacar que a informação apresentada no Quadro 7 não indica a exclusividade do uso da língua polonesa nas interações com os interlocutores listados. Por exemplo, no caso dos vizinhos mais idosos, se pode tratar simplesmente de saudações na língua de herança, com o objetivo de mostrar respeito aos anciões da comunidade. O Quadro reflete a situação atual, portanto, não inclui as menções dos cônjuges já falecidos. Na faixa etária mais velha eram eles os principais interlocutores de quase todos os informantes, muitos deles viúvos hoje em dia. Também nas menções dos avós contabilizamos somente as pessoas vivas até o momento da entrevista.

A eleição da língua polonesa depende também do tópico da conversa, principalmente entre os cônjuges, os quais admitem o uso da língua de herança nos temas “mais simples”, relacionados com a vida diária da casa. Algumas situações discursivas específicas, tais como discussões entre os cônjuges ou as conversas secretas, propiciam a escolha da língua polonesa na interação.

Indubitavelmente, não estamos mais lidando com a situação diglôssica na comunidade, pois a língua polonesa, quando presente, divide os domínios da vida dos moradores com a língua predominante – o PB. Encontramos apenas uma família em cuja casa a língua portuguesa aparece somente durante as visitas dos que não dominam a língua polonesa. Somente mais uma família, entre as pesquisadas, reserva o domínio de sua casa quase exclusivamente à língua polonesa, com exceção das interações com o filho mais novo, que costuma responder em PB às indagações dos pais feitas em polonês. É relativamente comum, entre os que usam a língua de herança diariamente, a situação na qual as interações entre os pais e filhos ocorrerem sempre ou quase sempre no idioma polonês, porém os irmãos entre si se comunicam em português. Lembremos que, em vários casos, eram os irmãos mais velhos que ensinavam a língua portuguesa aos seus irmãos mais novos, antes de estes últimos começarem a frequentar a escola.

Como já apontamos no ponto referente ao Contato Linguístico (3.3), a eleição da língua pode ser uma escolha inconsciente, e nem sempre é possível identificar qual é o código usado pelo falante. Os moradores da Colônia relatam com frequência os casos de *code-switching* (31) e de *translanguaging* (32) nas suas práticas comunicativas diárias. As duas falas a seguir são exemplos desse tipo de relatos:

(31)

E(entrevistadora): De que depende qual língua se fala?

M3: Não sei... Alguém pergunta em brasileiro, responde em polonês. Pergunta em polonês, responde em brasileiro...<sup>154</sup>

(32)

“Às vezes vai [a fala] meio torto, mas... Daí sai metade da palavra em polonês e metade em brasileiro. A gente vai conversando assim. Um pedaço da frase sai assim, um pedaço assim”<sup>155</sup> (F1).

Retomando o assunto dos domínios do uso da língua polonesa, faz-se necessário ressaltar que esse idioma perdeu a sua dominação também na igreja e na vida religiosa dos moradores da Colônia. Segundo os relatos dos informantes, embora a Colônia tenha recebido os padres poloneses até recentemente, as missas na língua portuguesa foram instituídas pelo menos a partir dos anos 1980, deixando para a língua polonesa somente algumas poucas missas por mês ou as missas nas ocasiões especiais. Quase todas as mulheres da faixa etária acima de 55 anos rezam ainda na língua polonesa quando o fazem sozinhas, o que não é o caso dos homens nessa mesma idade, dos quais a maioria (63%) escolhe o português, embora saiba rezar em polonês. Aqui novamente observamos uma maior manutenção da língua de herança entre as mulheres. Em outras faixas etárias encontramos somente mais uma informante que reza em polonês, “porque foi ensinada assim” (F2). Paradoxalmente, o costume de rezar o terço em família após o jantar causou um abandono da língua polonesa nas orações, para que todos os membros da família pudessem participar ativamente dessa tradição.

Chama atenção a questão da confissão que para a maioria das mulheres mais idosas e para alguns dos homens precisa ser realizada em polonês, embora o pároco atual não fale a língua polonesa. Nas palavras de uma das informantes:

(33) “Para confissão, só em polonês. Eu não sei em brasileiro. Mas pode ir. O padre só dá a absolvição, mas é o Jesus quem absolve”<sup>156</sup> (F3).

Ainda no tema da religião, as respostas às questões 22 e 23, que tratam das canções e das rimas na língua polonesa lembradas pelos moradores, nos levaram a perceber certa vitalidade das canções natalinas e religiosas. São elas as que mais ficaram na memória dos

<sup>154</sup> Fala original: “E: Od czego zależy, po jakiemu się mówi? M3: Nie wiem... ktoś pyta po brazylijsku, odpowiada po polsku; pyta po polsku, odpowiada po brazylijsku.”

<sup>155</sup> Fala original: “Meio krzywo tak pójdzie...” (O restante da fala foi proferido em português).

<sup>156</sup> Fala original: “Do spowiedzi po polsku. Ja nie umię po brazylijsku. Ale może isć. Ksiądz ino da rozgrzeszenie, ale Pan Jezus rozgrzeszy.”

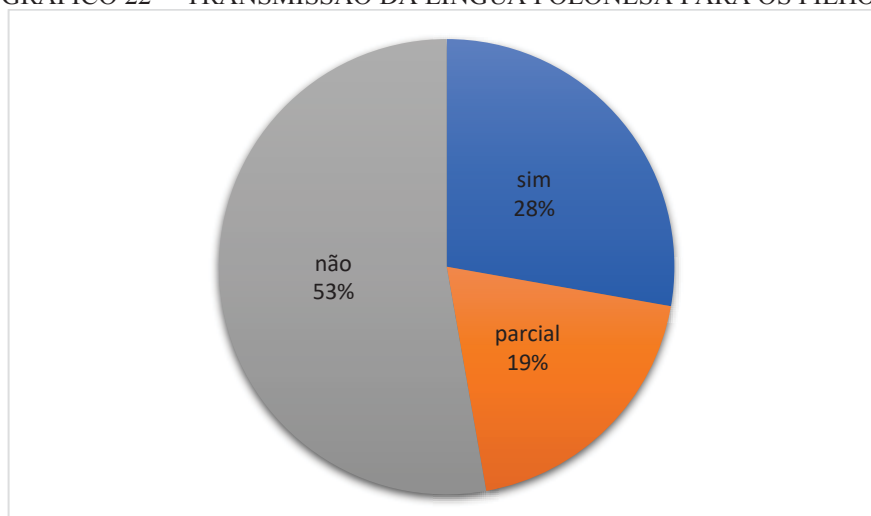
informantes. Em quase todas as entrevistas nas duas faixas etárias mais velhas cantamos juntamente com os entrevistados pelo menos uma canção natalina (*kolęda*), das quais a mais conhecida é a *Dzisiaj w Betlejem* (“Hoje em Belém”). As pessoas acima de 55 anos sabem cantar também outras canções religiosas. Na faixa etária média percebemos uma diferença entre as mulheres, que geralmente sabem cantar e o fazem com prazer, e os homens, entre os quais alguns já admitem cantar “resmungando” e sem entender bem a letra das canções. Na faixa etária abaixo de 36 anos, cinco mulheres (63% da faixa) e um homem sabem cantar “quando alguém puxar”, ao passo que os outros já não aderem ao canto na igreja por não saber fazê-lo ou achar as canções engraçadas. As respostas à pergunta 22 trouxeram à tona também algumas rimas populares em polonês conhecidas pelos moradores mais idosos, de caráter jocoso e até um pouco vulgar, com as quais nunca antes tivemos contato. Os textos, cujo surgimento nas entrevistas era possível graças à presença de uma ex-moradora que incentivava as lembranças dos informantes, se encontram no APÊNDICE V desta dissertação.

O intuito das perguntas 19 e 20, que questionavam a escolha de palavras no momento de tropeçar ou de ficar chateado com uma pessoa, foi de descobrir qual língua surge naturalmente aos informantes nos momentos quando não prestam atenção no que falam, os de menor monitoramento de fala, nos quais, segundo Labov (2008 [1972]), aparece o vernáculo. Embora muitas pessoas, também os jovens, conheçam alguns palavrões e xingamentos na língua polonesa, somente 15% (todos acima de 35 anos) disseram que, nessas situações, optam pela língua de herança, o que indica um recuo da língua polonesa também nessa área.

### 5.2.3 Transmissão da língua e os fatores de manutenção/substituição linguística na Colônia

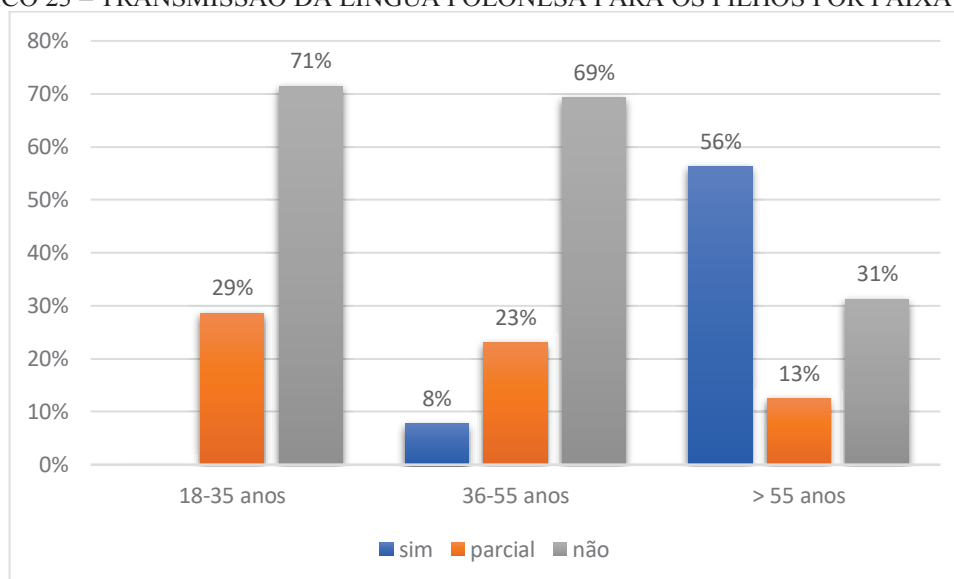
A transmissão da língua polonesa às próximas gerações e os motivos da falta dela, se fosse o caso, eram o assunto da pergunta 23, porém os informantes mencionavam os fatores que consideravam importantes na manutenção ou na substituição da sua língua de herança de modo espontâneo ao longo da entrevista. O Gráfico 22 apresenta os dados no tocante à transmissão da língua polonesa para os filhos de todos os informantes que são pais. A transmissão parcial significa que o filho não fala polonês, porém entende bem a fala dos seus pais proferida nesse idioma.

GRÁFICO 22 – TRANSMISSÃO DA LÍNGUA POLONESA PARA OS FILHOS



Vemos que a maioria dos pais já não ensina ou não ensinou a língua de herança para seus filhos. A situação fica ainda mais clara se vista com a divisão por faixa etária:

GRÁFICO 23 – TRANSMISSÃO DA LÍNGUA POLONESA PARA OS FILHOS POR FAIXA ETÁRIA



Como esperado, os pais de mais idade transmitiam a língua polonesa com frequência muito maior do que os seus filhos ou seus netos. Vale ressaltar que no Gráfico 23 se percebe uma maior semelhança no comportamento da faixa etária mais jovem e da faixa média, o qual difere claramente do comportamento das pessoas acima de 55 anos. Lembremos que nos gráficos com os dados referentes aos níveis de competência (Gráfico 12) ou à frequência de uso (Gráfico 21) da língua polonesa, a faixa etária média se aproximava mais dos informantes mais velhos. Isso decorre do fato de que as pessoas entre 36 e 55 anos ainda dominam a língua dos

ancestrais no nível parecido com o dos seus pais, porém já tomaram uma decisão ou se sentiram obrigados a não transmitir esse idioma para os seus filhos. São eles, de certa forma, responsáveis pela mudança dos padrões do uso e da presença da língua polonesa na Colônia.

O Quadro 8 apresenta os motivos de não transmissão da língua dos ancestrais na Colônia e também os fatores de manutenção/substituição da língua mencionados pelos informantes:

QUADRO 8 – OS FATORES DE MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA CITADOS PELOS INFORMANTES

continua

Fator	Quant. de menções	Citação
<b>Fatores sociais, políticos e demográficos</b>		
Inutilidade da língua polonesa; a predominância de PB na escola, na igreja e no entorno da Colônia	12	“A sociedade hoje não vai mais aceitar o polonês, então eles [os filhos] vão encontrar dificuldade” (M2).
Exogamia	6	“O meu [filho] mais velho entendia e falava tudo em polonês. Depois quando minha cunhada casou com um que falava brasileiro, aí ele parou de falar [polonês]” <sup>157</sup> (F2).
Heterogeneidade étnica e linguística na comunidade	5	“Porque vieram muitos desses que falam em brasileiro, não querem ensinar em polonês” <sup>158</sup> (F3).
Trabalho fora da comunidade	5	“Quando vai trabalhar lá em Curitiba, não dá para falar em polonês. Por isso, um pouco, né, se perde” <sup>159</sup> (F1).
Falta de tempo e de contato com os familiares	3	“Mas é uma situação que difícil voltar. Uma correria hoje. O tempo não vai deixar eles estudar” (M3).
Lei de nacionalização de 1938	1	“Daí veio a lei do governo que proibiu falar nas escolas, perderam [os pais] interesse [em falar, transmitir o polonês]” (M1).
<b>Atitudes dos pais</b>		
Falta de uma postura mais firme	6	“Faltou um pouco o pai pegar, assim, mais firme. Não dá para controlar” <sup>160</sup> (M3).
Falta de falar em casa	5	“Se a gente falasse mais, esses jovens aprenderiam mais” <sup>161</sup> (F2).

<sup>157</sup> Fala original: “Mój ten starszy wszystko po polsku rozumiał i gadał. Potem jak moja cunhada się ożeniła z jednym, co po brazylijsku gadał, on tedy przestał gadać.”

<sup>158</sup> Fala original: “Za to że to dużo przyszło tych, co gadają po brazylijsku, nie chcą uczyć po polsku.”

<sup>159</sup> Fala original: “Jak pójdzie do roboty tam na Kurytybie, też nie da gadać po polsku. Za to trochę, né, się zgubi.”

<sup>160</sup> Fala original: “Trochę brakowało ojcu tak wziąć, jakoś tak mais firme. [...] Nie da rady upilnować”.

<sup>161</sup> Fala original: “Żeby my więcej gadały, to by te jovens się nauczyły bardziej.”

QUADRO 8 – OS FATORES DE MANUTENÇÃO/SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA CITADOS PELOS INFORMANTES

continuação e conclusão

Fator	Quant. de menções	Citação
<b>Atitudes dos pais</b>		
Falta de transmitir a lealdade étnica e cultural	1	“Às vezes por falta de uma orientação que é questão cultural, que é importante, você tem que ter orgulho, falta da informação dentro de casa, de valorizar, de cuidar” (F1).
<b>Atitudes dos jovens</b>		
Vergonha da origem polonesa e de falar	5	“Eles [jovens] têm vergonha, não falam muito, são crianças, falam pouco e deixam. Talvez nem todos, mas alguns têm vergonha” <sup>162</sup> (M2).
Falta de interesse em aprender	4	“Os netos, eles já não falam nada em polonês. Não querem falar” <sup>163</sup> (F3).

O primeiro fator citado no Quadro acima, a inutilidade da língua polonesa no entorno e na vida atual da Colônia, inclui também as menções das dificuldades passadas pelos pais na escola e a sua percepção de que a transmissão da língua polonesa atrapalharia a aquisição da língua portuguesa, o que realmente parece ter acontecido com vários informantes das faixas etárias mais velhas (a, já citada, “língua enrolada”). A maioria dos pais que não passou a sua primeira língua (o polonês) para os seus filhos deixou de usá-la em casa ou diminuiu seu uso justamente por causa da chegada dos filhos, que precisavam ser preparados para a escola e para a vida em língua portuguesa. Uma das informantes assim justificou a sua decisão:

- (34) “A gente, do início, [falava] mais em polonês, depois, quando a [nome da filha], daí mais em brasileiro. Eu queria que ela falasse [brasileiro], porque eu tinha muita dificuldade na escola. Daí eu sempre falava: vamos falar brasileiro para ela aprender”<sup>164</sup> (F2).

Naturalmente, como nos Quadros 3, 4 e 5, com os fatores de manutenção/substituição mencionados na literatura, os fatores citados pelos informantes se inter-relacionam. A exogamia e a heterogeneidade étnica da comunidade são intrinsicamente conectadas e constituem um dos motivos da falta de uso da língua em casa no dia a dia e do fortalecimento da vergonha por causa da origem e a vergonha de falar a língua minoritária. A pouca utilidade da língua polonesa

<sup>162</sup> Fala original: “One się wstydają, nie gadają barz, to są dzieci, [...], mało co i ostawiają, mi się widzi, może czasem nie wszystkie, ale te jedne się wstydają.”

<sup>163</sup> Fala original: “Te wnuki, one już nic po polsku nie gadają. Nie chcą mówić.”

<sup>164</sup> Fala original: “My to do início więcej po polsku, potem jak [imię córki], to my bardziej po brazylijsku. Ja chciała, żeby ona mówiła, za to że ja tinha muita dificuldade w szkole. Daí ja zawdy gadała: będziemy gadać po brazylijsku, żeby się nauczyła.”

faz com que os pais tenham postura “menos firme” na transmissão da língua e com que os jovens demonstrem menos interesse em aprender um idioma que tem pouco valor na sociedade à qual aspiram. A seguinte fala de uma informante acima de 55 anos reflete bem essa imbricação entre a chegada da urbanização, a predominância da língua portuguesa, a postura dos pais e dos avós e da vergonha que resultou de um preconceito dos outros que foi incorporado na forma de insegurança linguística (considerar “feio” o seu próprio jeito de falar a língua portuguesa):

- (35) “Foi se abandonando a fala polonesa para acompanhar o ritmo da cidade, ritmo das outras pessoas, das outras... culturas. Foram já acompanhando eles. E a nossa... ficou para trás. Por isso que a gente não ensinou mais os neto a falar. (...) Não sei se era, talvez um pouco de vergonha, né, porque chamavam de polaco burro, tipo assim, falava feio, não falava que nem o brasileiro falava bonito” (F3).

É interessante que somente uma pessoa, um jovem, mencionou a Lei da Nacionalização de Ensino do ano 1938 como um dos motivos do enfraquecimento da presença da língua polonesa na Colônia. Só mais dois informantes, ambos acima de 55 anos, se lembravam da proibição do uso da língua polonesa até na igreja, enquanto a grande maioria dos entrevistados não sabia da existência dessa limitação durante a Segunda Guerra Mundial.

Uma das perguntas deixadas não respondidas na Análise Quantitativa foi o grau de aceitação da exogamia dentro da comunidade, a qual, como vemos no Quadro 8, influencia a manutenção/substituição da língua polonesa. A análise pormenorizada desse assunto nos levou a acreditar que, por mais que os informantes entre 36 e 55 anos ainda prefiram que os seus filhos namorem e casem com os polono-descendentes, eles não proibiriam um namoro ou um casamento *interétnico*. Um dos informantes mais novos constatou até que entre os moradores abaixo de 25 anos (36) “a juventude praticamente não casa com o pessoal daqui” (M1). A amostra da nossa pesquisa contradiz essa fala, pois das cinco pessoas abaixo de 25 anos que têm namorados, três namoram polono-descendentes, e uma namora uma pessoa meio descendente. No entanto, acreditamos que a fala (36) ilustra uma tendência forte na comunidade, na qual o fato dos namoros *intraétnicos* ainda serem bastante comuns é resultado de uma maior facilidade em conhecer polono-descendentes no dia a dia da Colônia, como o explica um dos informantes mais jovens:

- (37) “A maioria dos amigos namora os descendentes. É predominante ainda. Mas não acho que seja uma escolha, acho que é mais da cultura. As pessoas vão em festa, em almoço. Acaba prestando atenção. Não que seja: eu quero casar com uma polaca. É a rotina. (...) Já namorei uma descendente de italiano e [os pais] aceitaram. A única coisa que eles sempre falam que seja católica (M1).



Pode-se supor, então, que a maior abertura dos jovens levará a um número cada vez maior de casamentos *interétnicos* na comunidade. Ressaltemos que a fala (37) revela a importância da religião na vida comunitária (já comentada no ponto 2.5), também entre os mais jovens.

Mais um fator, cuja importância na substituição da língua de herança na Colônia gerou dúvida na Análise Quantitativa, a atuação profissional fora ou dentro da comunidade, foi mencionado espontaneamente pelos informantes como um dos determinantes do abandono da língua polonesa. Por isso, consideramos a validade da hipótese de que o trabalho ou o estudo fora da Colônia tem seu papel na diminuição da competência e do uso da língua polonesa na comunidade.

Com o intuito de focar também o lado positivo do fenômeno manutenção/substituição linguística, como incentiva Fishman (2012), ressaltamos os fatores que, segundo os informantes, propiciam a transmissão da língua dos ancestrais na comunidade. Além da manutenção da fala em casa no dia a dia, foram mencionadas a residência conjunta com os avós e a participação das atividades folclóricas promovidas na Colônia:

(38) “Quando não tinha os velhos, os avós em casa, [as crianças] mudavam para o brasileiro mais rápido”<sup>165</sup> (M3).

(39) “Falam em casa, porque avó ou avô ainda estão em casa, então têm que aprender a falar, não é?”<sup>166</sup> (F1).

(40) “Tem que incentivar [a língua polonesa]. É feito essas danças na festa, isso ajuda muito. Mas tem ainda esses que resistem, que acham que meu filho não pode fazer e não faz. Nessas famílias está se acabando. Se tudo mundo pensar assim, vai se acabar” (F3).

Um terço dos informantes expressou, de maneira espontânea, seu arrependimento de não haver transmitido ou aprendido a língua de herança. Como motivos desse arrependimento citavam três principais: a perda da cultura dos ancestrais (47%), a perda de oportunidade de aprender mais uma língua (41%) e a perda de um conhecimento (12%). Percebemos, portanto, que mais da metade dos arrependidos vê a língua polonesa não somente como uma herança dos ancestrais, uma língua do passado, mas também como um valor mais universal – uma língua

<sup>165</sup> Fala original: “Jak nie było starych, dziadków w domu, to prędzej się przekreśliły [dzieci] na brazylijski.”

<sup>166</sup> Fala original: “Gadają w chałupie, babka albo dziadek jeszcze w chałupie są, to musi się nauczyć gadać, nie?”

estrangeira que poderia agregar ao seu conhecimento de línguas em geral. Como nos contou um informante jovem:

- (41) “Antigamente assim, achava... tinha vergonha. Mas eu queria hoje falar polonês igual minha avó falava. Imagina: ‘Cara, você fala inglês?’ ‘Não, mas falo polonês! Quero ver você falar e escrever!’ Antigamente, eu tinha vergonha... A pessoa que sabe várias línguas ... é digno de tirar chapéu.” (M1).

A fala (41) demonstra uma mudança de atitude para com a língua polonesa em geral e a língua falada com a avó: antigamente um motivo de vergonha, hoje algo almejado. Durante as entrevistas, os informantes frequentemente expressavam suas atitudes e suas crenças com relação à língua polonesa, tanto a falada na Polônia como a variedade usada na Colônia. Por exemplo, o fator de substituição linguística mais frequentemente citado pelos informantes, a inutilidade da língua polonesa no contexto brasileiro, reflete uma crença, aparentemente comum na comunidade, com relação a esse idioma. A crença mais popular referente à língua falada na Colônia é a de que a variedade esteja errada e “não gramatical”. Um dos informantes assim avalia a sua variedade:

- (42) “É uma pena que não sei melhor o polonês. Meu polonês é um polonês fraco. Já faz 150 anos que os avós vieram.<sup>167</sup> Tenho medo de falar polonês porque às vezes posso falar uma coisa bem diferente. Nosso polonês é o polonês caipira. (...) Quando brasileiro não sabe falar o português certo, é brasileiro caipira. O nosso polonês também é caipira perto de vocês da Polônia” (M2).

Observamos aqui uma avaliação negativa da variedade falada pelo informante (“polonês fraco”), uma insegurança linguística (“tenho medo de falar...”) e também uma avaliação negativa do “brasileiro caipira”, com o qual o polonês da Colônia é comparado. A insegurança linguística dos moradores chega ao ponto de eles, às vezes, acreditarem que quase todas as palavras da língua da Colônia são “aportuguesadas”, até as indubitavelmente trazidas da Polônia, como por exemplo, a palavra *ziemnioki* (batatas). Voltando à fala (42), ela revela também uma atitude mais positiva para com o polonês falado pelos poloneses nascidos na Polônia (“o nosso (...) é caipira *perto de vocês da Polônia*”).

A crença de que o polonês da Polônia é “gramatical” e mais bonito foi expressa por uma grande quantidade de informantes, porém a crença mais comum é essa de que o polonês

<sup>167</sup> Fala original: “Szkoda, że ja nie wiem też lepiej po polsku. Mój polski to jest lichy polski. Sto pięćdziesiąt lat jak tu dziadki przyszli.” (O restante da fala proferido em português).

de lá é simplesmente diferente, o que consideramos uma atitude neutra. Não raramente os pesquisados se pronunciavam sobre a dificuldade da língua polonesa (principalmente a sua pronúncia), o que levava alguns deles a acreditar que esse era o motivo de as crianças não aprenderem a língua de herança com tanta facilidade, como é o caso do português. Vale ressaltar que a crença da “não gramaticalidade” da língua da Colônia é acompanhada, em alguns casos, da avaliação positiva da sua habilidade de se comunicar, o que ilustra a seguinte fala:

- (43) “Gramaticalmente não consigo conversar, mas o que consigo, converso com qualquer um. Alguém fala polonês, então vamos falar polonês. O que der. Deu diferente, trocamos diferente e assim vai.<sup>168</sup> (M3).

#### 5.2.4 Vergonha/orgulho e o significado do termo *polaco*

A vergonha de falar polonês e por ser de origem polonesa foi abordada frequentemente pelos informantes, principalmente nas suas respostas às perguntas que diziam respeito a sua identidade polonesa/polaca (11-14), as quais apresentaremos a seguir. Esse ponto constitui também uma continuação da discussão referente ao significado do termo *polaco*, iniciada no ponto 2.2.4.

Obviamente, o tema de sentir vergonha de sua própria origem é bastante delicado e complexo, pois envolve, de certo modo, a desvalorização de sua própria identidade. Desde o início das entrevistas entendemos que os informantes não falariam abertamente – principalmente com uma entrevistadora polonesa – que sentiriam vergonha por serem polono-descendentes. Por esse motivo, a pergunta era sempre feita sobre a sua percepção dos sentimentos de vergonha ou de orgulho entre outros membros da comunidade – seus familiares, seus vizinhos, os mais velhos e os mais jovens.

Ao analisar as respostas, enxergamos uma regularidade: os mais jovens acreditam que os mais velhos antigamente sentiam vergonha de sua origem e que os jovens hoje em dia sentem orgulho de serem “polacos”; os mais velhos, por sua vez, raramente admitem terem sentido vergonha (porém há exceções, o que vimos na fala 35) e atribuem esse sentimento àqueles, na maioria jovens, que não sabem falar bem a língua dos ancestrais. Segundo os jovens, houve uma mudança na percepção da origem polonesa na Colônia há, mais ou menos, 25 anos, quando

<sup>168</sup> Fala original: “Gramatycznie nie dam rady rozmawiać, ale to co dam rady rozmawiać, to rozmawiam z byle kim. Człowiek będzie rozmawiać po polsku, to będziemy rozmawiać po polsku. Co damy rady. My damy rady inaczej, wykręcimy inaczej i tako robota.”

a cultura polonesa começou a ser revitalizada, por exemplo, por intermédio da retomada da Festa da Batatinha e da Cultura Polonesa. Destaquemos que esse período corresponde a um momento de revalorização da cultura polonesa pela sociedade dominante, por exemplo na cidade de Curitiba, como resultado da vinda do Papa João Paulo II ao Brasil e a Curitiba e da inauguração do Bosque João Paulo II – ambos acontecimentos do ano 1980.

(45)

F1: Tinha, tinha [vergonha]. Até bem pouco tempo que começou essa parte da cultura aqui em Dom Pedro. Isso devagar que foi sendo resgatado e agora, mesmo as nossas criança, eles dançam folclore. É um incentivo para eles, é uma alegria, mas isso há alguns anos atrás não era. Era vergonha mesmo.

E: E por que é vergonha?

F1: Por causa dessas, as pessoa da vila que fala polaco azedo, polaco burro.

A última fala demonstra a conexão entre o preconceito expresso por outros e a vergonha sentida como resultado dessa expressão. Nas duas faixas etárias mais jovens mais de 50% dos informantes lembram de terem sofrido por causa de deboches por serem polono-descendentes nos tempos da escola. Os motivos dos deboches, tanto na escola como na vida adulta, e os de vergonha são os mesmos e seguem apresentados no Quadro 9.

QUADRO 9 – OS MOTIVOS DE PRECONCEITO SOFRIDO PELOS MORADORES DA COLÔNIA

Motivos de preconceito	% de menções
Sotaque ao falar português	65%
Roupas simples	18%
Trabalho na roça	12%
Pouco estudo	6%

É interessante destacarmos que os três motivos, exceto o sotaque, são diretamente ligados com a condição socioeconômica inferior dos polono-descendentes dentro da sociedade brasileira. A incorporação desse preconceito pelos próprios moradores da comunidade é bem ilustrada na seguinte fala:

(46) “Agora esses polacos são bem ajeitados. Nem dá para ver que é um polonês. As pessoas gostam de se queixar, mas têm, usam tênis de marca, roupa de qualidade, pintam unha, ficam bonitos. Nem dá para ver.”<sup>169</sup> (M2).

<sup>169</sup> Fala original: “Teraz te Polaki to są wyrzutowane, wszystko ..., to nie poznać, że polski człowiek jest. Ludzie lubią się narzekać, ale mają, używają tenis de marca, roupa de qualidade, umalują pazurki, pięknie wyjdą, to nie pozna.”

O sotaque citado no Quadro 9 se refere a uma marca específica na fala dos polonodescendentes, já discutida no ponto 3.3.2, a saber, o assim chamado pelos informantes “*r* puxado”. Aqui também observamos uma incorporação do preconceito, expressa, por exemplo, na fala (35) onde o jeito de falar dos poloneses é considerado feio. Porém, encontramos também atitudes positivas para com esse “sotaque”, o que ilustra a seguinte fala de uma informante entre 36 e 55 anos, cujo filho mais novo acabou de entrar na escola:

- (47) “Aí ele chegou em casa um dia e falou assim: ‘Mãe, qual que é o certo? Porque a [nome] fala *cachoro* e a [nome] fala *cachorro* (*cacho[r]o*) e eu falo *cachorro* (*cacho[x]o*). Qual que é o certo?’ E eu falei para ele: ‘Filho, os três tão certo. É como os pais deles falam. Pode continuar falar *cachorro* porque está certo. E eles podem continuar falar como quiserem porque também está certo’” (F2).

Independentemente de atitudes positivas de alguns moradores, temos que reconhecer a existência de um forte preconceito linguístico, pois é essa marca fonética nitidamente o maior “gatilho” dos deboches sofridos pelos informantes, segundo eles próprios. Vale ressaltar que essa característica da fala parece estar em recessão, pois as nossas observações superficiais (a análise da fala em PB não foi objetivo deste trabalho) mostraram a presença de “*r* puxado” somente na fala de duas pessoas mais jovens e na fala de quase todos nas outras faixas etárias.

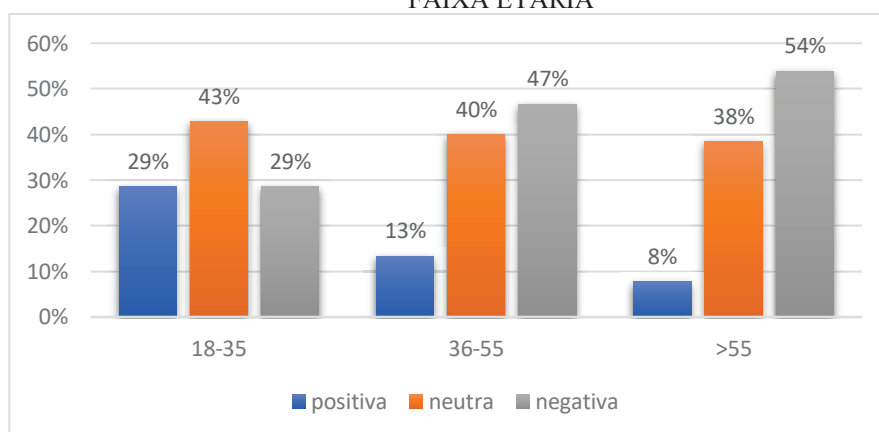
Observamos também a presença de preconceito linguístico entre alguns jovens da Colônia que consideram engraçado o “sotação polaco” com qual têm contato nas interações com os mais velhos. Os preconceitos “internos” voltados contra a transmissão e a presença da língua polonesa foram relatados também por alguns outros informantes que se sentiam criticados pelos vizinhos por terem transmitido a língua polonesa para os seus filhos ou cujos filhos foram ridiculizados por saberem falar a língua de herança (são casos dos filhos nascidos nos anos 1980). Portanto, percebemos que existe, dentro da Colônia, uma certa censura interna que prega a adaptação ao entorno dominado pela língua portuguesa.

A principal ferramenta de expressão de preconceito são as palavras; e a palavra “polaco” foi a predileta dos que debochavam ou continuam debochando dos moradores da Dom Pedro II. Os deboches mais mencionados foram: “polaco batateiro” (58% das menções), “polaco burro” (16%), “polaco azedo” (16%) e “polaco sem bandeira” (6%). É interessante que o primeiro deles, ainda escutado hoje na escola, porém com menor frequência, rebaixa os

moradores da Colônia por causa de duas características intrinsicamente ligadas com a sua condição: a de sua origem e a de sua ocupação principal, pelo menos no passado<sup>170</sup>.

Apesar de um histórico de preconceito, quase todos os informantes expressaram durante as entrevistas o seu orgulho de ser de origem polonesa, cujos motivos principais são a cultura trazida pelos avós e os esforços dos ancestrais em construir uma vida nova do outro lado do mundo. Essa ambiguidade entre a vergonha e o orgulho está refletida no significado atribuído hoje em dia ao termo *polaco*, o qual, como foi apresentado no ponto 2.2.4, adquiriu uma conotação negativa no final do século XIX no Sul do Brasil. Por isso, a denotação das pessoas oriundas da Polônia mudou para o *polonês*. Contudo, como se vê no Gráfico 24, a conotação negativa, embora continue sendo a mais comum para os informantes (43%), não é a única atribuída a esse termo, o qual, aparentemente, está submetido a um processo de mudança semântica.

GRÁFICO 24 – A CONOTAÇÃO DO TERMO “POLACO” NA OPINIÃO DOS INFORMANTES, POR FAIXA ETÁRIA



Ainda que, mesmo entre as pessoas mais jovens, a palavra *polaco* mantenha o seu tom pejorativo para uma grande parcela dos pesquisados, mais de 70% dos informantes abaixo de 36 anos não a consideram ofensiva. Esse número contrasta com somente 46% dos mais velhos, para os quais o termo traz conotações neutras ou positivas. Por outro lado, considerando a opinião ainda relativamente comum, por exemplo, em Curitiba, que o termo é ofensivo, nos parece, que na Colônia, em geral, ele é mais aceito do que no ambiente urbano. O Quadro 10 resume os significados do termo *polaco*, no entendimento dos informantes.

<sup>170</sup> Como já mencionamos no ponto 2.3, hoje a batata não é mais cultivada na Colônia com fins comerciais. Isso não impede as pessoas de continuarem a usar a expressão “polaco batateiro”.

QUADRO 10 – SIGNIFICADOS DA PALAVRA “POLACO” SEGUNDO OS INFORMANTES

Significado ou uso da palavra polaco	Quant. de menções
Uma ofensa, discriminação, palavra racista	14
Uma palavra neutra, não ofensiva	9
Uma palavra de conotação positiva, um apelido carinhoso, um elogio quando no diminutivo	5
Denominação de um imigrante oriundo da Polônia ou de um polono-descendente	3
Pode ser usada como autorreferência (“Eu sou polaco”); quando usada pelas pessoas de fora, é ofensiva	2
Antigamente era ofensiva, hoje não mais	2
É uma palavra local, o jeito de falar daqui	2
O termo mais correto do que o <i>polonês</i>	2
Denominação de uma pessoa de olhos claros	1
Jeito grosso de falar de um descendente, mas não ofensivo	1

É possível ver que o leque de definições da palavra é bastante rico: desde um termo racista até um apelido carinhoso. Os informantes percebem a mudança semântica que ocorreu no tempo (antigamente ofensivo, hoje não) e as diferenças que dependem da relação entre o falante e o ouvinte (quando usado por alguém de fora é ofensivo). Os seguintes trechos ilustram a ambiguidade do termo:

(48)

E: Senhor prefere quando falam polonês ou polaco?

M2: Polonês, acho. Mas mesmo o padre Stasio, ele dizia que se fala polaco e não polonês. O padre nos ensinou na igreja que nós não somos poloneses, somos polacos. Dizia que na França, lá nos chamam de poloneses. Mas aqui se fala polaco.

F3: Mas diz que polaco é palavrão, né?<sup>171</sup>

(49)

E: Quando alguém fala “você é polaco” ou “você é polonês”, o que é melhor?

M2: Polonês, acho.

E: E quando você fala: “eu sou ...”?

M2: Polaco!<sup>172</sup>

<sup>171</sup> Fala original: “E: Pan woli, jak mówią *polonês* czy *polaco*? M2: Polonês, acho que. Ale nawet ten ksiądz, padre Stasio, on gadał, że się gada polaco, nie polonês. Ksiądz nas w kościele uczył, że my nie somy polonês, my Polak, polaco. Mówił, że na França, tam polonês wołają na nas, ale się gada polaco. F3: Mas diz que polaco é palavrão, nie?”

<sup>172</sup> Fala original: “E: Jak tu mówią ‘você é polaco’ albo ‘você é polonês’ – które jest lepsze? M2: Polonês, pewnie. E: A jak Ty mówisz: ‘Eu sou...’? M2: Polaco!”



Na opinião de três informantes jovens as palavras *polaco* e *polonês* denominam grupos diferentes de pessoas: a primeira delas se refere aos imigrantes vindos da Polônia e seus descendentes, enquanto segunda diz respeito às pessoas que nasceram e vivem na Polônia, que têm cidadania polonesa.

As discussões acerca do significado da palavra *polaco* nos fizeram perceber que existem na Colônia várias definições do que é ser polaco/polonês na Dom Pedro II, as quais certamente diferem das nossas. Por isso, já no decorrer da pesquisa, adicionamos uma pergunta referente a esse assunto. Durante as transcrições das entrevistas encontramos várias menções dos atributos de um “polaco típico” também nas conversas onde a pergunta específica não foi feita. Eis as respostas à pergunta “O que define um polaco daqui?”:

QUADRO 11 – ATRIBUTOS DE UM POLACO/POLONÊS DA COLÔNIA, SEGUNDO OS INFORMANTES

Atributos de um polaco/polonês da Colônia	Quant. das menções
A língua polonesa	8
Manutenção das tradições	7
Aparência (olhos azuis)	6
Ser trabalhador, honesto e solidário	4
Sobrenome/sangue	4
Sotaque	3
Trabalho na roça	2
Morar na Colônia	1

Podemos observar que a língua polonesa continua sendo a principal característica de um polono-descendente. Uma análise mais aprofundada nos mostra que o idioma polonês foi mencionado somente por uma pessoa da faixa etária mais jovem, embora tenham sido os jovens aqueles que mais responderam a essa pergunta. Averiguamos também que a menção à língua ocorreu apenas entre as mulheres, a maioria delas com o nível de competência 3. Essas informantes admitiram que se sentem mais polonesas do que brasileiras, o que nos leva ao próximo grupo de perguntas relacionados com a identidade polonesa/brasileira dos pesquisados e a relação dessa identidade com o domínio da língua polonesa.

Os Gráficos 25 e 26 apresentam as respostas dos informantes quanto à sua identidade polonesa e/ou brasileira, em função da idade e dos níveis de competência.<sup>173</sup> No Gráfico 26 os níveis 1 e 2 foram reduzidos a uma categoria só, pois o número absoluto relativamente pequeno

<sup>173</sup> As categorias “polonesa”, “mais polonesa” etc. foram criadas a partir das respostas dos informantes que puderam responder à pergunta de forma livre.

dos informantes que demonstram o nível de competência 1 poderia nos levar a uma interpretação errônea dos dados percentuais.

GRÁFICO 25 – IDENTIDADE DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA

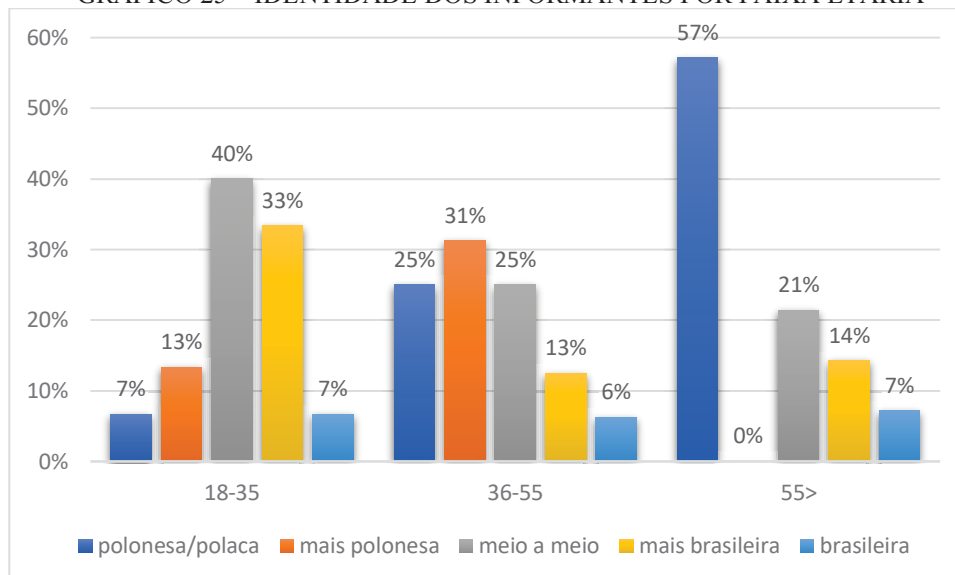
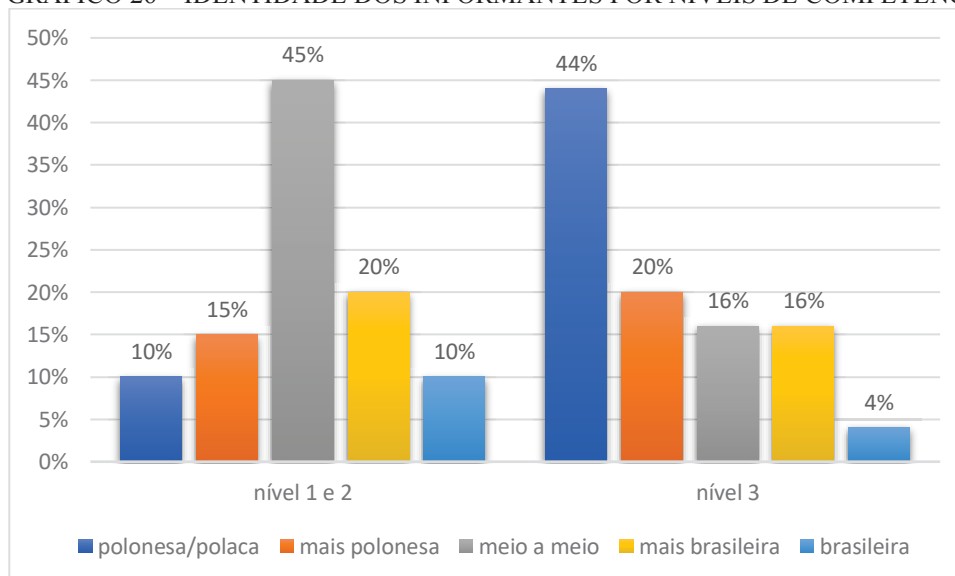


GRÁFICO 26 – IDENTIDADE DOS INFORMANTES POR NÍVEIS DE COMPETÊNCIA



Os Gráficos acima podem ser interpretados de duas maneiras. Já à primeira vista percebemos que tanto a idade como o nível de competência (fatores inter-relacionados, pois os mais velhos costumam demonstrar competência maior) estão correlacionados com a autodenominação dos informantes como poloneses e/ou brasileiros. Como esperado, os de mais idade e os com maior domínio da língua se sentem mais poloneses do que os jovens e os que não falam mais a língua dos ancestrais. Referentemente ao Gráfico 25, é interessante a diferença

nítida quanto às porcentagens das pessoas com a identidade totalmente polonesa, acompanhada de um nível estável e baixo dos que se consideram 100% brasileiros. Por isso, se, por um lado, constatamos uma diferença clara em função de idade e de competência, por outro lado, talvez possamos nos surpreender com o fato de que mesmo os jovens e os que não falam a língua (um dos principais atributos de um polaco, segundo o Quadro 11) mantêm algum sentimento de sua polonidade. Nas palavras de uma das nossas informantes mais jovens:

(50) “Não tem como ser mais brasileira do que polonesa” (F1).

Aqui surge a segunda interpretação. Se somarmos as porcentagens das categorias que incluem alguma centelha de polonidade (polonês, mais polonês e meio a meio), chegaremos à conclusão de que nas duas faixas etárias mais velhas 80% dos informantes e na mais jovem – 60% – se sentem de alguma maneira poloneses. A mesma contagem revela uma diferença de somente 10% entre os grupos com os níveis de competência 1 e 2 e o com o nível 3 (70% e 80%, respectivamente). Isso nos leva a crer que, por mais que a língua polonesa seja um “suporte” para a identidade polonesa ou polaca, ela não é uma condição *sine qua non*. Um domínio do idioma limitado ao conhecimento de somente algumas palavras não exclui a possibilidade do descendente se sentir polonês ou polaco, total ou parcialmente.

Durante as entrevistas, chamou a nossa atenção a diferença de interpretação da palavra *polonês* entre as gerações (usada na pergunta sobre a identidade), o que certamente influenciou as respostas. Muitos dos informantes mais idosos não se sentiam “autorizados” a se autodenominarem poloneses, por não terem nascido e crescido na Polônia. Até quando narravam as suas histórias, se referiam aos seus avós nascidos no Brasil como brasileiros, mesmo esses sendo os representantes da primeira geração polônica. Os jovens, pelo contrário, não davam nenhuma importância ao fato de não terem nascido na Polônia e se apropriavam, de certa maneira, de sua polonidade com base em uma ideia de *jus sanguinis*. Arriscaremos uma opinião de que a polonidade, principalmente no entendimento dos mais jovens, não precisa e, muitas vezes, não está mais conectada com o país distante do outro lado do Atlântico.

Durante as entrevistas e as transcrições observamos um certo distanciamento, talvez crescente com o passar das gerações, da Polônia como país-origem da cultura e da língua mantidas na Colônia. Cinco dos informantes já foram para a Polônia<sup>174</sup> para conhecer o país dos ancestrais, o que, obviamente, mostra o seu interesse para com as origens de sua cultura. No entanto, quase um terço dos informantes claramente expressou sua falta de vontade de

---

<sup>174</sup> Duas pessoas entre 18-35 anos, uma da segunda faixa etária e duas acima de 55 anos.

visitar a Polônia e acreditamos que pelo menos a metade dos que confirmaram o seu interesse o fez principalmente para agradar a entrevistadora. Essa inferência tem sua origem nos relatos dos informantes cujos familiares ou vizinhos próximos visitaram o país dos bisavós, o que não suscitou muita curiosidade dos que ficaram em perguntar sobre as características do destino da viagem.

Um outro dado digno de se destacar é que 25% dos informantes procuram ou recebem algumas informações da Polônia atual, principalmente pelo *WhatsApp*. Esse número pode não parecer pequeno, porém vale ressaltar que os conteúdos acessados são relacionados quase exclusivamente com o folclore e a religião, limitando-se a canções e a orações. O ponto é que a cultura polonesa atual não é uma referência para a maioria dos moradores da Colônia, os quais, quando procuram contato com ela, o fazem por intermédio dos seus elementos que se assemelham à cultura já conhecida na Colônia. Não questionamos a naturalidade nem a validade desse tipo de contato. Porém, interpretamo-lo como, por um lado, um indício de uma inclusão da cultura polonesa no imaginário do passado e não da atualidade de um país na Europa e, por outro lado, como um sinal de uma distinção da cultura polonesa ou polaca mantida na Colônia Dom Pedro II.

A cultura e a língua cultivadas ainda na comunidade se separaram da sua origem há mais de uma centena de anos, tomaram seu rumo e não parecem precisar de um apoio da cultura do outro lado do oceano que não pertence ao contexto vivido aqui no Brasil. A seguinte fala de um dos nossos informantes mais idosos, com o nível de competência 3, o qual se autodenomina polonês, e para o qual a Polônia é somente um outro país, resume bem a nossa argumentação:

(51)

E: O Senhor gostaria de visitar Polônia?

M3: Não, nunca fui. Não quis. Não tive vontade. Preferi viajar aqui no Brasil, o mais longe possível, conhecer o Brasil, em vez de viajar para o mundo, *para um outro país*.<sup>175</sup>

---

<sup>175</sup>Fala original: “E: A chciałby Pan pojechać do Polski? M3: Nie, nie byłem. Nie chciałem. Nie miałem chęci. Wolałem tu w Brazylii jeździć, najdalej jak się dało, poznać Brazylię, zamiast we świat jechać do inkszego państwa.”

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta dissertação foi analisar a presença da língua polonesa e os níveis de competência linguística nesse idioma dos moradores da Colônia Dom Pedro II em Campo Largo, no Paraná. O arcabouço teórico que serviu de base para a pesquisa englobou as áreas de bilinguismo, de contato linguístico, de manutenção e substituição linguística, como também as pesquisas da língua polonesa no mundo. A principal premissa que norteou a avaliação da competência dos informantes da pesquisa foi a de que a língua falada na Colônia, que é uma língua de herança, é específica e intrinsecamente conectada com o seu contexto histórico, social e com o uso dentro da comunidade. Por isso, a avaliação da competência não foi baseada na competência de um “falante nativo”, usuário da língua falada na Polônia atual, mas na competência que tem seu valor e sua funcionalidade dentro do espaço das práticas linguísticas dos moradores da comunidade Dom Pedro II.

A principal ferramenta metodológica da pesquisa foi a entrevista sociolinguística semiestruturada, aplicada em uma amostra de 48 informantes (24 mulheres e 24 homens) divididos em três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e acima de 55 anos) cada uma com 16 informantes. A seguir apresentaremos os principais resultados da análise quantitativa e qualitativa, tomando como ponto de partida os objetivos específicos da nossa pesquisa.

Quanto ao primeiro objetivo específico – verificar a situação de bilinguismo polono-brasileiro na comunidade – constatamos a existência desse fenômeno, em vários níveis, no caso de todos os informantes da pesquisa. Para uma grande maioria deles a primeira língua adquirida na infância foi o polonês (68%), porém hoje em dia para somente 25% dos informantes esse idioma continua sendo o dominante. Para 20% ambas as línguas são igualmente “fortes”, o que nos deixa com os 55% que se sentem melhor falando em português. A aquisição de ambas as línguas ocorreu, na maioria dos casos, em um ambiente naturalístico, na infância. No entanto, na faixa etária mais velha domina o bilinguismo sequencial, com a língua portuguesa adquirida somente no momento da entrada na escola, ao passo que entre os mais jovens predomina o modelo de bilinguismo simultâneo.

A autoavaliação de nível de competência na língua polonesa mostrou que 56% da amostra falam e entendem bem ou muito bem (nível 3); 27% entendem bem ou muito bem e falam pouco ou não falam (nível 2); e 17% entendem e falam pouco ou não falam (nível 1). Em função de uma incidência muito baixa nas habilidades de leitura e de escrita entre os informantes, não foram elas incluídas na avaliação dos níveis de competência linguística. A comparação do índice das pessoas com a língua polonesa como primeira língua (68%) e as com

o nível de competência mais alto (56%) nos leva a perceber a ocorrência de bilinguismo subtrativo (como definido no ponto 3.1.2. no Quadro 1) em uma parcela dos informantes (12%), os quais “perderam” o seu domínio da língua polonesa devido à aprendizagem do PB.

Quanto à frequência do uso da língua, 31% dos pesquisados falam a língua de herança nas suas interações diárias, porém 36% nunca o fazem. O principal fator que influencia a eleição da língua polonesa é a pessoa do interlocutor (vizinho ou parente mais idoso, pais ou sogros, cônjuges) e a estratégia discursiva, sendo a língua polonesa usada como “língua secreta”, por exemplo, durante as discussões entre os cônjuges. Não observamos a existência de diglossia na comunidade, onde todos os domínios, inclusive o da igreja e o da casa, estão ocupados predominantemente pela língua portuguesa.

Quanto ao segundo objetivo específico – identificar a competência na língua polonesa, relacionada com a idade, o fator sexo e a escolaridade dos moradores – constatamos que a idade é a variável social mais condicionadora da manutenção do nível de competência mais alto. Os informantes acima de 55 anos demonstram o nível de competência 3 com muito mais frequência do que os da faixa mais jovem (94% e 13% respectivamente). Na análise quantitativa, o fator sexo se mostrou apenas levemente correlacionado com a competência, porém a análise por faixa etária e a qualitativa revelaram a sua influência nos níveis de competência dos informantes. Nas faixas etárias mais jovens as mulheres tendem a dominar mais a língua de herança, o que é resultado do seu estilo de vida mais recluso dentro da comunidade e mais ligado à vida da família<sup>176</sup>, o que significa também maior contato com as gerações mais velhas dentro de casa. Observamos uma correlação forte negativa entre o grau de escolaridade e a competência na língua polonesa. No entanto, é importante ressaltar que, dentro da comunidade, o grau de escolaridade é fortemente correlacionado com a idade dos informantes (os mais idosos tendem a ter um nível de escolaridade mais baixo). Por isso, embora esse fator, separadamente, pareça ser fortemente associado com a competência, ele não foi escolhido na análise multivariável, segundo a qual somente o fator idade já é capaz de “explicar” a variação dos níveis de competência entre os informantes.

O terceiro objetivo específico da dissertação foi avaliar o processo e os contextos de manutenção ou substituição do idioma polonês na comunidade. Visto que a transmissão da língua para as próximas gerações é uma condição *sine qua non* para a manutenção linguística, analisamos esse aspecto do comportamento dos informantes. Dentro da amostra, 28% dos pais transmitem ou transmitiram a língua polonesa para os seus filhos, e 19% o fizeram

---

<sup>176</sup> Lembremos que, mesmo na faixa etária mais jovem, 63% das mulheres atuam dentro da Colônia.

parcialmente, o que resultou na *compreensão* da língua de herança, mas não na *fala*. A análise por faixa etária aponta uma forte tendência de queda dos índices de transmissão: na faixa etária acima de 55 anos: 56%, na faixa 36-55: 8%, e na faixa 18-35: 0%. Quase um terço dos pais mais jovens afirma que os seus filhos demonstram alguma compreensão da língua polonesa, mas a fala, se existir, se limita a algumas palavras soltas.

Somente esse fator, a falta da transmissão da língua de herança na geração dos pais mais jovens, é suficiente para constatar o processo de substituição linguística em andamento, em estágio avançado, na Colônia. Entre os motivos mais citados pelos informantes desse fenômeno dentro da comunidade são:

1. A inutilidade ou a obsolescência da língua polonesa no contexto e no entorno da Colônia;
2. Exogamia e a heterogeneidade étnica da comunidade;
3. Falta de uma postura mais “firme” dos pais;
4. Atuação profissional fora da Colônia;
5. Falta do uso da língua polonesa dentro de casa;
6. Vergonha da origem polonesa.

A nosso ver, o principal motivo da, de certo modo, repentina perda da língua de herança a partir da quarta geração polônica, após décadas de sua manutenção, foram as transformações civilizatórias no entorno da Colônia (urbanização, industrialização) no começo dos anos 1970, quando a comunidade foi, de certo modo, obrigada pelas condições externas a ela a se abrir para os contatos com a população de origens distintas da polonesa. A urbanização propiciou também oportunidades de desenvolvimento profissional fora da comunidade e uma maior assimilação dos moradores à sociedade brasileira.

O fator 6. da lista acima, a vergonha, parece ter passado por uma transformação nos últimos 20 anos, quando ocorreu um resgate da cultura polonesa e de certo orgulho dela dentro da comunidade. O maior acesso aos estudos, uma melhoria na condição econômica de uma parte da comunidade e a maior abertura da Colônia fez com que os polono-descendentes, ou uma parte deles, aprendessem a “se defender” contra os preconceitos sofridos até então e a se orgulhar da sua origem. Essa transformação é refletida na mudança do significado do termo *polaco*, o qual na aceção da maioria dos informantes acima de 55 anos tem uma conotação negativa, de uma palavra discriminatória e até racista. Contudo, 70% dos jovens não percebem mais o significado pejorativo do termo, e 30% deles o veem como uma expressão positiva ou até de carinho.



Talvez graças a essa transformação da imagem e da autoimagem do polonodescendente, para uma grande parcela dos informantes, a polonidade continua sendo um elemento importante da sua identidade. Naturalmente, os mais idosos e os jovens diferem nesse aspecto. Entre os acima de 55 anos, mais da metade se sente totalmente polonesa, enquanto entre os mais jovens esse índice é de apenas 7%. No entanto, mesmo entre os abaixo de 35 anos, 60% admitem que pelo menos a metade da sua identidade é constituída de polonidade. A língua polonesa ainda faz parte da identidade polonesa, no entendimento dos informantes, porém a sua importância diminui nitidamente ao passar das gerações. Para a maioria dos jovens, o que faz deles poloneses ou polacos não é mais a língua polonesa, mas a manutenção das tradições trazidas pelos ancestrais e da cultura específica da Colônia.

A questão da cultura nos leva ao quarto objetivo específico do nosso trabalho – elaborar um registro histórico da Colônia Dom Pedro II, de sua cultura e de sua língua. Esse tema foi tratado principalmente nos pontos 2.3-2.5, onde apresentamos a situação atual da Colônia, seu curto histórico e a sua polonidade. O registro da língua da Colônia, por motivos de espaço, foi apresentado apenas superficialmente em 51 trechos das falas originais dos informantes. Algumas análises da língua dos moradores da Colônia, presentes no ponto 3.3 referente ao Contato Linguístico, demonstram a riqueza do material colhido e a necessidade de uma investigação mais pormenorizada nos trabalhos futuros.

A cultura e, com ela, a língua polonesa mantidas na Colônia são fortemente ligadas à religiosidade, às tradições antigas trazidas pelos imigrantes e à vida como levada antigamente em geral. Um dos pesquisadores da história da Polônia, Norman Davies (2006), assim descreveu a polonidade passada para as gerações seguintes pelos emigrantes poloneses da “antiga emigração”: “Ao morrerem, deixavam para os seus filhos muito pouco da herança polonesa – apenas suas lembranças da aldeia natal, o seu dialeto local, sua religião, algumas canções e danças folclóricas, um traje de festa amassado, costurado à moda polonesa”<sup>177</sup> (DAVIES, 2006, pos. 695). Talvez seja importante nos perguntarmos se isso realmente era tão pouco, já que foi suficiente para manter as tradições, a língua e um sentimento de polonidade por pelo menos 100 anos. Por isso, a nossa constatação do processo de substituição linguística em andamento e em um estágio avançado na Colônia deve ser acompanhada de um apreço pelo esforço dos imigrantes e seus descendentes em cultivar as suas origens e a lembrança das suas

---

<sup>177</sup> No original: “Umierając, przekazywali swym dzieciom niewiele z polskiego dziedzictwa – zaledwie wspomnienia rodzinnej wsi, wiejską gwarę, religię, kilka ludowych pieśni i tańców, pomięty weselny strój uszyty na ojczystą modłę.”

raízes, esforço sem o qual a nossa pesquisa não teria sido possível, por não encontrar mais seu objeto de estudo presente na comunidade.

## REFERÊNCIAS

AGHEYISI, Rebecca; FISHMAN, Joshua A. Language Attitude Studies: A Brief Survey of Methodological Approaches. **Anthropological Linguistics**. Vol. 12, No. 5, 1970, p. 137-157.

ALTENHOFEN, Cléo V. **A Aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngue do Rio Grande do Sul**: Um Estudo de Redes de Comunicação em Harmonia. 1990. 242 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Orgs.) **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 71-93.

\_\_\_\_\_; MARGOTTI, Felício W. O português de contato e contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.V.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-316.

ALVAREZ-CÁCCAMO, Celso. From ‘switching code’ to ‘code-switching’: Towards a reconceptualization of communicative codes. In: AUER, P. (Org.), **Code-Switching in Conversation**. London: Routledge, 1998, p. 29-50.

ANAIS da comunidade brasileiro-polonesa. Vol. VIII. Curitiba: Superintendência do centenário da imigração polonesa no Paraná, 1977.

AUER, Peter. The Monolingual Bias in Bilingualism Research, or: Why Bilingual Talk is (Still) a Challenge for Linguistics. In: HELLER, Monica (Org.). **Bilingualism: A Social Approach**. Palgrave Macmillan, 2007, p. 319-339.

BALTHAZAR, Luciana L. **Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região**. 2016. 302 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BILENIN-LENCZOWSKA, Karolina; STAPOR, Izabela. Língua como patrimônio cultural. Práticas linguísticas dos descendentes dos poloneses no Sul do Brasil. **Revista del CESLA**, 20, Varsóvia, p. 39-55, 2017.

BLOMMAERT, Jan. Commentary: A sociolinguistics of globalization. **Journal of Sociolinguistics**, 7, p. 607–623, 2003.

\_\_\_\_\_. **The Sociolinguistics of Globalization**. New York: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_; COLLINS, James; SLEMBROUCK, Stef. Spaces of multilingualism. **Language & Communication** 25, p. 197-216, 2005.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1933.

BŁASIAK, Marzena, **Dwujęzyczność i ponglish. Zjawiska językowo-kulturowe polskiej emigracji w Wielkiej Brytanii**, Kraków: Collegium Columbinum, 2011.

BORSTEL, Clarice N. von. **Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil**. 1992. 195 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. **A linguagem sociocultural do *Brasildeutsch***. São Carlos: Pedro & João Ed., 2011.

BORTOLOTTTO, Paula C. M. **O *talian* na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó – SC e Prato Branco – PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó.

BOTASSINI, Jacqueline O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná**. 2013. 220 f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

BREMENKAMP, Elizana S. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá (ES)**. 2014. 293 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

BREZZINGER, Matthias. Language Contact and Language Displacement. In: COULMAS, F. (Org). **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 1998. p.185-193.

BUTLER, Yuko G. Bilingualism/ Multilingualism and Second-Language Acquisition. In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Orgs.). **The Handbook of Bilingualism and Multilingualism**. Wiley-Blackwell, 2012, p.109 – 136.

CABO, Diego Pascual Y., ROTHMAN, Jason. The (Il)Logical Problem of Heritage Speaker. Bilingualism and Incomplete Acquisition. **Applied Linguistics**, 33/4, p. 450-455, 2012.

CAMPBELL, R.; WALES, R. The study of language acquisition. In: LYONS, J. (Org.), **New horizons in linguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1970.

CANAGARAJAH, Suresh. **Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. Routledge, 2012.

\_\_\_\_\_. English as a Spatial Resource: Explaining the Claimed Competence of Chinese STEM Professionals. **World Englishes**, 37, 34-50, 2018.

CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing, **Applied Linguistics**, 1, 1-47, 1980.

CARDOSO, Caroline Rodrigues. Pesquisa quantitativa e qualitativa em Sociolinguística: dadaísmo metodológico? **Caderno de Letras da UFF**. Nº 46. p. 143-156, 2003.

CASA-ESCOLA PROFESSOR JACOB NIEMIEC. Museu: Centro histórico e cultural Polska. Colônia Dom Pedro II - Campo Largo/PR, sem data.

CASO Interessante. **Diário da Tarde**. Curitiba, 7 de abril de 1899, p. 1. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso: 2.12.2018.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

CIESZYŃSKA, Jagoda. **Dwujęzyczność, dwukulturowość – przekleństwo czy bogactwo? O poszukiwaniu tożsamości Polaków w Austrii**. Kraków: Wydawnictwo Naukowe Akademii Pedagogicznej, 2006.

COMINOTTI, Katiuscia S. S. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica**. 153f. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CONFORTIN, Helena. Bilinguismo polonês na região norte do Rio Grande do Sul. **Projeções**, IV, Curitiba, no 1, p. 62-76, 2002.

COOK, Vivian. Going Beyond the Native Speaker in Language Teaching. **TESOL Quarterly**. Vol. 33, No. 2, p. 185-209, 1999.

\_\_\_\_\_. What are the goals of language teaching? **Iranian Journal of Language Teaching Research**, 1 (1), 44-56, 2013.

\_\_\_\_\_. Interlanguage, Multi-Competence and the Problem of the “Second” Language”. **Rivista de Psicolinguística Applicata**, April 2006. Disponível em: <<http://www.viviancook.uk/Writings/Papers/ILMC&L2.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

\_\_\_\_\_; BASSETTI, B. (Orgs.). **Language and bilingual cognition**. New York: Psychology Press, 2011.

COSTA, Luciane T. Sons oclusivos no polonês falado em Mallet, PR. **(Con)textos Linguísticos**, v. 10, n.16, Vitória, p. 52-66, 2016.

\_\_\_\_\_. Falares poloneses no Sul do Paraná: descrição linguística e confluências com o português. **Revista del CESLA**, 20, Varsóvia, p. 57-66, 2017.

\_\_\_\_\_; GIELINSKI Márcia I. Detalhes fonéticos do polonês falado em Mallet. **(Con)textos Linguísticos**, v.8, n.10, Vitória, p. 159-174, 2014.

COULMAS, Florian. **Language and Economy**. Oxford: Blackwell, 1992.

COUTO, Hildo H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CRAIG, Colette G. Language Contact and Language Degeneration. In: In:

COULMAS, F. (Org). **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 1998. p. 176-184.

CUMMINS, Jim. **Heritage Language Education: Literature Review**. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1983.

DALLER, Michael H. The measurement of bilingual proficiency: introduction. **International Journal of Bilingualism**. 15(2), p. 123-127, 2010.

DAVIES, Norman. **Boże Igrzysko**. Historia Polski. E-book. Trad. E. Tabakowska. Kraków: Wydawnictwo Znak, 2006.

DELONG, Sílvia R. **Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no Sul do Paraná**. 2016. 214 f. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo.

DENIS, Pierre. Colonização no Paraná. **Paraná Moderno**. Curitiba, 25 de dez. 1910, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 2. fev. 2018.

DĘBSKI, Robert. **Dwujęzyczność angielsko-polska w Australii. Języki mniejszościowe w dobie globalizacji i informatyzacji**. Kraków: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, 2009.

DOROSZEWSKI, Witold. **Język polski w Stanach Zjednoczonych Ameryki Północnej**. Warszawa: Prace Tow. Naukowego Warszawskiego, 1938.

DUBISZ, Stanisław. Polonia i jej język w Stanach Zjednoczonych Ameryki Północnej. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **Język polski poza granicami kraju**. Opole: Uniwersytet Opolski, 1997a.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Język polski poza granicami kraju. 1945-1995**. Opole: Uniwersytet Opolski, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Językoznawcze studia polonistyczne, t. 2, Polonia i jej język**, Warszawa: Uniwersytet Warszawski, 2014.

DÜCK, Elvine S. **Witmarsum, uma comunidade trilingue: Plautdietsch, Hochdeutsch e português**. 2005. 152 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DUTKA, Grzegorz. Młodzi Polacy w Londynie. Społeczne i kulturowe konsekwencje życia na emigracji po 1989 roku. **Przegląd Polonijny**, z. 1, p. 89-118, 2006.

DZIĘGIEL, Ewa. **Polszczyzna na Ukrainie**. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe Semper, 2003.

EDWARDS, John. **Language, Society and Identity**. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

\_\_\_\_\_. Foundations of Bilingualism. In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Org.). **The Handbook of Bilingualism**. Blackwell Publishing, 2004/2006, p.7-31.

\_\_\_\_\_. Bilingualism and Multilingualism: Some Central Concepts. In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Org.). **The Handbook of Bilingualism and Multilingualism**. Wiley-Blackwell, 2012. p. 5-25.

EISER, J. Richard. **Social Psychology**. Attitudes, cognition and social behavior. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ETHNOLOGUE. **Languages of the World**. Disponível em: <<http://www.ethnologue.com>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

FASOLD, Ralph. **The Sociolinguistics of Society**. Introduction to Sociolinguistics. Vol.1. Oxford/New York: Basil Blackwell, 1984.

FERREIRA, Alicja G. Polskość na antypodach: wybrane aspekty historyczne i językowe polskiej obecności w Brazylii. **Postscriptum Polonistyczne**, 1 (21), p. 173-186, 2018.

FIRTH, Alan; WAGNER, Johannes. On Discourse, Communication, and (Some) Fundamental Concepts in SLA Research. **The Modern Language Journal**. Vol. 31. No. 3, p. 285-300, 1997.

FISHMAN, Joshua. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**. Vol. XXIII, n. 2, p. 29-38, 1967.

\_\_\_\_\_. The relationship between micro- and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when. In: PRIDE, J.; HOLMES, J. (orgs.) **Sociolinguistics**. Harmondsworth, U.K.: Penguin. 1972, p. 15–32.

\_\_\_\_\_. The Social Science Perspective. In: **Bilingual Education: Current Perspectives**. Social Science Center for Applied Linguistics, Arlington, VA, 1977, p. 1–49.

\_\_\_\_\_. **Reversing Language Shift. Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Languages**. Multilingual Matters, Clevedon, 1991.

\_\_\_\_\_. 300-Plus Years of Heritage Language Education in the United States. In: J. Kreeft Peyton, D. A. Ranard, S. McGinnis (Orgs.), **Heritage Languages in America. Preserving a National Resource**, McHenry, IL: Delta Systems Company, 2001, p. 81-99.

\_\_\_\_\_. Language Maintenance, Language Shift, and Reversing Language Shift. In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Org.). **The Handbook of Bilingualism and Multilingualism**. Wiley-Blackwell, 2012. p. 466-494.



GARCIA, Neiva M. Z. **Estudo lingüístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos: do passado ao presente**. 2008. 135 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GARCÍA, Ofelia. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective**. Wiley Publishing. Edição do Kindle, 2009.

GEBEN, Kinga. **Świadomość i kompetencja językowa a warstwy leksykalne w idiolektach młodzieży polskiego pochodzenia na Wileńszczyźnie**. Warszawa: Elipsa, 2003.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GŁUCHOWSKI, Kazimierz. Z dziejów wychodźstwa i osadnictwa polskiego w Brazylii. In: **Emigracja polska w Brazylii**. 100 lat osadnictwa. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1971. p. 35-45.

GOMES, J. A. A criatividade como meio para as aulas de PLH. In: JENNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M. C. **Português como língua de herança: A filosofia do começo, meio e fim**. Nova York: Brasil em Mente, 2015. p. 176-191.

GRABOWSKI, Yvonne. Kontakty językowe. Uwagi na temat asymilacji wpływów angielskich w językach słowiańskich na terenie Ameryki Północnej. In: SZYMCZAK, M., BASAJ, M. **Wokół języka: rozprawy i studia poświęcone pamięci profesora Mieczysława Szymczaka**. Wrocław: Zakład Narodowy im. Ossolińskich, 1998, p. 161-166.

GROSJEAN, François. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, MA / London, England: Harvard University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. Neurolinguists, Beware! The Bilingual Is Not Two Monolinguals in One Person. **Brain and Language** 36, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. **Bilingual: Life and Reality**. Cambridge, MA / London, England: Harvard University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Bicultural bilinguals. **International Journal of Bilingualism**. Vol. 19(5), p. 572-586, 2015.

GRUCHMANOWA, Monika. Przyczynek do badań nad słownictwem Polonii amerykańskiej (słownictwo związane z domem i jego wyposażeniem). In: STAREWICZ, J., RYMUT, K., KUCAŁA, M., LUBAŚ W. (Orgs). **Opuscula Polono-Slavica**. Wrocław: Ossolineum, 1979, p. 95-103.

GUMPERZ, John J. **Sociolinguistics and communication in small groups**. Language-Behavior Research Laboratory, Working Paper No. 33. Berkeley: University of California, 1970.

HARRIS, Roger; SMOLICZ, Jerzy. **Australijczycy polskiego pochodzenia. Studium adaptacji i asymilacji młodego pokolenia.** Trad. G. Babiński. Wrocław: Ossolineum, 1984.

HASSELSTRON, Munick M. **Línguas de imigração em contato com o português no Oeste Catarinense:** crenças e atitudes linguísticas. 2018. 149 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó.

HAUGEN, Einar. Problems of bilingualism. **Lingua**, Vol. 2, p. 271-290, 1949.

\_\_\_\_\_. **The Norwegian Language in America: A Study in Bilingual Behavior.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.

HELLER, Monica. Bilingualism As Ideology And Practice. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Bilingualism: A Social Approach.** Palgrave Macmillan, 2007, p. 1-22.

HEREDIA Roberto R.; BROWN Jeffrey M. Bilingual Memory, In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Org.). **The Handbook of Bilingualism and Multilingualism.** Wiley-Blackwell, 2012. p. 266 – 292.

HESBACHER, Peter; FISHMAN, Joshua A. Language Loyalty: Its functions and concomitants in two bilingual communities. **Lingua**. 13, 1965, p. 145-165.

HILL, Jane. Dimensions of attrition in language death. In: MAFFI, L. (Org.) **On Biocultural Diversity:** linking language, knowledge, and the environment. Washington: Smithsonian Institute Press, 2001, p. 175-89.

HOLLOWAY, Charles E. **Dialect Death. The case of Brule Spanish.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

HÖHMANN, Beate. Manutenção e planificação linguística numa comunidade pomerana do Espírito Santo. Um estudo sócio-linguístico. In: BARRETO, M.; SALGADO, A. (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil:** uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 191-201.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: J.B. PRIDE, J.B.; HOMES, J. (Orgs.), **Sociolinguistics.** Harmondsworth, England: Penguin Books, 1972.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento.** Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de povoamento. p.225. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-total-periodos-anuais>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

IBGE. **Supervisão de Documentos e Disseminação de Informações.** Paraná. Dados Estatísticos, Colônia Dom Pedro II, Campo Largo. 2013.

IPOLE – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. **Lista de línguas cooficiais em municípios brasileiros.** 2017. Disponível em

<<http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros>>. Acesso em: 20 set. 2018.

JACUMASSO, Tadinei D. **Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR**. 2009. 146 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

KARAŚ, Halina (Org.) **Język polski na Kowieńszczyźnie. Historia. Sytuacja socjolingwistyczna. Cechy językowe. Teksty**. Warszawa-Wilno: Elipsa, 2001.

KAWKA, Mariano. **Os brasileirismos do dialeto polono-brasileiro**. 1982. 68 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

KLARNER, Izabela. **Emigracja z Królestwa Polskiego do Brazylii w latach 1890 – 1914**. Warszawa: Książka i Wiedza, 1975.

KONDO-BROWN, Kim. Differences in Language Skills: Heritage Language Learner Subgroups and Foreign Language Learners. **Modern Language Journal**. Vol. 89(4), p. 563-581, 2005.

KROON, S. Mother Tongue and Mother Tongue Education. IN: BOURNE, J.; REID, E. (Orgs.). **Language Education. World Year of Education**. London: Kogan Page Limited, 2003. p. 35–47.

KULA, Marcin. **Polonia brazylijska**. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1981.

KULA, Witold; ASSORODOBRAJ-KULA, Nina; KULA, Marcin (Org.) **Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych 1890-1891**. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1973.

KULCZYNSKYJ, Wolodymyr. Bilinguismo e os falantes de línguas eslavas no Brasil. In: **IV Encontro de Variação Linguística e do Bilinguismo na Região Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1986, p. 100-104.

\_\_\_\_\_. **The influence of the Portuguese language on the Ukrainian language in Brazil: lexical and morphological aspects**. 1987. 288 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal Do Paraná, Curitiba.

\_\_\_\_\_. **A língua ucraniana falada no Brasil**. Curitiba: Estética Artes Gráficas Ltda, 2005.

KWOK, V., NIU, Z., KAY, P., ZHOU, K., JIN, Z., SO, K-F., & TAN, L-H. Learning new color names produces rapid increase in gray matter in the intact adult human cortex, **PNAS**, 108(16), p. 6686-6688. 2011. DOI: 10.1073/pnas.1103217108.

LABOV, William. The logic of non-standard English. **Georgetown Monographs on Language and Linguistics**, 22, p. 1–44, 1969.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, Wallace. Culture and language as factors in learning and education. In: ABOUD, Frances E.; MEADE, Robert D. (Org.). **Cultural Factors in Learning and Education**. Bellingham, WA: Western Washington State University, 1974, p. 91-122.

\_\_\_\_\_. Communication Skills in Bilingual Children. **Child Development** 46, p. 1010-14, 1975.

LASKOWSKI, Roman. **Język w zagrożeniu. Przyswajanie języka polskiego w warunkach polsko-szwedzkiego bilingwizmu**. Kraków: Universitas, 2009.

LEVIN, Jack; FOX, James A. **Estatística para Ciências Humanas**. Trad. A. Alves de Farias. São Paulo: Pearson, 2004.

LIEBERSON, Stanley; DALTO, Guy; JOHNSTON, Mary E. The Course of Mother-Tongue Diversity in Nations. **American Journal of Sociology**. Vol. 81, No. 1, p. 34-61, 1975.

LINDE-USIEKINIEWICZ, Jadwiga. Język polski w Brazylii. In: DUBISZ, S. (Org.) **Język polski poza granicami kraju**, Opole: Uniwersytet Opolski, 1997, p. 273-285.

LIPIŃSKA, Ewa.; SERETNY, Anna. **Między językiem ojczystym a obcym**. Nauczanie i uczenie się języka odziedziczonego na przykładzie chicagowskiej diaspory polonijnej. Kraków: Księgarnia Akademicka, 2012.

\_\_\_\_\_. Nie swój, lecz i nie obcy – język odziedziczony w perspektywie glottodydaktycznej. **Młoda polska emigracja w UE jako przedmiot badań psychologicznych, socjologicznych i kulturowych EuroEmigranci.PL**, Kraków 23-24.IX.2013 r. Disponível em: [http://www.euroemigranci.pl/dokumenty/pokonferencyjna/Seretny\\_Lipinska.pdf](http://www.euroemigranci.pl/dokumenty/pokonferencyjna/Seretny_Lipinska.pdf). Acesso em: 15 set. 2018

\_\_\_\_\_. Język odziedziczony – polszczyzna pokoleń polonijnych, **Poradnik Językowy**, 10, 45-61, 2016.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; COSTA, Luciane, T. Elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de poloneses de Mallet-PR: uma análise variacionista. **Web-Revista Sociodialeto**. Vol. 4. Nº 12, p. 243-261, 2014.

MACSWAIN, Jeff. A multilingual perspective on translanguaging. **American Educational Research Journal**. Vol. 54, nº 1, p. 167-201, 2017.

MACIEL, Myrna E. M. **Línguas de imigrantes: a língua polonesa na Região Sul do Brasil**. 2010. 98 f. Dissertação de Mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis.

MACKEY, William. The description of bilingualism. **Canadian Journal of Linguistics**, 71, p. 51–85, 1962.

\_\_\_\_\_. Mother tongues, other tongues and link languages. What they mean in a changing world. **Prospects**. Vol. XXII, No. 1, p. 41-52, 1992.

\_\_\_\_\_. Bilingualism and Multilingualism in North America. In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Org.). **The Handbook of Bilingualism and Multilingualism**. Wiley-Blackwell, 2012. p. 708-724.

MAESTRI, Mário. **Uma história do Brasil: Império**. São Paulo: Contexto, 1997.

MAKONI, Sinfree.; PENNYCOOK, Alastair. (Org.). **Desinventing and Reconstituting Languages**, Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

MARTIN-JONES, Marilyn; BLACKLEDGE, Adrian; CRESSE, Angela. A sociolinguistics of multilingualism for our times. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). **The Routledge Handbook of Multilingualism**. Routledge, 2012, p. 1-26.

MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos**. Curitiba: Paranaense, 1941.

MARTINY, Franciele M. Atitudes linguísticas em torno da língua de imigração e a sua (não) transmissão. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 297-313, 2017.

MASIEWICZ, Anna. Jaką polszczyzną mówią moi rówieśnicy w Potigny. In: SZLIFERSZTAJN, S. (Org.). **Z badań nad językiem polskim środowisk emigracyjnych**. Kraków: PAN Komitet Badań Polonii. Ossolineum, 1981, p. 175-202.

MATZOZO, Drieli L. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/italian: contexto urbano e rural de Chapecó – SC**. 2018. 138 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Da Fronteira Sul, Chapecó.

MATRAS, Yaron. **Language Contact**. Cambridge: University Press, 2011.

MELO-PFEIFER, S. (Org.). **Didática do Português Língua de Herança**. Lidel, 2016.

MENON, Odete P. da S. Leite quente: o xiboleto curitibano. In: FAGUNDES, E.D.; LOREGIAN-PENKAL, L.; MENON, O.P. da S. **O falar paranaense**. Curitiba: UTFPR Editora, 2015. p. 113-134.

MEZAVILA, Albertina. **Ucranianos em Cascavel: a História, a Religião e a Língua**. 2007. 167 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

MICHALEWSKA, Maria T. **Polszczyzna osób bilingwalnych w Zagłębiu Ruhry w sytuacji oficjalnej**. Kraków: Uniwersytet Jagielloński, 1991.

MILESKI, Ivanete. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS**. 2013. 153 f. Dissertação de Mestrado. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. **Variação no português de contato com o polonês no Rio Grande do Sul: vogais médias tônicas e pretônicas**. 2017. 323 f. Tese de Doutorado. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MIODUNKA, Władysław T. Język a identyfikacja kulturowa i etniczna. Studium kształtowania się tożsamości rodzeństwa należącego do drugiego pokolenia Polonii australijskiej. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Język polski w świecie**. Warszawa-Kraków: PWN, 1990. p. 105-126.

\_\_\_\_\_. **Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii**. W stronę lingwistyki humanistycznej. Kraków: Universitas, 2003.

\_\_\_\_\_. Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii. Od znajomości polszczyzny do tłumaczenia literatury polskiej na portugalski. **Postscriptum Polonistyczne**, 1 (21), p. 201-220, 2018.

MONTRUL, Silvina. Bilingualism and the Heritage Language Speaker. In: BHATIA, Tej K.; RICHIE William C. (Org.). **The Handbook of Bilingualism and Multilingualism**. Wiley-Blackwell, 2012. p. 168 – 189.

\_\_\_\_\_; BHATT, R.; BHATIA, A. Erosion of case and agreement in Hindi Heritage Speakers. **Linguistic Approaches to Bilingualism**, 2, p. 141–176, 2012.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

MORONI, Andreia. O papel do progenitor não brasileiro na transmissão do PLH: suas práticas linguísticas e o impacto na proficiência dos filhos. **Domínios de Lingu@agem**. Vol. 12, n. 2, 2018, p. 1233-1266.

MYERS-SCOTTON, Carol. Code-switching. In: COULMAS, F. (Org.). **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 1998.  
Blackwell Reference Online. Disponível em:  
<<http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode>>. Acesso em: 28 dez. 2007.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-26.

NOVA feiticeira. Moço apaixonado. **Diário da Tarde**. Curitiba, 19 de maio de 1899, p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

O PROBLEMA educacional dos polacos. Com vista às autoridades federaes e estadoaes e, especialmente, ao Diretor de Ensino. **Correio do Paraná**. Curitiba, 29 de abril de 1934, p.1. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 2 dez. 2018.



O TRABALHO polaco no Sul do Brasil. **Correio do Paraná**: Órgão do Partido Liberal Paranaense. Curitiba, 13 de maio de 1934, p. 8. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

OGLIARI, Marlene M. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolingüístico brasileiro**. 1999. 152 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis.

OLIVEIRA, Márcio de. **Os poloneses do Paraná (Brasil) e a questão da nacionalização dos imigrantes (1920-1945)**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

\_\_\_\_\_. A inesperada descoberta de Otávio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 3, n.º 3, p. 799-817, 2015.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p.117-132.

\_\_\_\_\_; PAIVA, M. da C. Conclusão: visão de conjunto das variáveis sociais. In: \_\_\_\_\_.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 335-378.

PAIVA, Maria da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-51.

PEAL, Elizabeth; LAMBERT, Wallace E. The relation of bilingualism to intelligence. **Psychological Monographs**. 76, p. 1–23, 1962.

PIASECKA-TILL, Aleksandra. Uczymy języka polskiego w Kurytybie: uniwersytecki projekt *Licenciar*. **Postscriptum Polonistyczne**, 1 (21), p. 237-254, 2018.

PINHEIRO, Luciana S. **Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul**. 2014. 165 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIRES, A.; ROTHMAN, J. Disentangling sources of incomplete acquisition: An explanation for competence divergence across heritage grammars. **International Journal of Bilingualism**, 13, 211–38, 2009. DOI: 10.1177/1367006909339806

POLINSKY, Maria. American Russian: Language loss meets language acquisition. In: BROWNE, W.; DORNISCH, E.; KONDRASHOVA, N; & ZEC, D. (Orgs.), **Formal Approaches to Slavic Linguistics**. Ann Arbor: Michigan Slavic Publications, 1997, p. 370-407.

\_\_\_\_\_. Incomplete Acquisition: American Russian. **Journal of Slavic Linguistics**. Vol. 14, No. 2, p. 191-262, 2006.



POPLACK, Shana. Code-switching. In: AMMON, U.; DITTMAR, N., MATTHEIER, K.J.; TRUDGILL, P. (Orgs). **Sociolinguistics/Soziolinguistik: An international handbook of the science of language**. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. p. 589-596.

POWEL, John W. **Introduction to the Study of Indian Languages**, Washington: BAE, Smithsonian Institution, 1880.

PUH, Milan. **Folclore como ação educativa na constituição de políticas linguísticas em e para comunidades rurais de origem ucraniana na Croácia e no Brasil**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

QUEIXA. Casa ou não casa. O petiço. **Diário da Tarde**. Curitiba, 15 de abril de 1899, p. 2. Disponível em <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

RAIMAN, Marcin. O możliwości kooficjalizacji języka polskiego na terenie brazylijskich municypiów. **Postscriptum Polonistyczne**, 1 (21), p. 187-200, 2018.

RAMPTON, Ben. Neo-Hymesian linguistic ethnography in the United Kingdom. **Journal of Sociolinguistics** 11/5, p. 584-607, 2007.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL 1872. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento\\_do\\_Brazil\\_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2018.

RIEGER, Janusz; CZECHOSZ-FELCZYK, Iwona; DZIĘGIEL, Ewa. **Język polski na Ukrainie w XX wieku**. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe Semper, 2002.

ROBERTS, John M.; FORMAN, Michael L. Riddles: Expressive Models of Interpretation. In: GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell. **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Reinehart and Winston, 1972, p. 180-210.

ROCHA, Rafaela M. **Curitiba polonesa?: um estudo sobre logradouros públicos dedicados a imigrantes e descendentes de poloneses (1951-2008)**. 2016. 150 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

RODRIGUES, Sarah L. **Mi parlo taliàn**: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa (ES). 2015. 204 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

ROGOWSKI, Władysław. Emigracja polska w Brazylii. **Gazeta Polska w Brazylii**. 04.01.1928. Curitiba: 1928. p.3. Disponível em: <<http://www.pbc.uw.edu.pl/2558/1/01.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SANTOS, Salete R. P. **O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul**: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo. 2001. 208 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **The ethnography of communication: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

SCHOLTZ, Adriana, de J. **Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná**. 2014. 141 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó.

SEALY, Alison. Linguistic ethnography in realist perspective. **Journal of Sociolinguistics**, 11/5, p. 641-660, 2007.

SEIFFERT, Ana P. **Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC): Estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade**. 2009. 215f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SEMECHECHEM, Jakeline A. **O multilinguismo na escola: práticas linguísticas em uma comunidade de imigração ucraniana no Paraná**. 2016. 272 f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual De Maringá, Maringá.

SEKOWSKA, Elżbieta. **Język emigracji polskiej w świecie**. Bilans i perspektywy badawcze. Kraków: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, 2010.

SIKORA, Mafalda Ales. **As políticas de imigração no Brasil nos séculos XIX e XX e o desenvolvimento de territórios: Estudo de Caso da Colônia Dom Pedro II - Campo Largo – Paraná**. 2014. 208 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

\_\_\_\_\_. **Tradições polonesas de Natal – Kolędas e Turoń**. <http://culturartepolonesa.blogspot.com/2018/01/>. Janeiro, 2018. Acesso: 30.08.2018.

SILVA, Hélien C. da; AGUILERA, Vanderci de A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, 58 (3), p. 703-723, 2014. DOI: 10.1590/1981-5794-1409-8.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Language Contact and Change**. Spanish in Los Angeles. Oxford: Oxford University Press, 1994.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, 23, 193–229, 2003. DOI: 10.1016/S0271-5309(03)00013-2.

SOBCZAK, Elżbieta. Pola tematyczne słownictwa brazylijskopolskiego. **Poradnik Językowy**. Warszawa, nr 4, p. 51-66, 2004.

SOUZA, Aline R. **Variação do complemento preposicional de locativo do verbo ir de movimento na fala de descendentes de eslavos**. 2017. 124 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava.

SOUZA, Ana. Language choice and identity negotiations in a Brazilian Portuguese community school. In: LYTRA, V.; MARTIN, P. **Sites of Multilingualism: Complementary Schools in Britain**. Londres: Trentham, 2010. p. 97-107.

SMOLICZ, Jerzy J; SECOMBE, Margaret J. **Zostać Australijczykiem?** Polski dom, australijska szkoła. Warszawa: Polonia, 1990.

STAŃCZEWSKI, Józef. **Wpływ języka portugalskiego na język kolonistów polskich w Brazylii.** Studium Porównawcze. Curitiba, 1925.

SZLIFERSZTEJN, Salomea (Org.). **Z badań nad językiem polskim środowisk emigracyjnych.** Kraków: PAN Komitet Badań Polonii. Ossolineum, 1981.

SZYDŁOWSKA-CEGŁOWA, Barbara. Pamiętniki emigrantów jako źródła badań językoznawczych. In: MIODUNKA, Władysław (Org.). **Język polski w świecie.** Warszawa-Kraków: PWN, 1990. p. 181-198.

SUZUKI, Yuichi. Self-assessment of Japanese as a second language: The role of experiences in the naturalistic acquisition. **Language Testing**, Vol. 32 (1), p. 63-81, 2015.

SWAIN, Merrill. **Bilingualism as a First Language.** 1972. Tese de Doutorado não publicada. University of California, Irvine.

SZAWLESKI, Mieczysław. **Kwestia emigracji w Polsce.** Warszawa, 1927, p. 64.

TAMBOR, Jolanta. Po polsku, po brazylijsku i po portugalsku – o świadomości językowej Polonii brazylijskiej. Odrodzenie i zanikanie języka. **Postscriptum Polonistyczne**, 1 (21), p. 221-236, 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Editora Ética, 1986.

THOMASON, Sarah G., **Language Contact.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

\_\_\_\_\_.; KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics.** Berkley, Los Angeles, London: University of California Press, 1988.

TREFFERS-DALLER, Jeanine. Operationalizing and measuring language dominance. **International Journal of Bilingualism**. 15(2), p. 147-163, 2010.

TRESSMAN, Ismael. **Da sala de estar à sala de baile:** estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo. 2005. 335 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TRINDADE, Rhuan T. Z. Os periódicos polono-brasileiros: historiografia, fontes e temas de pesquisa. **História Unicap**, v. 3, n. 6, p. 280-293, 2016.

TUSTING, Karin; MAYBIN, Janet. Linguistic ethnography and interdisciplinarity: Opening the discussion. **Journal of Sociolinguistics** 11/5, p. 575–583, 2007.

VALDÉS, Guadalupe. The teaching of minority languages as academic subjects: Pedagogical and theoretical challenges. **Modern Language Journal**, 79, 299–328, 1995.

\_\_\_\_\_. **Introduction.** Spanish for Native Speakers, Volume I. AATSP Professional Development Series Handbook for teachers K-16. New York: Harcourt College, 2000.

\_\_\_\_\_. Heritage Language Students. In: T. G. WILEY, J. K. PEYTON, D. CHRISTIAN, S. C. K. MOORE, N. LIU. (Orgs.), **Handbook of Heritage, Community, and Native American Languages in the United States: Research, Policy, and Educational Practice.** Routledge, 2014, p. 27-35.

\_\_\_\_\_; FIGUEROA, R.A. **Bilingualism and Testing: A Special Case of Bias.** Ablex Publishing, Norwood, NJ, 1994.

VANDERMEEREN, Sonja. Research on language attitudes. In: AMMON, Ulrich *et al.* (Orgs.). **Sociolinguistics: An International handbook of the Science of Language and Society.** Berlin/New York: De Gruyter, 2005. p. 1318-1332. v. 2.

WACHOWICZ, Ruy Ch. As escolas da colonização polonesa no Brasil. In: **Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa**, Curitiba, vol. II, p. 7-110, 1970.

\_\_\_\_\_. Szkoły osadnictwa polskiego w Brazylii. In: **Emigracja polska w Brazylii.** 100 lat osadnictwa. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1971. p. 161-212.

\_\_\_\_\_. **Órleans: um século de subsistência.** Curitiba: Editora. Paiol, Fundação Cultural de Curitiba, 1976.

\_\_\_\_\_. **O camponês polonês no Brasil.** Curitiba: Fundação Cultural, 1981.

WALKER, James A. **Variation in Linguistic Systems.** New York, London: Routledge, 2010.

WALTERS, J. M. What is ethnography. In: AKINS C.; BESCHNER, G. (orgs.), **Ethnography: A research tool for policy makers in the drug and alcohol fields.** Rockville: National Institute of Drug Abuse, 1979, p. 15-35.

WARCHOŁ-SCHLOTTMANN, Małgorzata. Język polski w Niemczech – perspektywy zachowania języka etnicznego u najnowszej emigracji. **Przegląd Polonijny**, z. 3, p. 31-50, 1997.

WEBER, Regina; WENCZENOVICZ, Thaís J. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. **História Unisinos.** 16(1), p. 159-170, 2012. DOI: 10.4013/htu.2012.161.14.

WEHRMANN, Clarí. **A situação do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã, Santa Catarina:** dimensão diarreligiosa. 2016. 161 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact. Findings and Problems.** London-The Hague-Paris: Mouton & Co, 1974 [1953].

\_\_\_\_\_.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da sociolinguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2016.

- WEPIK, Fernanda F. **Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: o uso dos termos de parentesco**. 2017. 144 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó.
- WIERZBICKA, Anna. Podwójne życie człowieka dwujęzycznego. In: MIODUNKA, Władysław (Org.). **Język polski w świecie**. Warszawa-Kraków: PWN, 1990. p. 71-104.
- WILEY, T.G. On Defining Heritage Language and Their Speakers. In: KREEFT, J.; PEYTON, D.; RANARD, A.; MCGINNIS, S. (Orgs.), **Heritage Languages in America**. Preserving a National Resource. McHenry, IL: Delta Systems Company, 2001, p. 29-36.
- WOLNY, Anna. A polaca – a mulata ao avesso? **Romanica Cracoviensia**, 12, p. 338-348, 2012. DOI: 10.4467/20843917RC.12.024.0741.
- WOUK, Miguel. **Estudo etnográfico-linguístico da comunidade ucraina de Dorizon**. Curitiba: Projeto, 1981.
- WRÓBLEWSKA-PAWLAK, Krystyna. **Język – tożsamość – imigracja**. O strategiach adaptacyjnych Polaków zamieszkałych we Francji w latach osiemdziesiątych XX wieku. Warszawa: Uniwersytet Warszawski, 2004.
- ZAJĄC, Józef. Liczba Polaków w Brazylii. In: **Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa**. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1971. p. 149-151.
- ZDANOWSKI, Feliks B. **Kalendarz Polski**. Porto Alegre: 1901. Disponível em [http://www.pbc.uw.edu.pl/2903/1/Kalendarz\\_1901.pdf](http://www.pbc.uw.edu.pl/2903/1/Kalendarz_1901.pdf). Acesso: 18.11.2018.
- ZENTELLA, Ana Celia. **Growing Up Bilingual. Puerto Rican Children in New York**. Malden, MA: Blackwel, 1997.



## APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Alicja Goczyla Ferreira, aluna de pós-graduação, e prof.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon, professora, ambas da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando a Senhora/o Senhor, morador(a) da Colônia Dom Pedro II, a participar de um estudo intitulado “A atual situação linguística na Colônia Dom Pedro II, Campo Largo, Paraná: bilinguismo e dialeto polono-brasileiro.” As suas informações contribuirão para o registro histórico da cultura e da língua da Colônia Dom Pedro II.

O objetivo desta pesquisa é investigar as características da língua polonesa falada na Colônia Dom Pedro II e os graus de bilinguismo dos habitantes da Colônia. Caso a senhora/o senhor participe da pesquisa, será necessário dar uma entrevista de aproximadamente 40-60 minutos. A entrevista será gravada e ocorrerá na data, horário e local de sua escolha, dentro da Colônia Dom Pedro II. A entrevistadora, Alicja Goczyla Ferreira, poderá ir na sua casa, portanto não haverá necessidade de deslocamento de sua parte.

É possível que a senhora/o senhor experimente algum desconforto decorrente da conversa. Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser o cansaço decorrente da conversa ou de ficar sentado durante a entrevista. Existe também um risco de que a entrevista traga lembranças e emoções. Comprometemo-nos em minimizar esses riscos, introduzindo intervalos durante a conversa e evitando os assuntos que possam trazer desconforto para o senhor/a senhora. O senhor/a senhora poderá recusar-se de responder as perguntas ou interromper a entrevista a qualquer momento. Os benefícios esperados com essa pesquisa são o registro histórico da cultura e da língua da Colônia Dom Pedro II.

A pesquisadora principal responsável por este estudo, Alicja Goczyla Ferreira, poderá ser localizada na Universidade Federal do Paraná, Campus Reitoria em Curitiba, na Rua General Carneiro, 460, 9º andar, sala 914, e-mail [alicia.ferreira@ufpr.br](mailto:alicia.ferreira@ufpr.br), tel. (41) 3360 5364, no horário das 14:30 até as 22:30 e a orientadora, prof.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon, poderá ser contatada por e-mail [odete@ufpr.br](mailto:odete@ufpr.br), para esclarecer eventuais dúvidas que a senhora/o senhor possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

A sua participação neste estudo é voluntária e se o senhor/a senhora não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas: a pesquisadora principal e a orientadora. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.**

Participante da Pesquisa \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR | CEP/SD Rua Padre Camargo, 285 | Térreo | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80080-240 | [cometica.saude@ufpr.br](mailto:cometica.saude@ufpr.br) – telefone (041) 3080 7259

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, Parecer CEP/SD-PR nº 2675/05 na data de 25/05/2005

O material obtido – as gravações e as suas informações pessoais – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será apagado ao término do estudo, dentro de 2 anos.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa, tais como transporte, não são de sua responsabilidade e a senhora/o senhor não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Se a senhora/o senhor tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Autorizo ( ), não autorizo ( ), o uso do áudio da minha entrevista para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito a essa pesquisa cujos resultados serão publicados na dissertação de mestrado e em apresentação em congressos e publicação em periódicos, com o objetivo de contribuir, com a divulgação dos resultados obtidos, para os estudos de bilinguismo.

Eu, \_\_\_\_\_ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante de Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável





## APÊNDICE II – FICHA SOCIAL

Nome:

Ano de nascimento:

Estado civil:

Sexo:

Lugar de nascimento:

Escolaridade:

Profissão:

Descendência polonesa paterna      Sim      Não

Descendência polonesa materna      Sim      Não

Fala polonês      muito bem ( ) bem ( ) um pouco ( ) não fala ( )

Entende polonês      muito bem ( ) bem ( ) um pouco ( ) não entende ( )

Lê em polonês      muito bem ( ) bem ( ) um pouco ( ) não lê ( )

Escreve em polonês      muito bem ( ) bem ( ) um pouco ( ) não escreve ( )

Data e local da entrevista:

Contato:

## APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO EM PORTUGUÊS

### História da família

1. De onde vieram os seus antepassados poloneses, de qual região? Sabe quando isso aconteceu? Quem veio da sua família – bisavôs, avôs? Com qual idade?
2. Você conhece a história da chegada dos seus antepassados? (Por onde chegaram, quantos anos tinham, como era o começo da vida na colônia?)
3. Talvez você se lembre de alguma história sobre isso que as pessoas contavam quando você era criança?

### Vida na Colônia antigamente

4. Como era a vida na colônia antigamente? Quais dificuldades enfrentavam os seus familiares? Quem os ajudava?
  - Homem: Quais animais criavam? Criavam porco para matar? Tinham gado, galinhas? Tinham hábito de caçar? Você saía para caçar? Quais bichos? Esses bichos atacavam as plantações? Quais eram as plantações? Como que era/é a colheita? Como se malhava o feijão? Se bebia água do poço? E a pesca – se pescava antigamente? E hoje, você sai para pescar?
  - Mulher: As mulheres se encontravam para tecer ou costurar? O que cozinhavam antigamente? Tinham fogão à lenha? Como eram as casas? Como eram a cozinha, a sala, os quartos? Tinha uma sala para rezar? As famílias se encontravam para rezar juntas? E como são as casas aqui hoje?
5. Do que as pessoas tinham medo? Me disseram que as mães falavam para as filhas “não saia sozinha porque o caboclo vai te pegar?” Na sua família também foi assim? E por que elas tinham esse medo? E tinha algum bicho do mato meio misterioso do qual as pessoas tinham medo?
6. Os poloneses tinham contatos com outras etnias (italianos, brasileiros, alemães)? Como eram esses contatos? Você se lembra de alguma história que contavam sobre isso quando você era criança? Vocês iam à missa em Campo Magro e encontravam os italianos lá? Já me falaram, que não era bom namorar com italiano. É verdade? Por quê? E como era com os alemães? E hoje, como são esses contatos?

### Língua de antigamente

7. Assim como com os italianos – tinha alguma restrição de falar polonês antes da guerra (nos anos 1930)?
8. Os seus bisavôs/avôs falavam somente polonês ou também português? Qual foi a língua que você aprendeu como criança em casa?

9. E depois na escola, qual língua você falava? E outras crianças? (Se for o caso, você sofreu algum preconceito por não falar português quando foi à escola? Como você se sentia? Você se lembra de alguma história desse período, por exemplo, de um comportamento da professora ou de outros alunos?)

### **Identidade**

10. Você morou a vida toda na Colônia?
11. Como você se sente quando alguém usa a palavra “polaco”?
12. Você acha que seus familiares se orgulhavam de serem poloneses ou talvez sentiam vergonha? E como isso é hoje? Teve algum acontecimento que mudou isso? (Visita do Papa João Paulo II?)
13. E como você se sente? Você se considera brasileiro ou polonês? Por quê?
14. Você já foi à Polônia? Ou conhece alguém que já foi? Como foi a experiência? Se não, gostaria de ir? Você tenta manter algum contato com a Polônia? Acessa alguns *sites* poloneses?

### **Cantos, costumes, festas**

15. Alguém da sua família (avó, mãe, tia) cantava algumas músicas em polonês ou sabia alguns poeminhas? Você se lembra de algum deles? Poderia cantar para mim? Ou talvez algum canto da igreja? Ou uma canção de Natal?
16. As canções de Natal vocês cantavam na igreja na missa ou nas festas em casa? Quais eram as festas importantes na Colônia? Como era o Natal? O que se fazia na Páscoa? E hoje, como são as festas?
17. Você se lembra de alguns pratos que se fazia na sua casa quando era criança? Quais eram? De que eram feitos? Quais são as comidas típicas hoje em dia aqui na colônia? Você gosta delas?

### **Emoções**

18. Você já passou por algum perigo de vida – algum acidente? Ou talvez alguém da sua família? Você poderia contar isso para mim?
19. Se você tropeçasse numa pedra e quebrasse feio a unha ou caísse o que você diria? E o que as outras pessoas da colônia falam numa situação assim?
20. E se você estivesse de mal com uma pessoa, você chamaria a de quê? Alguém já te xingou? Como as pessoas se xingam por aqui quando estão muito mal com alguém?

### **Uso de língua hoje e a sua transmissão**

21. Você usa polonês no seu dia a dia? Com quem você fala polonês (avôs, pais, esposo/a – ele/ela é de descendência polonesa? – irmãos, filhos, vizinhos, amigos, padre?) Em quais situações você fala polonês (em casa, no trabalho, após a missa, rezando)?
22. Você já estudou polonês? Se for o caso, onde? Como foi a experiência? Você sabe ler e escrever em polonês?
23. Se for o caso, por que você não fala mais com os seus filhos em polonês? E com os netos? Os seus filhos se casaram com os poloneses ou com pessoas de outras etnias? Eles moram na Colônia ou se mudaram? Por quê?

**Vida na Colônia hoje em dia**

24. Quando alguém sai da Colônia para estudar, costuma voltar depois ou continua morando fora? Você acha que o trabalho no campo é valorizado hoje em dia?
25. Ouvi falar que agora nem todo mundo trabalha no campo aqui na Colônia. O que as pessoas fazem? E você e sua família? Trabalham na Colônia ou fora? Com qual frequência você vai à cidade (Curitiba ou Campo Largo)?

## APÊNDICE IV – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO EM POLONÊS

### Historia rodziny

1. Czy wie Pan/Pani, skąd przyjechała Pana/Pani rodzina, z jakiego regionu? Kiedy to było? Kto przyjechał – pradiadkowie, dziadkowie, rodzice? W jakim byli wieku?
2. Czy zna Pan/Pani jakieś szczegóły dotyczące ich przyjazdu? (Do jakiego portu przybili, jak im się żyło na początku?)
3. Może pamięta Pan/Pani jakąś historię o dziadkach, pradiadkach, którą opowiadało się w domu, kiedy był(a) Pan/Pani dzieckiem?

### Dawne życie w Kolonii Dom Pedro

4. Jak wyglądało życie dawniej w Kolonii? Jakie były trudności w Pana/Pani rodzinie? Czy ktoś Wam pomagał?  
  
 - Mężczyzna: Jakie zwierzęta się chowało? Czy były świniaki, bydło, kury? Co jeszcze ludzie robili? Czy chodziło się na polowania? Czy Pan polował? Na jakie zwierzęta? Czy te zwierzęta niszczyły plantacje? Jakie to były plantacje? Jak wyglądały zbiory? (kiedy, ręcznie?) Co się robiło z miliją/kukurydzą, fizonem/fasolą? A skąd się brał wodę pitną? Czy chodziło się na ryby? A dzisiaj – chodzi się nadal na ryby? Jakie ryby?  
  
 - Kobieta: Czy kobiety się spotykały w domach? I co robiły? Wyszywały, haftowały? Co się gotowało dawniej? Jaki był piec? Jakie były domy? Jaka była kuchnia, pokoje? Czy był pokój do modlitwy? Czy rodziny się spotykały, żeby się razem modlić? Co oznaczają krzyże przy drodze? A jak wyglądają domy dzisiaj?
5. Czego się ludzie dawniej bali? O co się bały matki? Czy były jakieś dziwne zwierzęta w lesie, których się bano? (boitatá, filizon)? Podobno matki bały się, żeby kabukier nie porwał córki – czy to prawda? A dlaczego się bały kubukrów? A dzisiaj – czego się ludzie boją?
6. Czy mieliście kontakty z innymi narodowościami – z Brazylijczykami, z Włochami, z Niemcami? Jakie były te kontakty? Kiedy do nich dochodziło? Pamięta Pan/Pani jakąś historię o tym, którą opowiadało się dawniej w domu? Czy mieliście kontakty z Talianami z Campo Magro? Słyszałam, że dziewczyny nie mogły się zadawać z Talianami. Czy to prawda? Dlaczego? A z Niemcami – jak to było? A dzisiaj – jak wyglądają te kontakty?

### Język polski dawniej

7. Przed drugą wojną światową Taliani nie mogli mówić po taliańsku. Czy z polskim też tak było? Co Pan/Pani wie na ten temat?

8. Czy Pana/Pani dziadkowie/pradziadkowie mówili tylko po polsku czy też po portugalsku? Jakiego języka nauczył się Pan/Pani najpierw w domu, jako dziecko?
9. A potem w szkole – po jakiemu się mówiło? A inne dzieci? (Ewentualnie – jak się zachowywały inne dzieci albo nauczyciele widząc, że Pan/Pani nie mówił(a) po portugalsku)? Jak Pan/Pani się czuł w tej sytuacji? Pamięta Pan/Pani jakąś historię z tego okresu, na przykład dotyczącą reakcji nauczyciela lub innych dzieci na język polski w klasie?

### **Tożsamość**

10. Czy mieszkał Pan/Pani całe życie na kolonii?
11. Jak Pan/Pani się czuje, jak ktoś używa słowa “polaco”?
12. Czy myśli Pan/Pani, że Pana/Pani krewni byli dumni, że są Polakami czy może wstydzieli się tego? Dlaczego? A jak jest dzisiaj? Ewentualnie – kiedy to się zmieniło? (Wizyta Jana Pawła II?)
13. A jak Pan/Pani się czuje? Czy uważa się Pan/Pani za Brazylijczyka/Brazylijkę czy Polaka/Polkę? Dlaczego?
14. Czy był(a) Pan/Pani już w Polsce? A może zna Pan/Pani kogoś, kto był? Jakie wrażenia z podróży? Jeśli nie – czy chciał(a)by Pan/Pani pojechać? Czy ma Pan/Pani jakiś kontakt z Polską? Może jacyś krewni? Może przez internet, radio?

### **Pieśni, zwyczaje, święta**

15. Czy Pana/Pani babcia, mama, ciocia śpiewały jakieś piosenki po polsku albo mówiły jakieś wierszyki? Pamięta Pan/Pani któryś z nich? Mógł(a)by Pan/Pani mi coś zaśpiewać? A może jakaś pieśń kościelna? Albo kolęda?
16. Czy dawniej śpiewało się kolędy w kościele albo w domu w święta? A dzisiaj? Jakie były najważniejsze święta obchodzone w Kolonii? Co się robiło w Boże Narodzenie, a co na Wielkanoc? A dzisiaj jak się obchodzi te święta? Jak wyglądały kiedyś wesela, a jak wyglądają dziś? Jakie są obrzędy, kiedy ktoś umrze?
17. Czy pamięta Pan/Pani, jakie dania się robiło w domu, kiedy Pan/Pani był(a) dzieckiem? Z czego były zrobione, z jakich składników? Jakie są dzisiaj typowe dania w Kolonii? Czy smakują one Panu/Pani?

## **Emocje**

18. Czy zdarzyła się kiedyś Panu/Pani jakaś niebezpieczna sytuacja, jakiś wypadek? Może w rodzinie? Czy może ją Pan/Pani opisać?
19. Proszę sobie wyobrazić, że idzie Pan/Pani drogą, potyka się o kamień i łamie sobie paznokieć. Co Pan/Pani powie w takiej sytuacji? A jakich słów użyją w takiej sytuacji inni mieszkańcy Kolonii?
20. Jak odnosi się Pan/Pani do osób, na które jest Pan/Pani zły/zła? Jak je Pan/Pani nazywa? Czy ktoś już Pana/Panią wyzywał tutaj w Kolonii? Jakich słów użył?

## **Język dziś i jego przekazywanie**

21. Czy mówi Pan/Pani po polsku na co dzień? Z kim rozmawia Pan/Pani po polsku (z dziadkami, rodzicami, mężem/żoną – czy też jest polskiego pochodzenia? - rodzeństwem, dziećmi, sąsiadami, znajomymi, z księdzem?) W jakich sytuacjach rozmawia Pan/Pani po polsku? (w domu, w pracy, po mszy, przy modlitwie, licząc)?
22. Czy kiedyś uczył(a) się Pan/Pani polskiego? Gdzie? Jak wyglądała ta nauka? Czy umie Pan/Pani czytać albo pisać po polsku?
23. Czy Pana/Pani dzieci mówią po polsku? Czy rozmawia Pan/Pani z nimi po polsku? Dlaczego? A wnuki? Czy Pana/Pani dzieci wyszły za osoby polskiego pochodzenia? Czy mieszkają w Kolonii czy wyjechały? Dlaczego?

## **Kolonia dziś**

24. Jak wygląda stosunek młodych mieszkańców do Kolonii – czy chcą się z niej wyprowadzić, czy może raczej zostać? Myśli Pan/Pani, że praca na roli jest dzisiaj uważana za ważną? Dlaczego?
25. Słyszałam, że nie wszyscy mieszkańcy Kolonii pracują na polu. Co ludzie robią? A Pan/Pani? Kim jest z zawodu? Gdzie pracuje albo pracował? W Kolonii czy poza nią? A jak często jeździ Pan/Pani do Kurytyby albo do Campo Largo? W jakim celu?



## APÊNDICE V – RIMAS CITADAS PELOS INFORMANTES

1.

Ksiądz wylazł na banię, mówił kazanie  
Przyszła sowa, zmyliła mu dwa słowa  
Gdzie ta sowa? Poszła w las.  
Gdzie ten las? Siekierka ucięła.  
Gdzie ta siekierka? Kowal wziął.  
Gdzie ten kowal? Umarł.  
Gdzie go pochowali? Pod świńskimi progami.  
Blim, blim, blim, za duszę kowala.

2.

Z tamtej strony rzeki  
Dziadek pasie bycki  
Bycki mu się wodzą  
Dziadek rucha brodą

Z tamtej strony łądu  
Siedzi chłop na drągu  
Baba na łopacie  
Witaj Panie bracie/ A [imię] w łacie.

3.

Co się stało naszej Jewce  
Wcora dała, dzisiaj nie chce  
Wcora dała z dobrej woli  
Dzisiaj godo, że ją boli  
Wcora dała pod maszyną  
Dzisiaj ani pod pierzyną

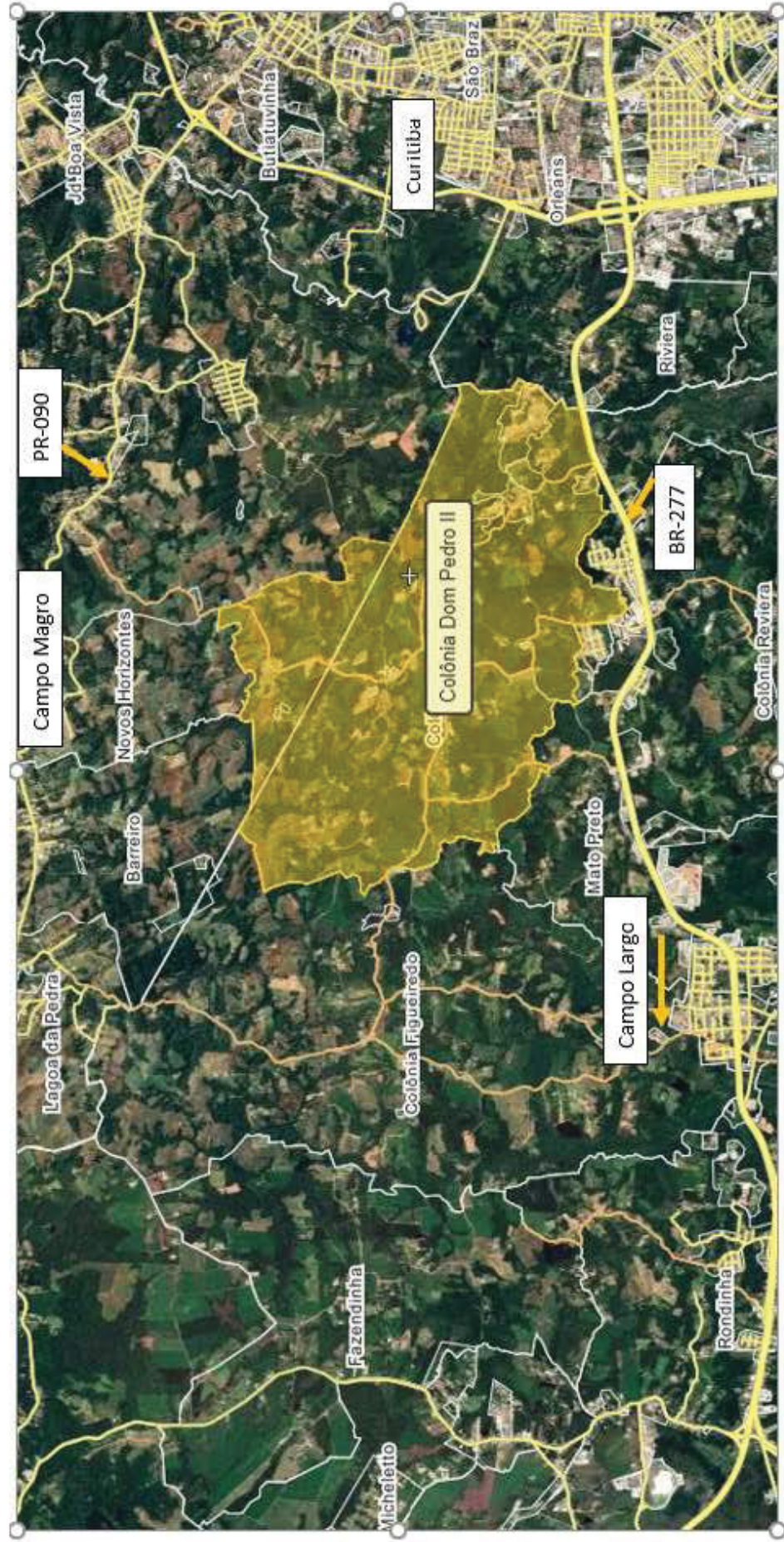
4.

Winko, winko, winko czerwone.  
Ktoś to winko będzie pijał,  
jak ja będę szablą wijał.  
Winko, winko, winko czerwone...

5.

Dobranoc. Weź kota na noc.

# ANEXO I – LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE DOM PEDRO II



<http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=-25.396142&lon=-49.367580&z=13&m=b&show=/1800539/pt/Col%C3%B4nia-Dom-Pedro-II>